



RAÍZES

Ano IX - Edição Especial

São Caetano do Sul

Outubro de 1998



Meio século
de autonomia



Nossa Capa

imagem de fundo das primeira e quarta capas: vista panorâmica de São Caetano do Sul, em agosto de 1998. Foto de Antonio Augusto Coelho Neto.

Imagens sobrepostas à primeira capa: ao centro, Festa de Santo Antônio junto à Igreja Matriz de São Caetano (atual Matriz Velha), em 13 de junho de 1908. À direita: Solenidade de

posse do primeiro prefeito de São Caetano, Ângelo Raphael Pellegrino, e da primeira Câmara Municipal, em 3 de abril de 1949. Da esquerda para a direita: Moysés Chapeval (vereador), Ângelo Raphael Pellegrino, Accácio Novais, João Dal'Mas, Anacleto Campanella e Victorio Marcucci (vereadores). À esquerda: Vereadores da primeira Câmara Muni-

pal de São Caetano do Sul. Acervo: Fundação Pró-Memória.

Imagem sobreposta à quarta capa: Comemoração do resultado do plebiscito que decidiu a separação de São Caetano do Sul de Santo André. Fotografia de flagrante da Avenida Conde Francisco Matarazzo, em 24 de outubro de 1948. Acervo: Fundação Pró-Memória.



Fundação Pró-Memória

São Caetano do Sul

Ano IX - Edição Especial
São Caetano do Sul - Outubro de 1998

ISBN - 0000 - 0000

Publicação da Fundação
Pró-Memória de São Caetano do Sul

Avenida Goiás, 600 - Térreo
CEP 09521-300 - São Caetano do Sul (SP)
Fonefax (011) 441-9008 e 441-7420
www.mp.usp.br/fpm

Editor/Jornalista responsável

Aleksandar Jovanovic
(MTb 13.165 - Sjesp 7.290)

Programação Visual e

Paginação Eletrônica

Plano Piloto

Secretaria e Coordenação

Maria Aparecida Fedatto

Ilustração:

Jayme da Costa Patrão
Conselho Editorial

Ademir Médici, Aleksandar Jovanovic (presidente), Claudinei Rufini, Guido Fidélis, Jayme da Costa Patrão, José Roberto Gianello, Henry Veronesi, José de Souza Martins, Nívio Tessitore, Oscar Garbelotto, Silvio José Bussó, Sônia Maria Franco Xavier, Valdenízio Petrolli.

Fotos

Antônio Reginaldo Canhoni

Digitalização de imagens

Erika Martin

Pesquisa

José Roberto Gianello

Fotolitos e Impressão

Provo Distribuidora e Gráfica Ltda.



A revista **RAÍZES** está aberta à colaboração de pesquisadores da História do ABC paulista. A seleção do material é de responsabilidade do Conselho Editorial. Originais encaminhados à Redação não serão devolvidos, com exceção de fotografias. Opiniões emitidas nos artigos são de exclusiva responsabilidade de seus autores e não refletem, necessariamente, a opinião da revista.

A palavra do Editor

Meio século de mudanças extremamente significativas

Cinquenta anos na História habitualmente pouco representam. Podem, no máximo, delimitar épocas. Mas nem sempre esses conceitos, como tantos outros, podem ser compreendidos de forma estática e radical. No que respeita à evolução de São Caetano do Sul, meio século decorreu desde a emancipação político-administrativa e foi muito mais do que a simples demarcação de períodos, tamanhas foram as conquistas da comunidade sob múltiplos aspectos. É interessante notar que São Caetano parece ter nascido sob o signo da rebeldia salutar. Instalado o Núcleo Colonial, os imigrantes italianos já protestavam poucos meses depois de ter aqui chegado contra o tratamento pouco civilizado a que estavam sendo submetidos. Esse irredentismo iria reaparecer nos anos 20 de nosso século, com a primeira tentativa de emancipação política. E prosseguiu nos anos 40, resultando na criação do Município que se tornaria muito particular sob diversos aspectos.

Meio século nos separa da proclamação da autonomia. Expressiva parcela dos protagonistas principais da campanha autonomista ainda está aqui para testemunhar não somente as grandes transformações experimentadas pela cidade, pelo País e pelo mundo, mas também para rememorar, narrar, explicar e perpetuar um capítulo significativo da História da comunidade. Esta edição especial de *Raízes* objetivou reunir o maior volume possível de informações diversificadas a respeito do episódio da História da cidade que mais profundas marcas deixou e maiores transformações produziu, conduzindo São Caetano do Sul ao topo de quase todas as avaliações referentes ao nível de vida das cidades brasileiras.

*Aleksandar Jovanovic
Editor e Presidente da
Fundação Pró-Memória
de São Caetano do Sul*

Vontade política

comum, na história, **É** vermos conquistas com cenários de guerra, violência e destruição serem enaltecidas. A vitória autonomista alcançada há meio século, longe dessas circunstâncias, representou a força da vontade política de uma comunidade pacífica e laboriosa, disciplinada e combativa, que recorreu a argumentos objetivos e não cedeu a pressões, que fez ver aos contrários o poder irresistível de sua identidade, seus sonhos de soberania e liberdade. Longe do apelo às armas, venceu o império da razão. Cinquenta anos passados, vemo-nos prosseguindo a gesta gloriosa de nossos líderes autonomistas, ante o excessivo poder do Estado que, desconsiderando serem os municípios a base para o pleno desenvolvimento de uma nação, deles retira inclusive o vital para sua sobrevivência, dado que não mais pode acompanhar-lhes o dinamismo, a criatividade, a eficiência, fatores próprios de nossa cidade, pois boa é sua origem, boa a sua visão de futuro, forte e firme a sua capacidade de lutar pelo melhor que a vida possa oferecer.

Provamos no passado, estamos provando no presente e seguiremos provando no futuro, que



não há obstáculos nem desafios, por mais impressionantes que sejam, capazes de debilitar nossa determinação e fazer-nos abrir mão de nossa identidade, pois ela tem por base princípios e valores justos, herdados de nossos pioneiros e autonomistas, forjada com trabalho.

Se somos um padrão, hoje, de sucesso e realizações pioneiras em nosso país, é porque não abdicamos dos ensinamentos, do exemplo de fé, perseverança e dos elevados ideais libertários daqueles que, há cinquenta

anos, venceram todas as barreiras e nos legaram o mais difícil, porém mais

São Caetano, 24 de outubro de 1948. O nascimento de um Município **05**

José Roberto GIANELLO

Estamos em 1948: reflexões sobre política e comunicação num ano muito especial **27**

Antonio ANDRADE

Sociedade Amigos de São Caetano: entidade que liderou a autonomia **39**

Valdenizio PETROLI

A participação da imprensa na emancipação política **45**

História dos líderes do movimento resgatado passado **49**

Yolanda ASCENCIO

Participação popular marcou o surgimento do Movimento Autonomista **59**

Mário Porfírio RODRIGUES

Acervo: Fundação Pró-



Vereador em três Legislaturas, Luiz Rodrigues Neves foi jornalista ativo durante o Movimento Autonomista

Rememorando um passado....tão presente, e cheio de passagens marcantes **65**

Jayme da Costa PATRÃO

Fundador do Jornal de São Caetano foi destaque no movimento emancipacionista **67**

Ex-vereador relembra acontecimentos vividos na Câmara de Santo André **71**

Jordano Vicenzi revela diversas histórias sobre a mobilização **75**

Olga Montanari: exemplo da atuação da mulher na vida pública de São Caetano **79**

Paulo Heras

Depoimento de Carlos Paez esclarece vários fatos ocorridos há 50 anos **83**

Acervo: Oscar Garbelotto



Reduto dos autonomistas de origem italiana, o Recreio do Momi, localizado na Bara Funda (hoje Bairro Fundação), foi palco também das comemorações do Movimento

Sônia Maria Franco XAVIER

Pellegrino, de "forasteiro" a primeiro prefeito eleito do Município **89**

Osmar Costa VALENTIM

História vivida há meio século sob a visão juvenil de um sancaetanense **91**

Oscar GARBELOTTO

Eventos pós-autonomia reúnem acontecimentos que devem ser lembrados **97**

Domingos Glenir SANTARNECCHI

O ideal emancipacionista cresceu e frutificou positivamente há 50 anos **99**

Henry VERONESI

Acervo: Fundação Pró-Memória



Panfleto contrário à emancipação alertava pedindo que se votasse na cédula Não

São Caetano, 24 de outubro de 1948.

O nascimento de um Município

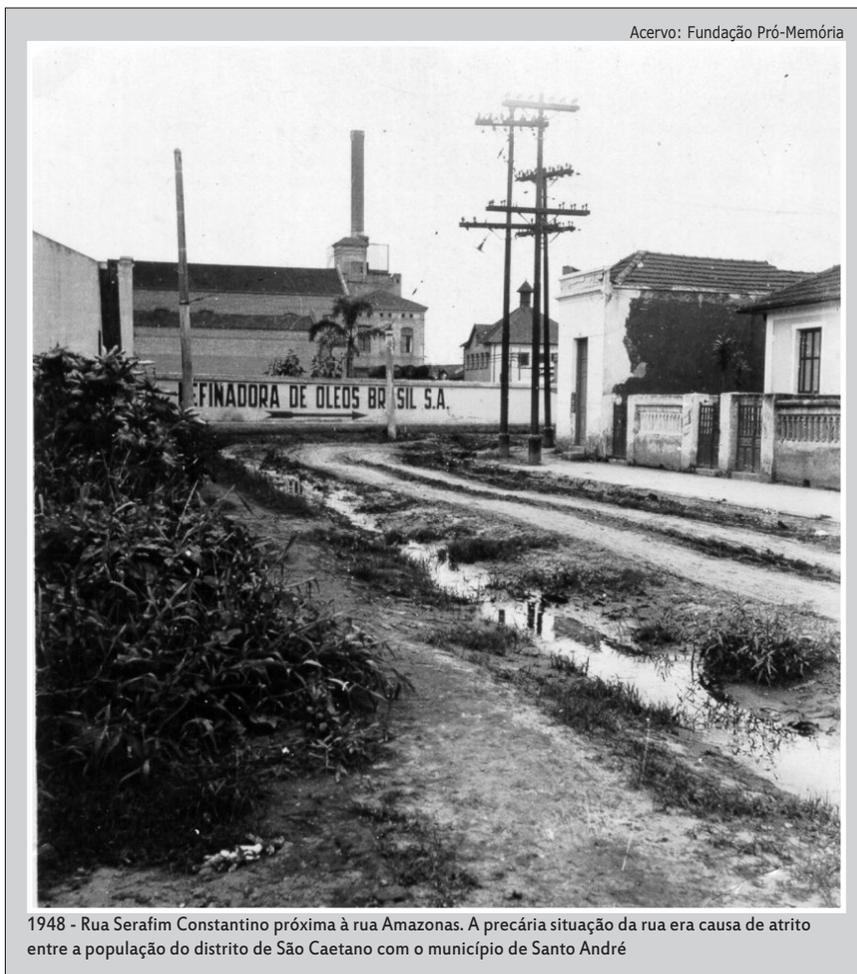
José Roberto GIANELLO(*)

Acervo: Fundação Pró-Memória

Este artigo pretende traçar um painel histórico-social de São Caetano em 1948, o ano do plebiscito que deu à nossa cidade a condição de município. É também uma homenagem aos autonomistas, que com sua luta e trabalho contribuíram para o desenvolvimento de São Caetano. Procuramos recolher os momentos mais relevantes do ano de 1948, em São Caetano, para oferecê-los à análise do público em geral, buscando manter um espectro tão amplo quanto possível, para deleite dos mais velhos e também oferecer uma oportunidade de conhecimento e pesquisa aos estudantes.

É importante que o conhecimento dos fatos e registros referentes ao ano de 1948 em São Caetano se imponha à nossa admiração e respeito, como testemunho e participação da realidade vivida há cerca de 50 anos. É na lição do passado que se ilumina o horizonte do futuro. Tradição e progresso não são incompatíveis.

O final dos anos 40 foi um marco de uma crescente descontração mundial. Apesar da *Guerra Fria* avolumaram-se os movimentos resultantes da superação da catástrofe de 1939-1945; todos os povos realizaram projetos cuja tônica era a confiança no futuro. As cidades se transformaram sob as mais variadas concepções, buscando adaptar-se a um surto de urbanização crescente, tornando-se adequadas a receber populações, novos contingentes migratórios e absorver o seu próprio crescimento.



1948 - Rua Serafim Constantino próxima à rua Amazonas. A precária situação da rua era causa de atrito entre a população do distrito de São Caetano com o município de Santo André

FINAL DE 1947 - O ano de 1947 estava chegando ao final, e o de 1948 prometia. São Caetano o 2º sub-distrito de Santo André estava em pé de guerra e agitado politicamente, a idéia da autonomia era irreversível. Para o dia 2 de Setembro de 1947, o *Jornal de São Caetano* havia convocado 50 pessoas para uma reunião preliminar para a fundação da *Sociedade Amigos de São Caetano*, com a finalidade de reivindicar junto aos poderes públicos as necessidades do distrito e

lutar pela elevação do nível cultural dos sancaetanenses.

Neste dia, 32 pessoas compareceram à sede do Clube Comercial, na rua Santa Catarina, 97, e com a indicação do professor José Bonifácio Fernandes, a reunião desenrolou-se em meio a uma animada vibração, e ao seu final podia-se perceber claramente o contentamento de todos ao ver triunfante a proposta da fundação da *Sociedade Amigos de São Caetano*. A princípio ficou decidido que na *Sociedade* não haveria intro-

missão de política partidária. A diretoria provisória foi eleita por aclamação e ficou assim composta: presidente, professor José Bonifácio Fernandes; secretários, Walter Thomé e Mário Porfírio Rodrigues. Ainda em 1947, no dia 7 de Dezembro era lançada a pedra fundamental do Hospital São Caetano no primeiro aniversário da fundação da Sociedade Beneficente Hospitalar São Caetano, com a seguinte programação:

Às nove e meia, apresentação da Lira Musical de São Caetano, na praça Cardeal Arco Verde, recepção dos convidados à frente da igreja Matriz Sagrada Família. Terminada a missa, com as Irmandades Católicas à frente, seguiu o povo para o terreno da rua Espírito Santo, onde seria construído o Hospital São Caetano. Abrindo a solenidade, Mário Porfírio Rodrigues deu a palavra a Angelo Raphael Pellegrino, presidente da entidade que agradeceu às indústrias, ao comércio e ao povo em geral que possibilitaram a compra do terreno, e em seguida passou a palavra a Otávio Tegão, orador oficial do hospital que frisou que aquela solenidade era a primeira etapa a ser vencida e que muito ainda havia para ser feito. Em seguida, Otávio Tegão convidou Paulo de Azevedo Antunes, representante do Governador do Estado para proceder o lançamento da pedra fundamental.

O Monsenhor Rollin Loureiro, coadjuvado pelo padre Ezio Gislimberti procedeu a benção do local onde foi lançada a pedra fundamental, e através de oração manifestou o apoio da Igreja àquela obra. Logo após ao evento comemorativo aconteceu uma churrascada na praça de Esportes Dr. Roberto Simonsen, encerrou a solenidade.

Em dezembro de 1947, São Caetano já estava preparado para enfrentar Santo André e lutar pela sua

emancipação. Entusiasmados pelo papel que a *Sociedade Amigos de São Caetano* passaria a ter na condução da realização do plebiscito, e mais a alegria pela fundação do Hospital São Caetano, e a campanha que o *Jornal de São Caetano* fazia em prol da autonomia fazendo de São Caetano a primeira cidade em todo o Estado de São Paulo, a requerer um plebiscito a fim de que a população confirme que quer viver separada do restante do Município de Santo André, só restava contar com a boa vontade e a inteligência dos sancaetanenses, que entrariam em 1948, com a idéia de autonomia na cabeça e no coração. As festas do final do ano, em 1947, deram uma pequena trégua, aos sancaetanenses no seu ardor pelas reivindicações. As preces naquele final de ano eram direcionadas ao movimento autonomista, e o *Jornal de São Caetano*, em seu número 37, de 24 de Dezembro agradecia às manifestações de apoio recebidas pelo vitorioso empreendimento da fundação do hospital e conclamava a população a continuar prestigiando o jornal, lutando pelo engrandecimento desta nossa esquecida cidade.

JANEIRO DE 1948 - No dia 1º de Janeiro de 1948, é instalada a Câmara Municipal de Santo André. As eleições haviam sido realizadas em 9 de Novembro de 1947, e em virtude de uma sentença do Superior Tribunal Eleitoral, julgando inexistente o diretório estadual do PST (Partido Social Trabalhista), a composição do legislativo estava alterada, pois foram cassados *os candidatos de Prestes*, e no próprio Executivo era empossado como prefeito Antonio Flaquer, em substituição ao candidato eleito, Armando Mazzo. A população do distrito de São Caetano ainda atordoada com os festejos natalinos, não percebera ainda as con-

sequências da explosão desta verdadeira notícia-bomba. Nunca é demais lembrar que os candidatos de Prestes em seu *Projeto de Programa Mínimo para a Prefeitura de Santo André*, propunha em seu artigo 10º a seguinte reivindicação: Pela Autonomia do Distrito de São Caetano e sua elevação à Município. Antonio Flaquer assumia portanto o cargo de prefeito de Santo André, embora o resultado das eleições o colocara como segundo colocado com 4.924 votos, e Armando Mazzo vencera com 6.483 votos.

Fora da política, no cotidiano da vida, os sancaetanenses sofreram terrivelmente as consequências das chuvas e temporais que inundaram a parte baixa da cidade, perto da Vila Bela, onde um homem e um menino morreram afogados. Em consequência das chuvas, houve a interrupção da energia elétrica pelo rompimento de um fio da Light & Power, nas proximidades das ruas Goiás e Martim Francisco, na Vila Paula. Um outro problema, de ordem moral, incomodava os moradores da rua Santa Catarina, no centro da cidade, a inauguração de um *dancing*. Segundo os vizinhos do *Jantar Dançante El Dorado*, a algazarra dos rapazes, o barulho constante da orquestra punha em perigo a integridade e a invulnerabilidade dos lares. Após esta pressão da opinião pública, o *Jantar Dançante* foi vendido a uma proprietária de casas suspeitas, em Utinga. A briga ainda continuaria por uns tempos.

Na área política, as atenções se voltavam para os vereadores sancaetanenses eleitos para a Câmara de Santo André. Eram em número de 10 e prometiam a formação de uma frente única local, independente de partido, com a promessa de trabalhar pelo bem de São Caetano, acima das paixões partidárias. Essa

frente era formada por Antonio Dardis Neto (PSP), Armilindo Franchini (PSP), João Relá (PSP), João Dal'Mas (PDC), Lauro Garcia (PDC), Odilon Conceição (PDC), Eduardo Ferrero (PSB), Verino S. Ferrari (PTB), Geraldo Benincasa (PTN) e Anacleto Campanella (UDN). Uma das principais reivindicações ao novo prefeito de Santo André era sobre o calçamento da rua Serafim Constantino, no centro da cidade, que estava em péssimo estado de conservação, e que os próprios moradores desta rua se comprometiam a contribuir com uma parcela das despesas para o seu calçamento. Além desta solicitação, é claro, o problema maior continuava o da água e esgoto, para a qual havia a promessa de se colocar em prática um projeto arquivado desde 1937 e que seria revisado. O distrito de São Caetano possuía apenas 30 quilômetros de rede de esgoto concluída.

A vida social e esportiva continuava franca e risonha. Os bailes beneficentes pró-hospital São Caetano eram muito concorridos e o General Motors Esporte Clube anunciava que os seus salões seriam pequenos para abrigar mais uma festa beneficente, desta vez com a atração de Peruzzi e sua Banda. Segundo declarações da época, na festa estariam reunidos o espírito de colaboração e de altruísmo, juntamente com a alegria sã que caracterizava os bailes pró-Hospital. O futebol também atraía a atenção popular em São Caetano, o famoso *derby* municipal reunia na época o Clube Atlético Rhodia e o São Caetano Esporte Clube. Em um jogo realizado no final de Dezembro de 1947, realizado no Estádio Conde Matarazzo, o Rhodia ganhou por 3x0, com os quadros estavam assim formados: São Caetano: Auricchio, Tonim e Mauro, Escova, Mosca e Laurindo,

Moreno Batista, Bobeira, Andó e Navarro. Rhodia: Milton, Marcelo e Joãozinho, Horácio, Adelmo e De Lauda, Waldemar Negrito, Eduardo, Sulinho e Buccini. Na preliminar o São Caetano venceu por 1x0.

JANEIRO DE 1948 - A Sociedade Beneficente Internacional prestava homenagem a José Mariano Garcia Junior (Juca Garcia - 1872/1947), com a inauguração no frontispício do prédio da sua propriedade à avenida Conde Francisco Matarazzo de uma placa de bronze;

■ Interditada a quadra de Cestobol do São Caetano Esporte Clube;

■ Eleito o Conselho da Sociedade Beneficente e Hospitalar São Caetano para 1948;

■ O Prefeito de Santo André Antonio Flaquer reunia-se com o prefeito

de São Paulo, Paulo Lauro, para discutir a construção de uma ponte entre a Vila Alpina e São Caetano;

■ O cine Max e Parque, da empresa Irmãos Lorenzini anunciava para 14 de janeiro às 20 horas, *Grandiosa soirée Amor nas Sombras*, com James Mason, Phyllis Calvert e Stewart Granger, e para o sábado, *São Francisco, a cidade do pecado*, com Clark Gable.

■ Faleceram neste mês, Virgílio Zanon, pai de Olderrige Zanon, um dos pioneiros no ramo farmacêutico na cidade; e Julia da Conceição Remondes, imigrante portuguesa, radicada em São Caetano.

■ Os católicos das cidade comemoraram mais um aniversário do Padre Ezio Gislimberti no Salão Paroquial, com cantos, esquetes, piadas, poe-



Outro aspecto da rua Serafim Constantino, esquina com a rua Amazonas em 1948, em frente à Refinaria de Óleos Brasil



Década de 50 - Vista de São Caetano entre a avenida Goiás e rua João Pessoa. À direita, as instalações da Usina Colombina e os galpões da Anderson Clayton e ao centro, o Moinho Santa Clara

sias e números musicais. O padre Ezio completava em 1948, 34 anos.

FEVEREIRO DE 1948 - O mês de Fevereiro começava com a idéia da autonomia municipal em franca discussão. O *Jornal de São Caetano* pressionava a *Sociedade Amigos de São Caetano* para que estudasse a possibilidade de desligamento de Santo André. Com a recente extinção do Estado Novo (1937-1945), o falido regime de força que se identificava pela centralização excessiva de tudo que se refira à administração pública dava lugar às novas medidas liberais procurando tanto quanto possível revitalizar a instituição município restabelecendo as liberdades locais, indispensáveis ao progresso das células do organismo nacional, não apenas as liberdades de ordem política, mas também as de caráter administrativo, financeiro e econômico. A Constituição Fede-

ral de 18 de Setembro de 1946, elaborada com esse espírito assegurava a autonomia dos municípios em seu artigo 280. A Constituição Estadual de 9 de Julho de 1947 e a Lei Orgânica dos Municípios elaborada pelos deputados estaduais não deixava de dispensar atenção aos municípios. A Lei Orgânica previa em seu artigo primeiro a criação de municípios em todo Território Nacional, caso os habitantes assim o desejassem, desde que tivesse população mínima de 4.000 habitantes e renda mínima de Cr\$.200.000,00 anuais.

Estava lançado o desafio. Como qualquer sancaetanense poderia verificar, o distrito elevar-se-ia facilmente à categoria de Município. O *Jornal de São Caetano*, porta-voz dos autonomistas, não deixaria passar facilmente a oportunidade de ir à luta face às facilidades asseguradas pela Constituição em vigor.

O prazo para o encaminhamento da solicitação do plebiscito à Assembléia Legislativa encerrava-se em 30 de Abril de 1948 e começava uma corrida contra o tempo para elaborar a lista de assinaturas com 10% da população local. Devido aos feriados carnavalescos a *Sociedade Amigos de São Caetano* (SASC), reuniu-se somente no dia 13 de Fevereiro, funcionando como presidente Roberto Gomes Caldas Filho, primeiro vice-presidente da SASC, uma vez que José Luiz Flaquer Neto achava-se em viagem. Compareceu a esta reunião Anacleto Campanella, vereador por São Caetano que ocupou a presidência de honra. Nova reunião fora marcada para a próxima semana.

O povo de São Caetano, na expectativa destes acontecimentos políticos, preocupava-se simultaneamente com o preço da carne, porque a

Companhia Swift aumentara os preços para os varejistas. O prefeito de Santo André, Antonio Flaquer interferiu diretamente no caso e mandou prender dois altos funcionários do matadouro de Utinga, além de requisitar toda a carne existente. Mesmo assim, a empresa conseguiu aumentar o preço da carne aos varejistas, com o acréscimo de um cruzeiro por quilo.

Um dos vereadores do distrito de São Caetano na Câmara Municipal de Santo André, Odilon Conceição, se envolvia em briga de vizinhos e fora esfaqueado sendo submetido a uma intervenção cirúrgica no Hospital das Clínicas, em São Paulo. Como na época, Odilon Conceição possuía açougue em São Caetano, o povo achava que a agressão era em virtude do aumento do preço da carne. Seu açougue estava localizado na esquina da rua Amazonas com rua Niterói, posteriormente mudou para a rua Augusto de Toledo com Piauí.

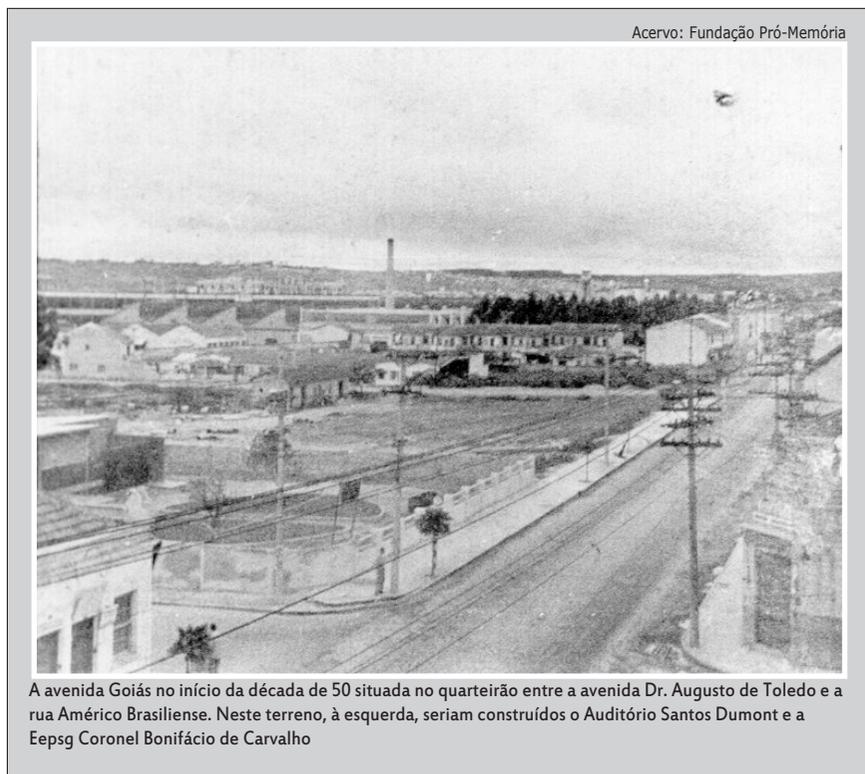
Na área esportiva especificamente no futebol, a subliga de Futebol Getúlio Vargas promovia um grande Festival Esportivo, ao mesmo tempo que seu presidente Humberto Cecatto era ameaçado de demissão pelo presidente da Liga de Santo André, Pascoalino Assumpção, porque pretendia desligar-se da Liga de Santo André e filiar-se à Divisão Varzeana da Federação Paulista de Futebol. Tudo terminou em pizza, e o festival foi um grande sucesso. Participaram os seguintes clubes: Vila Bela, Cruzeiros, Portuguesa de Desportes, São Cristovão, Acco Clube, São Caetano, Ipiranga, Vila Alpina e Jabaquara. O jogo principal foi entre o Rio Branco e o Vila Bela. Os quadros assim se apresentaram Rio Branco: Chipio, Dianelli e Catalan, Caetanin, Wilson e Armando, Silvio, Toni, Nordeman, Renato e Boava.

Vila Bela: Geraldo, Airton e Ico, Branchini, Alemão e Marcílio, Rondeka, Nera, Romeu, Utica e Tonico. O placar foi de 2 a 1 para o Rio Branco. Representando o prefeito municipal compareceu ao estádio José Luiz Flaquer Neto.

Outro acontecimento futebolístico importante neste mês foi a volta do Clube Comercial às atividades esportivas. Em jogo realizado no campo do General Motors Esporte Clube, enfrentou o dono da casa. O placar foi de 3 a 2 para o time da General Motors. Os quadros se apresentaram com a seguinte formação: General Motors, Leonardo, Sanches e Romeu, Biri, Gostoso e Ubaldo, Chilo, Artur, Milton, Divino e Menino. Comercial: Zinho, Date e Armando, Escova, Tuta e Honório, Airton, Nobile, Navarro, Veiga e Fabio. O árbitro da partida foi o Antonio Martorelli, e o placar da preliminar também foi favorável ao General Motors por 2 a 0.

O basquete, na época chamado de cestobol também atraía a atenção popular, sendo realizados jogos em duas divisões, além do campeonato feminino. Os jogos envolviam os clubes de Santo André e São Paulo, sendo que em janeiro e fevereiro de 1948, foram realizadas 72 partidas, totalizando 4.135 pontos, sagrando-se campeão o Clube Atlético Rhodia e vice-campeão a A.D.Floresta. Na primeira divisão, o cestinha do campeonato foi o jogador Celidonio Garcia (irmão do vereador Lauro Garcia) do Clube Atlético Rhodia, marcando 177 pontos, enquanto José Crivelaro, que o seguiu de perto, marcou 171 pontos. Vale relembrar que Crivelaro disputou uma partida a menos que Celidônio.

A polêmica em torno do funcionamento do *Bar Dançante El Dorado* continuava, o *Jornal de São Caetano* entrevistava o dono do prédio, Erdônio Magri, o *Buti* que dizia não saber que o prédio aluga-



A avenida Goiás no início da década de 50 situada no quarteirão entre a avenida Dr. Augusto de Toledo e a rua Américo Brasiliense. Neste terreno, à esquerda, seriam construídos o Auditorio Santos Dumont e a Eepsg Coronel Bonifácio de Carvalho



Mário Porfírio Rodrigues, um dos fundadores do Jornal de São Caetano, ao lado da esposa Macária Rodrigues

do viria ser a causa de desgosto para a população. Esta entrevista apenas confirmava a impressão de que todos os homens de bem de São Caetano eram contrários à presença do estabelecimento.

REELEIÇÃO - Reeleito Armelindo Franchini presidente do São Caetano Esporte Clube, tendo como vice-presidente o Francisco Adorno (Netino);

- A guarda-noturna do subdistrito de São Caetano renovava o quadro de vigilantes que seria ampliado para 40;
- O dr. Nelson Penteado comunicava a instalação em seu consultório um aparelho de *Raio X Fisher* importado diretamente dos Estados Unidos, permitindo tirar radiografias de todos os órgãos do corpo humano;

- Recepção no *Clube Comercial* pelo 25º aniversário de casamento do casal Júlio-Luiza Marcucci. Segundo relato da época foi oferecido aos presentes uma lauta mesa de doces e salgadinhos finos;

- O carnaval de 1948, foi considerado melhor que o de 1947, graças ao grande movimento verificado nos três principais clubes locais: São Caetano Esporte Clube, General Motors Esporte Clube e Clube Comercial;

- Eleitos os novos diretores do General Motors Esporte Clube, presidente: Leonardo Sperate, vice-presidente: Antonio dos Santos Taveira e secretário geral: Pedro Menchini;

- Completou mais um aniversário, no dia 18 de fevereiro, Roberto C. Simonsen, diretor-presidente da *Cerâmica São Caetano* e um dos representantes de São Paulo no senado da República;

- Os cines Max e Parque anunciavam para 22 de fevereiro os filmes: *Tormento*, com Rosalind Russel e Melwyn Douglas; e *Planícies Perigosas*, com William Elliot e Vera Ralston, e para o dia 25 grande concerto sinfônico com o bari-tano Cav. Renato Cattani e a soprano Norma Cresto, e na tela o filme

O Canto da Primavera, com Beniamino Gigli.

MARÇO DE 1948 - Na reunião convocada para o final de Fevereiro, na sede do São Caetano Esporte Clube, à rua Perrella, 156 para tratar da autonomia de São Caetano, ficou provado que a população iria se arregar com todas as forças em torno do ideal comum. Foi uma reunião memorável, nomearam-se comissões para começar os trabalhos necessários para fazer chegar a petição do povo à Assembléia Legislativa. Alguns vereadores de São Caetano assim se manifestaram sobre o início do movimento autonomista.

Lauro Garcia: *Sou público e confesso, aqui ou em outro qualquer lugar, prometo lutar pela autonomia de São Caetano.*

Antonio Dardis Neto: *Obedeço o povo, de quem recebi o mandato. Estou pronto a entrar na luta autonomista; de resto sou mesmo autonomista.*

Anacleto Campanella: *Lutarei às claras pela autonomia, cumprindo o prometido em meu programa político.*

Geraldo Benincasa: *Meu partido afirmava no programa das eleições municipais, em seu item primeiro que lutaria pela autonomia. Hoje, posso dizer que o PTN me apoia na defesa dessa nobre iniciativa.*

Além dos políticos, os velhos moradores do distrito também se manifestavam a favor da luta autonomista. Em vários depoimentos ao *Jornal de São Caetano* eram ouvidas as opiniões da população. Benedito Moretti: *“Sou pela autonomia, por ela farei qualquer sacrifício”*. Firmino Garbelotti: *“A autonomia é um sonho antigo em vésperas de se tornar realidade. A Barra Funda (antigo nome do bairro Fundação) está unânime em torno da autonomia”*. João Ja-

cob Lorenzini: “*Sou autonomia cem por cento. O movimento é consequência do grande espírito de luta do nosso povo e de sua justa aspiração*”. Avelino Poli, presidente do Conselho Técnico da Sociedade Amigos de São Caetano: “*Sou francamente pela elevação de São Caetano a município. Tenho plena confiança na vitória do movimento atual*”. Júlio Marcucci: “*Trata-se de uma ótima idéia, que já devia ser uma realidade. Pediremos o que é nosso apenas e ninguém nos poderá negar*”.

Também foram curiosos os depoimentos de José Verticchio e Bernardino Sant’Ana, pois ambos eram moradores da Vila Bela e Vila Califórnia, pertencentes ao município de São Paulo, e mesmo assim manifestavam apoio à autonomia de São Caetano. “*Embora não tenhamos procuração do povo de Vila Califórnia, cremos firmemente interpretar o pensamento do meu povo aqui comparecendo para fazer sentir nosso desejo de, uma vez criado, fazer parte do município de São Caetano*” - diziam.

Todas estas declarações acima descritas eram feitas não só ao *Jornal de São Caetano*, mas também ao *Diário da Noite* e ao *O Dia*. A medida e a empolgação crescia, era claro que os anti-autonomistas, começavam a tomar pé da situação e bombardear o trabalho da *Sociedade Amigos de São Caetano*. A primeira razão alegada era de que o Movimento Autonomista era político no sentido de querer desestabilizar o prefeito de Santo André, Antonio Flaquer, prefeito preterido pela população do distrito de São Caetano, por ocasião das eleições em 9 de Novembro de 1947. Esta acusação era uma inverdade, pois o que contribuía para a idéia da autonomia era a Lei Orgânica dos



Municípios que possibilitava o plebiscito prevendo inclusive a entrada de representações até o dia 30 de abril somente. Além disso o distrito de São Caetano possuía apenas 10 vereadores na Câmara Municipal de Santo André, de um total de 31 vereadores, o que dava liberdade política ao prefeito Antonio Flaquer, que já contava com o apoio do vereador anti-autonomista Syr Martins e do jornalista Severino Alves Guimarães.

Paralelo às lutas políticas, reiniciaram-se os festivais pró-Hospital São Caetano, sendo programado para o dia 1º de Maio a apresentação dos pequenos artistas do Clube Papai Noel da *Rádio Difusora de São Paulo*, apresentado pelo seu criador Homero Silva e patrocinado por *Vic-Maltema*. Um jogo de futebol entre o São Caetano Esporte Clube e o Cerâmica Futebol Clube também fazia parte da programação Pró-Hospital São Caetano e estava marcado para o dia 4 de abril no Estádio

Conde Francisco Matarazzo na rua Paraíba. Participariam também desta tarde esportiva, o Rio Branco, Cruzada Esporte, Corinthians de São Caetano e Vila Alpina. Ao autor do primeiro gol do jogo São Caetano e Cerâmica seria oferecida pela *Casa Ivany*, de Jordano Vincenzi, uma fina camisa.

ELEIÇÕES - Eleita a diretoria do Esporte Clube Rio Branco para 1948. Presidente: Antonio de Almeida; vice-presidente: João Nogueira; secretário geral: Teófilo D’Agostine. A sede do clube está instalada à rua 28 de julho, nos fundos do Bar Momi;

- Nova diretoria do Comercial Futebol Clube: Presidente Alberto Dib, vice-presidente: Silvio Vezzalli, e 2º vice-presidente Deodato Carneiro;
- Sergio Lorenzini, popular futebolista sancaetanense que depois de jogar no Cruzada Esporte, passar pelo Ipiranga da Capital, vem a ser contratado pelo São Caetano Esporte Clube da rua Perrella;

- O Departamento de Esportes do Ipê Clube, dirigido por Henry Veronesi organizou um campeonato de pingue-pongue interno de duplas. Às equipes foram dados nomes de grandes escritores da língua portuguesa: Rui Barbosa, Eça de Queiroz, José de Alencar, Euclides da Cunha e outros;

- A União Democrática Nacional (-UDN) de São Caetano lança um manifesto ao povo de São Caetano a favor da autonomia. Assinam o manifesto Rafael Pandolfi, presidente do diretório, Jordano S.Vincenzi, presidente do conselho, e Domingos Ferreira de Souza, vogal;

- Os cines Max e Parque anunciam para o dia 7 de março “o grandioso filme italiano – *Roma cidade aberta*, com Ana Magnani e Aldo Fabrizo e para o dia 10, o filme *Este nosso amor*, com Ricardo Montalban;

■ Falecia aos 56 anos de idade Angelo De Nardi, deixando a viúva Maria B. De Nardi, e os filhos: Marcelino, Gema, Flávia, Conceição, Tarciso e Tarcisa.

ABRIL DE 1948 - Este mês foi decisivo para a autonomia de São Caetano. O dia 30 era a data limite para a entrega das assinaturas na Assembléia Legislativa. Os anti-autonomistas não davam trégua, começaram a circular folhetins contra a independência de São Caetano. A opinião pública de São Caetano naquela época, formada por comerciantes bem estabelecidos reagiram à altura contra os folhetins anti-autonomistas. Entre eles estavam Avelino Polli, Benedito Moretti, João Jacob Lorenzini, Carlos Paez, João A. Curtis, Celso Marchesan, Julio Marcucci, Bruno Bisquolo, José Bonifácio Fernandes e outros. Nesta altura dos acontecimentos, o movimento autonomista recebe uma grande colaboração dos deputados Gabriel Migliore, Lincoln Feliciano, Juvenal Sazon, e Cunha Bueno. Assim, o presidente da Assembléia Legislativa do

Estado de São Paulo, havia recebido no final de Março de 1948, o pedido de elevação do subdistrito de São Caetano, município de Santo André, à categoria de Município. O documento foi registrado nos seguintes termos:

Sr. Presidente,

Solicito à digna mesa encaminhar para fins de estudos à comissão de estatística, o presente pedido de elevação do subdistrito de São Caetano, município de Santo André, à categoria de município.

Sala de Sessões, 18 de Março de 1948.

(a) Gabriel Migliore.

Entrevistado posteriormente pelo *Jornal de São Caetano*, o deputado Gabriel Migliore dizia saber da existência do Movimento Autonomista e, procurado por alguns amigos seus desta localidade havia prometido encaminhar o requerimento à mesa da Câmara Estadual, e ainda acrescentou: A pretensão dos sancaetenses é absolutamente legal e São Caetano será município. No dia 12 de Abril, uma grande comitiva de

autonomista de São Caetano foi recebida na Assembléia Legislativa Estadual para tratar da autonomia. Entre vários deputados favoráveis à Autonomia, o que mais se destacou foi o deputado-capitão Porfírio da Paz, que assim se manifestou: *“São Caetano tem caminhos, caminhos e caminhos de razão para pleitear a sua elevação a categoria de Município. Eu já estive lá muitas vezes por motivos esportivos, conheço as necessidades desta terra e o progresso que ela atingiu. Embora comissões de Santo André já tenham me procurado para impedir que isso se torne realidade, votarei de acordo com a minha consciência, e como membro da comissão de estatística, declaro que votarei pela criação do Município de São Caetano”*.

Os anti-autonomistas, liderados por funcionários públicos da Prefeitura de Santo André, voltavam à carga contra o movimento autonomistas. Visitaram as indústrias e solicitaram apoio ao prefeito de Santo André, argumentavam que a unidade Santo André-São Caetano torna o município verdadeiramente portentoso, notadamente quando encontra-se à frente da administração uma personalidade digna e bem intencionada como o Prefeito Antonio Flaquer.

Os vereadores representantes do distrito de São Caetano na Câmara de Santo André continuavam fazendo um bom trabalho na defesa dos seus eleitores. Os vereadores Antônio Dardis Neto e João Dal’Mas em eloqüentes discursos defendiam a autonomia e ainda apresentavam projetos de lei que alteravam a arrecadação do Imposto de Indústria e Profissões. Na Câmara de Santo André, o vereador Lauro Garcia trava uma grande discussão com o vereador anti-autonomista Syr Martins. O mês de abril chegava ao final

Acervo: Fundação Pró-Memória



1952 - Walter Thomé ao lado da esposa Ilda Thomé. Walter foi um dos fundadores do Jornal de São Caetano

com a entrega da representação de São Caetano à Assembléia Legislativa Estadual no dia 23. A comissão foi recebida pelo Governador do Estado, Adhemar de Barros, que declarou estar de acordo com a elevação de São Caetano à município.

DERROTA - O São Caetano Esporte Clube derrota o Sul Americano Esporte Clube do Bom Retiro por 3 a 1, jogando com Aurichio, Mosca e Tonim, Sergio, Nimim e Bergamo, Nininho, Andó e Balila, Jackes, Escova e Rosinha, com gols de Jackes, dois, e Balila;

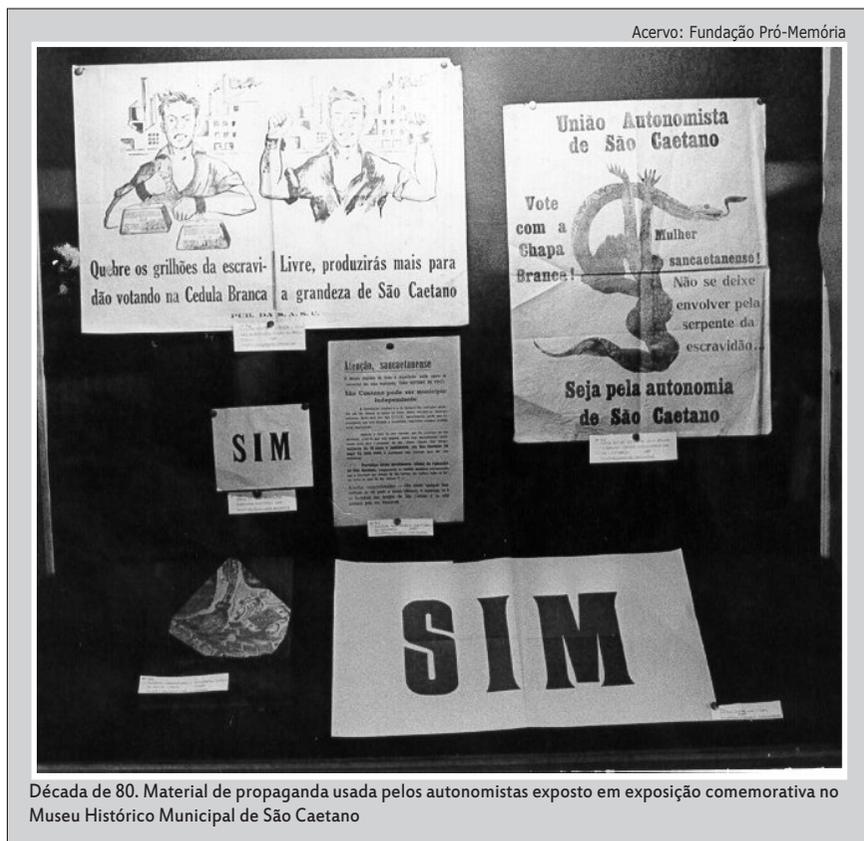
■ Dando cumprimento à ordens recebidas de São Paulo, o Arlindo de Almeida Barros mandou fechar a sede do Monte Alegre Futebol Clube sob a alegação de que estavam se reunindo ali os comunistas de São Caetano. A escola era dirigida pelo professor Vicente Ventre e pela professora Alice dos Santos, respectivamente diretor e professora da Escola da Associação Nossa Senhora Menina;

■ A professora Edna F. Lorenzini anunciava aulas de piano em sua residência na rua 28 de Julho, nº 208. Ela era diplomada pelo Conservatório Musical de São Paulo;

■ Jordano P.S.Vincenzi inaugurava a fábrica de camisas Ivany, localizada na rua Amazonas, 540. O lema da fábrica era: Um melhor acabamento por um menor preço. O nome Ivany foi uma homenagem à sobrinha de Jordano Vincenzi;

■ Aladino Grechi Jr., intitulava-se o Mago da Eletricidade, executando qualquer serviço de eletricidade para automóveis como carga de acumuladores, enrolamento de dinamos e motores de partida;

■ A Metalúrgica Barile Ltda., anunciava trabalhos com artefatos de metal, objetos de adornos, niquelação, cromação e todo serviço concernente ao ramo. A fábrica e o escritório



Década de 80. Material de propaganda usada pelos autonomistas exposto em exposição comemorativa no Museu Histórico Municipal de São Caetano

localizavam exatamente onde estão hoje, rua Heloísa Pamplona esquina com a rua dr. Rodrigues Alevs;

■ Os cines Max e Parque, anunciavam para 4 de abril o filme, *Senda do Amor*, com Robert Cummings e Michele Morgan, e para o dia 6, a mais bela voz de São Paulo, na interpretação de Tomio Tomimi, e anunciava para breve *O Máscara de Ferro*.

MAIO DE 1948 - Este mês começava sentindo os reflexos das atividades políticas pró-autonomia do mês de Abril. A petição fora entregue diretamente ao governador Adhemar de Barros. A comissão que fora entregar o documento era composta por 35 sancaetanenses e assinada por 5.200 pessoas. Estava na mão dos deputados a sorte do povo sancaetanense. Faziam parte da comissão, Arlindo Marchetti, Walter Tomé, Firmino Garbelotti, Arnaldo

Sigollo, José Homem de Bittencourt, Raphael Pandolfi, Celso Wladimir Marchesan, Antonio Dardis Neto, Carlos Paez, deputado Lincoln Feliciano, Fruguli Lorenzini, deputado Diogo Bastos, Avelino Poli, Benedito Moretti, Valentim I. da Silva, deputado Juvenal Sayon. Oswaldo Giampietro, Romão Castellano, Jordano P.S. Vincenzi, deputado Castro Carvalho, Vicente Orlando, Júlio Marcucci, deputado Antonio Cunha Bueno, Alfredo Malateaux, Antonio Moreno, deputado Gabriel Migliori, Oswaldo Bisquillo, Alfredo Maluf, Mário Porfírio Rodrigues, Bento Vallamir Regis, Joaquim Zanini, Mauro Curvelo, Deolindo Jordão, Lauriston Garcia, e Nicomedes Marcondes.

A repercussão do movimento autonomista na imprensa de São Paulo, se fazia notar em grandes reportagens no *Diário da Noite* e no *O Dia*.

Coube ao *Diário da Noite* noticiar o fato pela primeira vez na capital paulista em matéria sob o título, *Movimento Autonomista de São Caetano vem encontrando repercussão e apoio*. Noticiava este vespertino a informação que os associados da *Sociedade Amigos de São Caetano* pronunciaram-se por maioria de cerca de noventa por cento que a entidade daria o seu apoio à luta pela autonomia de São Caetano. *O Dia* foi o jornal paulista que se ocupou em seguida ao *Diário da Noite* de outra reportagem com o título, *A Autonomia de São Caetano é um imperativo da justiça* e como subtítulo, *Unida a população da progressista cidade em torno dessa aspiração*. Outros grandes órgãos da imprensa da capital foram se interessando e não custaram em acolher em suas páginas noticiários das discussões havidas na Câmara Municipal de Santo André em torno do assunto que a essa altura já era do domínio de todo o povo de São Caetano, além de grande parte da população paulistana e do interior do Estado. *A Folha da Manhã* dava cobertura e grandes comentários sobre o que se passava na edilidade santos-andreense publicada às terças-feiras. *O Diário de São Paulo* por sua vez não deixava de se ocupar do assunto chegando a publicar em um domingo o que havia se passado no dia anterior na Câmara de Vereadores. No dia 8 de maio, o *Diário de São Paulo* publicava uma grande reportagem de autoria do jornalista Flavio Tambelini, com fotografias de Nicolau Leite, focalizando o assunto em ângulos ainda não explorados. Enquanto na Assembléia Estadual, os debates continuavam a favor e contra a autonomia de São Caetano, vale a pena registrar um aparte do deputado Gabriel Migliore, durante o discurso do deputado Sebastião Car-

neiro. “*Sabe V.Excia. que São Caetano um distrito pequeníssimo é o que oferece entre aqueles que pleiteiam a sua elevação a município, a maior receita, tem a maior população. Entretanto, quanto às suas dimensões territoriais, é pequenino: é uma espécie de Suíça, não quanto ao saber e a cultura, mas quanto ao seu desenvolvimento geral. É uma espécie de Suíça dentro de São Paulo*”.

Ainda no mês de maio, aconteceu com muito brilhantismo, no dia primeiro, o aniversário do São Caetano Esporte Clube. Fundado em 1º de Maio de 1914, a passagem do 34º aniversário foi festejado com um concorrido festival esportivo e uma sessão solene. O evento esportivo aconteceu no Estádio Conde Francisco Matarazzo, na rua Paraíba, com a participação dos clubes locais: Ipê, Rio Branco, Aramaçam e Elite Utinga. Ainda no dia 1º de Maio, um grande sucesso foi a exibição do Clube Papai Noel, no cine Max, com lotação esgotada. Foi uma festa beneficente com a renda revertida em prol da construção do Hospital São Caetano. Os artistas que se apresentaram pertenciam à rádio Difusora de São Paulo, e eram comandados por Homero Silva.

DESATIVACÃO - O famigerado barandante que tanto preocupava os sancaetanenses da rua Santa Catarina fora finalmente desativado. No mesmo local os senhores Horácio Pires e Henry Veronesi instalaram um ringue para patinação;

■ Haveria eleições para a diretoria do Centro Estudantino de Cultura, entidade dos alunos da Escola Técnica de Comércio São Caetano (atual Instituto de Ensino de São Caetano do Sul). Duas chapas disputavam o pleito: a Renovação liderada por Francisco de Almeida Claro e a Libertadora que tem à frente Albino

Coelho Rocha;

- No dia 9 de maio, era colocada a pedra fundamental da sinagoga israelita de São Caetano, localizada na rua Pará. A cerimônia contou com a visita do enviado especial da Palestina, o mestre e rabino Baruch Rabino Vitche. A sinagoga serviria também de escola, contribuindo assim para a campanha contra o analfabetismo;

■ Achavam-se expostos em uma das confortáveis salas do cine Max, os prêmios da rifa beneficente pró-Hospital São Caetano, sendo que o que mais desperta a curiosidade é uma geladeira. Os bilhetes da rifa podiam ser adquiridos neste mesmo local ou nos seguintes estabelecimentos: Ao carioca, Drogatem, Farmácias São Caetano, Santa Rita, Santo Antonio e Monte Alegre. Os senhores comerciantes que se propunham a ajudar na venda destes bilhetes deveriam solicitar pelo telefone 451;

■ No dia 9, foi realizada no Cine Parque, uma conferência sobre o tema Petróleo Nacional a cargo do jornalista e catedrático da Faculdade de Medicina Fluminense, Hélio de Lacerda;

■ Era inaugurado na rua Amazonas, 251, o Escritório Técnico de Contabilidade São José de propriedade de Neyse J.Jodar e João L.P. Bonaparte;

■ Os cines Max e Parque anunciavam para o dia 9 de maio o filme: *Segredo da Casa Vermelha*, com Edward G. Robinson e Lon Mc Callister, e para sábado, 22 de maio, o filme *O Segredo de Beatrice Cenci* – grandioso filme italiano;

■ A Peixaria São Caetano de José Ardito anunciava a venda de peixes de todas as qualidades vindas diretamente de Santos e do Rio de Janeiro, através de entregas à domicílio. A peixaria estava localizada na rua

Santa Catarina, nº 24.

JUNHO DE 1948 - Neste mês, em São Caetano foi marcado por uma avaliação política do Movimento Autonomista, devido praticamente a ausência de fatos novos que mobilizassem a opinião pública e as instituições envolvidas no processo de autonomia. O *Jornal de São Caetano* apelava ao povo que comparecesse ao Palácio 9 de Julho (Parque Dom Pedro – atual sede da prefeitura de São Paulo) a fim de acompanhar os debates em torno da autonomia, já que em fins de julho ou início de agosto, a apresentação do projeto do plebiscito entraria em pauta do plenário.

Era ponto pacífico em qualquer discussão política do distrito de São Caetano, que a independência de Santo André era indiscutível. A campanha pela criação de um hospital teve como conseqüência a fundação da Sociedade Beneficente Hospitalar São Caetano, o que já era um grande passo no sentido da conscientização dos sancaetanenses em continuar a luta por outros melhoramentos, com a maioria do povo optando pela independência político-administrativa de Santo André. Um fator que facilitava este tipo de discussão foi a reconstitucionalização do País e logo depois a do Estado, principalmente, a Lei Orgânica dos Municípios de 1º de Setembro de 1947, que facilitava enormemente a convocação do plebiscito. O *Jornal de São Caetano* através de pressão sobre a *Sociedade Amigos de São Caetano* no sentido de que esta instituição representasse juridicamente o povo junto aos deputados estaduais, na esperança de que estes fossem sensíveis à importância do percentual econômico do segundo subdistrito de Santo André.

O que mais animou o povo de São



Prédio onde funcionou o Hospital Bartira, fundada pelo dr. Souza Voto, em 14 de setembro de 1948, junto às instalações da Ferro Enamel S/A. Posteriormente, abrigou o Pronto Socorro Municipal. O prédio foi demolido e neste local hoje, hoje situa-se a praça São Caetano Di Thiene

Caetano neste mês de junho foi a visita de uma comitiva de vereadores de São Paulo à cidade, com o objetivo de apoiar a luta pela separação de Santo André. Faziam parte da comitiva os vereadores paulistanos, Guilherme Gianini, Valério Giuli e Decio Grisi, os quais foram homenageados com um jantar realizado na *Cantina do Momi*, localizado na rua 28 de Julho (atual Bairro Fundação).

Para acirrar os ânimos dos sancaetanenses contra Santo André, um absurdo plano de trânsito imposto nas ruas João Pessoa e Santa Catarina só fez aumentar a confusão naquelas vias públicas. Segundo relatos da época, aconteceu o seguinte: inverteram a mão de direção na rua Santa Catarina, mantendo o fluxo de carros para cima com a alteração do local do ponto de ônibus para Santo André, da avenida Conde Francisco Matarazzo para a rua João Pessoa. Essa medida de nada adiantaria caso a rua João Pessoa continuasse a ter duas mãos de direção. No final das contas, estas alterações executadas

com a intenção de diminuir o perigo do tráfego, na verdade, aumentava a possibilidade de desastres.

Um outro acontecimento de Junho, entristeceu o povo de São Caetano. Vitimado por uma síncope cardíaca, faleceu às 17 horas do dia 25 de Junho, quando discursava na Academia Brasileira de Letras, o senador da República e presidente da *Cerâmica São Caetano S/A*, Roberto Simonsen. O senador foi fundador do SESI, do Senai, e ocupou durante vários anos a presidência da Federação e do Centro das Indústrias de São Paulo. A Câmara Municipal de Santo André que se encontrava reunida extraordinariamente no dia 25, logo que soube do ocorrido, suspendeu os trabalhos. Sobre a personalidade do senador Roberto Simonsen falaram os vereadores Silvio Franco, Anacleto Campanella, Arthur A. Rocha e Alfredo Maluf. Para acompanhar os funerais do político foi designada uma comissão composta dos senhores Anacleto Campanella, Alfredo Maluf e Geraldo Benincasa. A

e a *Sociedade Beneficente Hospital São Caetano* telegrafaram à família Simonsen e à *Cerâmica São Caetano S/A* apresentando condolências. O representante da SASC, presidente em exercício, José Homem de Bittencourt, fez-se representar nos funerais do extinto.

SEDE PRÓPRIA - O serviço de Pronto Socorro, que vinha funcionando em caráter provisório, anexo ao prédio da Delegacia de Polícia, foi instalado na parte térrea do edifício da subprefeitura, localizado à rua Rio Grande do Sul esquina com a rua Pará, telefone 360. No mesmo local, funcionava um serviço de puericultura, à cargo de médico especializado, atendendo no período das 13 às 15 horas. Quanto ao serviço de clínica-geral, continuava a cargo de Nelson Penteado, nome bastante conhecido e respeitado;

■ O São Caetano Esporte Clube empatou em 1 a 1 com o Rio Pardo Futebol Clube em sua terceira partida no Campeonato da 2ª divisão de profissionais, série vermelha, da Federação Paulista de Futebol. São Caetano: Auricchio, Mosca e Neno, Sergio, Bergamo e Laurindo, Iube, Andó, Sulinho, Wilson e Elzo. Rio Pardo: Ciasca, Rolando e Orestes, Ingrenam, Valdomiro e Alemão, Luizinho, Mandu, Izidoro, Mamão e

Oswaldo. Gols: Wilson para o São Caetano e Mamão para o Rio Pardo. Na preliminar defrontaram-se amistosamente as equipes da Vila Bela e do Atlético Corinthians, vencendo a primeira por 2 a 0;

■ Teve início na praça Cardeal Arcoverde, uma grandiosa quermesse, que terá como finalidade angariar fundos pró-obras da Igreja Matriz. Às sete horas – Solene benção do novo altar de Mármore da Capela de Santo Antonio. A cerimônia será realizada pelo Cônego João Povésio. Serão padrinhos do altar dos Irmãos Ferrari, doadores do altar erigido em memória do falecido Arquinto Ferrari;

■ O Governador do Estado por Portaria de 9 do corrente nomeou juiz de casamento em São Caetano, Fernando Piva;

■ Comemorou 80 anos, no dia 22 de junho, Pedro Thomé, filho de Thomazo Thomé, um dos fundadores de São Caetano;

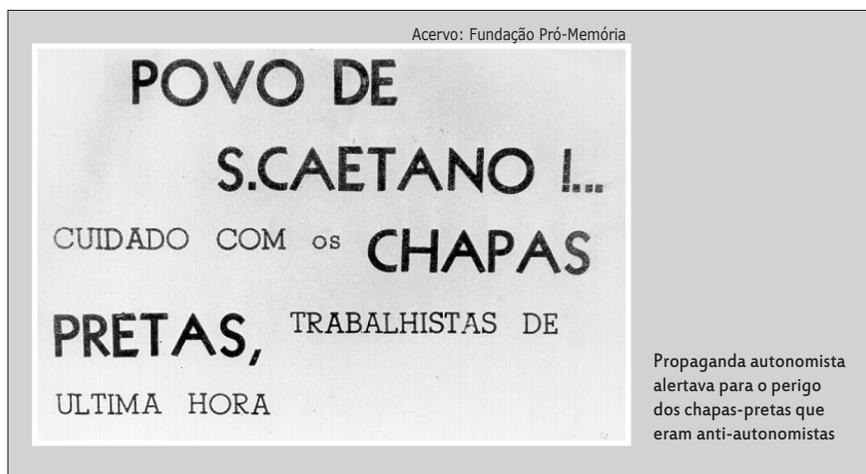
■ Faleceu no dia 12 de junho, Antonio Braido, de tradicional família sancaetanense. O falecido era viúvo de Luíza Roveri Braido, e deixa os filhos Idalino, Mauro, Rosa, Mari, Nair, e Mafalda, todos solteiros;

■ Os cines Max e Parque apresentam domingo, 6 de Junho de 1948, o filme *Sedução*, com Yvone de Carlo,

Brian Danely e Jean Pierre Aumont, e na terça-feira, dia 8, será levado no palco do Cine Max uma formidável noite artística com a participação de Giácomo Glecchi – O tenor da alma italiana, Irene Coelho, a princesinha do fado, Del Rio o príncipe da melodia espanhola, Walter Gonçalves, Cidinha Silveira, e ainda o formidável cômico da atualidade, que é uma bomba atômica de gargalhadas, Rubens Medina, o homem das mil e uma personalidades.

JULHO DE 1948 - Neste mês comemorava-se o aniversário de São Caetano. Mesmo sendo distrito de Santo André, a cidade festejava a data como se fosse um município. Era o seu 71º aniversário, e à frente das festividades apresentavam-se duas sociedades: a *Príncipe de Nápoles* e *Amigos de São Caetano*. Fato curioso nas festividades: a presença do representante do governador do Estado e a ausência do prefeito municipal.

A população sancaetanense comemorou em grande estilo a data da fundação do núcleo colonial instalado em 28 de Julho de 1877. Às 9 horas, grande número de pessoas partiu da praça Cardeal Arcoverde em direção à praça Comendador Ermelino Matarazzo, acompanhadas pela banda musical da Guarda Civil de São Paulo e pela Corporação Lírica Musical de São Caetano. Às 10 horas, tiveram início a solene missa campal celebrada pelo Padre Ezio Gislimberti que, como nos anos anteriores fez um sermão alusivo ao heróico feito dos colonizadores italianos aqui chegados em 1877. Estiveram presentes o Capitão José Claudinor, representante do Governador do Estado; Fioravante Zampol, presidente da Câmara Municipal de Santo André; os vereadores Anacleto Campanella, Antonio Dardis Neto, Lauro Garcia, João





1934 - Na época da autonomia, o bazar Ao Carioca já funcionava na esquina da avenida Conde Francisco Matarazzo com a rua Serafim Constantino

Dal'Mas, Verino S. Ferrari, João Re-la, Daniel Perrella, Waldemar Mattei, Nicola Tortorelli, Otaviano G. Gaiarsa, e Alfredo Maluf, além do comendador Julio Mombelli, Cônsul-Geral da Itália em São Paulo; Eduardo Garroni, representando o conde Francisco Matarazzo Junior, juntamente com Pedro Thomé e José de Martine, fundadores da cidade.

Os festejos de aniversário de São Caetano entusiasmavam mais os sancaetanenses em relação à autonomia. As discussões tornavam-se mais calorosas e os grupos prós e contras solidificavam-se com posições radicais chegando em alguns casos, às vias de fato, ou seja, pancadaria mesmo. O *Jornal de São Caetano* rememorava em edição histórica, de 25 de julho, o primeiro Movimento de Autonomia, ocorrido em 1928. Este movimento que tinha à sua frente homens de têmpera como Armando de Arruda Pereira, tornou vulto tendo mesmo sido apresentado

na Câmara Estadual um projeto de lei levando São Caetano à categoria de município. Por motivos diversos, infelizmente, esse movimento veio a fracassar perdendo os sancaetanenses temporariamente, o entusiasmo de que estavam tomados. Mas, agora seria diferente, o processo da autonomia havia disparado, não havia como retornar, o povo já provara com 5.200 assinaturas enviadas à Assembléia, que o movimento não teria retrocesso e que o plebiscito aconteceria mesmo.

TRANSFERÊNCIA - O Diário Oficial publicou o ato do Secretário de Segurança removendo Arlindo de Almeida Barros, delegado de polícia desta localidade para a delegacia de Miracatú. Pelo mesmo ato foi indicado Elias Alves Junior, delegado da polícia de Avaré para ocupar o cargo de titular da Delegacia de Polícia de São Caetano;

■ No segundo aniversário do *Jornal de São Caetano*, a direção do jornal

agradecia aos seus colaboradores. Osmar Pimentel e Fabio Vieira de Souza, encarregados da seção esportiva, Jacinto Rodrigues, o fotógrafo e Jayme da Costa Patrão, desenhista e chargista;

■ Uma comissão integrada pelos senhores Acácio Spachaquércia, Mauro Moretti, Jesus B. Fernandes, Paulino Lobatte, J. Camargo e Epifânio Scardelato, doava à *Sociedade Amigos de São Caetano* por intermédio do *Jornal de São Caetano*, uma bandeira do Brasil;

■ Primeiro ano de falecimento do coronel Bonifácio Paulino de Carvalho ocorrido em 16 de Julho de 1947. O coronel, antigo morador de São Caetano e um dos que mais batalharam pela autonomia de São Caetano em 1928. Houve missa na Igreja Matriz Sagrada Família dia 15, às 8 horas;

■ O São Caetano Esporte Clube derrotou o Ginásio Pinhalense por 2 a 1, em mais uma partida pelo Campeo-

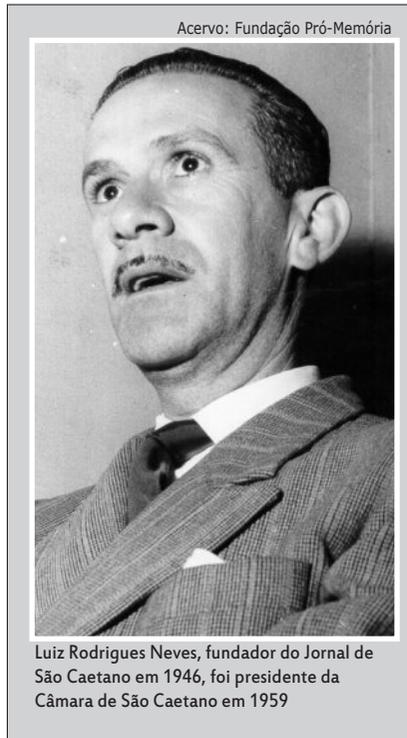
nato Paulista da Segunda Divisão. Os quadros São Caetano Esporte Clube: Aurichio, Mosca e Neno, Sergio, Bergamo e Laurindo, Carmargo, Andó, Sulinho, Wilson e Enzo. Ginásio Pinhalense: Benjamim, Ico e Newton, Sebastião, Boneca e Mingo, Vicente, Orlandinho, Jorginho, Abdala e Faísca. Gols: Andó e Sulinho para o São Caetano e Sebastião para o Pinhalense;

- O armazém de secos e molhados chamado *A Ferra Permanente*, de propriedade de Fausto Luiz Pina Junior localizado na rua Heloisa Pamplona, 430, anunciava um completo sortimento de gêneros nacionais e estrangeiros, bebidas e conservas finas, especialidade em vinhos finos, depósito de carvão e lenha, material para construções, cal, cimento e ferragens em geral;

- A *Casa Notre Dame*, de Francisco Del'Rey, localizada na rua Santa Catarina, 14, anunciava presentes em geral: livros, papelaria, bijuterias e perfumarias, camisas, gravatas, meias, lenços, chapéus, guarda-chuvas, malas, fogos, miudezas, etc.;

- A planta do futuro hospital São Caetano foi confeccionada na seção especializada do escritório central da *Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo*, com a devida autorização da diretoria. Uma cópia da referida planta achava-se exposta na sala de estar do cine Max, podendo o público admirar o trabalho, bem como as linhas do futuro hospital. O responsável pelos dados técnicos da planta foi o engenheiro Francisco da Nova Monteiro;

- As *Casas Bechara*, com matriz e filial anunciavam seus produtos. Matriz, localizada na rua Manoel Coelho, 257: louças, alumínio, artigos para presentes, cristais, material elétrico, miudezas em geral. Filial, na avenida Conde Francisco Matarazzo, 2: especialidade em cereais



Acervo: Fundação Pró-Memória
Luiz Rodrigues Neves, fundador do Jornal de São Caetano em 1946, foi presidente da Câmara de São Caetano em 1959

em grande escala, carvão, alface, milho, bebidas nacionais e estrangeiras;

- Os fiscais de higiene de São Paulo em visita à São Caetano, interditam vários bares da cidade por falta de condições higiênicas destes estabelecimentos. Foram fechados o Bar e Café São Caetano, Bar Americano, a Padaria e Confeitaria Trianon, o Bar e Pensão Luzitana. A caravana de fiscais foi chefiada por Orlando Vairo;

- Os cines Max e Parque anunciavam para 4 de julho o filme *Cavaleiro do Sonho*, com Amadeo Nazari, Mariella Lotti, Mario Ferrari, Dina Sassoli e Tito Schipa.

AGOSTO DE 1948 - As conseqüências da festa de aniversário da cidade, no dia 28 de Julho ainda repercutiam nos meios políticos e sociais. Durante os discursos na praça Comendador Ermelino Matarazzo, após a celebração da missa, as palavras de Octaviano Gaiarsa, de Santo André, foram as mais interessantes

e ninguém as esquecia, pois fora o início que se referiu à autonomia de São Caetano, declarando em ato trecho de sua oração que juntos ou separados Santo André e São Caetano continuarão trabalhando pelo engrandecimento de São Paulo e do Brasil. A nota distoante nos festejos foi mesmo a ausência inexplicável de Antonio Flaquer, prefeito municipal, que foi especialmente convidado e que deixou de comparecer. O outro fato que deixou os organizadores da festa de 28 de julho aborrecidos foram festas promovidas pela *Central de Petróleo* e *Casa Bebê* realizadas no mesmo dia e à mesma hora das comemorações da fundação da cidade. Houve também a ausência do deputado Antonio Silvio da Cunha Bueno, presidente da Comissão de Estatística da Assembléia Legislativa, mas que enviou o seguinte ofício aos organizadores dos festejos comemorativos da fundação de São Caetano:

“Impossibilitados de comparecermos pessoalmente a essas festividades, que por certo se revestirão do maior brilhantismo, pelo acúmulo de afazeres decorrentes da nossa posição de Presidente da Comissão de Estatísticas, valemo-nos da oportunidade para por intermédio desse conceituado órgão da nossa imprensa Jornal de São Caetano, enviar à nossa calorosa saudação à laboriosa população local, na data em que comemora o transcurso de mais um ano de vida, como os anteriores, sempre dedicados ao progresso de São Paulo e à grandeza do Brasil”.

Na Câmara Municipal, o vereador Antonio Dardis Neto propunha uma homenagem à Maximiliano Lorenzini e que fosse dado o seu nome a uma das ruas da cidade. Era uma justa homenagem ao antigo morador, falecido no dia 21 de Julho de 1948. Proprietário dos cines Central

e Parque, e achando que São Caetano comportaria uma sala de cinema maior e moderna, iniciou em 1941 a construção do Cine Max, em um terreno baldio na av. Conde Francisco Matarazzo, antiga rua São Caetano, bem defronte à rua João Pessoa, antiga rua Virgílio de Rezende. Em 7 de outubro de 1942, era inaugurado o Cine Max, orgulho de São Caetano e de Santo André quer pelos seus aparelhos quer pela sua frequência.

No enterro de Maximiliano Lorenzini, São Caetano parou. Centenas de pessoas de todas as classes sociais compareceram ao fêretro, as casas de comércio cerraram suas portas à passagem daquele que dedicou toda a sua existência à terra que o acolheu.

Na Câmara Municipal de Santo André três ruas de São Caetano tiveram seus nomes alterados. A atual rua Santo Antonio, a partir da rua Baraldi até a rua engenheiro Rebouças passará a denominar-se Senador Roberto Simonsen; a atual rua Alegre (antigo Bairro da Ponte, hoje Bairro Fundação) passará a ser rua Maximiliano Lorenzini, e finalmente a atual rua Bruna terá seu nome mudado para rua dr. José Paolone.

ANÚNCIO - A Indústria Dal'Mas S/A - Indústria Agro-Química Brasileira, localizada à rua Carlos Del Prete, 488, Fone 225, anunciava-se fabricante dos seguintes produtos: glicerina industrial, mono e bi-distilada; estearina simples, dupla o tripla-pressão; ácido graxo, oleina, naftalina, cola de ossos, adubos químicos e orgânicos, velas Maria Antonieta e São Caetano, graxa preta e amarela;

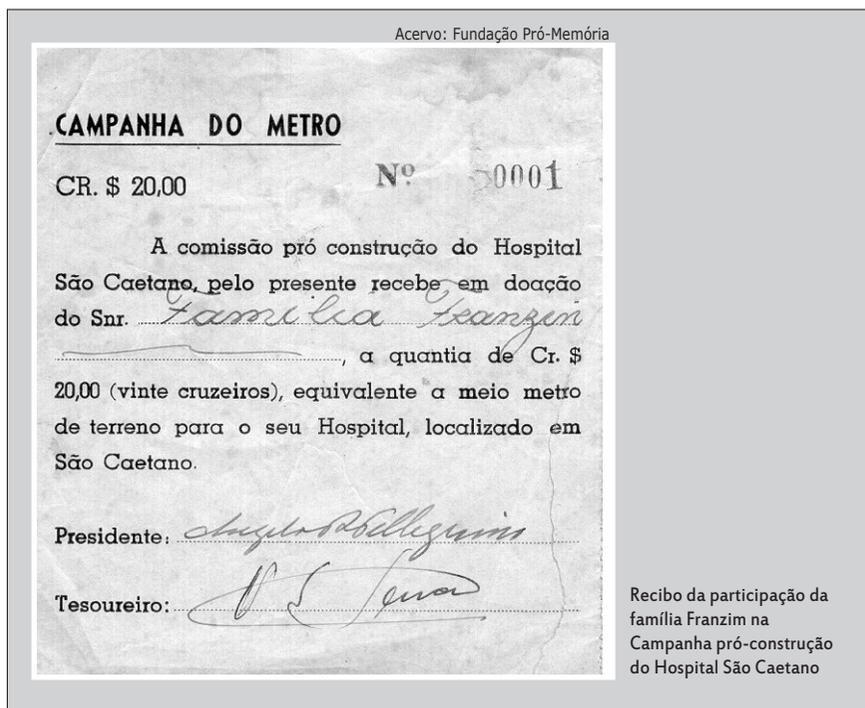
■ Eleita a diretoria do Centro de Defesa do Petróleo de São Caetano. No dia 1º de Agosto reuniu-se no Cine Max a diretoria do Centro Paulista de Estudos e Defesa do Petróleo, de São Caetano. Discursaram durante a solenidade, Tito Livio Fleury Mar-

tins, do Centro de Estudos de Petróleo, Jefferson Gonzaga, do Centro de Estudos do Petróleo de Santo André e Luiz Santos Reis que falou em nome da classe operária. A diretoria ficou assim constituída: presidente, Anacleto Campanella; 1º vice-presidente, Antonio Dardis Neto; 2º vice-presidente, Lauro Garcia; secretário-geral, Mario Curvelo; 1º secretário, Dino Gutierrez; 2º secretário, Walter Gonçalves; 1º tesoureiro, Heraldo Sanches e 2º tesoureiro Irineu Camargo;

■ A equipe de basquetebol do São Caetano Esporte Clube sagrou-se campeã do torneio secundário, da Primeira Divisão, patrocinado pela Federação Paulista de Basquetebol. Grande foi este feito, uma vez que por força de interdição de sua quadra, tiveram os rapazes da rua Perrella que disputar todas as partidas no terreno adversário. Sofreram duas derrotas, ambas no primeiro turno, uma frente à A.D. Floresta e outra para o C.E.da Penha. No segundo turno, lideraram a tabela du-

rante todo o transcorrer, não sendo vencidos uma única vez, apesar de com três prévios frente ao Tietê, Neofor e Penha terminaram o tempo regular empatados para só obter o triunfo na prorrogação. Formaram o conjunto campeão: Jaime Pereira, Stefano Halas, Carlos Toloí, Dercio Silva, Ovídio Perrella, Orlando Teti, Lauro Veronesi, e Miguel B. Gonçalves;

■ Continuavam as festas organizadas pela Comissão Feminina do Hospital São Caetano. O último grande sucesso foi o chá beneficente no dia 14 de agosto no Clube Recreativo Jaraguá. A parte artística agradou a todos os presentes. Oferecido por Rafael Luiz foi sorteado um lindo corte de seda, saindo premiada Argemira Morselli. Integraram também os números artísticos Amy Marta Chuster, com números de danças clássicas, Mercedes Déa Aguilla com números de cantos, a menina Maria Francisca Fraissat Paez que executou aplaudidos números de piano, e finalmente Lolita





Cine Max, propriedade da família Lorenzini, localizado na avenida Conde Francisco Matarazzo, foi palco de grandes reuniões pró-movimento autonomista em 1948

Rodrigues, a mais bela voz colegial, artista da rádio Difusora, que mereceu repetidos aplausos dos que lotaram o Clube Recreativo Jaraguá;

- Os cines Max e Parque anunciavam para o dia 8 de agosto os seguintes filmes: *Paixão Selvagem*, com Dana Andrews, Brian Danely e Suzan Hayward, e *Carta de um Veterano*, com Donald Barri e Ruth Terry e anunciavam para o dia 22 de agosto o filme *A Grande Valsa*, com Fernand Gravet, Miliza Korjus e Luiz Rainer, e para o dia 24, *Adeus Pampa Mia*, com Alberto Castilhos.

SETEMBRO DE 1948 - Este mês começava bem os autonomistas de São Caetano com a aprovação da realização de um plebiscito já era quase um fato consumado, pois em sessão realizada na Assembléia Estadual, a Comissão de Estatística favorável à autonomia de São Caetano foi aprovada por cinco votos contra um. Votaram com São Caetano os deputados Cunha Bueno, Queiroz

Teles, Porfírio da Paz, Paulo Lima e Joviano Alvim. O primeiro orador a se ocupar da autonomia de São Caetano foi o relator deputado Décio de Queiroz Telles que leu seu relatório sobre o processo. Examinando de início se os requisitos exigidos pela Lei Orgânica do Município haviam sido cumpridos, concluiu o relator afirmativamente frisando que São Caetano preencheria as condições mínimas exigidas para sua elevação a município. Arrolou a seguir as razões que Santo André apresentou em contradição ao desejo de São Caetano, examinou a réplica que a Sociedade Amigos de São Caetano enviou, refutando as acusações de Santo André e que, em face da lei concedia o plebiscito a São Caetano de vez que este preencheu as formalidades. Falando em seguida, os deputados Joviano Alvim, Vicente de Paula Lima e Porfírio da Paz acompanharam o parecer do relator enquanto o deputado Euclides de Cas-

tro Carvalho pronunciou-se desfavoravelmente. Por último manifestou-se o deputado Cunha Bueno, despedido então de sua qualidade de presidente. Falando como membro da comissão o deputado Cunha Bueno apresentou um voto em separado, declarando-se favorável ao parecer do relator. O voto do deputado Cunha Bueno, classificado por Paula Lima, como luminoso foi em verdade uma peça de fôlego e da mais alta relevância. No dia 16 de setembro, o *Jornal de São Caetano* estampava a seguinte manchete em sua primeira página, *Haverá Plebiscito em São Caetano*, pois dois dias antes, a maioria esmagadora da Assembléia Legislativa votara à favor da autonomia. O resultado de 40 a 10 na votação final não deixara dúvidas, e a população comemorou condignamente o primeiro passo dado em direção à autonomia. O povo festejou já em frente ao Palácio 9 de Julho, onde foram estourados os primeiros foguetes, um grupo de sancaetanenses empunhando numerosas bandeirinhas brasileiras e paulistas prestaram significativa homenagem à Assembléia Legislativa, acenando-as defronte ao velho edifício do Parque D. Pedro.

Em homenagem póstuma ao Senador Roberto Simonsen, falecido em 25 de Maio de 1948, foi inaugurada uma herma no recinto da Cerâmica São Caetano, em solenidade à qual compareceu grande número de pessoas especialmente convidadas. Discursaram na ocasião o engenheiro Urâmes Pires dos Santos, pela Comissão Organizadora, e em nome dos funcionários da Cerâmica São Caetano, Armando de Arruda Pereira, presidente do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo; José Castilho, da Companhia Construtora de Santos; América Pereira e José Francisco Silva, operários da Cerâ-

mica São Caetano; vereador Anacleto Campanella pela Câmara Municipal de Santo André, e o vereador João Dal'Mas pela Sociedade Amigos de São Caetano.

FUTURO - *A Casa Bancária de São Caetano* publicava um anúncio nos seguintes termos: *Pensando no futuro de seus filhos lembre-se que a economia é a base da prosperidade. Não desperdice o fruto de seu trabalho. Ensine seu filhinho a guardar no Cofre do Futuro as pequenas economias que o senhor lhe dá.* A Casa Bancária de São Caetano fornece gratuitamente, atraentes cofres, artística miniatura de um cofre verdadeiro. Este cofrinho depois de cheio deverá ser apresentado à Casa Bancária, onde está a sua chave, para que as somas acumuladas sejam depositadas em Conta Corrente Particular aos juros de seis por cento ao ano. A diretoria da Casa Bancária estava assim constituída: Alberto F. Silva, presidente; Celso W. Marchesan, superintendente; Pompeu Andreucci, diretor-tesoureiro; e Jacob João Lorenzini, diretor-Gerente;

■ No dia 12 de Setembro o Clube Recreativo Jaraguá promoveu com muito sucesso o baile *Noite na Penumbra*, em mais uma festa destinada a angariar fundos para a construção do Hospital São Caetano. O patrono da festa, José Del Chiaro, teve oportunidade de mostrar mais uma vez sua estima por São Caetano e seu povo atendendo prontamente ao pedido que lhe fez a Comissão Feminina. O patrono da festa doou um cheque de cinco mil cruzeiros em favor d Campanha do Hospital São Caetano;

■ No Domingo, dia 12 de Setembro, o São Caetano Esporte Clube derrotou o Votorantin Futebol Clube por 3 a 1. Os quadros foram estes: São Caetano: Auricchio, Mosca e Neno, Bergamo, Ninim e Laurindo, Sulinho, Camargo, Andó, Wilson e Elzo.

Votorantin: Cajú, Orlando, Lazineho, Cói, Volpi e Afonso, Mimosa, Chiquito, Nardinho, Alfredo e Mickey. Gols de Andó, Sulinho e Lazineho(centro) para o São Caetano e Mimosa para o Votorantin;

■ No dia 14 de setembro era inaugurado o Hospital Bartira, sendo a concretização de uma velha aspiração do dr. Souza Voto, sendo construído graças aos seus esforços dedicação e tenacidade. O hospital dispõe das seguintes instalações: duas salas cirúrgicas, uma sala para esterilização e uma sala para curativos. A construção do Hospital esteve sob a responsabilidade dos engenheiros Alberto Campos e Américo Pezzolo;

■ O Grêmio Estudantino da Escola Técnica de Comércio de São Caetano está promovendo um grande concurso que atingirá seu clímax no baile que será realizado no São Caetano Esporte Clube. Trata-se da Rainha da Primavera e as principais candidatas são Edna Bertolacine, Ana Juliaz, Maria Dulce Duarte e Cecília D'Agostine;

■ Em meio à comemoração da vitória alcançada por São Caetano na Assembléia Legislativa, o *Jornal de São Caetano*, recebeu a visita do vereador Aldo Aron, presidente do Clube Aramaçan, de Santo André, congratulando-se pela êxito da campanha autonomista;

■ Os cines Max e Parque anunciavam para o dia 5 de setembro de 1948 o filme *Macaquinho no Sotão*, com Joe Brown e *Fúria no Céu*, com Ingrid Bergman, Lee Bowman e Robert Montgomery, e para domingo, 19 de setembro, *Torna Sorriento*, com Gino Bechi.

OUTUBRO DE 1948 - O mês de outubro chegou, e no dia 24, o povo disse Sim. As atividades dos autonomistas começaram cedo naquele mês, logo no dia 3 de outubro, a *Sociedade Amigos de São Caetano*

dando prosseguimento à sua missão autonomista, fez realizar no Cine Max, mais um comício ao qual compareceram altas autoridades federal, estaduais e municipais. Usaram da palavra o deputado federal Antonio Feliciano, o deputado estadual Gabriel Migliore, o vereador da capital Derville Alegrete e os vereadores sancaetanenses Antonio Dardis Neto, Lauro Garcia e Anacleto Campanella. A maioria dos oradores em seus discursos atacavam diretamente o prefeito de Santo André Antonio Flaquer e o vereador Odilon Conceição, considerados inimigos públicos número um de São Caetano. Isto porque Antonio Flaquer havia sugerido ao vereador Odilon Conceição que enviasse um requerimento à Câmara de Santo André, que resultaria em uma moção ao Presidente da República suplicando-lhe de mandar sustar em quaisquer rincões da imensa Pátria brasileira os plebiscitos porventura determinados para questões semelhantes. O vereador Antonio Dardis Neto concluiu o seu discurso com a seguinte frase: "*Esses senhores estão rogando e imprecando do chefe da nação um ato nitidamente ditatorial um gesto humilhante, traiçoeiro, mortal à nossa remanescente democracia*". Falando sem seguida, o vereador Lauro Garcia, lembrou as lutas que tem travado na edilidade santoandreense, manifestando sua inabalável fé no resultado da votação do plebiscito. Disse o vereador que seu progenitor fora um dos que há 20 anos batalhara pela independência de São Caetano e reafirmou sua disposição em batalhar até o fim da Campanha Autonomista para ser realizado o velho desejo do seu saudoso pai, José Mariano Garcia Junior e do povo desta esquecida terra. O último orador foi o Derville Alegreti, vereador da Câmara Municipal de São Paulo. Falou

da justiça feita pela Assembléia Legislativa aprovando a representação dos sancaetanenses e lembrou ter já firmado seu ponto de vista com relação ao movimento autonomista em palestras radiofônicas e entrevistas que concedeu a jornais, concitando o povo sancaetanense a lutar com destemor pela independência desta terra. Eram aproximadamente 12 horas, quando José Homem de Bittencourt, presidente da *Sociedade Amigos de São Caetano* declarou encerrado o comício e convidou as autoridades a dirigirem-se para uma das salas do Cine Max, onde foi oferecido um *drink* aos presentes.

A reação do prefeito de Santo André, Antonio Flaquer ao Movimento Autonomista era forte e implacável. Ele impetrara mandado de segurança contra a resolução da Assembléia Legislativa que mandara realizar plebiscito em São Caetano, dando provas de que lançaria mão de todas as armas que pudesse para impedir a livre manifestação do povo sancaetanense, justificando-se, ao dizer ter consultado o Tribunal e que este reconheceu ter o prefeito direito de lutar contra a emancipação do distrito.

O edital do juiz da 6ª Zona Eleitoral, Vicente Sabino Jr., determinava para o dia 24 de outubro, o plebiscito, nos seguintes termos: Faz saber a todos os interessados que, de acordo com o que aprovou a Assembléia Legislativa pela resolução CE.122 de 14 de Setembro de 1948 determinando a realização do plebiscito de consulta à população do território compreendido pelas atuais divisas do subdistrito de São Caetano, pertencente ao município de Santo André, Comarca da Capital, e que se pretende seja elevado à Município, foi designada a data de 24 de outubro próximo futuro, para a realização do referido plebiscito.

No dia 9 de Outubro havia encer-

rada a qualificação das pessoas que deveriam votar no plebiscito. Foram qualificados 10.740 sancaetanenses, dentre os quais esperava-se que mais de 9.000 votassem com a cédula branca, respondendo sim ou seja optando pela criação do município de São Caetano.

O povo disse SIM. De acordo com o *Jornal de São Caetano*, o distrito de São Caetano vestiu-se com trajes de festa nesse domingo memorável, que as folhinhas registravam como sendo dia 24 do primavera mês de outubro desse bissexto ano de 1948.

O movimento era intenso na avenida Conde Francisco Matarazzo, local dos debates e conflitos entre as facções do SIM e do NÃO, entre os elementos das chapas Brancas e Pretas. Às 10h15 chegou a São Caetano, Teodomiro Dias, presidente do Tribunal Eleitoral, que percorreu diversas seções eleitorais acompanhando assim pessoalmente o andamento dos trabalhos. Entrevistado por jornalistas, ele declarou: *“Está correndo tudo normalmente, o que acredito acontecerá até o fim do plebiscito, pois confio na consciência cívica do povo desta localidade. Este é o maior de todos os plebiscitos realizados no interior do Estado de São Paulo”*.

Ao meio-dia, em todas as 33 seções de votação, 60% dos alistados já haviam votado, e somente entre duas e três horas da tarde recomeçaram as mesas a terem um pouco de trabalho, sendo que à tarde o eleitorado foi quase totalmente feminino, que teve a facilidade de encontrar os postos praticamente vazios. Era pouco mais de 17 horas quando chegou à São Caetano o deputado Antonio Sylvio da Cunha Bueno. Dirigindo-se ao Cartório da 6ª zona, instalado na sede do São Caetano Esporte Clube, o presidente da Comissão de Estatísticas da Assembléia

Legislativa do Estado conversou imediatamente com o juiz Vicente Sabino Jr. Inteirando-se da liberdade e da ordem imperante e durante a realização do *referendum*. Pouco depois, inúmeros líderes autonomistas, dirigiram-se à sede do São Caetano Esporte Clube, percorrendo em companhia do deputado Cunha Bueno várias seções eleitorais, quase todas um preparativos para o encerramento dos trabalhos. A primeira urna entregue, foi a da 8ª seção, de cuja mesa faziam parte os senhores Mário Bortoleto, presidente; Antônio Giovanni Franzim, 1º mesário; João Tjada, 2º mesário; e onde funcionaram como fiscais os senhores Gino Ricciardi por São Caetano e Fioravante Sgnorelli, por Santo André. O *Jornal de São Caetano* em sua edição de 31 de outubro, conclui a matéria da primeira página com a seguinte frase: *O pleito foi liso, decorreu em ordem, e foi uma lúdima vitória de São Caetano e da democracia.*

AUXÍLIO - Os vereadores do distrito de São Caetano, na Câmara Municipal de Santo André, conseguiram que fosse sancionada uma lei municipal que concedeu ao Hospital São Caetano, um auxílio de Cr\$.250.000,00. E na Assembléia Legislativa, o deputado Waldy Rodrigues apresenta um projeto de lei, abrindo um crédito de Cr\$500.000,00 para a construção do mesmo hospital;

■ O cine Max comemorava no dia 7 de outubro, seu quinto aniversário e os Irmãos Lorenzini anunciavam novos projetos. Construiriam no antigo Bairro Monte Alegre (atual Bairro Santo Antonio) na esquina da rua Amazonas com Maranhão, um cinema que substituisse o cine Parque. Viria a ser o cine Primax, depois cine Colonial, e atualmente transformado em igreja evangélica;



Quermesse no realizada em 1948 no terreno do futuro Hospital São Caetano

■ Foi realizada no dia 17 de outubro, no cine Max, o II Grande Concerto Sinfônico, pela Orquestra de Professores do Teatro Municipal, regido pelo Maestro Armando Belardi. Neste mesmo dia, à noite, o cine Max apresentava o filme, *O circo*, com Mario Moreno, o *Cantinflas*;

■ Dia 11 de outubro foi inaugurado na rua Manoel Coelho, as instalações da agência do *Banco de São Paulo*, o primeiro prédio de São Caetano a possuir serviços de elevadores;

■ Falece Orlando Barile. A família dispensa flores e coroas, e oferecem Cr\$. 1.931,00 em sua memória para a Sociedade São Vicente de Paulo para distribuição aos pobres de São Caetano de ambas as igrejas, isto é, Igreja Matriz e Igreja Velha. Orlando Barile era filho de Antonio e Maria Barile, e deixa os filhos Norberto e Ana Maria;

■ *O jornal de São Caetano* publicava na edição de 31 de Outubro de 1948, após a apuração da última urna no Cartório da 6ª zona eleitoral de São Paulo, o resultado final do plebiscito.

NOVEMBRO DE 1948 - Com a realização do plebiscito, e a vitória das chapas brancas do Sim com 8.463 votos a favor e a derrota das chapas pretas Não com 1.029 votos, a atenção agora passaria para os problemas políticos-partidários pois o objetivo próximo seriam as eleições para prefeito e vereadores do novo município de São Caetano do Sul, a serem realizados em março de 1949. Havia muita apreensão em relação ao futuro, pois a maioria desconhecia que os próximos passos políticos só seriam possíveis com a regulamentação de uma matéria chamada Lei Quinquenal, que ainda estava em elaboração pela Comissão de Estatística da Assembléia Legislativa do Estado, cujo prazo fatal para sua promulgação era a da-

ta de 31 de Dezembro de 1948, com grande chances de sua aprovação até 10 de Dezembro. A consequência da promulgação desta lei seria a criação de 65 novos municípios. A única certeza é que São Caetano deveria ser o único município entre os 65 criados que contaria com um número de vereadores superior a 13, possivelmente 21.

Um outro problema político era a situação dos vereadores autonomistas de São Caetano na Câmara de Santo André, renunciar ou continuar era a questão. O dilema imposto a estes vereadores era complexa e só o povo poderia opinar. Na realidade pela disposições legais nada impedia a continuação destes vereadores na Câmara de Santo André.

O problema se estendia às questões moral, política, e financeira. No caso do vereador André Dardis Neto, do PSP (Partido Social Progressista) sua saída não prejudicaria o partido, eis que em seu lugar entraria outro pessepista, o que além disso elevaria o número de votos do seu partido, recandidatando-se por São Caetano novamente. O mesmo

não aconteceria com o PR (Partido Republicano) pois João Dal'Mas e Lauro Garcia se renunciassem, extinguiriam a bancada, pois seus substitutos seriam dois políticos do PDC (Partido Democrata Cristão) ambos anti-autonomistas. Para a UDN (União Democrática Nacional) o problema já não era tão complicado para Anacleto Campanella pois em seu lugar entrara o sancaetanense Oswaldo Giampietro, udenista e autonomista.

Na questão econômica, existia a polpuda renumeração que estes vereadores poderiam auferir na Câmara de Santo André, mas esta não era uma questão relevante face ao conhecimento que os eleitores tinham destes vereadores. O lado moral parecia o mais preocupante, pois por mais representantes que fossem de Santo André, eles eram de São Caetano, e nesta condição deveriam continuar defendendo os interesses do nosso povo em Santo André, uma vez que as entidades que representam a opinião pública de São Caetano manifestaram-se à respeito, ajudando estes vereadores sobre o que

de fato pensa o povo a respeito. Assim, não haveria dúvida de que eles atenderiam o que determinasse o povo que eles representam.

Mas a política tem sua própria dinâmica, e já no dia 17 de novembro, os partidos que formam a coligação autonomista de São Caetano em memorável decisão escolhem definitivamente o Ângelo Raphael Pellegrino para candidato ao cargo de prefeito. Esta coligação partidária era formada pelos partidos: Partido Republicano (PR), Partido Social Progressista (PSP), União Democrática Nacional (UDN), Partido Republicano Paulista (PRP), Partido Trabalhista Nacional (PTN), Partido Democrata Cristão (PDC), que em grande caravana de seis automóveis composta de todos os elementos destes partidos dirigiram-se para a casa do candidato escolhido. Bem recebidos por Pellegrino, os componentes da coligação foram introduzidos em sua residência, onde em nome da coligação, o deputado Gabriel Migliore, comunicou ao Presidente da Sociedade Beneficente Hospitalar São Caetano a decisão tomada pelos partidos. Após a fala do parlamentar petenista, o futuro candidato Pellegrino usou a palavra para dizer que aceitava a candidatura. Esta afirmação foi calorosamente aplaudida. Angelo Raphael Pellegrino disse que caso fosse o vencedor, estabeleceria três pontos principais de trabalho. Primeiro - Organização da nova prefeitura, de maneira nacional; 2º - Harmonização da política local, com a conciliação dos adversários e adeptos da autonomia; 3º - Realizar uma política de boa vizinhança com os municípios limítrofes.

Além destes três pontos, Pellegrino revelou sua intenção de preencher todos os cargos públicos da nova prefeitura mediante concursos

Resultado das 33 urnas				
Zonas	Sim	Não	Nulos	Branco
1. ^a	263	31	2	2
2. ^a	217	34	-	-
3. ^a	290	33	1	1
4. ^a	277	38	-	-
5. ^a	269	31	1	4
6. ^a	288	38	1	1
7. ^a	219	31	2	2
8. ^a	345	47	1	-
9. ^a	261	37	3	-
10. ^a	292	32	-	-
11. ^a	265	34	-	-
12. ^a	230	30	1	2
13. ^a	231	35	1	1
14. ^a	255	21	-	-
15. ^a	267	31	-	2
16. ^a	236	31	2	-
17. ^a	259	31	2	-
18. ^a	258	29	-	-
19. ^a	260	42	2	-
20. ^a	313	36	-	-
21. ^a	207	29	2	1
22. ^a	224	15	1	-
23. ^a	202	27	1	1
24. ^a	245	29	-	-
25. ^a	255	25	1	1
26. ^a	207	17	-	1
27. ^a	196	24	-	-
28. ^a	282	34	1	-
29. ^a	299	48	1	4
30. ^a	351	36	2	1
31. ^a	280	32	1	4
32. ^a	252	20	-	-
33. ^a	218	21	1	-
Resultados Finais				
Pró-autonomia	8.463			
Contra-autonomia	1.029			
Em branco	28			
Anulados	30			
Total	9.550			

públicos, a fim de moralizar a administração pública no nascedouro, expurgando-a de elementos nocivos e improditivos.

HOSPITAL - A comissão popular pró-Hospital São Caetano reiniciava suas atividades, depois de dois meses por motivos de trabalho político em prol do plebiscito. Organizou-se uma nova rifa com valiosos prêmios, cujos números foram vendidos a preços bem populares, ou seja, dois números por apenas Cr\$5,00.

Era a seguinte a relação dos prêmios da rifa: 1º prêmio - Uma geladeira Frigidaire de sete pés; 2º - Um aparelho de rádio de cinco válvulas; 3º - Um corte de linho branco; 4º - Uma linda boneca; 5º - Uma caixa de vermouth Stock;

■ A Panificadora Perrella Ltda., estabelecida à rua Rio Branco, 609, com Bar, Padaria, Confeitaria, Sorveteria e Leitaria, anunciava seus produtos: Pães de todas as qualidades, doces finos e esmerado serviço de bar, além das mais deliciosas especialidades em sorvetes, como cassata, spumone e chantilly;

■ Os cines Max e Parque anunciavam para domingo, 14 de novembro, os seguintes filmes: *Amantes em fuga*, com Gino Becchi e Annete Bach e o filme *O Lobo Solitário no México*, com Gerald Mohr;

■ Com pleno êxito, chegou ao seu término o campeonato interno de bochas de São Caetano Esporte Clube que teve como local a quadra do bar do Momi. As partidas foram realizadas, sempre com regular assistência e com o máximo interesse por parte dos litigantes, em número de 50. Foi a seguinte classificação final dos concorrentes: 1º) Amadeu Garbelotti, com um ponto perdido; 2º) Antonio Garbelotti, com dois pontos perdidos; 3º) Antonio Fiorotti, com três pontos perdidos;

■ No dia 22 de novembro, o São Caetano Esporte Clube jogando em seu estádio derrotou a Associação Atlético Socorrense, de Socorro, por 5 a 2. Os quadros - São Caetano Esporte Clube: Ribeirão, Mosca e Neno, Bergamo, Ninim e Laurinho, Sulinho, Andó, Iube e Elzo. Socorrense: Elio Bahia e Manolo, Nego, Alvaro e Toni, Tite, Claudinei, Macaco, Otávio e Armando. Gols: Iube (três), Elzo (penal), Sergio (contra) e Tite. O juvenil do São Caetano na preliminar foi derrotado pelo Vila

Bela por 2 a 0. Renda Cr\$7.188,00;

- Após uma série de brilhantes vitórias conseguidas frente à vários clubes desta localidade, o Clube Atlético Ipiranguinha da Vila Paula empatou em 1 a 1, frente aos Irmãos Unidos, sagrando-se campeão da série B, do campeonato sancaetanense. Quadro do Ipiranguinha: Mario, Luiz e Miguel, Clodô, Silvio e Hilário, Toba, Dito, João, Alexandre e Força e Luz;
- No dia 23, teve lugar a cerimônia de inauguração do Banco Noroeste em São Caetano, localizado à rua João Pessoa, 33. Estiveram presentes os seguintes diretores da Matriz: Jorge Wallace Simonsen, Leo W. Cochrame, José Alves Teixeira Nogueira, e Antonio Rocha Mattos Filho.

DEZEMBRO DE 1948 - As atenções deste mês voltavam-se para a Lei Quinquenal que seria promulgada pelo Governador do Estado, e que efetivamente criaria os diversos municípios do estado, inclusive o de São Caetano. Os sancaetanenses estavam confiantes pois Adhemar de Barros já se manifestara a favor da criação do município de São Caetano. Além disto, uma emenda contra a elevação de São Caetano a município apresentada pelo deputado Cunha Lima fora derrotada por 41 a 6 votos. Já era certeza que o novo município seria instalado em 1º de Janeiro de 1949, pois a lei foi promulgada sem maiores obstáculos. O problema que afligia os sancaetanenses em relação a emenda supressiva do deputado Cunha Lima era a chamada emenda 104 que manteria São Caetano na condição de 2º subdistrito da cidade de Santo André. A luta estava ganha, ao nome de São Caetano acrescentar-se-ia o complemento do Sul para diferenciar de uma cidade pernambucana. Agora era hora de festejar. Uma comissão foi especialmente nomeada para or-

ganizar os festejos que incluiria uma Missa Campal na parte da manhã, e um desfile escolar, esportivo e cívico pelas principais ruas da cidade e uma sessão solene em local a ser determinado, e da qual seria lavrada uma ata a ser arquivada pelo governo do Estado.

O ano de 1948 chegava ao seu final. No dia 24 de dezembro fora promulgada pelo Governador do Estado, Adhemar de Barros a Lei Quinquenal que criou, entre outras o município de São Caetano do Sul. Em função disto, uma comissão de autonomistas rumou de nossa cidade para o Palácio dos Campos Elíseos, sede do governo estadual. Saudado pelos visitantes, o governador do Estado manifestou a todos sua satisfação em receber a demonstração de carinho que lhe era feita. Depois de hipotecar seu apoio às novas unidades administrativas às quais prometeu o auxílio do Estado, o governador encerrou suas palavras, saudando os munícipes de São Caetano do Sul, e desejando-lhes boas festas.

Coube a Antonio Dardis Neto, em seguida, oferecer ao Governador, em nome da Sociedade Amigos de São Caetano, um cartão de ouro, no qual essa entidade manifestava seu agradecimento pela aprovação do estatuto quinquenal.

De volta à São Caetano, a caravana rumou inicialmente para a Matriz do Bairro Fundação a fim de render graças a Deus pelo sucesso da campanha. A caravana percorreu em seguida todos os bairros de São Caetano, ainda que prejudicada pela chuva que começou a cair pouco depois das quatro horas, assim mesmo o cortejo circulou pelas ruas da cidade provocando vivas de populares e regosijo de quantos viam-na passar. À noite uma grande queima de fogos no centro da cidade dispersou a caravana, pondo fim às celebrações da

promulgação da Lei Quinquenal. Em 1º de Janeiro de 1949, era inaugurada São Caetano do Sul.

SESSÃO - No dia 22 de dezembro foi eleita a Diretoria Municipal Provisória da UDN, em sessão realizada à rua Serafim Constantino, sala 8, com a presença de Miguel de Paula Capalbo. Ficou assim constituída a diretoria da UDN: presidente: Rapaél Pandolfi; 1º vice-presidente: Avelino Polli; 2º vice-presidente: Professor Vicente Bastos, secretário geral: Mário Corvello; 1º secretário: Jayme Barbosa de Mello; 2º secretário José Mambelli; 1º Tesoureiro: Jordano P. S. Vincenzi; 2º tesoureiro: Brasília Rossetti. Conselho: presidente: José Alexandre Rossetti; vice-presidente: Ernesto Gomes; secretário: Jayme da Costa Patrão;

- Os cines Max e Parque anunciavam para o dia 12 de dezembro os seguintes filmes: *O ovo e eu*, comédia com Claudete Colbert e Fred MacMurray, e *O Valentão da Zona* em cinecolor com John Hall;

- A Legião Brasileira de Assistência (LBA) de São Caetano, sob a presidência de Bruna Cassetari Ricci conseguiu da LBA de Santo André a importância de Cr\$.1.000,00 para o Natal das crianças pobres de São Caetano. Os presentes de natal seriam distribuídos às crianças pertencentes às caixas dos Grupos Escolares e às que eram mantidas pela Sociedade São Vicente de Paulo;

- No dia 7 de Dezembro, o Governador do Estado, Adhemar de Barros, promulgou lei que dava denominação de Roberto Simonsen ao Grupo Escolar Cerâmica São Caetano, em homenagem ao saudoso homem público;

- Em 1º de dezembro, o Governador do Estado promulgava a lei nº 200 que dispõe sobre auxílio às entidades de São Caetano. De acordo com

o item 560 será entregue ao Hospital São Caetano Cr\$10.000,00; pelo item 949 caberá à Sociedade Hospitalar de São Caetano Cr\$ 10.000,00; e pelo item 948 recebera a Sociedade Vicentina de São Caetano do Sul Cr\$. 10.000,00;

■ Pingue-Pongue: Estiveram frente à frente no dia 17 de dezembro as turmas do Cruzada Esporte e do Atlético Corinthians de São Caetano, na sede deste último. O Atlético Corinthians levou a melhor na 3ª turma por 100 a 17, cabendo aos cruzmaltinos vencerem o encontro da 2ª turma por 150 a 124. A turma vencedora formou com Mário (40), Vieira (24), Galo (49), Castro (44) e Miami (33);

■ Vítima de lamentável acidente, quando em serviço na General Motors do Brasil, faleceu no dia 13 de Dezembro, o jovem Mario Vallini, filho de Libero Vallini e Eva Vallini. Os funerais realizaram-se no dia 14 de dezembro, saindo o féretro com grande acompanhamento da residência do falecido para o cemitério da Vila Paula;

■ O São Caetano Esporte Clube terminava mal o ano de 1948. Perdeu o jogo decisivo para o Rio Pardo Futebol Clube por 5 a 3, em jogo realizado na cidade de Limeira. Este jogo foi transmitido por várias emissoras de rádio do interior. Quadros: São Caetano: Auricchio, Mosca e Neno, Escova, Ninim e Sergio, Suli-

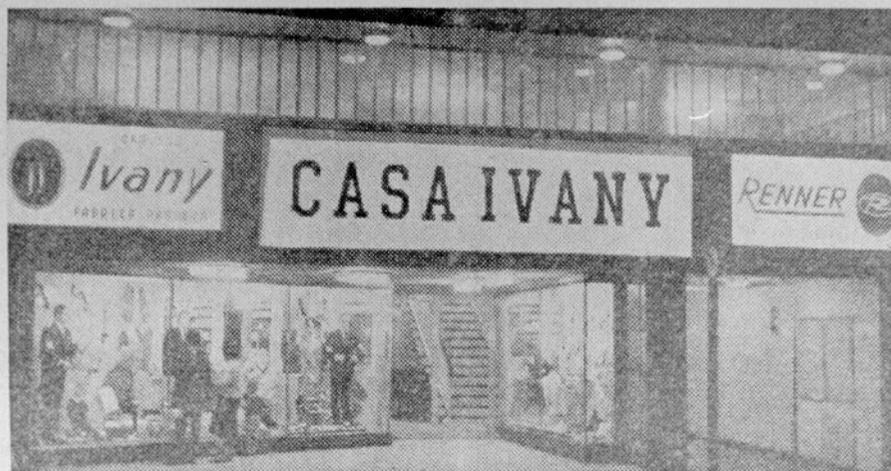
nho, Andó, Iube, Wilson e Elzo. Rio Pardo: Ciasco, Rolando e Orestes, Waldomiro, Totó e Alemão, Luizinho, Mamão e Izidoro, Mandu e Oswaldo. Gols: São Caetano: Iube, Sulinho e Wilson. Rio Pardo: Luizinho (2), Izidoro, Mandu e Mamão. *(As informações contidas neste artigo, foram extraídas da coleção do Jornal de São Caetano de 1948).*

(*) José Roberto Gianello, é sociólogo e assessor da Divisão Cultural da Fundação Pró-

Acervo: Fundação Pró-Memória

ARTIGOS MASCULINOS

(Agora também calçados finos)



Utilize o Cred-Ivany

Rua Amazonas, 540 — Telefone 42-2756
São Caetano do Sul

1962 - Fachada da Casa Ivany, propriedade do autonomista Jordano Vicenzi, fundada na década de 40 e que sobreviveu até os anos 70

Estamos em 1948 : reflexões sobre política e comunicação num ano muito especial

Antonio de ANDRADE(*)

Algo de inusitado parece ocorrer com os anos terminados em oito na história da sociedade brasileira . Nestas datas parece estar concentrada a ocorrência de fatos socialmente determinantes de grandes mudanças. E a coisa vem de longe, antes mesmo de Cabral, que aqui não aportaria não fosse a expedição pioneira e secreta de Duarte Pacheco Pereira à costa do Brasil em 1498. Coisa estranha . Um convite aos aficionados dos estudos cabalísticos. Não é o nosso caso. Ao memorialista cabe o ofício e arte de pesquisar, registrar, relacionar, reconstituir e reproduzir os acontecimentos históricos, apontar os fatos, datas, locais e personagens, facilitando o encaminhamento do raciocínio para que o leitor extraia suas conclusões. Mas, acima de tudo, é obrigação do memorialista ouvir, saber ouvir. Uma verdadeira arte, quase que esquecida. Vamos então aos fatos. É praticamente unânime entre os historiadores a fixação da data em que o Brasil supera sua fase primitiva de colonização e passa a participar do cenário internacional. Tal ocorre a partir de 1808, quando da atabalhoada chegada da família real portuguesa ao Rio de Janeiro, fugindo das tropas de Napoleão Bonaparte e aqui instalando a sede do reino. Junto com o séquito de 15.000 portugueses desembarcam no Brasil alguns ícones da modernidade. Vários já eram conhecidos desde meados do Século XVI e que Portugal privara aos brasileiros: um estabelecimento bancário, uma biblioteca pública, uma escola de nível superior, uma impressora gráfica e um jornal - *A Gazeta do*

Rio de Janeiro - nosso primeiro periódico, uma espécie de Diário Oficial, mas um jornal enfim, hábito de leitura já consolidado nas colônias há mais de século.

Enquanto em 1848, Marx e Engels publicavam o *Manifesto Comunista*, conclamando o proletariado mundial a unir-se em uma classe única, solidária, majoritária e imbatível, no Brasil sequer existiam indústrias suficientes e um número expressivo de operários, que pudesse originar um segmento ativo e representativo de classe ideologicamente organizada. Mais grave, eram os operários, quase todos analfabetos. Convivíamos ainda

com o trabalho escravo, prática internacionalmente condenada e da qual seríamos um dos últimos a nos livrar, isso já no final do século em 1888. **MODERNIDADE** - Apesar do conservadorismo e atraso da elite agrária brasileira o País será empurrado, meio na marra, para a modernidade do Século XX, por interesses que extrapolam as fronteiras nacionais e que estão relacionados ao enorme potencial adormecido que o Brasil sempre apresentou, não apenas como espaço territorial, mas todo aquele potencial ocioso e estratégico que todos estamos cansados de exaltar. Claro que nossa modernidade tardia em nada

Acervo: Fundação Pró-

AQUELES QUE BRILHAM

...com GLOSTORA!

“Uso
GLOSTORA por-
que não dou p’ra
andar arrepiado!”

Oscarito



Atores como Oscarito, maior atração do teatro e cinema em 1948, figurava como garoto propaganda dos produtos de perfumaria da época

O irresistível Oscarito, atração inconfundível do teatro e do cinema nacionais, é mais uma das figuras de primeira linha que atestam publicamente a sua preferência por GLOSTORA. É mais uma afirmação valiosa de que os campeões da popularidade, em todo o Brasil, usam GLOSTORA, o único preparado para os cabelos que é rigorosamente moderno e cientificamente perfeito. Oscarito não anda empastado, nem engordurado. Anda precisamente bem penteado, com a famosa Exatidão-Glostora!

Glostora

um perfume discreto, um penteado correto.

pode ser comparada àquela dos Estados Unidos, do qual já éramos economicamente dependentes desde as últimas décadas do século XIX. Enquanto nossos raros e opulentos protótipos de capitalistas continuavam - alegremente - contando os grãos de café que exportavam ao mundo, acreditando que na rubiácea estava depositado o destino do país, um pouco mais ao norte, Henry Ford já vendia, em 1908, aos milhares e por 850 dólares o automóvel *modelo T*. Mesmo ano em que a *General Motors*, que tanta influência teria no desenvolvimento de São Caetano do Sul, era fundada por William Durant, um ex-fabricante de charretes. Imagenemos se pela cabeça de Durant fluíssem as mesmas idéias e ideais obsoletos do cafeicultor brasileiro: carroças e carruagens aos milhares transportando as grandes massas urbanas mundo afora.

Ou seja, de nada adianta o acúmulo de capital sem um caldo social, político e econômico voltado para o futuro e instituições e agentes políticos que permitam que o processo ocorra. Qual teria sido o futuro da GM (e de São Caetano) se Durant tivesse optado pelas carroças? Pois é, aqui no Brasil optou-se pelo café. Incrível acreditar que nosso atraso médico-sanitário chegasse ao ponto de, em 1918, mais de 35.000 brasileiros (e esta uma cifra oficial) morressem vítimas da chamada *gripe espanhola*. Avançamos muito na cobertura social? Ou teríamos aqui um exemplo, a mais, da incapacidade brasileira de desprender-se daquele processo colonial mal conduzido, gerador de apatia, conformismo, indolência e individualidade, mas que acabou forjando um caráter nacional único e do qual as chamadas elites acabaram se apropriando e tirando - até hoje - partido. Na manutenção destes traços de atraso vislumbravam os poderosos um estilo desejável de equilíbrio social e que os positivistas,

de uma tacada, sapecaram na bandeira nacional: Ordem e Progresso. Uma espécie de tapete de boas-vindas para quem de fora chegasse, tivesse ciência de que por aqui a harmonia universal, buscada por filósofos tantos, estaria alcançada, não por conquista mas por omissão. E assim, já que esta malevolência social atendia aos grandes interesses, o descabro foi sendo assumido e nossas fraquezas folclorizadas como vigor de raça e cultura. Esta interpretação de brasilidade está perfeitamente elaborada na obra síntese da moderna literatura brasileira: *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*, o herói de nossa gente, aquele que levou seis anos da infância para aprender a falar uma única frase: *Ai, que preguiça!* Obra fundamental que o escritor paulista Mário de Andrade publicou em 1928. Quarenta anos após *Macunaíma*, na efervescência da contra cultura juvenil que explode mundo afora, na chamada geração 1968, a obra inspiraria os *tropicalistas* e *neo-oswaldianos* com frases do tipo *é proibido proibir*, para horror da esquerda histórica que defendia o patulhamento estético das artes. Enquanto no mesmo 1928, Mário de Andrade, a contragosto, nos alertava em relação aos efeitos da pretensa irreversibilidade e inevitabilidade deste caráter nacional (ou sua ausência), lá pelos lados de Hollywood, Walt Disney levava pela primeira vez às telas o protótipo do herói norte-americano - este com excesso de caráter - o rato Mickey Mouse. Arquétipo do racionalismo calvinista e capitalista, espécie de ser humano universal, infalível, perfeccionista, adaptador e multiplicador do *american-way-of-life*. Um xerifão de bairro pronto a nos proteger e oprimir. Em outras palavras um completo e autêntico...chato. Saber mais deste estilo de vida idealizado, que vinha dos Estados Unidos, ficaria mais fácil, a partir de novembro de 1928, quando

Assis Chateaubriand colocava nas bancas o primeiro exemplar da revista *O Cruzeiro*, cópia dos semanários norte-americanos que enfatizavam as matérias de comportamento e benesses do mundo moderno. A revista iria revolucionar toda imprensa brasileira, consolidar a posição de Chateaubriand como magnata do maior conglomerado de mídia do Brasil e reforçar uma ideologia liberal, plenamente explicitada no primeiro editorial da revista: *onde se mostrar a virtude, animá-la; onde se revelar o talento aplaudí-lo; onde se empenhar o progresso, secundá-lo*. Evidentemente nem o País, nem as elites econômicas e políticas (a turma do ordem para o povo, progresso para nós) estavam aptas a acompanhar a mente avançada e avantajada de *Chatô*. Impotentes em sua letargia mental e intelectual, cultivaram nossas pretensas lideranças, ódio mortal ao novo que Chateaubriand representou e que poderia frutificar no País. Nas páginas de *O Cruzeiro* os leitores brasileiros acompanhavam, não apenas o que ocorria pelo mundo, mas também os subprodutos das mazelas sociais que pululavam o desconhecido interior brasileiro. Assim, em 1938, a odisséia de Virgulino Ferreira da Silva, *o Lampião*, morto em 28 de julho daquele ano pelas tropas oficiais trazia à tona um Nordeste esquecido da imprensa, desde a campanha de Canudos que acabou no início de 1898. Dos Estados Unidos, pelas páginas de *O Cruzeiro*, vinham notícias que demonstravam o poder crescente das chamadas mídias na vida nossa de cada dia. O mundo caminhava para uma nova guerra, mas o que fazer? Em junho de 1938, nas bancas norte-americanas circulava o primeiro número da revista em quadrinhos do *Super-Homem* e que até hoje - 60 anos passados - pode ser encontrada na banca da esquina.

FENÔMENO - E o rádio? Em Nova

York o menino prodígio Orson Welles, em 30 de outubro de 1938, levava ao ar uma adaptação radiofônica do livro *A guerra dos mundos*. A qualidade do programa foi de tal nível, utilizando todos os recursos técnicos do rádio à exaustão, que parte da população norte-americana foi levada ao pânico, face ao que acreditava ser uma autentica invasão de ETs vindos do planeta Marte. Festa e muitos dólares para psiquiatras e analistas americanos. Especialistas em comunicação estudaram o fenômeno a fundo e a bibliografia sobre a utilização do medo como forma de controle social, passaram a freqüentar gabinetes que não poderiam ser classificados de – digamos –, acadêmicos, como veremos mais para frente.

Mais do que pânico – verdadeiro ódio – tomou conta da pequena população de São Caetano ao saber, em 31 de dezembro de 1938, em meio às comemorações da passagem de ano, que a partir do dia seguinte seria rebaixada à condição de Segunda Zona do Município de Santo André. O ideal emancipacionista, cultivado desde 1928, quando da fundação do Partido Municipal de São Caetano e do *São Caetano Jornal* novamente estava em cheque. Mas neste 1938, em plena vigência da ditadura varguista/fascista do Estado Novo não era prudente protestar. O sonho, mais uma vez, estava adiado. Desta vez por longos 10 anos.

O cenário da política internacional em 1948 não era especialmente estimulante. Os três anos passados, desde o final da Segunda Guerra, não foram suficientes para o desarmamento dos espíritos beligerantes. Pelo contrário, a situação apontava mais para uma nova guerra, agora entre aliados da guerra recém-terminada: Estados Unidos x União Soviética. Pior ainda, vivia-se a expectativa de uma confrontação nuclear, capaz de atingir os mais remotos pontos do planeta, in-

Acervo: Fundação Pró-Memória



Agradavel como a brisa!

Em qualquer parte, a qualquer hora, qualquer pausa com COCA-COLA bem gelada é a pausa que refresca.

COCA-COLA é a preferida de todos, por ser deliciosa e refrescante.

Beba COCA-COLA!



A indústria internacional de refrigerantes, iniciava após a II Guerra, uma invasão no mercado sulamericano

COPYRIGHT 1946. THE COCA-COLA COMPANY
PROPRIEDADE LITERÁRIA E ARTÍSTICA RESERVADA

clusive o pacífico e ordeiro Brasil. Nos corações e mentes persistiam as imagens trágicas do holocausto atômico que atingira Hiroshima e Nagasaki e, em segundos, dizimara mais de 120.000 inocentes. Desde meados do ano anterior vivia-se um quadro de confrontação que começara como uma confrontação ideológica – a guerra fria – mas que parecia estar esquentando dia-a-dia. Anticomunismo - Nos Estados Unidos o Congresso aprovava o ambicioso plano anticomunista do Presidente Harry Truman – a *Doutrina Truman* – uma espécie de cruzada mundial para salvar o mundo das garras do perigo vermelho comandado por Moscou. Em paralelo era colocada em prática uma bilionária estratégia de reconstrução da Europa, o denominado *Plano Marshall*, que segundo Churchill evitaria que a cortina de ferro comunista descesse sobre a Europa. Poucos perceberam, mas neste momento, os EUA estavam

fazendo sua opção de parceria e configuração de um quadro mundial onde a riqueza e qualidade de vida estavam irreversivelmente direcionadas. Neste contexto a pacata e solid(t)ária América Latina foi abandonada para um plano secundário e seu destino de subdesenvolvimento e dependência definitivamente traçado. No balanço final da guerra, os EUA colocaram as fichas nos antigos adversários, como por exemplo Alemanha e Japão. Para nós sobrou Coca-Cola, hot-dogs e brinquedos de plástico. O presidente Dutra adorou e queimou as reservas de dólares, acumuladas durante a guerra, abrindo os portos nacionais para os produtos americanos que revistas como *Seleções* e os filmes de Hollywood popularizaram e transformaram em desejo de posse, status e símbolo de modernidade. Do outro lado da cortina, Stalin acusava o imperialismo yankee de querer estender seus tentáculos sobre toda Europa e assim não

era possível. Em 1948, comunistas e anticomunistas já estavam se pegando na Grécia, Turquia e Coréia. Os soviéticos criam o Cominform (Birô de Informação Comunista) e partem decididos para uma nova estratégia de guerra: a propaganda ideológica. Em julho de 1948 Stalin ordena o isolamento de Berlim, obrigando os EUA a uma enorme operação de ponte aérea para garantir a sobrevivência do setor alemão por ela administrado pelos americanos. Ao mesmo tempo na Checoslováquia os comunistas derrubam o governo, democraticamente estabelecido, e dão início ao processo de stalinização do país. No Oriente Médio mais agitação; em 14 de maio de 1948 é proclamado o Estado de Israel, imediatamente seguido de uma guerra contra os palestinos que duraria um ano, terminando com a vitória de Is-

rael e o êxodo de um milhão de palestinos. Na Índia, mal proclamada a república, tomba assassinado o *mahatma* (líder espiritual) do povo indiano: Gandhi. Na China, Mao Tsé Tung derrotava as derradeiras tropas de Chiang Kaishek e preparava-se para declarar comunista o mais populoso país do mundo. Na África do Sul o Partido Nacionalista conquista maioria no Parlamento e dá início ao mais radical processo de segregação da história: o *apartheid* consolidando o processo de dominação da minoria branca (2 milhões) contra os negros (11 milhões).

DUTRA - Se em 1948, o quadro internacional não era dos melhores, a situação interna no Brasil refletia a modorra do governo do marechal Eurico Gaspar Dutra. Eleito pela coligação varguista representada pelo PTB e

PSD, Dutra chega à presidência após o golpe militar que em 29 de outubro de 1945 depôs Getúlio Vargas e determinou o fim da ditadura do Estado Novo. Nada de radicalismos. Mais um golpe ao estilo brasileiro, já que Dutra fora Ministro da Guerra de Vargas por quase nove anos. Assim, em 2 de dezembro de 1945 os brasileiros foram às urnas para eleger o novo presidente, os representantes à Assembléia Constituinte e sepultar o carcomido Estado Novo. Para um Brasil de 46 milhões de habitantes apenas 7,5 milhões estavam aptos a votar (menos de 17%) o que mostra o quadro de desigualdade social e ausência de representatividade das eleições naquele momento. Dutra receberia cerca de 3,2 milhões de votos, derrotando o Brigadeiro Eduardo Gomes, um remanescente dos ideais tenentistas de 1922, 1924 e 1930. Eduardo Gomes representando a UDN propunha como meta a não-intervenção do Estado nas atividades econômicas, a livre presença do capital estrangeiro no mercado nacional e a total redemocratização do país. O Partido Comunista, pela primeira vez na legalidade, indicou o engenheiro Yedo Fiúza que recebeu pouco mais de 500.000 votos. O carismático líder comunista Luís Carlos Prestes foi poupado para a eleição ao senado onde chegou folgadoamente, além de carregar para a Câmara mais 14 deputados (os candidatos de Prestes como eram conhecidos).

O perfil da IV Assembléia Nacional Constituinte era marcadamente varguista e conservador. Dos 320 parlamentares, 201 eram partidários de Vargas (PSD + PTB), 87 pertenciam à liberal UDN, 15 ao Partido Comunista e o restante estava pulverizado pelos pequenos partidos. Vargas de seu exílio na fazenda de São Borja demonstrou sua força elegendo-se senador e deputado em outros sete Estados. Não exerceu nenhum destes mandatos,

Acervo: Fundação Pró-Memória

Crescendo com o Brasil!

Aparelhando-se para acompanhar o prodigioso desenvolvimento de nossa terra e para atender à crescente procura de seus produtos, a General Motors do Brasil S. A. elevou com recentes obras a área edificada de suas instalações industriais em São Caetano, São Paulo, a um milhão de pés quadrados.

A notável ampliação feita permitirá o emprêgo dos mais modernos métodos de produção e o funcionamento de novas linhas de montagem, a fim de manter, no futuro como até aqui, a honrosa preferência dispensada aos produtos GM.

E assim... continua a General Motors crescendo com o Brasil, para servir ao Brasil!

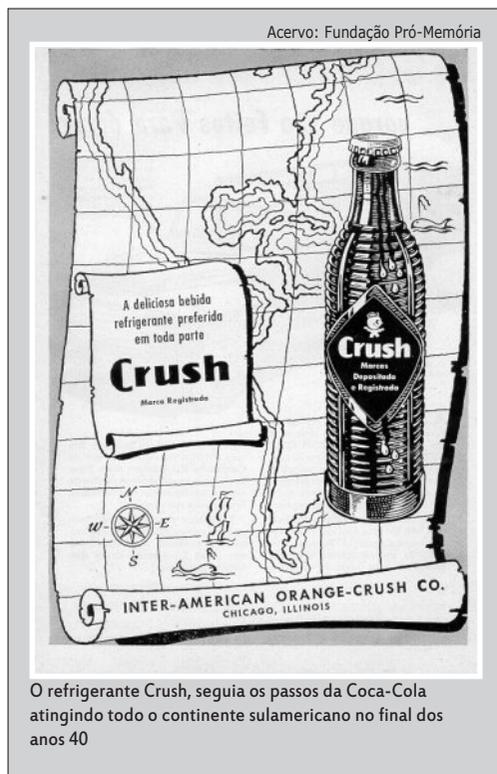
GM DO BRASIL S.A.

General Motors do Brasil S.A.
contribui para o progresso e o bem-estar

Chevrolet
 Cadillac • Buick • Oldsmobile
 Pontiac • Vauxhall • GMC • Bedford
 GM Coach • Frigidaire • Peças e
 Acessórios • GM Diesel

A General Motors do Brasil, desobrigada de fabricar veículos militares, ampliava suas instalações em São Caetano do Sul, em 1948

mas o caminho para o retorno à presidência em 1951 estava aberto. A nova Constituição, assinada em 18 de setembro de 1946, apesar de introduzir componentes liberalizantes, mantinha metade dos brasileiros (os analfabetos) privada do voto. Os partidários de um governo federal forte venceram, a descentralização anterior a 1930 que gerara a política de governadores estava definitivamente encerrada. Dispositivos explicitamente antidemocráticos, como a possibilidade de cassação de políticos e partidos perigosos deixavam brechas para a descaracterização e intolerância que viria logo a seguir. Em síntese, todos os segmentos conservadores e liberais foram contemplados e, mais uma vez, nenhuma mudança institucional mais profunda que viesse a favorecer os setores aliados do poder foi introduzida na Carta Magna. Esta capacidade histórica de mudar os detalhes para manter o essencial foi bem compreendido por Roberto da Mata que em seu livro, *A casa e a rua*, observa que *somos mestres das transições equilibradas e da conciliação (...) que permitem tantos arranjos e determinam tanta imobilidade social e política*. Em janeiro de 1947 acontecem as eleições para os cargos de governador do Estado e deputados estaduais. Em São Paulo vence o ex-interventor no período do Estado Novo: Adhemar de Barros, agora correndo em raia própria com seu PSP (Partido Social Progressista) e com o explícito apoio do Partido Comunista (do qual Adhemar se afastaria já na solenidade de posse). Rejeitado pela oligarquia paulista por sua atuação durante a ditadura do Estado Novo quando ocorreu, entre outros fatos, o confisco do jornal *O Estado de São Paulo*, Adhemar derrotou candidatos de todas correntes partidárias de nível nacional, como Hugo Borghi (PTB);



Mario Tavares (PSD) e o representante do poder econômico paulistano quatrocentão: Antonio de Almeida Prado (UDN). A força eleitoral e econômica de Adhemar era fruto da percepção que teve das alterações ocorridas no quadro econômico e político no Estado de São Paulo durante e posteriormente à Segunda Guerra. Uma nova safra de ricos industriais e comerciantes de origem estrangeira estava espalhada pelo fulgurante interior do Estado, influenciando politicamente nos municípios, ideologicamente descomprometidos da vassalagem aos capitalistas quatrocentões com seus traumas existenciais acumulados desde a derrota pelas armas em 1932. Adhemar não apenas pressentiu o poder desta nova geração econômica ao longo de seu período como interventor no Estado de São Paulo, no período 1938 a 1942, como criou laços políticos fortes direcionando a ação da máquina estatal no sentido de fortalecer a infra-estrutura necessária para agili-

zar os fluxos comerciais das cidades interioranas e espalhar a prosperidade. Novamente era em São Paulo - e não na apenas na capital - que surgia uma novidade política aliada a um capitalismo de estilo concorrencial e de risco. Uma classe política indiferente - na medida do possível - ao parasitismo federal, aquela que Raymundo Faoro denominou de os donos do poder: *os que vivem num universo sem competição, pagos pelo Estado, e sustentados pelos misteriosos laços de simpatia e lealdade pessoais*. Em Santo André (então município correspondendo ao atual Grande ABC) Adhemar ficou com 8.159 votos; Hugo Borghi (candidato de Vargas) com 4.469 e Almeida Prado (-UDN) 295 votos. Para a Assembleia Legislativa os comunistas receberam a maioria dos votos do eleitorado de Santo André (30.673 eleitores), elegendo com 4.041 votos o marceneiro Armando Mazzo, primeiro deputado estadual da Região do ABC e um dos 10 mais votado em todo Estado de São Paulo. Nomes famosos da política local do ABC de então foram implacavelmente derrotados. Os eleitores, na democracia das urnas, vingaram-se dos desmandos e arbítrio da ditadura do Estado Novo. Armando de Arruda Pereira de São Caetano (515 votos), José Flaquer de Santo André (326 votos) e o ex-interventor em Santo André durante sete anos, o todo poderoso José Carvalho Sobrinho, apenas 425 votos. Humilhado nas urnas, o interventor municipal pede exoneração do cargo, não sem antes tentar uma manobra junto ao governo federal, pleiteando que a Região fosse transformada em área de interesse militar, impedindo desta forma a realização das eleições municipais marcadas para 9 de novembro de 1947. Carvalho Sobrinho, político hábil, percebera no resultado das urnas

o que vinha pela frente. A eleição municipal – a primeira após a redemocratização – estava marcada para 9 de novembro de 1947 e os comunistas – agora na ilegalidade – e concorrendo pela legenda do PST (Partido Social Trabalhista) venceriam com folgada margem de votos. Armando Mazzo elege-se prefeito de Santo André (ao qual São Caetano fazia parte) com 6.483 votos (33 %) derrotando: Antonio Flaquer (PDC) Ícaro Sydow (PTB) e Luís Meira (UDN). Na plataforma política de Armando Mazzo constava compromisso escrito com aquela antiga reivindicação da população de São Caetano e registrada no jornal de campanha *Santo André e seus problemas*: autonomia para o distrito de São Caetano e sua elevação a Município. Dos 31 vereadores eleitos 13 eram comunistas, sendo quatro, comunistas de São Caetano: João Sanches, Augusto Corsato, José Benedito Oliveira e Antonio Fabiano Nogueira Júnior. Todos foram diplomados no TRE em 19 de novembro de 1947 com posse marcada para o dia 1 de janeiro de 1948. Logo após a diplomação militantes não-comunistas do PST levantam na justiça eleitora uma polêmica quanto à legalidade da inscrição da chapa comunista. Mais dois partidos PSP e PDC entram com recurso e a pendenga jurídica tramita com inusitada rapidez chegando ao Tribunal Superior Eleitoral. Em 14 de dezembro o *Jornal de São Caetano* publica corajoso editorial com o título *Os eleitos devem ser empossados*. No texto acusava de *injusta e indecorosa a possibilidade de anulação dos votos comunistas, e vai além o saudosos jornal, assinalando que esse atentado nada mais representará que um elo na corrente de atos antidemocráticos da gestão do General Dutra, pois cesteiro que faz um cesto, faz um cento*. O episódio mostra a postura independente e democrática que caracterizava

o jornalismo local naquela época. Um período pouco propício à defesa de políticos contrários ao sistema, quando a caça aos bolchevistas e marxistas tinha se transformado numa espécie de gincana nacional. A lição de moral e integridade que o *Jornal de São Caetano* legou à cidade, bem que poderia ser aprendida pelos publicadores dos pasquins oficiosos que hoje, às dúzias, são distribuídos pelas cidades e cujo conteúdo xucro, na maioria destas publicações, serve apenas para insuflar o monumental ego de políticos demagogos e manter viva a praga jornalística dos chamados *press-releases*. Tais impressos - não vamos classificá-los como jornais, o que efetivamente não são – em nada contribuem para o registro efetivo da história de nossas cidades, inviabilizando qualquer pesquisa séria sobre os acontecimentos municipais no espaço das três últimas décadas. A decisão do TSE em relação aos comunistas eleitos foi polêmica, por quatro votos contra dois decidiu pela inexistência do registro dos candidatos, dando provimento aos recursos impostos pelo PST, PSP e PDC, este último favorecido pela decisão, já que não se tratando de anulação da eleição assumiria o segundo colocado: Antonio Flaquer. Assim foi feito e em 1º de janeiro de 1948 assumiram o novo prefeito Antonio Flaquer e a Câmara Municipal, já depurada dos candidatos comunistas. Nas ruas a repressão policial acabou descambando para a violência dos jatos d'água, tiros, cacetadas e um sem número de prisões. A festa que deveria caracterizar aquele momento histórico e democrático acabou em sangue e lágrimas. A caça aos comunistas não limitou-se a Santo André nem começou aqui. Desde o ano anterior, a Doutrina Truman vinha sendo rigidamente aplicada no Brasil. Logo após o anúncio pelo governo americano, em março de 1947, o que

na prática representou a universalização da guerra fria, o governo Dutra conseguia o cancelamento do registro eleitoral do PCB, a intervenção nos sindicatos e o fechamento da CGT (Confederação Geral do Trabalho). Em setembro Truman vem ao Brasil e os representantes de todos os países latinos assinam o *Tratado de Assistência Recíproca*, autorizando os EUA a intervir onde quer que a paz e a segurança estivessem ameaçadas. Logo em seguida é criada a OEA (Organização dos Estados Americanos) e o Brasil rompe relações diplomáticas com a União Soviética. Os militares brasileiros aproveitam o embalo e criam a *Escola Superior de Guerra* (ESG), inspirada no modelo do National War College, onde seriam desenvolvidos os estudos de uma concepção doutrinária de Segurança Nacional, resultando numa nova postura militar em momentos de crise. Os futuros golpes seriam justificados sob a ótica de preservação da identidade nacional frente ao perigo das doutrinas exóticas que vinham do exterior. Assim seria nas tentativas frustradas de golpes em 1954 (suicídio de Vargas); 1955 (posse de JK) e 1961 (renúncia de Jânio e posse do vice João Goulart). Em 1964, o golpe definitivo viria e cabe lembrar o testemunho do general Cordeiro de Farias, fundador da ESG, referindo-se a 1964: *“Em 1948, nós plantamos carvalhos. Não plantamos couve. A couve floresce rapidamente, mas uma só vez. Os carvalhos demoram, mas são sólidos. Quando chegou a hora, nós tínhamos os homens, as idéias e os meios”*. Finalmente, em 10 de janeiro de 1948, a Câmara dos Deputados, baseando-se naquele obscuro item da Constituição que tratava dos partidos políticos perigosos, declara cassados os mandatos dos parlamentares eleitos pelo PCB. Os comunistas reagem na defesa de seu mandato democrático alegando que, em

sendo eleitos, não representavam qualquer partido mas sim o povo que os elegeu e portanto teriam assegurada a representação até o final daquela legislatura. Não colou. Os 511 mil votos recebidos pelos candidatos de Prestes: João Amazonas, Maurício Grabois, Carlos Marighella, Jorge Amado e outros, foram insuficientes para sensibilizar os demais parlamentares, restando ao combativo comunista nordestino Gregório Bezerra ler o derradeiro manifesto na Câmara em 12 de janeiro de 1948: *saimos empurrados pela reação, mas voltaremos conduzidos nos braços do povo de do proletariado*. Jamais voltariam. Décadas de perseguições e intolerância estavam apenas começando. De Dutra, a quem coube o papel de esquentar a poltrona presidencial para o retorno de Vargas, pouco ficou de destaque e de interesse histórico a não ser a proibição da jogatina, o fechamento dos cassinos, a rigidez no cumprimento dos preceitos católicos e o respeito ao que chamava de o livrinho - a Constituição. Foi, provavelmente, o presidente mais visado pela irreverência popular que criava aos montes piadas a respeito de sua decantada limitação intelectual. É clássica a história de seu encontro com Truman que ao cumprimentar Dutra com um amigável *How do you do, Dutra?*, teria recebido como resposta. *How tru you tru, Truman?*

INDUSTRIALIZAÇÃO - A indústria automobilística nacional, que a partir dos anos 60 iria determinar um novo rumo na industrialização brasileira, com grande impacto junto ao ABC, praticamente dá seus primeiros passos durante o governo Dutra quando do surgimento em 1948 da estatal FNM (Fabrica Nacional de Motores). Na verdade um contrato de parceria com a italiana Isotta Fraschini, para produção de caminhões com 30% de componentes nacionais. No ano seguinte os 200 primeiros caminhões brasilei-

ros estavam nas estradas do Brasil. Uma nova era estava sendo iniciada, o País jamais seria o mesmo com a entrada no mundo da motorização. Muito menos o ABC.

Aquele final da década de 40 marca um período de significantes e importantes alterações no setor das artes e da comunicação em nível internacional, e desta modernidade o Brasil não ficaria de fora. O período do pós-guerra é caracterizado pela firme presença do estilo norte-americano de viver e a consolidação das denominadas indústrias culturais e seus produtos: uma cultura produzida e disseminada segundo os preceitos da expansão do mercado consumidor, da lucratividade e da fácil assimilação pelo público. O êxito de segmentos típicos da indústria cultural naquele momento, como a radionovela, as revistas especializadas na tietagem tipo *Revista do Rádio* e *Radiolândia*, os programas de auditó-

rio e as multidões perfiladas para assistir tanto os musicais e épicos hollywoodianos quanto as chanchadas cariocas, demonstra a presença crescente de um público urbano e uma mentalidade igualmente urbana: racionalista, consumista e ostensivamente burguesa, fermento sem o qual o fenômeno sociológico das massas não se viabiliza. A transição do agrário para o urbano estava iniciada e era irreversível. Com a deposição de Vargas, em 1945, encerrava-se o período repressivo e de censura aos meios de comunicação exercido pelo temido DIP. Os intelectuais abanavam o pó das obras engavetadas por quase uma década e os segmentos capitalistas mais agressivos passam a investir nas artes como uma fonte não apenas de lucro mas, principalmente, de status e prestígio social. Surgem em 1948, o *Museu de Arte Moderna de São Paulo* por iniciativa de Francisco Matarazzo Sobri-

Acervo: Fundação Pró-Memória

*Tão Novo! Tão Moderno!
Tão Lindo!*

Todo o Rádio ZENITH
se distingue pela qualidade do
som e pelo funcionamento.

ZENITH

Rádios INTERNATIONAL
Com *Reprodução Radiônica*
O maior fabricante mundial de aparelhos radiônicos
exclusivamente.

A indústria fonográfica
internacional com
seus móveis
modernos alterava
os hábitos
e costumes dos brasileiros



Em 1948, no cinema brasileiro, surgia a estrela Eliana Macedo. Na foto com Catalano no filme *E o Mundo se diverte*

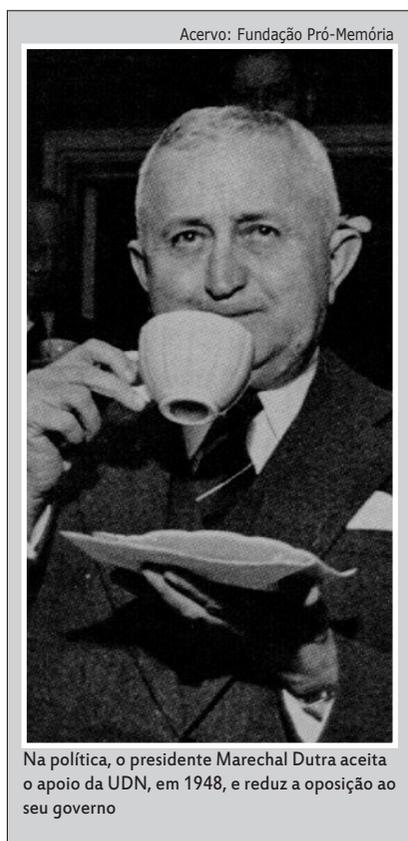
nho e o *Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro* comandado por Nio-
mar Muniz Sodré. Pouco antes, no
ano anterior, Assis Chateaubriand
havia instalado o MASP (*Museu de Arte
de São Paulo*). Em 11 de outubro de
1948 era inaugurado em São Paulo o
TBC (Teatro Brasileiro de Comédia),
iniciativa de Franco Zampari, um ita-
liano cheio de idéias e funcionário do
alto escalão do grupo Matarazzo. O
mesmo Zampari no ano seguinte esta-
ria à frente do frustrado projeto de im-
plantação de uma indústria cinemato-
gráfica brasileira, a *Vera Cruz*, em São
Bernardo do Campo. O cinema brasi-
leiro – mais uma vez – vivia um pe-
ríodo crítico, sufocado pela concor-
rência da produção estrangeira e os al-
tos custos de produção que inviabili-
zavam a disputa pelo mercado (nosso
mercado). Em 1948, apenas 15 filmes
nacionais foram levados às telas, um
alento quando comparado com os 10
filmes de 1946 e os nove de 1947.
Quanto ao conteúdo e qualidade técni-
ca nada capaz de alegrar o mais radi-
cal defensor do cinema pátrio. Predo-
minavam as carnavalescas chancha-
das cariocas estreladas por Oscarito,
Grande Otelo, Dercy Gonçalves, in-

tercalando piadas radiofônicas a um
sem número de marchinhas carnavales-
cas, interpretadas pelo *cast* milio-
nário de cantores e cantoras da *Rádio
Nacional do Rio de Janeiro*. Era esta
emissora a responsável pelo transfor-
mação do rádio brasileiro em fenôme-
no de massa e o surgimento dos fãs
clubes com suas turbas estridentes que
invadiam os auditórios à cata de seus
ídolos. Quem faturava alto com estas
demonstrações de fanatismo popular
era a *Revista do Rádio*, que todo ano
promovia concursos do tipo Rainha
do Rádio, cujos votos eram recortados
das páginas do hebdomadário disputa-
do a tapa nas bancas de norte a sul do
Brasil. Em 1948, antecedendo a anto-
lógica disputa entre Marlene e Emili-
nha Borba nos anos 50, a rainha elei-
ta era Dircinha Batista que arrebatava
o cetro e a coroa logo de quem... da ir-
mã Linda Batista rainha de 1947.
Embaixo do chuveiro e nas vitrolas
rolava muita música brasileira. Em
1948 sucessos inesquecíveis foram: *É
com esse que eu vou* e *Não me diga
adeus*, gravados naqueles pesados e
quebradiços discos de 78 rotações,
que comportavam uma música de ca-
da lado e iam se desgastando no con-

tato com aquelas agulhas que mais pa-
reciam pregos, a ponto de ficar difícil
ao ouvinte distinguir entre música e
chiado. Mas o reinado do vulgo *bola-
chão* estava com os dias contados.
Nos Estados Unidos em 1948 a *Co-
lumbia Records* lançava o primeiro
disco *Long-play* (Lp) feito de vinil e
praticamente inquebrável, possibili-
tando não apenas cinco ou seis músi-
cas de cada lado mas – alvíssaras –
um som de alta fidelidade (hi-fi) -
high-fidelity - capaz de registrar os
mais delicados e sensíveis sons da na-
tureza, como por exemplo a voz sus-
urrante e aveludada de cantores mo-
dernos como Dick Farney, Lúcio Al-
ves e o veterano Orlando Silva. Este
trio João Gilberto não cansava de ou-
vir através do alto-falante instalado na
praça matriz de Juazeiro. Assim,
quando em meados de 1948, aos 17
anos, João Gilberto, resolveu cantar
nos bailinhos de fim-de-semana da
modorrenta Juazeiro, ninguém pode-
ria imaginar que uma revolução na
música popular brasileira estava se
iniciando. O pavarotiano vozeirão de
cantores como Vicente Celestino e
Francisco Alves estava com os dias
contados. De quebra, muitos tímpanos
salvaguardados. Posteriormente viria
o rock, mas não é o caso, estamos tra-
tando de música. Aquele clima de des-
contração do final do Estado Novo
permitiria, em 1948, incursões politi-
camente mais arriscadas como a de
Ari Barroso que do ufanismo estado-
novista de *Aquarela do Brasil* acaba
emplacando sucesso com *Falta um
zero em meu salário*. Para os partidá-
rios dos bolerões mexicanos os suces-
sos do ano tinham títulos estranhos
como *Maria-La-Ô* e *Quizas, quizas,
quizas*. A música norte-americana
ainda não tinha – bons tempos - ocu-
pado o mercado brasileiro - o ouvinte
ainda se importava em entender a le-
tra da música - e quando emplacava
um sucesso era com as grandes or-

questras dançantes. A língua inglesa soava tão compreensível quanto a grega e, canções em inglês, somente quando travestidas na voz daquela incrível criatura luso-brasileira que tanto sucesso fazia nos *States*: Carmem Miranda. Embora soasse meio estranho para os brasileiros ouvir em inglês *Tico-tico no fubá* e *Mamãe eu quero* e ficar sabendo pelo *O Cruzeiro* que Carmem era para os americanos *the brazilian bombshell* - seja lá o que isso significasse - a verdade é que o público orgulhosamente lotava os cinemas para acompanhar o saracoteio da *lady with the tutti-frutti hat*. Em 1948, Carmem Miranda podia ser vista em nossas telas em *Copacabana* onde contracenava com um Groucho Marx, já separado dos irmãos e implacavelmente decadente. Sucesso mesmo faziam os lacrimosos dramalhões italianos, mexicanos e argentinos exibidos nas soirées das moças e que levavam as espectadoras a fluir mililitros de lágrimas, com o desafortunado amoroso e paixões arrebatadoras de astros e estrelas como: Libertad Lamarque, Maria Felix, Ninon Sevilla, Jorge Mistral, Pedro Armendariz, Arturo de Cordoba, Amadeo Nazari. No fundo estes filmes eram como uma extensão das fotonovelas publicadas em *Grand Hotel* e *Capricho* e das, quase que intermináveis, radionovelas como *Fatalidade*, *Renúncia*, *O Direito de Nascer*, que a *Rádio São Paulo* levava ao ar diariamente. Quando a patroa dava uma folga, o ramo masculino do lar corria a sintonizar o humorístico *PRK-30* de Lauro Borges e Castro Barbosa ou as transmissões esportivas da *Rádio Panamericana*, que em 30 de junho de 1948 inaugurava o primeiro gravador profissional do rádio brasileiro, durante a transmissão do jogo amistoso no qual o Corinthians derrotou por 2 a 1 o então poderoso time italiano do Torino. O sonho da repetição dos gols, narrados

com a empolgação única de nossos *speakers*, era agora uma realidade e ampliava as possibilidades do rádio esportivo. O campeão paulista foi o São Paulo Futebol Clube que, naquele 1948, tinha como técnico Vicente Feola, aquela famosa zaga com Bauer, Rui e Noronha e no ataque, nada mais nada menos que Leonidas – o diamante negro – e Ponce de Leon.



A seleção canarinho apresentou-se uma única vez e foi derrotada. Logo por quem? O Uruguai, é claro! Um 4 a 2 premonitório do que viria pela frente na Copa Mundial de 1950. Os mais exigentes, sintonizavam a *Rádio Gazeta* – a denominada *emissora de elite* – que transmitia exclusivamente música lírica e de câmara – quase sempre ao vivo - e com artistas e orquestras próprias da emissora. Comparando com o rádio que é feito hoje, misto de púlpito eletrônico e vitrola

estridente, cabe outra reflexão: evoluímos nestes 50 anos? **MONOPÓLIO** - Se nas telas de todo mundo os filmes norte-americanos eram praticamente imbatíveis nos bastidores dos grandes estúdios, lá nos Estados Unidos, a situação era extremamente complicada. Os grandes magnatas da indústria cinematográfica eram golpeados em várias frentes. A primeira, conduzida pelo Supremo Tribunal Federal, determinava o fim do monopólio dos grandes estúdios em relação às salas exibidoras. Com isso qualquer proprietário de cinema estava livre para escolher os filmes que queria exibir, sem a necessidade de depender de um contrato que o tornasse uma espécie de refém de um grande estúdio e dos pacotes obrigatórios, compostos de poucos êxitos de bilheteria e dezenas de filmes de qualidade duvidosa. Acrescida da concorrência da televisão, que dava seus primeiros passos, o sistema de produção dos grandes estúdios entra em colapso. Pode parecer estranho apontar a televisão no final dos anos 40 como uma concorrente do cinema. Ao contrário do Brasil onde a programação de TV surge como uma espécie de extensão visual do rádio, nos Estados Unidos a TV tem por inspiração e modelo o cinema. Em outras palavras, concorrência direta. No decorrer dos anos 50 este vínculo será determinante, levando o cinema norte-americano a um declínio acelerado, obrigando a busca por inovações (terceira dimensão, som estéreo, cinemascope, cinerama etc.) na tentativa de trazer de volta às salas e aos baldes de pipoca o espectador agora refém da sala de estar. Outra razão para as noites de insônia dos empresários de cinema de longe tinha a ver com dólares. Era um problema ideológico. Mas logo em Hollywood, o templo do padrão de vida afluyente, racionalista e bem comportado do americano padrão? Ocorre

que a dose excessiva de anticomunismo do receituário da doutrina Truman provocou efeitos colaterais imprevisíveis. Fundamentada na crença de que todo império só sobrevive pelo controle da população através do medo e da ameaça do inimigo externo, espalhou-se a histeria e a mídia captou no ar a possibilidade de bons ganhos neste clima mórbido. Estimulada pela imprensa a população norte-americana começou a construir abrigos anti-atômicos no fundo do quintal e treinar a criançada a levar na lancheira junto com hot-dog e coca-cola, máscara anti-gases. O céu também tinha que ser vigiado pois o inimigo poderia vir do espaço - talvez de Marte - aquele estranho planeta avermelhado, cortado por suspeitos canais. Os espertalhões da mídia faturaram alto com os gibis e filmes de ficção. Era só o começo. Em 1948 explode nos EUA a onda dos discos voadores. Tudo teve início quando em julho de 1947 um balão meteorológico acabou caindo numa fazenda próxima da pequena cidade de Roswell no interior do Novo México. Um fato corriqueiro. Diariamente dezenas de balões eram lançados para estudos meteorológicos já que os satélites artificiais ainda não existiam. Como se sabe todo balão que sobe acaba descendo em algum lugar. Pelo radiotransmissor, acoplado ao balão os técnicos, localizavam o local da queda e recolhiam a parafernália técnica para tudo ser reiniciado no dia seguinte. Pura rotina. A coisa ficaria por aí se não ocorresse, a um jornalista mais esperto, pegar o gancho daquela brincadeira radiofônica de Orson Welles, para aumentar as vendas da edição do dia seguinte do jornal local. Com uma manchete do tipo *Força Aérea captura disco voador em Roswell*, a pequena localidade entrava para a história. Pedacos do disco estariam espalhados por todos os lados e os corpos de supostos extraterrestres

de posse do governo. Ninguém viu nada, nenhuma fotografia ou pedaço do tal disco foi recolhido. Só que quando os técnicos chegaram ao local o circo estava montado. A verdade não interessava a ninguém. Cidadãos simples, acuados por jornalistas ávidos de sensacionalismo, passam a dar testemunhos em busca dos tais 15 minutos de fama, que dizem, todos temos direito. Os comerciantes da pacata localidade adoraram quando os milhares de turistas começaram a chegar e engordar os saldos bancários. Cada morador contribuiu em apimentar os relatos e o mico estava nas mãos das autoridades que tinham que dar as respostas. Não o óbvio, mas aquelas respostas que a imprensa sensacionalista sabe que rendem manchetes e pilhas de exemplares nas bancas. Não fatos, mas aquela versão dos fatos que sustentasse a sanha da mídia irresponsável e a incômoda posição dos moradores, ridicularizados pela imprensa séria, que exigia fatos racionalmente comprováveis. Há até quem considere que a brincadeira foi plantada pelo próprio governo norte-americano para estimular o surgimento de um novo perigo, estimulando ainda mais o clima de paranóia e o medo. Até hoje, passado meio século, uma cidade inteira sobrevive, ampliando e recriando a incrível história, a crédulos turistas que consomem livros, reproduções do disco acidentado, bonecos de ETs e uma pretensa (e cômica) filmagem da autópsia de um ET, que levou mais de 40 anos para ser exibida. No Brasil até a *Globo* caiu no conto exibindo a tal autópsia, nada mais nada menos, que no dominical *Fantástico*. E o boneco de plástico acabou virando capa da *Isto É*. Claro que em caso de invasão, acreditavam os americanos, poderiam contar com a reserva moral e os poderes invencíveis de heróis do tipo *Super Homem* que, desde junho de 1938, freqüentava as páginas do *Ac-*

tion Comics. *Batman* viria no ano seguinte, a *Mulher Maravilha* a seguir e a galeria parecia interminável. Mas não era de bom tom levar a sério estes heróis de tinta e papel e, ainda por cima tinha aquela coisa estranha da kriptonita e do comportamento nada discreto do *Robin* nas horas vagas. Era pois conveniente à noite, após as orações, ter à mão o taco de beisebol do júnior e dar uma boa olhada embaixo da cama para ver se não tinha algum comunista – ou extraterrestre – preparando um assédio ideológico. Num clima deste tipo, que foi sendo disseminado mundo afora, o cenário estava montado para o surgimento de políticos oportunistas, ávidos de faturar em cima da credulidade do cidadão americano comum que via seu sonho dourado de viver bem e em paz comprometido. E eles chegaram, e não vinham do espaço. Um nome destacou-se e virou sinônimo deste momento: Joseph McCarthy. Um neologismo – *macartismo* – foi criado para identificar a caça aos suspeitos de desenvolver atividades anti-norteamericanas e que este senador levou a cabo a partir de 1948. O patrulhamento ideológico atingiria toda sociedade norte-americana, inclusive o exército e o governo federal, mas seria nas chamadas indústrias culturais (jornais, revistas, rádio, cinema e televisão) que o estrago seria maior, espalhando suspeitas e produzindo listas negras que levaram ao suicídio, destruição de lares, perda de emprego para milhares de inocentes, principalmente os intelectuais. Hollywood, por sua magnitude e influência, virou alvo preferencial do senador republicano McCarthy e inescrupulosos políticos do segundo time, ambiciosos de poder e espaço na mídia, como Richard Nixon e astros famosos do cinema como Ronald Reagan, Gary Cooper e John Wayne. Todos ganhariam notabilidade ao denunciar, às dúzias, companheiros de

filmagem como sendo simpatizantes de ideologias suspeitas. O até então indiscreto e dócil Walt Disney, conhecido pela produção de quadrinhos inócuos e personagens insossos, largou prancha, lápis e pincéis passando a freqüentar com destaque a generosa folha de pagamento do FBI, na época dirigido pelo esquizofrênico - misto de xerife e travesti - Edgard Hoover. Estranho? Nem um pouco. Não seria o chauvinista Mickey Mouse e aparentados, à quadrinização da ideologia macartista na forma de gente (ou...de rato), com suas enfadonhas lições de moral e defesa dos princípios liberais? Adotado e sustentado pela mídia (sempre ávida por escândalos envolvendo nomes famosos) o marcatismo atingiu tal nível que, no início dos anos 50, a impressão que se tinha era que a sociedade norte-americana estava tomada por comunistas. Com isso grandes nomes do cinema, como Charles Chaplin, são obrigados a fazer o caminho de volta para a Europa, ou ficar e submeter-se aos interrogatórios no Congresso e a situação vexatória de escrever, dirigir, trabalhar utilizando nomes fictícios. Curiosamente alguns destes nomes chegaram a grandes premiações, como o roteirista Dalton Trumbo que em 1956, com o nome fictício de Robert Rich, abocanhou um Oscar e – prudentemente – não foi receber. Chaplin, ao seu estilo, vingou-se realizando em Londres o magnífico *Um Rei em Nova York* (1958) onde retrata com humor e ironia a tragédia que atingiu a sociedade americana, incapaz de desmascarar a farsa e, portanto, tornar-se refém dos patrulhadores.

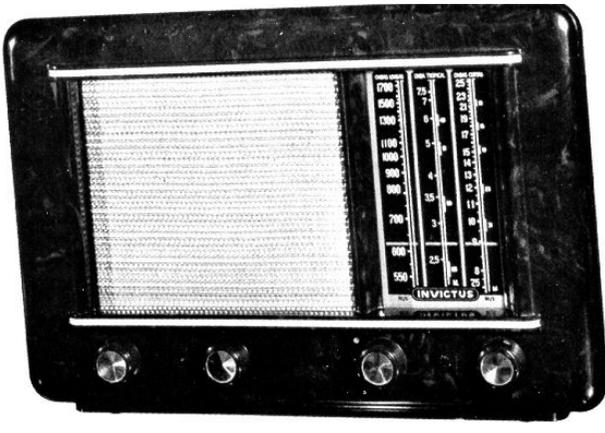
A carreira de McCarthy chegaria ao fim em 1954, quando passou a acusar o Exército e a Casa Branca de estarem infiltrados. Extrapolou no ridículo. Tornou-se vítima da paranóia que criou, acabou descartado pelo sistema, pela mídia que insuflara seu pa-



pel e acabou morrendo de alcoolismo em maio de 1957. O estrago era irreversível. O monstro macartista era muito superior ao seu criador. Macartistas de carteirinha como Nixon e Ronald Reagan chegariam à Presidência nos próximos anos e liberais como os Kennedys teriam aquele trágico e suspeito fim. Deste golpe o cinema norte-americano não iria se recuperar, mergulhando na inocuidade que caracteriza sua produção até hoje. Desprovida da inteligência, a produção americana passa a privilegiar o espetaculoso, apostando no lucro certo de produtos destinados a platéias e mentes ingênuas. Da Europa, mais especificamente da Itália, viria outro golpe pesado na cinematografia americana quando do surgimento de *Ladrões de Bicicleta* dirigido por Vittorio de Sica. O filme, lançado em 1948, faria escola pelo mundo – inclusive no Brasil – impondo uma nova estética, abandonando os estúdios, buscando nas ruas os personagens enredos que retratassem, não mais o sonho

fantasioso de Hollywood, mas as tensas e trágicas situações que o mundo vivia. Em síntese, *Ladrões de Bicicleta* deixava claro que equipamentos sofisticados, artistas glamourosos e montanhas de dólares eram desnecessários para fazer um bom cinema. Bastavam inteligência, coragem e talento. Estes elementos perambulavam pelas ruas da Europa à procura do que fazer e muito a dizer. Esta lição jovens paulistanos, admiradores do bom cinema, como Nelson Pereira dos Santos e Roberto Santos, assimilaram de imediato e, em breve, um novo estilo de fazer filmes no Brasil surgiria: o cinema novo. O impacto de *Ladrões* foi de tal magnitude e o fuzê no cinema norte-americano tão intenso que o filme de Vittorio de Sica, um libelo esquerdista, uma verdadeira negação do estilo *yankee* de fazer cinema, acabou levando para casa, em pleno período macartista, o Oscar de melhor filme estrangeiro. Assim o ano de 1948 entra para a história do cinema como um marco divisor entre o cinema de estúdio e aquele de conotação social. Pena que Zampari e Matarazzo, que naquele ano rascunhavam os planos da Vera Cruz, não tenham assimilado a lição que vinha de seus patrícios e optassem por mergulhar num modelo de cinema que fazia água por todos os lados. Curiosamente, 1948 registra a morte de três nomes fundamentais na história do cinema: o francês Louis Lumière, considerado seu inventor; o americano D.W.Griffith, criador da linguagem cinematográfica e o russo Sergei Eisenstein, mestre da montagem e da decupagem, diretor de um dos mais badalados filmes de todos os tempos: *Encouraçado Potemkin* (1928).

CIBERNÉTICA - Na literatura dois títulos, que a princípio passaram despercebidos, produziram enorme impacto nos anos seguintes. Um pouco conhecido professor do MIT (Massa-



O rádio em 1948 é o maior veículo de comunicação. Este modelo *Invictus* era o mais vendido na época

chusetts Institute of Technology) lança um livro com o estranho título: *Cibernética – Controle e Comunicação entre o Homem e a Máquina*. Surgia pela primeira vez o termo *cibernética* e uma nova ciência voltada a estudar a possibilidade de programação e previsão não apenas de entes mecânicos mas, igualmente, do comportamento humano. A obra lançava novos termos, hoje de uso comum, como *input* e *feedback* e previa a criação de máquinas capazes de pensar e substituir o trabalho humano. A informatização e a robotização da sociedade era pela primeira vez pensada e avaliada cientificamente. Um subproduto deste processo preocupava Wiener: a desvalorização do intelecto e a grande massa de desempregados pelo mundo afora que este predomínio da máquina sobre o homem iria acarretar. Outro visionário, o inglês George Orwell, invertendo os dois dígitos finais de 1948, lança sua obra de ficção *1984*. O livro antecipa uma época perturbadora para a espécie humana: governos totalitários onde os sentimentos – à exceção do medo – estariam abolidos e a memória social, conhecimento subversivo de acesso restrito aos dirigentes, sujeita à uma revisão permanente, com textos sendo rescritos, fotos retocadas fazendo desaparecer os indese-

jáveis e um controle social exercitado, autoritariamente e permanentemente, por minúsculas câmaras de TV. Toda sociedade observada e controlada em nome do *Big Brother* (O Grande Irmão). A obra refletia não apenas a desilusão pessoal do autor com o comunismo que dizimava seus opositores; o macartismo que parecia antecipar uma nova espécie de nazismo e, igualmente, invenções recentes como a televisão e o transistor – este, anunciado em dezembro de 1947 – e que levaria a uma revolução nas comunicações - possibilitando a miniaturização dos até então enormes receptores a válvula. Ciência e ficção apontavam para uma mesma direção, a cruel possibilidade de um mundo onde a liberdade e os direitos do Homem estariam cerceados pelo universo da tecnologia e das comunicações. Uma situação que durante toda vida perturbara outro visionário, o escritor paulista Monteiro Lobato, que apostava nas gerações futuras como elemento propulsor de um Brasil moderno tanto vociferou Lobato, em relação à pasmaceira das oligarquias e políticos brasileiros, que em plena ditadura do Estado Novo foi enquadrado na Lei de Segurança Nacional e acabou na cadeia. Quando em 1948 virou *poeira inteligente* - eufemismo que usava pa-

ra designar a morte – a literatura brasileira ficava privada de um de seus maiores nomes e nossas crianças órfãs de uma mente privilegiada capaz de entendê-las na plenitude da fantasia e da realidade na dose e momentos adequados. Sem paternalismo e sem autoritarismo.

DIREITOS HUMANOS - Neste clima pouco estimulante, quanto ao futuro da humanidade, em 10 de dezembro de 1948, a ONU (Organização das Nações Unidas) aprovava em plenário um dos documentos mais importantes do século: a *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, um texto sem valor legal mas de forte caráter moral e humanista, hoje adotado como referencia na maior parte das Constituições. Instrumento ágil, em apenas 30 artigos, estabelece os direitos naturais de todo ser humano: igualdade perante as leis e liberdade para atingir as necessidades fundamentais: alimentação, educação, trabalho, saúde, habitação, lazer e participação política, entre outras. A tortura e a escravidão são condenadas. Fossem tais princípios respeitados nos últimos 50 anos e por certo este seria um mundo muito mais interessante para se viver.

FRUSTRAÇÕES - É neste contexto contraditório, pleno de avanços e recuos, esperanças e frustrações, alegrias e tristezas, que surge o município de São Caetano do Sul. As conquistas e insucessos que fazem parte de sua breve história, por certo, refletem este quadro essencialmente dinâmico, caótico por vezes e que é a característica marcante desta metade final do século XX.

(*) **Antonio de Andrade, é mestre em Comunicação Social e professor nos cursos de Comunicação Social da Universidade Metodista**

Sociedade Amigos de São Caetano: entidade que liderou a autonomia

Valdenício PETROLI (*)

Acervo: Fundação Pró-Memória

1947 foi o ano decisivo para a autonomia de São Caetano. Duas iniciativas já tinham sido tomadas: a fundação do *Jornal de São Caetano*, em 28 de julho de 1946, que passou a ser o principal divulgador dos ideais autonomistas, e a fundação da sociedade hospitalar, uma antiga reivindicação dos moradores do 2º Subdistrito. Para poder encaminhar o pedido, devidamente documentado, de acordo com a Lei Orgânica dos Municípios, para a Assembléia Legislativa, requerendo a realização do plebiscito, deveriam os autonomistas dar o terceiro e decisivo passo: organizar, juridicamente falando, uma sociedade. Ela seria a sustentação legal dessa reivindicação.

Assim, na terça-feira, dia 2 de setembro de 1947, atendendo a um chamado do *Jornal de São Caetano*, moradores, comerciantes, profissionais liberais e trabalhadores reúnem-se no Clube Comercial, na Rua Santa Catarina, 97, e formam essa sociedade, com o objetivo de propugnar pelo bem-estar social, generalizar o interesse pelos assuntos de ordem coletiva, incentivar o estudo das coisas públicas, aprimorar a consciência cívica de seus associados, e estudar e difundir os meios de elevar os foros de São Caetano. Naquele dia nasce a Sociedade dos Amigos de São Caetano (1).

UNANIMIDADE -A reunião teve início às 21 horas, com a palavra de Luiz Rodrigues Neves, diretor do jornal, que depois da justificativa, solicitou aos presentes que indicassem um presidente para dirigir os



Rua Manoel Coelho com rua Goiás, no início da década de 50

trabalhos. Por unanimidade foi apontado o professor José Bonifácio Fernandes que, por sua vez, indicou Mário Porfírio Rodrigues e Walter Thomé, como secretários. No final, os três seriam eleitos para a primeira diretoria provisória.

A discussão sobre a formação da sociedade foi calorosa naquela noite. Paulo Gonçalves Pereira, um dos presentes à reunião, afirmava que já existia uma sociedade semelhante na cidade. *"Ela foi fundada para tomar a dianteira a um partido extremista que queria fundar agremiação desse gênero"* - afirmou Paulo, acrescentando que a fundação (da primeira sociedade) era "uma contra-ofensiva, pois os lares sancetanenses estavam minados por ideologias estrangeiras". E, finalizou afirmando que era favorável pela sua continuação (2).

Mauro Corvello, diante da expli-

cação, disse que aquela sociedade (a primeira) tinha fins políticos, fato que implicava desprezo à idéia de continuação. Colocando em votação, os presentes resolveram fundar uma nova, mesmo porque, segundo Mário Porfírio Rodrigues, a primeira sociedade não tinha registro em cartório e, portanto, não tinha suporte legal. Antes de encerrar a reunião, foi escolhida uma comissão para elaboração dos estatutos, presidida pelo dentista José Homem de Bittencourt, tendo como membros: Octávio Teggão, Severino Alves Guimarães (diretor do jornal *O Município*), Arlindo Marchetti, Mauro Corvello, José Garrido Lourenço e Walter Thomé.

Ao todo, 33 pessoas assinaram o livro de presença naquela noite, contudo apenas 13 se tornaram líderes autonomistas. São eles: Arlindo Marchetti, Avelino Benedicto Poli,



Palácio dos Campos Elíseos com o governador Adhemar de Barros, reunião para aprovação da Autonomia

Bento Vellanis Regis, Firmino Garbelotti, Idalino Moretti, José Homem de Bittencourt, Jordano Pedro Segundo Vicenzi, José Bonifácio Fernandes, Luiz Rodrigues Neves, Mário Rodrigues, Mauro Corvello, Osvaldo Giarnpietro, Paulo de Oliveira Pimenta e Walter Thomé.

Os demais que abonaram a ata de fundação, mas no decorrer dos acontecimentos abandonaram a causa ou simplesmente ficaram contra a autonomia, os chamados chapa preta, são os seguintes: Accacio Novais, Antonio F. Nogueira, Ditino Laranjeira, Euclides Voltalli, Giacomo Ferreiro, João Relá Filho, José Garrido Lourenço, Leonardo Sperati, Lídio B. Moura, Luiz Flaquer Netto, Otávio Tegão, Paulo Gonçalves Pereira, Rafael Pandolfi, Ricardo Falcheroni, Verino Segundo Ferrari, Vinício Nicolau Ricci, Walter Gonçalves, Walter Scartozoni e Wilson Figueiredo. Justificaram suas ausências: Angelo Raphael Pellegrino, Américo Perrella, Armilindo Franchini e Lauro Garcia.

DIRETORIA – O estatuto da Sociedade dos Amigos de São Caetano foi aprovado em Assembléia Geral no dia 24 de outubro de 1947, exatamente um ano antes do dia da realização do plebiscito que deu a vitória à chapa branca. No dia 11 de novembro de 1947, dois dias depois da realização das eleições municipais, foi realizada a assembléia para escolha da primeira diretoria.(3)

O presidente da diretoria provisória, professor José Bonifácio Fernandes, abriu a assembléia e solicitou aos presentes que indicassem alguém para presidi-la. Por 48 votos, das 59 pessoas presentes à reunião, foi ele mesmo indicado. E depois, nominalmente, foram eleitos os membros que comporiam a primeira diretoria. O vencedor foi o médico José Luiz Flaquer Netto, com 28 votos. Essa pequena votação se justifica pelo fato de ser sobrinho de Antonio Flaquer, que, por diversas vezes, mostrara-se contrário à emancipação do subdistrito. Por outro lado, os autonomistas e as pessoas que se man-

tinham neutras se dividiram durante a votação e não elegeram o presidente de sua confiança.

A primeira diretoria ficou assim constituída: presidente José Luiz Flaquer Netto; primeiro vice, Roberto Gomes Caldas Filho; segundo vice, José Homem de Bittencourt; secretário-geral, Ermelindo Locoselli; primeiro-secretário, Lídio C.Moura; segundo-secretário, João Relá Filho, primeiro-tesoureiro, Benedito Morretti; segundo-tesoureiro, João Barille; e bibliotecário, Hélio Migliori. Para o conselho: Accacio Novais, Faustino Pompermayer, Rafael Luiz, Luiz Rodrigues Neves, Vinício Nicolau Ricci e Paulo de Oliveira Pimenta. Para a Comissão de Contas: Pompeu Andreucci, Jaime B.de Mello e Mauro Corvello(4).

Os eleitos tomaram posse no mesmo dia e até janeiro de 1948 aconteceram poucas reuniões e nada de importante foi tratado durante as reuniões, a não ser uma doação em dinheiro, coletada entre os seus diretores para compra do primeiro saco de cimento para a construção do Hospital São Caetano. Houve um total esvaziamento e algumas reuniões de diretoria nem mesmo chegaram a acontecer por falta de quórum (5).

Esse esvaziamento momentâneo justificava-se, porque 1947 era o ano de eleições municipais. Há quase 20 anos que os eleitores não escolhiam seus representantes municipais. A última eleição ocorreu em 1928, exatamente no ano em que houve a primeira tentativa de emancipação de São Caetano. Durante o período Vargas (1930-1945) não houve eleições e os prefeitos eram interventores municipais indicados pelos interventores estaduais. Somente com a promulgação da Constituição de 1946, foi restabelecido o voto direto para prefeitos e vereadores.

9 DE NOVEMBRO – Em São Caeta-

no havia muitos candidatos a candidato a vereador, em 1947. Por isso, havia muitos jogos de interesse, principalmente na fundação e atuação da Sociedade dos Amigos de São Caetano. Cada um procurava ocupar o seu espaço político e a autonomia era um bom tema para os palanques. A eleição, naquele ano, aconteceu no dia 9 de novembro; os resultados e as conseqüências políticas para os conservadores seriam os mais surpreendentes.

Uma grande reviravolta política estava para acontecer no Município de Santo André, naquele final de ano. Amando Mazzo, do Partido Social Trabalhista (PST), apoiado por Luiz Carlos Prestes, ex-secretário do PCB - Partido Comunista Brasileiro, venceu as eleições.

Antes da sua candidatura a prefeito, Amando Mazzo tinha concorrido a uma vaga na Assembléia Legislativa. Ele foi o primeiro deputado estadual eleito no Grande ABC. Disputou pelo PCB, que tinha sido legalizado em 1945, mas que voltou à clandestinidade, em 7 de maio de 1947, por decisão de três votos contra dois dos ministros do Tribunal Superior Eleitoral. Em conseqüência dessa decisão, Mazzo perdeu o mandato de deputado, junto com Luiz Carlos Prestes que tinha sido eleito senador da República (6).

Diante do novo quadro político, os comunistas abrigaram-se na legenda do PST, agremiação que lançou a candidatura de Mazzo a prefeito de Santo André. Assim, o operário Armando Mazzo foi eleito o primeiro prefeito de Santo André pelo voto direto, obtendo 33 % dos votos válidos. Além do prefeito, o PST elegeu 13 vereadores, sendo o mais votado João Sanches, residente em São Caetano, onde era proprietário de uma pequena indústria no ramo de perfumaria, localizada

no bairro Monte Alegre. O segundo candidato a vereador mais votado foi Ângelo Corsato, que teve sua base eleitoral junto aos trabalhadores da Fábrica de Louças Adelina, de São Caetano (7).

Além dele, mais sete outros candidatos concorreram: Antonio Flaquer, (PDC), que obteve 4.924 votos que ficou em segundo lugar; Icaro Sydow (PTB) - 2.533 votos; Luís Meira (Dissidências e UDN) - 2.476 votos; Nilton Silva (PTN) - 1.367 votos; Antônio Braga (PSP) - 1.222 votos; e Ari Doria (PSB) - 599 votos. Ulisses Martins Pinheiro (PSD) retirou sua candidatura antes do pleito. As abstenções foram de 35,7%, ou seja, maior que a porcentagem dos votos válidos obtidos por Armando Mazzo(8).

Os eleitores inscritos para votar nas eleições municipais de 1947 eram 30.468 em todo o município, assim distribuídos: Santo André (sede) - 15.865, São Caetano (subdistrito) - 10.551, Utinga (subdistrito) - 1.238; Ribeirão Pires (subdistrito) - 979, Mauá (subdistrito) - 965 e Parapiacaba (distrito) - 870.

Os eleitos foram diplomados pelo Tribunal Regional Eleitoral no dia

23 de novembro de 1947. Diversos recursos contendo as mais diversas alegações foram impetrados junto ao TRE requerendo a anulação dos registros dos candidatos pelo Partido Social Trabalhista. A decisão final coube ao Tribunal Superior Eleitoral, na época com sede no Rio de Janeiro (capital) que, por 4 votos a 2, resolveu tornar nulos os registros de todos os candidatos do PST de São Paulo. Esse julgamento ocorreu no dia 31 de dezembro de 1947.

O cancelamento do registro do PST caiu como uma bomba em Santo André, naquela véspera de Ano Novo. No dia 1º de janeiro de 1948, feriado universal e dia de posse na Câmara Municipal de Santo André e em todas as demais Câmaras do Estado, os candidatos de Prestes, vitoriosos, não assumiram os seus mandatos.

No lugar do prefeito eleito Armando Mazzo, seria empossado, naquele mesmo 1º de janeiro, o segundo colocado, Antonio Flaquer, o *Tonico*, responsável pelo Cartório de Registro Civil de São Caetano. No lugar dos vereadores entrariam suplentes de outras agremiações. Dessa forma, pelo subdistrito de São Ca-



tano, foram eleitos 11 vereadores, do total das 31 cadeiras. Os eleitos foram: Antonio Dardis Neto, Anacleto Campanella, Geraldo Benincasa, Nilo Miotto, João Rella Filho, Arnelindo Franchini, João Dal'Mas, Odilon Conceição, Eduardo Ferrero, Verino Segundo Ferrari e Lauro Garcia.

Alfredo Maluf, que depois se tornou um dos líderes autonomistas de São Caetano, e que tinha sido prefeito nomeado pelo Estado Novo em Santo André e nas eleições de 1947, elegeu-se vereador, foi o único que protestou no dia 1º de janeiro pela cassação de Mazzo e dos demais companheiros. Toda a história de Armando Mazzo e as eleições de 1947 estão sendo resgatadas pelo jornalista e pesquisador Ademir Médici.

DECISÃO – O tempo passava e a sociedade nada discutia e nada fazia. E o *Jornal de São Caetano* cobrava: "A solução é a autonomia de São Caetano. Precisamos trabalhar para ela e já podemos contar com um meio de iniciar a campanha. Falamos da Sociedade dos Amigos de São Caetano. A essa entidade será submetida, por proposta do jornal, a autonomia municipal de São Caetano. Esse será o primeiro assunto que nossa folha apresentará para ser discutido pelos órgãos técnicos da Sociedade dos Amigos de São Caetano. Temos certeza que a proposta será aprovada, única decisão compatível com o descortino e capacidade dos homens que compõem a noval entidade"(9).

Luiz Rodrigues Neves, Mário Porfirio Rodrigues e Walter Thomé, respaldados por outros líderes autonomistas, principalmente pelo professor José Bonifácio Fernandes, planejaram a tomada de decisão final. Os diretores do jornal enviaram uma carta à sociedade

solicitando que liderasse o movimento autonomista.

Esse pedido causou muita polêmica entre os diretores da sociedade que, de imediato, convocaram uma assembléia no dia 3 de março de 1948, para melhor apreciar o assunto. Naquela noite, houve muita discussão em torno do assunto. Para presidir a assembléia, mais uma vez foi eleito o professor José Bonifácio Fernandes.



Panfleto "Para Vereador Lauriston Garcia"

Com a palavra, o presidente da diretoria, José Luiz Flaquer Netto que, para ganhar tempo, solicitou que a votação para decidir se a sociedade devia ou não liderar o movimento autonomista deveria ser secreta. De imediato, interrompendo a fala do presidente, Mauro Corvelo, declarou: "A votação deve ser descoberta, para que o povo conheça seus inimigos".

Por sugestão do presidente da Assembléia, professor Bonifácio

Fernandes, a votação é descoberta e a maioria das pessoas presentes decide que a Sociedade dos Amigos de São Caetano deve liderar o movimento em nome dos moradores. Diante da derrota, José Luiz Flaquer Netto solicita, e é aprovada, uma licença de 90 dias do cargo de presidente. Ele não retornaria mais. E a reunião que teve início às 20h30, terminou de madrugada. Naquela noite, os autonomistas deixaram o salão do Clube Comercial satisfeitos, porque o dia do plebiscito estava chegando.

MANOBRA – Para tentar destabilizar o movimento, o prefeito Antonio Flaquer tomou diversas medidas políticas. Primeiro, conversou com os vereadores residentes em São Caetano, principalmente com o jovem Anacleto Campanella, e depois, em audiência com os moradores Avelino Poli e Paulo de Oliveira Pimenta, fazendo-os ver os inconvenientes da separação de São Caetano. Alegava, entre outras coisas, as dificuldades para a criação da comarca, arrecadação, novas melhorias, ao mesmo tempo em que destacava o especial carinho que ele tinha por São Caetano, onde, há 30 anos mantinha o Cartório de Registro Civil.

O prefeito propôs à Sociedade dos Amigos de São Caetano a construção de um centro de puericultura, com local já escolhido; galeria para desvio das águas pluviais para evitar as enchentes no centro; ponte ligando o bairro da Fundação à Vila Alpina; criação de mais seis classes de aulas, com capacidade para 250 alunos no Grupo Escolar Senador Flaquer; doação de uma verba de Cr\$ 100.000,00, além dos Cr\$ 200.000,00 já doados para a construção do hospital; iluminação de diversas ruas; calçamento; rede de água e

esgoto. A proposta do prefeito foi apresentada na reunião do dia 5 de março de 1948 por Paulo de Oliveira Pimenta e rejeitada, sendo um voto favorável a do vereador João Rella Filho que, logo em seguida afastou-se da sociedade.

No dia 12 de março de 1948, também pedia demissão Roberto Gomes Caldas Filho, vice-presidente em exercício da presidência. Assume a direção o dentista José Homem de Bittencourt, o segundo vice-presidente, um ferrenho defensor da autonomia. A partir daquele momento, todas as reuniões seriam preparativas para o plebiscito. Não haveria mais oposição nas reuniões, pelo menos declaradamente.

Pela Lei Orgânica dos Municípios, a localidade para requerer o plebiscito deveria ter urna renda superior a Cr\$ 200.000,00, uma população mínima de 10 mil habitantes e representação assinada por 10% dos moradores do lugar. A solicitação do povo são-caetanense deu entrada na Assembléia Legislativa do Estado em 29 de abril de 1948, e o conseqüente processo tomou o nº 191. Estava assinada por 5.197 pessoas, todas maiores de 18 anos e residentes aqui havia mais de dois anos. Esse abaixo-assinado, encaminhado pela Sociedade dos Amigos de São Caetano, representava 12,97% dos moradores que residiam no subdistrito, pois de acordo com o Departamento Estadual de Estatística a população local era de 40.039, em 1º de janeiro de 1947 (10).

Curiosamente, na medida em que a sociedade ia recolhendo a assinatura dos moradores e, igualmente os documentos necessários para serem encaminhados à Assembléia Legislativa, por motivos de segurança (pois a qualquer momento poderiam cair nas mãos dos chapa-preta) eram



guardados sigilosamente no cofre da Casa Bancária de São Caetano pelo contador, Silvio Fernandes, filho do professor José Bonifácio Fernandes.

24 DE OUTUBRO – Desde as primeiras horas da manhã, havia movimento de pessoas pelas ruas, que aguardavam a hora de votar. Os carros oficiais da Prefeitura de Santo André conclamavam o povo a votar contra a emancipação. Encerrada a votação no dia 24 de outubro de 1948, as mesas coletoras de votos constataram que 9.550 pessoas compareceram para votar, sendo que 8.463, a favor da autonomia; 1.029, contra; 28 votos em branco, e 30 nulos. A Assembléia Legislativa, diante do resultado, aprovou a criação do novo Município e marcou para o dia 1º de janeiro de 1949 a sua instalação. Naquele final de ano a cidade viveu momentos felizes (11).

No dia 28 de novembro de 1948, lançou-se o nome de Angelo Raphael Pellegrino para disputar a elei-

ção para prefeito, o que aconteceria no dia 13 de março de 1949. Pellegrino foi apoiado por uma coligação formada pelos seguintes partidos: UDN, PSP, PSD, PR, PTN, PRP e PSB. A sua plataforma de trabalho era montar um perfeito modelo, harmonizar as correntes de opinião, fazer política de boa vizinhança, admitir funcionários através de concurso, além de melhorias públicas para o futuro município.

No dia 9 de fevereiro de 1949, foi também lançada a candidatura a prefeito do jovem médico José Luiz Fláquer Neto, pelo PTB e PDC. Ele era neto de José Luiz Fláquer, ex-deputado e senador estadual e sobrinho do então prefeito de Santo André, Antonio Fláquer. De seu programa de trabalho constava a Fundação da Casa Popular para construção de 500

moradias para os trabalhadores, mediante o simples pagamento do primeiro aluguel e de um restaurante para fornecer refeições aos operários da cidade. Enquanto ele era apoiado pelo jornal de Santo André - *Borda do Campo* -, o seu adversário, Pellegrino, era apoiado pelo *Jornal de São Caetano*(12)

José Homem de Bittencourt, presidente da Sociedade dos Amigos de São Caetano, que foi um grande batalhador pela autonomia, sonhava ser o candidato natural dos autonomistas, mas as forças políticas na época indicaram Pellegrino. No dia 12 de janeiro de 1949, a sociedade fez nova eleição e José Bonifácio Fernandes foi eleito o novo presidente. Bittencourt, afastou-se da entidade e, meses depois, muito desgostoso por não ter sido indicado candidato a prefeito, transferiu-se para a cidade de Santos, não participando mais de atividades profissionais (ele era dentista) ou política na cidade.

ELEIÇÃO- A primeira eleição ocorreu no dia 13 de março, obtendo Pelegrino, 4.094 votos e Fláquer Neto, 1.017 votos. Foram eleitos também os seguintes vereadores para comporem a primeira legislatura: Geraldo Cambaúva Arlindo Marcheti, Luiz Rodrigues Neves, Oswaldo Massei, Vitória Marcucci, Bento Vellanes Régis, José Lopes Filho, Antonio Dadis Neto, Jordano P.S. Vincenzi, Acácio Novais, Alfredo Rodrigues, Mário Rodes, Lauriston Garcia, Moysés Chaparal, Oswaldo Bisquolo, Conceto Constantino, Jacob João Lorenzini, Arthur Zago, Giacomo Garbelotto Neto, Genésio Carlos Alvarenga e Olga Montanari de Melo.

No dia 3 de abril de 1949, às 15 horas, à rua João Pessoa, 120 na Câmara Municipal foram empossados os eleitos. Antes, porém, foi eleita a Mesa da Câmara que funcionou até o dia 31 de dezembro daquele ano. O primeiro presidente foi Accacio Novais, do PSD; 1º secretário: Moisés Chapeval, da UDN; e 2º secretário: Vitória Marcussi, do PTB. A bancada do Partido Social Progressista, que foi a majoritária nas eleições, não conseguiu eleger nenhum membro da Mesa.

Empossados os componentes da Mesa pelo juiz Plínio Gomes Barbosa, que pronuncia as seguintes palavras: *"Confio a direção do novo Município ao digno presidente da Câmara Municipal e peço a Deus que faça com que este município seja tão próspero para colaborar com todos os outros co-irmãos de nosso querido Estado de São Paulo."* Em seguida, o presidente da Câmara, Accacio Novais, empossou no cargo de prefeito Angelo Raphael Pelegrino.

Durante a cerimônia, vários oradores ocuparam a tribuna, destacando-se Fioravante Zampol, presidente



da Câmara Municipal de Santo André, que ressaltou, ao felicitar os eleitos: *"São Caetano e Santo André, juntos ou separados, seguirão sempre a trajetória progressista, dentro de São Paulo e para a glória do Brasil, porque, na realidade, excluídos os pequenos senões da imperfeição humana e das paixões políticas, no fundo e afinal, Santo André, São Caetano estão com São Paulo como estão com o Brasil."*

Com a instalação do município e conseqüentemente com a posse do novo prefeito, a Sociedade dos Amigos de São Caetano sofreu um esvaziamento. A sua própria existência já não se justifica, uma vez que ela nasceu para liderar a campanha autonomista. Para continuar, teria que mudar seus objetivos, mas isso parece que não entusiasmava os seus sócios. A assembléia marcada para o dia 4 de janeiro de 1950, pelo presidente Fernandes, não aconteceu por

falta de quórum. Numa nova assembléia, marcada 11 dias depois, foi eleito por uma minoria de sócios presentes o novo presidente, Acaccio Novais. Nos anos que se seguiram, pouco se fez, e a Sociedade dos Amigos de São Caetano não sobreviveu nos anos 50.

(Publicado originalmente em *Raízes* 5, pp. 49-53, sob o título Sociedade dos Amigos de São Caetano, a entidade que liderou a autonomia)

Notas

- (1) Atas da Sociedade dos Amigos de São Caetano, 2/9/1947, p. 1.
- (2) idem, p. 2 e seguintes.
- (3) Jornal de São Caetano, novembro de 1947, p. 1.
- (4) Petrolli, Valdenízio.. Surge a Sociedade Amigos. Diário do Grande ABC (suplemento especial). Santo André, 22 outubro 1988, p. 10.
- (5) idem, p. 11.
- (6) Médici, Ademir. Armando Mazzo e o 9 de novembro (trabalho inédito).
- (7) idem.
- (8) Gaiarsa, Octaviano A. A cidade que dormiu três séculos. Santo André, Tipografia Bandeirantes, 1968. 408 p.
- (9) Jornal de São Caetano, 5/10/1947, p. 1.
- (10) Martins, José de Souza. São Caetano do Sul em IV séculos de História. São Caetano do Sul, Rotary Club, 1957, 148 p.
- (11) Petrolli, Valdenízio. São Caetano comemorou 36 anos de emancipação. A Cidade (Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul). Novembro de 1984, p. 10.
- (12) idem.

(*) Valdenízio Petrolli, jornalista e advogado, obteve o título de Mestre em Comunicação Social com a dissertação "História da Imprensa no ABC paulista" (-IMS, 1983). É membro da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), Unido Cristã Brasileira de Comunicação Social (UCBC)

A participação da imprensa na emancipação política

Data de setembro de 1925 a primeira manifestação de autonomia do distrito de São Caetano, realizada por um grupo liderado pelo engenheiro Armando de Arruda Pereira. Para divulgar a idéia emancipacionista, uma vez que a *Folha do Povo* estava comprometida com o governo do coronel Saladino Cardoso Franco, foi fundado o *São Caetano Jornal*, a 15 de janeiro de 1928. O primeiro jornal da cidade justifica a criação do novo município que, na realidade, só veio a concretizar-se em 1948, mas, com a participação efetiva de outro semanário, o *Jornal de São Caetano*. (1)

Com direção e propriedade do jornalista e advogado Raimundo Cyriaco de Carvalho, o *São Caetano Jornal* definia-se como "independente e noticioso". Contava com a colaboração de diversos redatores, destacando-se Armando de Arruda Pereira, Bonifácio Paulino de Carvalho e Olavo de Carvalho. A redação situava-se à rua Rio Grande do Sul, nº 7, e era impresso na Tipografia Paulista, em São Paulo, no padrão standard, em cinco colunas.

Pelas suas páginas, esse jornal convocava a população a alistar-se no Partido Municipal de São Caetano (uma facção do Partido Republicano Paulista - PRP) e a votar nos candidatos a vereador e juiz de paz residentes no distrito, nas eleições municipais de 1928. O jornal acreditava que elegendo a maioria dos vereadores seria mais fácil conseguir através da Câmara Municipal autonomia de São Caetano. Porém, foram inúteis os seus apelos e no dia 15 de janeiro de 1929,

o coronel Saladino Cardoso Franco era reeleito, pela sexta vez, prefeito do Município da Vila de São Bernardo, tendo como vice-prefeito Felício Laurito, do distrito de Ribeirão Pires. (2)

No dia 3 de novembro de 1929, publicava na primeira página uma nota curiosa: "... *que quatro membros do Partido Municipal estiveram em conferência com o chefe de São Bernardo, em sua própria residência, para um acordo! Acordo! Acordo com o chefe de São Bernardo?! Coisa humanamente impossível!(...)*".

O jornal errou: houve um acordo político e a emancipação foi relegada a um segundo plano, pelo menos naquele momento. Aquela foi a última edição do *São Caetano Jornal*.

ARTESANATO – Nenhuma das tentativas de estabelecer jornais no Grande ABC foi bem-sucedida. Desde o primeiro jornal lançado na região, - *O Monitor*, em 1904 - até os dias atuais, apenas cinco sobreviveram mais de 20 anos: *Jornal de São Caetano*, *Diário do Grande ABC*, *Folha do ABC*, *Diadema Jornal* e *A Voz de Ribeirão Pires*. Todos os demais tiveram vida efêmera. Isto se justifica, porque a imprensa artesanal se destaca pelo papel do *diretor-proprietário-faztudo*, que está ligado à atividade jornalística por ideal, orgulho ou tentativa de prestígio pessoal ou status. Esses jornais sempre dependeram da receita proveniente do poder público, quando não estavam a serviço de um determinado grupo político". (3)

Os jornais que circularam em São Caetano e em toda a região, com raras exceções, não tinham nenhum compromisso social e o seu noticiário refletia a estagnação dominante, promovendo "a aproximação entre o jornalismo e a baixa literatura, não sendo raras as poesias e as crônicas de amigos do jornal" e de muitos colaboradores anônimos. Os noticiários social, religioso, político e esportivo tinham seu espaço reservado nos jornais locais, quase sempre em destaque, para atrair a atenção dos leitores, ao mesmo tempo que era uma oportunidade de bajular os chefes políticos de forma vil e avassaladora. (4)

Se o meio não justifica a existência da imprensa, essa não fazia por merecê-la. Os jornais que circularam nas primeiras décadas tinham influência reduzidíssima junto aos seus leitores. Utilizavam-se de uma linguagem prosaica para descrever o noticiário, sem analisar com mais rigor os problemas e provocar o debate entre os seus leitores. A oposição ao governo municipal não era de cunho ideológico; representava uma facção partidária, na disputa pelo poder local. Assim também se comportavam os jornais que passavam para a condição oposicionista, quando deixavam de receber ajuda financeira oficial ou política. (5)

Dentro desse contexto artesanal, ainda na década de 30, tentaram estabelecer-se em São Caetano os seguintes jornais: *O Município* (1931), dirigido por Enoch Barbosa; *O Calado* (1932), folha humorística editada por A.C. Rodrigues; e *Tri-*

buna do Povo, semanário dirigido por Oliveira Guimarães e Fernando Piva. Este jornal foi lançado em 1934 e apoiava a administração do prefeito Felício Laurito.

ANTIGUIDADE – No dia 28 de julho de 1989, o *Jornal de São Caetano* comemora 43 anos de circulação ininterrupta. É o mais antigo semanário do Grande ABC. O seu aparecimento como quinzenário se deu em 1946 e nos dois anos que se sucederam teve papel fundamental na campanha autonomista. A sua fundação se deu a um grupo de jovens constituído por Walter Thomé, Mário Porfírio Rodrigues, Italo Dal'Mas, Luiz Rodrigues, Ettore Dal'Mas (o único maior de idade). Para dar legalidade ao jornal, contaram com a colaboração do jornalista Antonio Domingos D'Angelo Neto, redator do extinto jornal *A Noite*, da Capital. (6)

Com seis páginas, em seis colunas, o jornal traz como notícia principal no primeiro número a história dos primeiros colonos italianos que aqui chegaram, em 1877. A redação provisória estava localizada na rua Rio Branco, 229, e era impresso na Tipografia São Caetano. A partir de abril, o jornal passa a ser dirigido somente por Walter Thomé, Luiz Rodrigues e Mário Porfírio Rodrigues. Como semanário, passa a defender abertamente a autonomia de São Caetano, com a promoção de diversos eventos junto à comunidade local como a fundação do Hospital São Caetano, Sociedade Amigos de São Caetano, quermesses, bailes etc.

A mobilização da opinião pública através do jornal permitia a realização do plebiscito em 24 de outubro de 1948, em que o povo disse "sim". No Natal daquele ano trazia como manchete: "*Oficialmente criado o Município de São Caetano*

do Sul". Assim, o jornal encerrava a sua primeira fase, cujo objetivo principal era a emancipação.

Luiz Rodrigues Neves elege-se vereador, Walter Thomé assume importante função administrativa recém-criada na Câmara Municipal e ambos se afastam da direção do jornal. Em 1951, no seu quinto aniversário, a direção do jornal informa que a tiragem era de mil exemplares, já tendo atingido a cifra de 2.500 e chegaria a 5.000, em 1953. Em 15 de agosto de 1952, passa a ser bissemanário com circulação às quartas-feiras e aos sábados, para facilitar a publicação dos editais da municipalidade.

Em maio de 1953, a *Folha do Povo*, dirigida por Paulo Zingg, que desde o início daquele ano circulava diariamente no Triângulo do ABC, consegue anular o contrato de concorrência entre a municipalidade e o *Jornal de São Caetano do Sul*, que passa por diversas dificuldades, pois a publicidade não cobre os custos de confecção de suas edições. Em 1956, o jornal volta a ser novamente semanário continuando até os nossos dias.

MUDANÇAS – Em janeiro de 1956, Mário Porfírio Rodrigues afasta-se da direção do jornal, e assume a direção Edmundo Guzzo. O jornal passa a ser impresso nas oficinas do jornal *Última Hora*, em São Paulo. O *Jornal de São Caetano* adota as mesmas técnicas de diagramação da *Última Hora*, ou seja, logotipo, título ou matérias contornadas por tarjas coloridas, tipograficamente. Com a paralisação da circulação da *Folha do Povo*, o jornal local volta a publicar os editais da municipalidade.

Em toda a sua história, passaram pela direção diversas pessoas como Silvio Fernandes, Oto Diringer, Hermano Pini Filho, Nicolau Delic,

Oswaldo Nadal, Victor Vitaustas Storunas, Antonio Julio Pedroso de Moraes, João Batista de Toledo, Alécio Strabelli e Alberto do Carmo Araújo. A redação funcionou em diversos lugares, e foi impresso em diversas gráficas, pelo sistema tipográfico ou *off-set*, em diversos formatos e números de páginas. Em 28 de julho de 1962, quando completou 16 anos, o jornal informava que tinha sido constituída a empresa Imprensa Paulista S/A, com sede na rua Aurora, 57, em São Paulo, tendo como diretor presidente, Nicolau Delic e diretor-superintendente, Francisco Cantero Herrada, para imprimir esse semanário. Contudo, o jornal foi impresso apenas alguns anos em sua oficina própria pois, em 1964, Nicolau Delic deixava a sociedade. Atualmente, o jornal tem sede própria à rua Manoel Coelho, 500, 3º andar, e é impresso nas oficinas do jornal *Diário Comércio e Indústria*, na Capital, pelo sistema tipográfico, em seis páginas, tamanho *standard*. (7)

CONTRA A EMANCIPAÇÃO – Como "órgão dedicado aos interesses do município de Santo André e do povo", no dia 9 de julho de 1947, começava a circular em São Caetano o semanário "*O Município*". Era propriedade da Sociedade Editora "*O Município*" Ltda., com sede provisória à rua Serafim Constantino, nº 19, sala 8, Centro. O jornal, com quatro páginas, cinco colunas, era impresso na tipografia Ostrensky, em São Paulo.

A sociedade por quota era presidida por João Roberto Insuela, tendo como vice-presidente Rafael Pandolfi; secretário, Anacleto Campanella; tesoureiro, Antonio de Andrade; diretor do jornal, Severino Alves Guimarães; redator chefe, S.L. Guedes de Souza, e como redatores auxiliares Oswaldo Giampie-

tro, Mauro Couvello, Luiz Lobo Neto e Manuel Cláudio Novais. Com o desenvolvimento da campanha emancipatória os sócios se dividiram contra e a favor da separação de São Caetano.

O presidente da sociedade, João Roberto Insuela e o diretor do jornal, Severino Alves Guimarães, com o pseudônimo de *Oniveres*, iniciaram uma campanha contra a emancipação pelas páginas do *O Município*. Quando o jornal completou um ano de circulação, apenas os dois estavam frente à sociedade que começou a acumular prejuízos, o que levou Insuela a desabafar. "*Note-se que o jornal foi fundado para defender o Município de Santo André. A separação de São Caetano foi posterior à fundação do jornal. Não poderiam os amigos querer que eu, residindo e tendo naquele distrito meus interesses e meu meio de vida, optasse pela luta contra Santo André. Não contando com o apoio do comércio e nem da indústria, recebendo do governo apenas aquilo que era devido à empresa em troca de serviços ganhos em licita concorrência e que, no entanto, é insuficiente para atender às despesas de manutenção, julgamo-nos desobrigados de continuar numa luta inglória, que só aborrecimentos e trabalhos nos tem propiciado*".

Com a edição do nº 65, datada de 2 de outubro de 1948, circulou pela última vez *O Município*. Vinte e dois dias depois acontecia o plebiscito. Em 1948, Severino Alves Guimarães passaria a trabalhar na *Folha do Povo* e, a partir de 2 de fevereiro de 1952, passou junto com José Pereira Martins a redator-chefe do jornal.

PÓS-EMANCIPAÇÃO – O primeiro jornal a circular, depois da emancipação foi a *Folha do Sul*, dirigida

por Teófilo Souza Cavalho, em 5 de maio de 1949. Apoiava Ademar de Barros, líder do Partido Social Democrático (PSD). Com quatro páginas, formato *standard*, a redação funcionava no mesmo local em que se situava o antigo jornal *O Município*.

A Semana, dirigida por Italo Dal'Mas e tendo como redator chefe Névio Dias, apareceu em 30 de julho de 1950, com uma edição especial comemorativa ao 73º aniversário da cidade. E *A Folha de São Caetano do Sul* começou a circular no dia 2 de outubro de 1955. Dirigida por Antonio Dardis Netto, redator-chefe Oto Diringer e secretário, Raimundo da Cunha Leite, apoiava o Partido Trabalhista Nacional - PTN. Apoiava a reeleição de Raphael Pellegrino à Prefeitura; Jânio Quadros a governador e Juares Távora à presidência da República, e não poupava críticas à administração do prefeito Anacleto Campanella. A *Folha* circulou por um ano e os últimos números foram dirigidos por Raimundo da Cunha Leite, que depois seria correspondente local do jornal *O Estado de São Paulo*.

Interessante semanário começou a circular em 4 de abril de 1957, com o nome de *Ibracil*, abreviações da Imobiliária Brasileira Comercial e Industrial Ltda. Dirigido por Fernando Antonio Previato e José Bassetto, pelo Departamento de Publicidade, era distribuído gratuitamente em toda a região, inclusive no bairro de Pinheiros e Centro de São Paulo. Junto ao cabeçalho estampava o logotipo de um índio.

PERFUME – No dia 28 de julho de 1959, quando a cidade comemorava o seu 82º aniversário, surgia um novo semanário: *Jornal do Lar*. O diretor-responsável era Antonio Amaral, redator-chefe Eddie Augusto da

Silva e redatores João Junes de Almeida e João Batistade Toledo. O proprietário era Mário Ferreira, que também era diretor-gerente da *Rádior Cacique de São Caetano*.

A exemplo de experiências realizadas na Europa, no dia 20 de setembro de 1959, para comemorar o início da primavera, o jornal foi impresso com tinta perfumada com extrato fornecido pela Dana, de Tabu. E, em abril de 1960, uma equipe de repórteres, a convite do Serviço de Imprensa da Presidência da República, esteve em Brasília para cobertura de sua inauguração. Foi o único semanário da região que fez cobertura desse acontecimento. Depois de uma fase de prosperidade, o jornal entrou em decadência e os últimos números circularam no início dos anos 70.

ESTABILIDADE – No período entre 1928 a 1959 foi registrado o aparecimento de 14 títulos de jornais em São Caetano, sendo 10 semanários: *São Caetano Jornal*, *O Município*, *Tribuna do Povo*, *Jornal de São Caetano*, *Folha do Sul*, *A Semana*, *A Folha de São Caetano do Sul*, *Ibracil*, *Jornal do Lar* e *Tribuna Nacionalista* -, dois tablóides estudantis - *O Revelador* e a *Folha Acadêmica* -, e um jornal humorístico, *O Calado*. Nos anos 60 e 70 tentasse estabelecer uma imprensa mais estável, com as edições de jornais regulares e contínuas, obedecendo aos padrões e técnicas jornalísticas.

Nessa fase as cidades que compõem a região gozam de uma boa estabilidade econômica e social, com uma população cada vez mais interessada nos problemas locais e desejosas de participação. Essa vida urbana é propícia para as microempresas jornalísticas. "*A renovação dos métodos da imprensa, na forma e no conteúdo, provocou esta imediata reação: maior empe-*



na defesa do patrimônio econômico e valorização do trabalho jornalístico." (8)

Numa análise morfológica, pode constatar-se que após 1960, os jornais procuram dar melhor tratamento ao noticiário, obedecendo a um planejamento visual e valendo-se dos recursos da indústria gráfica. (9) Quase todos os semanários, com rara exceção, são influenciados pela diagramação da *Última Hora*, considerado um dos mais modernos e atuantes na época. Organizam-se as redações em editoriais e adotam o uso de laudas padronizadas. Contudo, nem todos os redatores e colaboradores eram remunerados. Os jornais se utilizavam dessa farta mão-de-obra, não faltando os solertes repórteres, os amigos que prestavam as mais diversas colaborações, em troca de promoção pessoal.

Até mesmo o setor de Publicidade e Propaganda estava em

mãos de pessoas leigas, desprovidas de qualquer conhecimento técnico da área. Tudo era feito de improviso, sendo que na maioria das vezes o redator-colaborador era o próprio publicitário ou vice-versa: "uma publicidade em troca de uma nota social." Nos dias atuais, as chamadas colunas sociais desapareceram da grande imprensa, mantendo-se apenas em jornais locais. Isto porque, de acordo com a nova conduta democrática dos profissionais de jornalismo, entende-se que não se deva reservar um espaço a uma parcela privilegiada da sociedade. A nova visão da imprensa exige que ela seja mais participativa junto à comunidade,

apontando seus problemas e soluções. (Valdenizio Petrolli)

(Publicado originalmente em *Raízes* 2, pp. 14-17, sob o título A participação da imprensa na emancipação política (1928-1959)

Notas:

- 1) BELLUCCI, Renato. Pagine di verità e di vita. Cinquant'anni distoria della popolazioni di São Caetano, 1877 - 28 luglio - 1927, s.e.;
- 2) CALDEIRA, João Netto. Álbum de São Bernardo, São Paulo, Edição da Organização Cruzeiro do Sul - Bentivenga & Netto, 1937;
- 3) BUENO, Wilson da Costa. Caracterização de um objeto modelo conceitual para a análise da dicotomia: imprensa industrial/ imprensa artesanal no Brasil. Dissertação apresentada à Escola de Comunicação e Artes da USP com exigência parcial de Pós-Graduação para obtenção do título de Mestre no Departamento de Comunicação e Ar-

- te, São Paulo, 1977. p.5 a 13;
- 4) MELO, José Marques de. Sociologia da Imprensa Brasileira: a implantação, Petrópolis, Vozes, 1973;
- 5) PETROLI, Valdenizio. A Imprensa no ABC Paulista: primeiros tempos. Cadernos de Pós-Graduação - Comunicação Social - IMS - Centro de Pós-Graduação, SBC, 1983;
- 6) PETROLI, Valdenizio. Imprensa no Grande ABC: do artesanato à indústria. Revista Comunicação & Sociedade, ano V, nº 10, dezembro de 1983, p.23 - Metodista - Cortez - Editora;
- 7) PETROLI, Valdenizio. História da imprensa no ABC Paulista. Dissertação de Mestrado. São Bernardo do Campo, IMS, 1983, 2v;
- 8) BAHIA, Juarez. Jornal, História e Técnica, 3a, ed. São Paulo, Ibrass, 1972;
- 9) KAYSER, Jacques. El Periodico, Estudios de Monologia de Metodologia y de Prensa Comparada. Quito-Ecuador, Ciespal, 1964.



História dos líderes do movimento resgata passado

Yolanda ASCENCIO(*)

No momento em que o Município de São Caetano do Sul comemora 50 anos de emancipação política, nada mais justa e meretória que esta singela homenagem.

Ainda que de forma suscinta e bem distante do merecimento de cada um, vamos lembrar, nestas páginas, aqueles a quem devemos, sem dúvida, a Autonomia de nossa cidade.

Assim sendo, com base na relação oficial de lideranças autonomistas, a Fundação Pró-Memória se pôs a campo, na busca de dados biográficos e fotos que, além de enriquecerem nosso acervo histórico, nos propiciassem a oportunidade deste registro. Sempre com a colaboração valiosa de informantes generosos, nossa pesquisa pôde chegar a resultados satisfatórios, levantando 79 biografias (com fotos) e duas fotos (sem dados biográficos), continuando, em aberto para futuros trabalhos, 14 líderes autonomistas, dos quais não foi possível, ainda, encontrar nenhuma informação.

Na falta de informações, homenageamos, apenas com registro, os seguintes líderes autonomistas: Antonio Ezequiel Feliciano da Silva; Antonio Paulo Silvestre; Avelino Benedito Poli; Clodomiro Gusmão Rocco; Décio de Queiroz Telles; José Porphirio da Paz; Lincoln Feliciano da Silva; Manoel de Moraes; Nicomedes Marcondes; Odette Paschoal; Paulo de

Oliveira Modesto; Pedro Pardo Oller; Sofia Sampaio; Valentim Ignácio da Silva.

Com dados que obtivemos, homenageamos os demais:



ACCACIO SPACHAQUERCIA – Nasceu em 11 de janeiro de 1921, em Mogi das Cruzes. Filho de João Spachaquercia e Maria Augusta Teixeira. Casado com Orlanda Spachaquercia, teve três filhos: Accacio, João e Aparecida. Veio para São Caetano em 1926, com seis anos. Concluiu vários cursos no Senai. Trabalhou na Indústria de Louças Adelinas, Cerâmica Barros Loureiro, como confeccionador de pires. Posteriormente atuou na Cerâmica Matarazzo, Louças Claudia como subchefe geral de produção. Como encarregado de custos e planejamento, trabalhou na Indústria de Bijuterias Signo Artes. Realizações: Fundador da Sociedade Hospitalar de São Caetano do Sul; suplente de vereador (1946) em Santo André pelo Distrito de São Caetano; fundador do Clube de Xadrez de São Caetano; fundador da Sociedade Amigos de São Caetano. Eleito suplente de vereador na primeira legislatura, tendo assumido a vereança por duas vezes; foi presidente do Clube Esportivo Rio Branco (antigo Lázio) recebendo o diploma de sócio Benemérito; foi vice-presidente do América do Sul Futebol Clube. Faleceu em 16 de junho de 1998.



ADHEMAR DE BARROS – Nasceu em Piracicaba, São Paulo, a 22 de abril de 1901, e morreu em Paris, na França, a 13 de março de 1969. Médico e político brasileiro. Interventor, governador e prefeito de São Paulo. Foi casado com Leonor Mendes de Barros.



ALFREDO MALATEUX – Nasceu em 29 de novembro de 1908, no subdistrito de Picaçaguera - Comarca de Santos, filho de Desiree Malateux e Barbara Leone Malateux. Trabalhou na São Paulo Railway (SPR) que ligava Santos à Jundiaí. Casou-se com Palmira Giordano Malateux com quem teve três filhos: Desirée, Aguinaldo e Eden. Faleceu em 24 de abril de 1970.

ALFREDO MALUF – Alfredo Maluf era filho de Abraham Maluf e Essin Ara Maluf. Casou-se com Ana Ferradini Maluf. Teve cinco filhos: Durvalina, Sumaia, Alfredo, Abraham e Adir. Foi o último prefeito nomeado de Santo André. Faleceu em Santo André em 21 de abril de 1951.



AMERICO CAVALLINI – Nasceu em Limeira em 23 de maio de 1894. Filho de Paolo Ferdinando Cavallini e Elda Lucia Cavallini, casou-se com Maria Izabel Boff Cavallini, vindo a residir em

São Caetano em 1923. Formou-se Farmacêutico. Em 1947 foi nomeado diretor-administrativo do Pronto Socorro de São Caetano onde permaneceu até se aposentar. Foi Juiz de Paz, fez parte da Comissão de preços da Prefeitura. Recebeu o título honorífico de Cidadão Sulsancaetanense em 1965. Faleceu em 18 de junho de 1990.



ANACLETO CAMPANELLA – Nasceu em São Caetano, a 14 de julho de 1924. Filho de Miguel e Tereza Campanella

com quem teve três filhos: Marisa, Anacleto e Adalto Cleto. Fez seus estudos no Liceu Acadêmico São Paulo. Exerceu em 1948 o cargo de vereador na Câmara de Santo André. Em 1950 foi Presidente da Associação Comercial de São Caetano do Sul. Em 1952, foi Deputado Estadual. Elegeu-se Prefeito de São Caetano do Sul, por duas legislaturas, na segunda legislatura (1953-1957) obteve 8.293 votos pela coligação CDA (Coligação Democrática dos Autonomistas), na quarta legislatura (1961-1965) obteve 20.782 votos pela coligação PDC e PSD. Faleceu em 18 de Março de 1974.



ÂNGELO RAFAEL PELLEGRINO – Nasceu em 26 de julho de 1891, na cidade de Jaqueira, Pernambuco. Filho de

Francisco Pellegrino e Domingas Masulo Pellegrino, casou-se com Nelly Akesson Pellegrino com quem teve um único filho: Ivo Pellegrino. Diplomou-se Engenheiro Eletrecista, na Suíça. Em 1921, trabalhou na Cerâmica São Caetano,

como gerente. Foi um dos fundadores da Cerâmica Ita Brasil, Lavras Santo Amaro e da Companhia Telefônica da Borda do Campo (CTBC). Em 1962, recebeu o título de Cidadão Sulsancaetanense e em 1974, recebeu o título de Engenheiro do Ano pela Associação de Engenheiros do ABC. Líder autonomista foi Prefeito de São Caetano do Sul, na primeira legislatura (1949-1953) com 4.094 votos pela coligação PR, PSP, UDN, PSD, PRP, PTN e PDC. Faleceu em Cotia no dia 1º de maio de 1990.



ANTONIO CAPARRÓS GUEVARA – Nasceu na Espanha, no dia 1º de novembro de 1904. Filho de Antonio Caparrós Canova e

Antonia Guevara Rodrigues. Em 1912, chegou ao Brasil. Criança, ainda, começou a trabalhar em uma fábrica de vassouras de nome Fracalanza, onde permaneceu durante 10 anos. Em 1929, casou-se com Mariana Morales Salgueiro com quem teve quatro filhos: Flora, Lila, Arlindo e Luci. Com ofício de sapateiro, chegou a empresário, sendo proprietário da Fábrica Floreal. Em 1948 naturalizou-se brasileiro. Em 1961, foi um dos fundadores do Rotary Clube de São Caetano. Fundou também duas lojas maçônicas, uma em São Bernardo e outra em Diadema. Em 1974, foi elevado ao 33 grau, o mais alto da Ordem Maçônica. Em 1991, recebeu o troféu de maçom mais idoso de São Caetano do Sul. Faleceu em 27 de novembro de 1999.

ANTONIO DARDIS NETO – Nasceu em Piraju, no dia 1º de junho de 1906 e faleceu em 1977. Filho de Felipe Dardis e Maria Teresa Dardis. Casado, teve três



coligação PSP e PR.



ANTONIO LOJUDICE – Nasceu em Guaxupé (MG), em 15 de maio de 1907. Filho de Francisco Lojudice e Eugenia Marangone Lojudice. Casou-se com Elza da Silva com quem teve dois filhos: Horácio e Lourdes. Tornou-se grande comerciante no ramo de máquinas de costura. Foi nomeado sub-delegado de São Caetano e manteve um orfanato em Getulina. Faleceu no dia 25 de junho de 1975.



ANTONIO SYLVIO CUNHA BUENO – Baluarte do movimento autonomista de São Caetano do Sul. Foi Deputado Estadual, Presidente da Comissão de Estatística da Assembleia Legislativa e Deputado Federal. Ilustre homem público é reconhecido como o verdadeiro Pai da Autonomia de São Caetano do Sul.



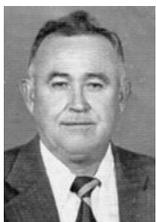
ARLINDO MARCHETTI – Nasceu em 1º de novembro de 1917, em Tatabatinga (SP). Filho de Miguel Marchetti e Albina Valini. Casado com Isolina Zamboni com quem teve duas filhas: Isa Maria e Ana Maria. Era contador das Indústrias Aliberti. Elegeu-se vereador com 88 votos, pela coligação PSP e PR. Seu nome foi dado a uma rua no bairro Olímpico em São Caetano do Sul. Faleceu no dia 12 de junho de 1951.

filhos: Dalila, Italia e André. Era funcionário público. Elegeu-se vereador na primeira legislatura com 299 votos pela



ARNALDO SÍGOLO – Nasceu em São Paulo, no dia 13 de abril de 1915. Filho de Francisco Sígolo e Conceição Previtiera Sígolo. Em

1938, casou-se com Tereza Jordão, com quem teve dois filhos: Sergio Angelo e Deise Angela. Era técnico em Contabilidade. Durante 42 anos, trabalhou na Matarazzo, fábrica de Rayon, com as seguintes funções: Auxiliar Contábil e Fiel de Armazém. Faleceu em 23 de dezembro de 1988.



ARTHUR GARBELOTTO – Nasceu em São Caetano do Sul, em 1905. Filho de Antonio Bernardo Garbelotto e Anna Scartozzoni. Casou-se com Tereza Piccollo e teve

três filhos: Wilma, Oscar e Antonio. Em 1914, quando seu pai se instalava comercialmente com a concessionária da Antarctica em São Caetano, Arthur já trabalhava em uma olaria da família. Amante do teatro e da música clássica, criou o Corpo de Teatro do Esporte Clube São Caetano, ao qual se dedicou durante muitos anos. Em 1938, com o falecimento do pai, abandonou o teatro para assumir os negócios da família. Faleceu com 55 anos, em 7 de fevereiro de 1960.



AURO SOARES DE MOURA ANDRADE

– Nasceu em Barretos (SP), no dia 19 de setembro de 1915. Professor, Advogado e político, foi senador, presidente do Senado, primeiro ministro e embaixador. Afastou-se da política, depois de um período como embaixador do Brasil na Espanha, dedicando-se

à indústria e aos negócios agropecuários. Faleceu em Paris, no dia 29 de maio de 1982.



BENEDITO DE MOURA BRANCO

– Professor e chefe de gabinete do primeiro prefeito Angelo Raphael Pellegrino



BENEDITO MORETTI – Nasceu em São Caetano do Sul, bairro Fundação, no dia 6 de janeiro de 1883. Filho de João

Moretti e Joana Moretti. Trabalhava em olarias. Casou-se com Toscana Farini e tiveram seis filhos: João, Idalino, Mauro, Irene, Maria Helena e Laura. Tocava trompeta na Banda Savoya. Faleceu no dia 23 de setembro de 1952



BENTO VELLANNES REGI – Nasceu na cidade de Sítio do Meio na Bahia, no dia 21 de março de 1923. Filho de Raul Cavalcanti Regis e Francisca Velannes Regis. Casado com Maria de Lourdes Cerqueira Regis. Teve um filho: Carlos Augusto Cerqueira Regis. Trabalhou como balconista numa loja na rua Direita em São Paulo. Foi vereador na primeira

legislatura, com 84 votos pela coligação PTN e POT. Faleceu vítima de câncer, na Bahia no dia 8 de setembro de 1949.



BRUNO BISQUOLO

– Nasceu em São Paulo, no dia 8 de março de 1894. Era casado com Anita Crose, com quem teve três filhos: Osvaldo, Bruna e Heitor. Em 1925,

veio para São Caetano com a família. Em 1930 construiu e instalou a tradicional padaria Bom Gosto na Avenida Goiás, em frente a General Motors do Brasil. Faleceu em 12 de dezembro de 1983.



CARLOS PAEZ –

Nasceu 6 de novembro de 1916, na Villa Hayes, Paraguai. Filho de Juan Celedonio Paez e Maria Francisca

Paez. Chegou ao Brasil no dia 27 de maio de 1927. Casou-se com Odette Fraissat Paez. Teve uma filha: Maria Francisca Paez Junqueira e adotou Maria Amélia Vidal. Foi Bacharel em Ciências e Letras e Cirurgião Dentista. Trabalhou na fábrica de fiação de lã do Moinho Santista em São Paulo; foi técnico textil na Visco Seda do Matarazzo. Atuou como cirurgião dentista. Foi diretor da Sociedade Beneficente Hospitalar São Caetano, membro atuante do Lions Club. Fundou e dirigiu, durante 30 anos, o Clube de Xadrez. Recebeu Título de Cidadão Emérito do Município de São Caetano do Sul. Faleceu em 27 de janeiro de 1994.



CELSO WLADIMIRO MARQUESAN

– Nasceu em Jau Filho de Paulo Marquesan e Josephina Alegro Marquesan. Casou-se

com Elba de Barros Marquesan, tendo dois filhos: Celso Wladimiro Marquesan Junior e Antonio Flávio Marquesan. Em 1935, veio para São Caetano, como funcionário do Banco São Paulo. Onze anos depois articulou a compra de uma casa bancária - Casa Bancária de São Caetano, mais tarde, Banco de São Caetano do Sul S/A. Foi fundador do Clube Comercial, Hospital Nos-

sa Senhora da Pompéia, da Volkar, do Centro Básico de Informática e do Instituto de Ensino de São Caetano do Sul. Recebeu o título de Cidadão Sulsancaetanense. Faleceu em 1978.



CLAUDIO PERRELLA – Nasceu em São Caetano, no dia 9 de agosto de 1920. Filho de Antonio Perrella e Maria Monica Cavassani Perrella. Casou-se com Maria Sanguin Perrella. Teve quatro filhos: Elenice Maria, Neusa Maria, Irani Maria e Marco Antonio. Formou-se em Economia pela Escola Superior de Administração e Negócios e cursou a Escola Superior de Guerra. Foi membro ativo da Associação Comercial e Industrial de São Caetano do Sul, durante 20 anos. Lançou a idéia de fundar o *Jornal de São Caetano*. Faleceu no dia 26 de maio de 1998.



CONCETTO CONSTANTINO – Nasceu no bairro de Santana, São Paulo, no dia 29 de agosto de 1918. Filho de Mathews Constantino e Josephina Masini Constantino. Casou-se com Bruna Bisquolo com quem teve duas filhas: Evely Lucia e Rosely. Fez parte da Fábrica de Artefatos Metalúrgicos Itá Ltda. Foi vereador por quatro legislaturas. Na primeira, com 54 votos, pela coligação PSP/PR; na segunda, obteve 253 votos pelo PTB; na terceira, recebeu 290 votos pelo PTN e na quarta, teve 594 votos, pelo PTN. Faleceu em 8 de janeiro de 1989.

DESIRÉE MALATEAUX – Nasceu em São Caetano do Sul, no dia 21 de dezembro de 1929. Filho de Alfredo Malateaux e Palmira Gior-



dano Malateaux. Casou-se com Wanda Malateaux, com quem teve quatro filhos: Wagner, Marilene, Magali e Mariluci. Aos 16 anos de idade começou trabalhar nas Indústrias Aliberti S/A, fábrica de botões. Por 18 anos trabalhou na Vemag, como sub-gerente de Relações Industriais, e mais 19 anos na Lacta, fábrica de chocolates. Formou-se advogado pela FMU. Atualmente, aposentado na indústria, exerce advocacia.



ERMELINO LOCOSELLI – Nasceu no bairro da Liberdade, São Paulo, no dia 12 de dezembro de 1910. Filho de Sante Locoselli e Maria Genga Locoselli. Casou-se com Helena Locoselli, com quem teve uma filha: Luiza. Trabalhou durante 40 anos nas Indústrias Matarazzo. Foi tesoureiro e presidente do São Caetano Esporte Clube. Recebeu o título de Cidadão de São Caetano. Faleceu no dia 10 de fevereiro de 1990.



ETTORE DAL'MAS – Nasceu em São Caetano do Sul, no dia 8 de fevereiro de 1921. Filho de Vittorio e Antonia Braidó Dal'Mas. Casou-se com Judith Pina Dal'Mas com quem teve duas filhas: Valdirene e Marilda. Formou-se em Administração e Negócios pela ESAN. É diretor da Dal'Mas. Foi primeiro-tesoureiro do *Jornal de São Caetano*. Participou do Conselho da Sociedade Portuguesa de Beneficência de São Caetano do Sul, da qual é sócio remido. Foi suplente de diretor do Sindicato das

Empresas Exibidoras de São Paulo, conselheiro da Ciesp da regional de São Caetano. Recebeu Título Paul Harris da Fundação do Rotary Internacional. Recebeu título de Industrial do ano de 1986 (Ciesp).



FÁBIO VIEIRA DE SOUZA – Nasceu em Bocaina, no dia 18 de novembro de 1927. Filho de José Vieira de Souza e Amabile Maria Dosvaldo. Em 1940, veio para São Caetano. Cinco anos depois formou-se contador na Escola e Comércio 30 de Outubro. Foi o primeiro redator esportivo do *Jornal de São Caetano*. Casou-se com Walkyria Itri, com quem teve quatro filhos: José, Alcione, Adonis e Fábio Filho. Trabalhou na Empresa Fidelidade, na Usina Colombina Ltda. Foi gerente da Casa Bancária São Caetano durante três anos. Em 1968, inaugurou a agência do Banco de Crédito Nacional, tendo permanecido como gerente até 1971. Trabalhou na Financiadora General Motors S/A, como supervisor do Departamento de Crédito. Aposentou-se como Diretor da Organização Ótica Itamarati Ltda.



FAUSTINO POMPERMAYER – Nasceu no dia 7 de setembro de 1910, em Pau Queimado, Piracicaba. Filho de Augusto e Rosina Salla Pompermayer. Casou-se com Archangela Biagi, com quem teve duas filhas: Cecília e Diva. Veio para São Caetano em 1925. Trabalhou na Cerâmica São Caetano, Tecelagem Jafet, Visco Seda Matarazzo. Formou-se em Desenho Técnico, pela Escola Getulio Vargas. Foi proprietário do Escritório de Contabilidade Klai e Pomper-

mayer, da Loja dos Biagi de Armari-
nhos em Geral. Faleceu em 18 de
setembro de 1988.



FERNANDO PIVA – Nasceu em 28 de julho de 1897, na cidade de Pedreiras. Casou-se com Julia Capuzzo Piva. Teve três filhas: Juracy, Jacyra e Jandrya. Em 1924, veio para São Caetano. Era um autodidata. Trabalhou numa fábrica de vasouras. Foi proprietário de um escritório de contabilidade, de uma empresa de transporte, adquiriu a Empresa de Transportes Coletivos Monte Alegre. Atuou também como Delegado de Polícia, Juiz de Paz, Diretor da Coletoria Estadual. Era um apaixonado pelas artes e política. Faleceu no dia 17 de fevereiro de 1964. Seu nome foi dado a uma das escolas de São Caetano do Sul: EMEI Fernando Piva



FIRMINO GARBELLOTTI – Nasceu em São Caetano, no dia 18 de outubro de 1916. Filho de Antonio Garbellotti e Anna Scartozzoni. Casou-se com Pierina Maria Dessordi, com quem teve três filhos: Silvio Antonio, Luiz Carlos e Maria Lucia. Formou-se em Contabilidade na Escola 30 de Outubro. Sempre trabalhou na distribuidora dos produtos Antarctica em São Caetano do Sul, de propriedade da família. Faleceu em 31 de maio de 1991.



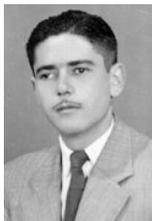
GABRIEL MIGLIORI – Foi Deputado Estadual, membro da Comissão de Estatística da Assembleia Legislativa, em 1948.

GERALDO BENINCASA – Nasceu

em Paraguaçu Paulista, no dia 1º de setembro de 1919. Filho de Achiles Benincasa e Olivia Ramos Benincasa. Casou-se com Matilde Scartozoni com quem teve dois filhos: Geraldo José e Maria de Lourdes. Era contador. Foi subdelegado de Polícia em São Caetano do Sul, integrou o escalão da FEB na Segunda Guerra Mundial, trabalhou como auditor interno na Volkswagen. Trabalhou também na Sinca do Brasil e na Willis. Recebeu o título de Cidadão Sulsancaetanense. Faleceu em 9 de novembro de 1997.



GERALDO PLATES – Nasceu em Taubaté no Vale do Paraíba, no dia 27 de janeiro de 1909. Filho de Luiz Gonzaga Plates e Avelina Plates. Casou-se com Lidia Plates com quem teve duas filhas: Doroty e Dorotéia. Trabalhou na Cerâmica São Caetano. Faleceu no dia 26 de abril de 1985.



GIÁCOMO GARBELOTTO NETTO – Nasceu em São Caetano do Sul, no dia 11 de fevereiro de 1925. Filho de Francisco Garbelotto e Maria Mantovani Garbelotto. Casou-se com Lucia Sernagiotto, com quem teve dois filhos: Silvia e Francisco. Formou-se em Contabilidade na Escola Técnica de Comércio Castro Alves. Trabalhou na olaria do pai. Tteve um depósito de material de construção. Foi proprietário de um escritório de contabilidade e funcionário da Prefeitura de São Caetano no Departamento de Compras. Elegeu-se vereador, na primeira legislatura, com 73 votos, pela coligação PR/ PSP. Faleceu em 23 de janeiro de 1970.

HEITOR BISQUOLO – Nasceu em



São Paulo, no dia 22 de dezembro de 1922. Filho de Bruno Bisquolo e Anita Croce Bisquolo. Veio para São Caetano em 1924. Formou-se em Ciências Contábeis, no Liceu Coração de Jesus. Trabalhou na General Motors do Brasil, na Brasilit onde permaneceu por 17 anos. Foi sócio da Residencial Construções e Administração Ltda. Casou-se com Elza Mouzinho Bisquolo, com quem teve três filhos: Irene, Regina e Gerson. Em 1986, foi um dos criadores do primeiro grupo de terceira idade na cidade, sendo o seu primeiro presidente por quatro anos. Faleceu em 4 de setembro de 1993.

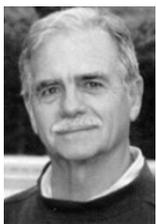


HELENA MUSUMECI – Nasceu em Santa Cruz da Conceição, no dia 7 de agosto de 1902. Em 1926, veio para São Caetano. Casou-se com José Musumeci com quem teve quatro filhos: Ignacio, Claudio, Benito e Nelide. Foi proprietária da Torrefação e Moagem de Café São Caetano, no Bairro da Fundação. Em 1975, a Prefeitura procedeu a inauguração da EMEI Helena Musumeci. Faleceu em 23 de dezembro de 1966.



IDALINO MORETTI – Nasceu em São Caetano, Bairro Fundação, no dia 23 de fevereiro de 1911. Filho de Benedito Moretti e Toscana Farini. Estudou no Grupo Escolar Senador Flaquer e na Escola Príncipe de Napole. Casou-se com Santina Giamprietro, com quem teve três filhos: Sonia, Sergio e Salete. Foi gerente da Fábrica de

Louças Claudia e chefe de escritório da Matarazzo. Faleceu em 24 de abril de 1956.



ÍTALO DAL'MAS – Nasceu em São Caetano no dia 5 de abril de 1926. Filho de Victório Dal'Mas e Antonia Braido Dal'Mas.

Advogado, formado pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Casou-se com Antonia Uccelli Dal'Mas, com quem teve quatro filhos: Ítalo, Marco Antonio, Carlos Alberto e Humberto José. Jornalista e escritor, já editou as seguintes obras: São Caetano do Sul e seus fundadores (1957); Medidas Assecuratórias do Código de Processo Penal (1961); Jurisdição Penal (1963) e Da Colonização à Imigração no Brasil (1975). Recebeu inúmeros prêmios de honra ao mérito e foi assessor da Cultura em São Caetano do Sul.



JACOB JOÃO LORENZINI – Nasceu em São Caetano do Sul, no dia 7 de setembro de 1904. Filho de Pedro José Lorenzini e Josephina Moretti.

Casou-se com Assumpta Maria Tegen Lorenzini, com quem teve três filhos: Helcio José, José João e Maria Thereza. Realizou seus estudos em São Caetano do Sul. Ainda menino, trabalhou na rede de açougues da família Frigorífico Irmãos Lorenzini. Foi proprietário da linha de ônibus São José. Montou a Oficina Mecânica São José. Mais tarde, adquiriu a Casa Bancária São Caetano do Sul S/A, da qual foi diretor presidente até a venda do estabelecimento. Foi presidente da Volkar, Diretor-tesoureiro da Paulistania S/A, diretor -tesoureiro

da Construtora e Administradora São Caetano S/A e diretor da Construtora e Imobiliária Lomar Ltda. Elegeu-se vereador, na primeira legislatura, com 118 votos, pela coligação PR/PSP. Foi vice-prefeito, na segunda legislatura, com 8.236 votos pela coligação CDA. Recebeu o Título de Cidadão Emérito de São Caetano do Sul. Faleceu em 16 de abril de 1988.



JAYME DA COSTA PATRÃO – Nasceu em São Paulo, no dia 27 de abril de 1917. Filho de Manoel da Costa Patrão e Rosa da Costa

Patrão. Em 1924, a família veio para São Caetano. Jayme estudou História Geral da Arte, pintura e desenho artístico, escultura em argila e gesso e estagiou no Liceu de Artes e Ofícios. Trabalhou na Louças Adalina, durante 17 anos. Em 1943 casou-se com Martha Bruna Vincenzi, com quem teve três filhos: Marcia, Marcus e George. Foi proprietário fundador da Cerâmica Artística Da Costa. Rotariano veterano de 1953, presidiu o Rotary Club de 84/85. Recebeu o título Companheiro Paul Harris e o título de Cidadão Sulsancaetanense.



JOÃO ANTONIO CURTIS – Nasceu em Sorocaba, no dia 17 de abril de 1918. Filho de João Vicente Curtis e Ana Maria Dias

Curtis. Casou-se com Eunice Pavaní com quem teve um filho: Richard Van Curtis. Num segundo casamento, teve mais três filhos: João Antonio, Luiz Geraldo e Fabio. Era dentista formado pela USP. Foi chefe de Odontologia do SESI. Faleceu em Barretos no dia 13 de fevereiro de 1997.



JOÃO BARILE – Nasceu em São Caetano, no dia 8 de julho de 1898. Filho de Antonio Barile e Angelina Cavassani Barile.

Casado com Joana Angela Cavassani Barile, teve quatro filhos: Carmine Walter, Antonio Irineu, Ofelia Carmela e Maria Brasilina. Foi proprietário da Indústria Metalúrgica Barile. Fez parte da Jazz Band de São Caetano como músico. Homenageado com seu nome em uma das escolas de São Caetano EMEI João Barile. Faleceu em 7 de janeiro de 1959.



JOÃO DAL'MAS – Nasceu em 18 de setembro de 1913. Filho de Vítório e Antonia Dal'Mas. Foi casado com Celestina Lorenzini

tendo dois filhos: Maria Antonieta e Vítório Dal'Mas Neto. Em segunda núpcias, com Alexandrina Moretto Dal'Mas. Foi técnico em administração e negócios, pela Faculdade de Administração e Negócios. Como empresário, foi diretor da firma Vítório Dal'Mas e Filho; diretor superintendente da Indústria Dal'Mas Ltda (Indústria Agro-Química Brasileira); diretor financeiro da Dal'Mas Imobiliária e Construtora S/A; Fundador do Edifício Vitória e diretor administrativo da Empresa Cinematográfica Vitória Ltda. Recebeu o título de Cidadão Emérito de São Caetano do Sul. Foi vice-prefeito, eleito com 32.325 votos pelo PMDB. Em 1982, assumiu como prefeito da Prefeitura de São Caetano do Sul. Faleceu no dia 14 de julho de 1992.

JOAQUIM ZANINI – Nasceu em 3 de julho de 1896, na cidade de Am-



paro. Casou-se com Joana Fiorotti, com quem teve três filhos: Ana Rosa, Oswaldo e Oscar Ismael. Chegou em São Caetano em

1910. Foi comerciante na cidade no ramo de tecidos e armarinhos. Em 1971, recebeu o Título de Cidadão Sulsancaetanense *Post Mortem*. Faleceu em 23 de setembro de 1959.



JORDANO P. S. VINCENZI – Nasceu em 29 de junho de 1917, na cidade de Itu (SP). Filho de Luiz Vincenzi e Emma Cavalini Vincenzi. Casado com Iracema Flores Vincenzi, teve dois filhos: Luiz José e Jordano Junior. Casado em segundas nupcias com Elma Ricciardi Vincenzi. Fez o primário e propedêutico na Escola Comercial 30 de Outubro. Foi comerciante durante 35 anos. Eleito vereador na primeira legislatura obteve 159 votos pela UDN.



JOSÉ ASTOLPHI – Nasceu no dia 7 de setembro de 1916. Filho de Raymundo Astolphi e Catarina Mello. Casou-se com Diva Cintra

Astolphi, com quem teve três filhos: Expedito José, Moacir Camilo e Antonio Cintra. Trabalhou nos Diários Associados, na Companhia Antártica Paulista, Firestone do Brasil, Usina Santa Olímpia, General Motors do Brasil, Indústrias Reunidas Matarazzo, Fábrica de Produtos Químicos Brasitex S/A, Sul América. Foi corretor de imóveis e gerente da Rádio Cacique. Proprietário da Rádio Clube de Santo André. Faleceu no dia 14 de outubro de 1995.

JOSÉ BONIFÁCIO FERNANDES – Nasceu em Mogi Mirim, no dia 11



de setembro de 1895. Era casado com Madalena Bernucci Fernandes com quem teve três filhos: Silvio, Sauvio e Sebastião.

Formou-se professor na Escola Caetano de Campos. Foi inspetor das Escolas Municipais, diretor do Grupo Escolar Senador Flaquer, Presidente da Sociedade amigos de São Caetano. Recebeu o título de Cidadão Sulsancaetanense. Faleceu no dia 12 de setembro de 1981.



JOSÉ CARLOS DE ATALIBA NOGUEIRA – Nasceu em Campinas, no dia 29 de maio de 1901. Filho de João de Ataliba Nogueira e

Alexandrina Loureiro. Fez o curso de bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais na Faculdade de Direito de São Paulo. Foi escriturário da Estrada de Ferro Sorocabana, da Secretaria da Fazenda e Tesouro do Estado. Foi promotor público de Itapitinga, secretário do governo do Estado de São Paulo, deputado estadual. Pertenceu à Academia Paulista de Letras, cujo patrono é o poeta Paulo Eiró. Além de mais de uma centena de memoriais forenses, escreveu vários artigos para revistas e jornais.



JOSÉ HOMEM DE BITTENCOURT – Nasceu em Santos, no dia 22 de outubro de 1899. Chegou em São Caetano em 1941. Publicou a Síntese Histórica de São Caetano do Sul. Faleceu em Santos no dia 3 de agosto de 1970.

JOSÉ VERTICCHIO – Nasceu em Limeira, no dia 15 de janeiro de 1925. Filho de Archangelo Verticchio e Catarina Andrieta. Casado com



Pascoa Maria Lella, com quem tem três filhos: Alvair José, Alvimar Antonio e Altair Marcio. Formou-se em Direito pela Universidade

São Francisco, cursou a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras onde licenciou-se como professor de Direito, Legislação, Economia e Mercado. Exerce a função de advogado e contador no Escritório São Luiz, onde é um dos sócios.



JULIO MARCUCCI – Nasceu em Lucca (Itália), no dia 16 de novembro de 1898. Veio para o Brasil em 1901. Casado com Elisa Braidó, teve duas filhas: Edméa e Norma. Era estabelecido com armazém de secos e molhados no bairro da Fundação. Faleceu em 25 de dezembro de 1979.



LAURA MORETTI – Laura Moretti, nasceu em São Caetano, no dia 17 de agosto de 1917. Filha de Benedito Moretti e Toscana

Farini Moretti. Casada teve três filhos: Tarcisio, José Carlos e André. Estudou no Grupo Escolar Senador Flaquer e na Escola Príncipe de Napole. Trabalhou no escritório da Fábrica de Louças Cláudia.



Lauriston Garcia – Nasceu em São Caetano, no dia 12 de janeiro de 1918. Filho de José Mariano Garcia e Angelina Garcia.

Casado com Thereza Tomazela teve uma filha: Silvana. Foi vereador por três legislaturas: na primeira pela coligação PSP e PR, elegeu-se com 125 votos; na segunda pelo PR com 166

votos ; e na terceira também pelo PR, com 286 votos.



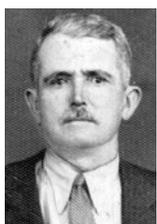
LAURO GARCIA – Nasceu em São Caetano do Sul, no dia 17 de novembro de 1916. Filho de José Mariano Garcia e Angelina

T. Garcia. É bacharel em Ciências Econômicas e Financeiras, formado pela Faculdade de Ribeirão Preto. Trabalhou na Fábrica de Louças Adelinas. Foi fundador das Indústrias Reunidas São Caetano Ltda. Eleito vice-prefeito por duas legislaturas. Na terceira legislatura, com 8.703 votos pela coligação UDN, PR e PTN- na quarta legislatura, com 10.093 votos, pelo PSP. Recebeu o título de Cidadão Emérito de São Caetano do Sul.



LOURENÇO MARTORELLI – Filho de Antonio Martorelli e Angela Perin. Casado com Rosa Marocola com quem teve

dois filhos: Adelino e Fermino. Lourenço trabalhava como tijeiro na olaria de propriedade da família. Tocava na Banda Savoya.



LUIZ FIOROTTI FILHO – Nasceu no dia 15 de janeiro de 1880. Casado com Catarina Fiorotti, teve seis filhos: Benvenuta,

Francisco, Adelino, Avelino José, Ulisses e Oscar. Chegou ao Brasil com apenas oito anos de idade e já começou trabalhar em olarias.



LUIZ MARTORELLI – Nasceu em São Caetano do Sul, no dia 15 de dezembro de 1888.

Filho de Antonio e Angela Perin Martorelli. Casado com Josephina D'Agostini Martorelli, teve cinco filhos: Esperança, Albino, Antonio, Angela e Leonora. Era compositor e músico, tocava na Banda Casa de Savoya. Recebeu o título de Cidadão Emérito de São Caetano do Sul. Faleceu no dia 16 de agosto de 1974.



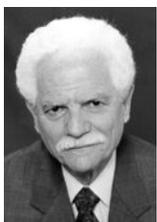
LUIZ RODRIGUES NEVES – Nasceu em Pinhal, no dia 11 de novembro de 1919. Filho de Antonio Rodrigues Neves e Ana Vitória

Rodrigues. Casou-se com Diamantina G. R. Neves e teve cinco filhos: Ethel, Thais, Maria Ondina, Luiz e Eduardo. Trabalhou nas Casas Pernambucanas, em Pinhal. Foi funcionário do Matarazzo. É diretor-superintendente da Pan (Produtos Alimentícios Nacionais) há mais de 30 anos. Foi vereador por três legislaturas. Elegeu-se, na primeira com 163 votos pela coligação PRP e PSD. Na segunda, com 213 votos, pelo UDN e na terceira, também pelo UDN, com 287 votos.



MÁRIO BORTOLETTO – Nasceu em Chiarano (Itália) em 1900. Filho de Giuseppe Bortoletto e Anna Valeri Bortoletto. Casado com

Eliza Clara Lorenzini, com quem teve dois filhos: Lewis e Anna Josephina. Faleceu no dia 30 de julho de 1950.



MÁRIO DAL'MAS – Nasceu em 6 de setembro de 1923, em São Caetano do Sul. Filho de Vittorio Dal'Mas e Antonia Braido Dal'Mas. Foi fundador da APAE de

São Caetano. Formou-se enge-

neiro, sendo vice-presidente da Associação de Engenheiros do ABC. Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo. Foi ator. Recebeu o título de Cidadão Emérito de São Caetano do Sul.



MÁRIO PORFÍRIO RODRIGUES – Nasceu em 20 de outubro de 1925, em Ribeirão Claro (PR). Filho de Marques Rodri-

gues e Antonia Porfírio. Casado em primeiras núpcias com Macaria Garcia Rodrigues teve dois filhos: Roberto Mario e Rubens Marcos. No segundo matrimônio casou-se com Maria Wilma Toledo Barros. cursou Administração e Gerência na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Trabalhou como diretor comercial da Pan; diretor do Chocolate Dulcora S/A; gerente geral dos Ferros Elétricos Tupy; superintendente do Patrimônio Imobiliário da Eletropaulo S/A. Recebeu o título de Cidadão Sulsancaetanense.

MATHEUS CONSTANTINO – Nasceu no dia 19 de agosto de 1891 na cidade de Catania (Itália). Era casado com Josefina Masini Constantino com quem teve três filhos: Concetto, Marieta e Margarida. Proprietário da Metalúrgica Itá. Foi Juiz de Paz em São Caetano do Sul, e presidente do Clube Lazio. Recebeu o título de Cidadão Sulsancaetanense. Em homenagem póstuma, seu nome foi dado a uma das escolas de São Caetano EEPG Matheus Constantino. Faleceu no dia 22 de setembro de 1979.



MAURO CORVELLO – Nasceu em São Paulo no dia 9 de fevereiro de 1919. Foi inspetor da Coletoria Estadual de Santo André e redator legi-

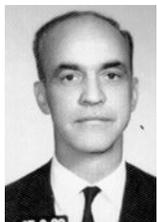
slativo do jornal *Imparcial*, também de Santo André. Foi diretor-administrativo da Prefeitura de São Caetano do Sul.



MIGUEL MARCUCCI – Nasceu no dia 29 de setembro de 1894 em Lucca (Itália). Filho de Vitório Marcucci e Chiara Franceschi. Casado com Felicia Marcucci com quem teve dois filhos: Victório e Clara. Foi subdelegado de São Caetano e comerciante. Faleceu no dia 9 de março de 1965.



MILITINO AZZI – Nasceu em 21 de agosto de 1921 na cidade de Piracicaba (SP). Veio para São Caetano 1945. Casado com Daniela Stanislawa, teve oito filhos: Roseli, Marcio José, Laércio, Vanda, Eliana, Mauro Tadeu, Fábio e Reinaldo. Foi fundador da Associação Santa Luzia de Amparo aos Cegos de São Caetano.



MOACYR FIRMINO CORRÊA – Nasceu em 23 de abril de 1926, na cidade de Itirapina (SP). Filho de Vitalino Firmino Corrêa e Maria Rodrigues da Silva. Veio para São Caetano em 1944. Casado com Diva Tondato Corrêa, teve duas filhas: Laís e Tais. Trabalhou na Rhodia Química. Foi homenageado com o título de Cidadão Sulsancaetanense. Faleceu em 30 de março de 1977.



NELSON INFANTI – Nasceu em 9 de novembro de 1923, na cidade de São Paulo. Formou-se em Direito no Instituto Toledo de Ensino, em Bauru. Trabalhou na Companhia. Imobiliária Financeira

Americana S/A, Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, Ford Motor do Brasil S/A, Companhia de Seguros do Estado de São Paulo, Generalli do Brasil, Companhia Nacional de Seguros e teve escritório de advocacia.



OLGA MONTANARI DE MELLO – Nasceu em 1º de dezembro de 1920, no Bairro da Lapa, em São Paulo. Filha de Adolfo Montanari e Dora Bruno Montanari. Foi casada com Jayme Barbosa de Mello com quem teve um filho: Ruy. Formou-se jornalista pela Faculdade Cásper Líbero. Trabalhou na Pirelli Condutores Elétricos S/A. Foi vereadora em São Caetano do Sul por três legislaturas: na primeira com 70 votos pela UDN; segunda com 184 votos pela UDN e na terceira com 403 votos pelo PTB.



OLINDO QUAGLIA – Nasceu em 29 de dezembro de 1906, na cidade de Pedreira (SP). Filho de Augusto Albino Quaglia e Vitória Zara Bordonal. Veio para São Caetano em 1913. Casou-se com Helena Leita Quaglia, com quem teve três filhos: Nair Josephia, Judith e Walter. Foi sapateiro, trabalhou na Matarazzo, foi proprietário da Casa de calçados Quaglia. Fundou e dirigiu o Rotary Clube de São Caetano. Recebeu o título de Cidadão Sulsancaetanense.



ORLANDO CÂNDIDO BARILE – Nasceu em 11 de março de 1907. Filho de Antonio Barile e Angelina Cavassani Barile.

Casou-se com Serena Garbelotto. Teve dois filhos; Norberto Victor e Ana Maria. Trabalhou na Texaco, e foi fundador da Metalúrgica Barile. Faleceu em 10 de outubro de 1948.



ORLANDO FIOROTTI – Nasceu em 3 de agosto de 1913, São Caetano do Sul. Filho de Antonio Fiorotti e Tereza Cohan Fiorotti. Casou-se com Maria Aparecida Perrella Fiorotti. Teve quatro filhos, Gleide, Antonio, Claudinê e Valdirene. Foi motorista de caminhão e taxista. Faleceu em 19 de abril de 1995.



ORLANDO DE SOUZA – Nasceu em 17 de janeiro de 1914, na cidade de Petrolina (PR). Filho de José Ferbronio de Souza e Laudelina de Souza. Casou-se com Maria Susina Bruno de Souza. Teve dois filhos, Mauro Evoldy e Maria Evani. Foi vereador por duas legislaturas: na segunda recebeu 172 votos pelo PSP, e na terceira teve 103 votos pelo PSP. Faleceu no dia 28 de junho de 1987.



OSVALDO BISQUOLO – Nasceu em 11 de janeiro de 1919, em São Paulo, Capital. Filho de Bruno Bisquolo e Anita C. Bisquolo. Casou-se com Edimea Marcicci Bisquolo, tendo três filhos; Oscar, Nelson e Marisa. Trabalhou na Reprensagem de Algodão Anderson Clayton, e na General Motors do Brasil. Recebeu o título de Cidadão Sulsancaetanense. Elegeu-se vereador. Na Primeira Legislatura obteve 81 votos pela coligação PR/PSP.



OSWALDO GIAMPIETRO – Nasceu em 18 de fevereiro de 1924, na cidade de Birigüi (SP). Filho de Antonio Giampietro e Catarina Damiano. Veio para São Caetano em 1935. Casado, teve dois filhos; Eliane e Celso. Bacharelou-se em Ciências Econômicas pela Faculdade de Ciências Econômicas de São Paulo. Comerciante estabelecido desde 1951. Foi vereador em duas legislaturas: na segunda legislatura teve 327 votos pela UDN, e na terceira, pelo mesmo partido recebeu 524 votos.



PAULO DE OLIVEIRA PIMENTA – Nasceu em 25 de março de 1921, na cidade de Descalvado (SP). Filho de José de Oliveira Pimenta e Eudóxia Meirelles Pimenta. Casou-se com Amália da Silveira Pimenta. Teve dois filhos: Paulo José e Antonio Carlos. Estudou no Colégio Anglo Latino. Foi suplente de Delegado de Polícia de São Caetano, Diretor da Câmara Municipal e fundador sócio da Sociedade Amigos de São Caetano. Falecido em 23 de maio de 1997.



RAPHAEL GRESPAN – Nascido em 13 de maio de 1919, na cidade de São Paulo, Capital. Filho de Raphael Grespan e Malvina Graspan. Casou-se com Antonia Pinesi, com quem teve dois filhos: Marcos Rafael e Márcio Antonio. Coursou a Faculdade de Direito de Guarulhos. Foi Funcionário Público. Faleceu em 29 de julho de 1987.



RAPHAEL PANDOLFI – Nasceu em 4 de junho de 1899, na cidade de Ribeirão Pires (SP). Filho de Francisco Pandolfi e de Maria Josephina Aranha. Casou-se com Maria Orlando, com quem teve quatro filhos: Edmundo, Maria Josefina, Norma e Flávio. Veio para São Caetano em 1930. Foi proprietário da Serralheria São Pedro, principal fornecedora das empresas General Motors, Ford, Cama Patente, Linhas Correntes. Faleceu em 2 de fevereiro de 1982.



SILVIO FERNANDES – Nasceu em 26 de janeiro de 1924, na cidade de Jarinú (SP). Filho de José Banifácio Fernandes e Magdalena Bernucci Fernandes. Casou-se com Helena Rezende Fernandes, com quem teve dois filhos: Silvio José e Sérgio Roberto. Bacharel em Ciências Econômicas e Atuariais, trabalhou como contador, economista e professor. Foi funcionário, sócio ou diretor financeiro das seguintes empresas: Banco de São Paulo S/A SCSUL; Gráfica Parnaíba Ltda; Sociedade Comercial. & Imobiliária São José Ltda; Casa Bancária de São Caetano S/A; Aguapé S/A Agro Pecuária Alto Guaporé; Carmaq S/A Máquinas Industriais.



TADEU D'AGOSTINI – Nasceu em 29 de maio de 1913, na cidade de São Caetano do Sul. Filho de João D'Agostini. Casou-se com Olívia Buso. Teve dois filhos: Celene Maria e João. Foi

empreiteiro-de-obras. Formou-se em Desenho para Construção Civil na Escola Getúlio Vargas. Faleceu em 8 de outubro de 1974.



VICENTE ORLANDO – Nascido em 1º de janeiro de 1922, na cidade de Rio Grande da Serra (SP). Filho de Domingos Orlando e Júlia Capriciosa Orlando. Casou-se com Odenia Dacieri Orlando, com quem teve três filhos: Olga Maria, Célio e Sueli Júlia. Bacharel em Direito, formado pela Faculdade de Direito da Universidade Federal Fluminense. Foi Presidente da Câmara de São Caetano; primeiro gerente de banco e proprietário do primeiro escritório de contabilidade do Município. Recebeu os títulos de Cidadão Sulsancaetanense e Cidadão Mauaense. Faleceu em 14 de outubro de 1985.



WALTER THOMÉ – Nasceu em 24 de fevereiro de 1928. Filho de Tomás Thomé e Maria Cimonetti Thomé. Casou-se com Ilda Riccini, com quem teve dois filhos: Márcia e Walter. Coursou Direito na Universidade São Paulo. Como publicitário trabalhou na General Motors do Brasil. Faleceu em 26 de outubro de 1959. Em homenagem foi dado seu nome a uma rua do Município.

()Yolanda Ascencio, professora aposentada, advogada, membro da Academia de Letras da Grande*

Participação popular marcou o surgimento do Movimento Autonomista

Mário Porfírio RODRIGUES(*)

Os anos de 1944, 1945 e 1946 foram marcantes. Vários jovens sancaetanenses, ávidos por ampliar seus parques conhecimentos, e como trabalhassem durante o dia, tomavam diariamente o trem das 19h45 para ir estudar em São Paulo, retornando por volta das 23 horas. Em São Caetano, nessa época, havia somente três grupos escolares e uma escola particular de datilografia.

Não existiam escolas secundárias, como também não havia água encanada, esgoto, rua calçada e nem mesmo um único jardim público. Em resumo, não existia infraestrutura.

Desde que os bravos imigrantes italianos chegaram aqui, em 28 de julho de 1877, haviam já se passado quase 70 anos, e o que conseguimos foi apenas ser um subdistrito de Santo André. Assim, já com várias indústrias importantes aqui instaladas, a ótima arrecadação da cidade era aplicada em melhoramentos na sede do município.

Embora ainda sendo menores de idade, dois desses estudantes que iam todas as noites estudar em São Paulo, comentavam sempre entre si e com os outros colegas de viagem, as mazelas deste então subdistrito. Detalhavam a lamentável situação a que a cidade havia chegado, e o nível de vida deplorável em que viviam os sancaetanenses. Isso, graças à incúria dos administradores municipais. Durante o dia, Mário Porfírio Rodrigues e Walter Thomé prosseguiram repetindo esses mesmos comentários com colegas de serviço e

Acervo: Fundação Pró-Memória



Assembléia Legislativa de São Paulo em 1948. Na época, os autonomistas entregaram o memorial com assinaturas solicitando a autonomia de São Caetano

Acervo: Fundação Pró-Memória



Foto externa da fachado do Cine Max, em 1948



Manifestação pró-autonomia de São Caetano do Sul, realizada no Cine Max (1948)



Flagrante da Câmara Municipal de Santo André, em 1947. João Dal'Mas faz uso da palavra. À sua direita, erguendo o braço, Lauro Garcia

amigos que encontravam nos clubes que freqüentavam.

PROGRESSO - A arrecadação que daqui seguia para Santo André continuava a aumentar cada vez, resultado da chegada de indústrias importantes como a General Motors do Brasil S.A., Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo, Cerâmica São Caetano, Fábrica de Louças Adelinas, Indústrias Aliberti, Aços Villares, Formicida Quatro Paus, Chocolates Pan, e muitas outras que

elegeram a cidade para se estabelecer.

Alguma coisa precisava ser feita, diziam os dois jovens repetidamente, talvez sem saber que desta mesma forma pensavam algumas centenas de sancaetanenses.

Para passar desses constantes comentários à ação, numa dessas viagens noturnas à escola de São Paulo, tiveram a idéia de fundar um jornal local para lutar por essas injustiças e para melhorar o nível de vida dos

que aqui viviam. O primeiro obstáculo não tardou a surgir. O Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), órgão da ditadura do Presidente Getúlio Vargas, exigia maioria absoluta de 21 anos. Nessa época, Mário Porfírio Rodrigues acabara de completar 20 anos de idade e Walter Thomé estava com 18 anos e meio. A solução foi convidar Luiz Rodrigues Neves para ser o diretor-responsável.

Vários outros amigos foram procurados para dar apoio a este empreendimento, destacando-se os Irmãos Dal'Mas, o também estudante Fábio Viera de Souza, Marcelo Zambotto, Névio Dias, Moacir Firmino Corrêa, José Flávio Rocha e principalmente os três principais clubes da cidade na época: Comercial, Cruzado e São Caetano. Todos apoiaram a idéia e prometeram colaborar.

ANIVERSÁRIO - O primeiro número do *Jornal de São Caetano* circulou em 28 de julho de 1946, exatamente no dia em que a cidade comemorava seu 69º aniversário. Entre as prioridades da comunidade, destacadas pela redação, estava a construção de uma Santa Casa que atendesse os sancaetanenses pobres que necessitassem de atendimento hospitalar.

Em artigo publicado na primeira página do *Jornal de São Caetano* de 6 de outubro de 1946, e por carta enviada a cada um, foram convidadas, várias pessoas de destaque de cada setor da sociedade para discutir esse assunto. Na edição de 20 de outubro de 1946 o jornal publicou ampla reportagem sobre essa primeira reunião que se realizou na sede do Clube Comercial, às 20 horas do dia 9 de outubro de 1946. Estiveram presentes o Padre Ézio Gislimberti, vigário da Paróquia; Acácio Novaes, executivo das Indústrias Reunidas F. Matarazzo; Marcos Nogueira Garcez, delegado de Polícia; Acácio

Spacacqueria, operário da Indústria de Louças Cláudia; José Luiz Flaquer Neto e Ângelo Antenor Zambom, médicos; Olderige Zanon, farmacêutico; Marcelo Zambotto, funcionário administrativo da Cerâmica São Caetano e Bruna Cassetari Ricci, professora e delegada em São Caetano da Legião Brasileira de Assistência (LBA).

A esses nomes, outros vieram se juntar, como Ângelo Raphael Pellegrino, Avelino Polli, Verino Ferrari, José Homem de Bittencourt, Arlindo Marchetti, Paulo de Oliveira Pimenta, Lauro Garcia, Orlando Barile, Jacob João Lorenzini, Nicomedes Marcondes, João Dal'Mas, Jordano Vincenzi, Julio Marcucci, Celso Marchesan, Concetto e Matheus Constantino, Fernando Piva, Oswald e Bruno Bisquolo e muitos outros. Essa campanha prosseguiu com o entusiasmo de todos e poucos anos depois o Hospital Beneficente São Caetano foi inaugurado.

INDEPENDÊNCIA - Com a credibilidade conseguida graças à aglutinação de nomes de respeito da população que participaram da campanha em prol da sonhada Santa Casa, foi dado início ao movimento autonomista para tornar São Caetano um município independente.

Na edição de 24 de agosto de 1947 o *Jornal de São Caetano* convidou um grupo de pessoas para uma reunião marcada para 2 de setembro de 1947 na sede do Clube Comercial, à rua Santa Catarina, 97, a fim de discutir pormenores para a fundação de uma sociedade com essa finalidade. Os 32 sancaetanenses presentes à esse encontro escolheram, por aclamação, uma diretoria provisória da Sociedade Amigos de São Caetano (SASC). A entidade ficou assim constituída: José Bonifácio Fernandes, presidente; Walter Thomé e Mário Porfírio Rodrigues, secretários.

Foi nomeada uma comissão encarregada de redigir os Estatutos Sociais. Em 7 de novembro de 1947 foram aprovados os Estatutos.

A primeira diretoria da Sociedade Amigos de São Caetano foi eleita quatro dias depois, em 11 de novembro de 1947, e ficou composta pelas seguintes pessoas: José Luiz Flaquer Neto, presidente; Roberto Gomes Caldas Filho, 1º Vice-Presidente; José Homem de Bittencourt, 2º Vice-Presidente; Ermelindo Locoselli, secretário geral; Lídio Carvalho de Moura, 1º secretário; João Rella Filho, 2º secretário; Benedito Moretti, 1º Tesoureiro; João Barille, 2º Tesoureiro. Mesa das Assembléias Gerais: José Bonifácio Fernandes, presidente; Mário Porfírio Rodrigues, 1º

secretário e Walter Thomé, 2º secretário. Conselheiros: Acácio Novaes, Faustino Pompermayer, Rafael Luiz, Luiz Rodrigues Neves e Paulo de Oliveira Pimenta.

Na edição de 24 de dezembro de 1947 o *Jornal de São Caetano* publicou sua principal manchete alusiva à Autonomia Municipal e prometia enviar carta à SASC, pedindo oficialmente que estudasse a possibilidade de promover uma consulta popular para apurar se o povo da cidade desejava sua separação de Santo André. Essa correspondência foi enviada em 31 de janeiro de 1948.

Naquela época, haviam sido incluídos de maneira proposital, nos órgãos diretores da SASC, vários nomes com ligações íntimas com o en-

Acervo: Fundação Pró-Memória

Ao Povo e ao Proletariado de São Caetano do Sul

Os candidatos de Prestes apresentam o seu programa mínimo

Concientes da situação de miséria e de abandono a que chegou o nosso distrito, hoje município, assim como o Estado de São Paulo e o resto do País, Miséria e traição, a serviço, somente, dos latifundiários, dos grandes industriais e do imperialismo americano, os candidatos de Prestes lançam este Programa Mínimo. — Esclarecem o proletariado e o povo deste novo Município de que somente será possível a aplicação e a vitória dos pontos aqui apresentados, a medida que crescer a organização das massas, que se lançando em lutas imediatas, apressarão a derrota dos reacionários e demagogos.

— LUTA —

- 1.o — por aumento geral de salários.
- 2.o — Pelo pagamento dos domingos e feriados.
- 3.o — Pelo não pagamento do imposto sindical.
- 4.o — Contra todas as leis de arrocho — as chamadas leis de segurança, de imprensa, de reforma dos militares, estatuto entreguista do petróleo e outras que firmam a independência da Pátria.
- 5.o — Pela ampla liberdade sindical e pela Confederação dos Trabalhadores do Brasil.
- 6.o — Pela ampliação dos transportes (trens e ônibus) com preços acessíveis.
- 7.o — Pela extensão de eletrificação a todos os bairros e ampliação do serviço telefônico.
- 8.o — Pela regulamentação e redução do imposto de indústrias e profissões e outras taxas que incidam sobre a pequena indústria e o pequeno comércio.
- 9.o — Estímulo ao pequeno industrial pelo crédito fácil.
- 10.o — Contra a carestia e o câmbio negro.
- 11.o — Pela criação de um serviço Postal e Telefográfico a altura do município.

— APLICAÇÃO —

- 1.o — Melhor captação de água potável para satisfazer as necessidades do município.
- 2.o — Conclusão da rede de esgoto, com extensão a todos os bairros.
- 3.o — Imediata criação de escolas, principalmente nos bairros e reparação dos prédios — das escolas existentes e estímulo ao ensino particular e adoção do passe escolar.
- 4.o — Construção de hospital com maternidade e criação de ambulatórios médicos nos bairros para atender a qualquer hora.
- 5.o — Abertura de estradas para descongestionamento e conservação permanente das mesmas. Calçamento de ruas, principalmente das estradas.
- 6.o — Construção de um jardim, praça de esportes e parques infantis.
- 7.o — Amparo aos clubes esportivos e recreativos do município.
- 8.o — Mercado municipal e facilidade para as feiras nos locais de maior concentração operária.
- 9.o — Biblioteca pública com um salão para conferências, bibliotecas circulantes para operários.
- 10.o — Facilidade para construção de casas populares, com planta padrão.

Panfleto "Ao Povo e ao Proletariado de São Caetano do Sul"

COMO VOCE DEVE VOTAR?

Um Test Para a Sua Consciencia.

Antes de Você resolver se deverá votar SIM ou NÃO, responda a estas perguntas. Conte as respostas negativas e se tiverem maioria vote na cedula preta com os dizeres: NÃO Se a maioria das respostas forem afirmativas, vote SIM.

- 1) Você é realmente amigo de São Caetano?
- 2) V. seria capaz de se deixar impressionar a ponto de entregar o governo de sua terra a pessoas que V. não sabe quem são, só porque essas pessoas falam em "liberdade"?
- 3) V. gostaria de pagar mais impostos e mais altos?
- 4) V. gostaria de ver São Caetano sempre atrasado e sem melhoramentos publicos?
- 5) V. ainda acredita nos politicos que prometem **mundos e fundos** sem pensar na possibilidade de cumprirem o que prometeram?
- 6) V. gostaria de ser obrigado a pagar as **despesas** de novas instalações da Prefeitura em São Caetano, nova Câmara Municipal, etc?
- 7) V. gostaria de ajudar a pagar os **novos funcionários** de São Caetano; a comprar moveis, maquinas, automoveis, etc., para a nova Prefeitura?
- 8) V. gostaria que os comunistas dessem ordens a V. e a sua familia?
- 9) V. ficaria contente se em vez de mais escolas, como prometem os separatistas, as que já existem fossem fechadas por falta de verba para pagar as professoras?
- 10) V. seria capaz de montar outra Prefeitura em São Caetano só para que alguns seus conhecidos, que **estão desempregados**, pudessem obter colocação?

Panfleto da época explicava: "Como você deve votar?"

cumprir. O que sempre esteve presente durante todo o tempo em que durou o movimento, foi o bem da coletividade e nada mais.

No dia 9 de fevereiro de 1948 *Jornal de São Caetano* e SASC se reuniram para que o tema passasse para terreno mais prático, pois, já contavam com o apoio de uma centena de entusiastas e de quatro vereadores de São Caetano, exercendo mandato na Câmara Municipal de Santo André.

As reuniões se sucediam e as diversas tarefas iam sendo divididas entre os colaboradores. O movimento crescia, se agigantava e se fortalecia, a despeito das investidas do Prefeito. As adesões aumentavam e o *Jornal de São Caetano* publicava notícias, reportagens, entrevistas, pareceres e artigos. Promovia e divulgava ao máximo as atividades do movimento autonomista, fazendo aumentar cada vez mais a chama do entusiasmo predominante, do amor a São Caetano e da vontade de libertação da cidade.

Em meio a essas publicações e promoções que o *Jornal de São Caetano* fazia, seus três diretores, jovens que nunca tinham militado em política, tomaram conhecimento que no ano de 1928 houve um movimento autonomista liderado por políticos locais que teve vida efêmera, fracassando, praticamente no nascedouro. Conhecedores agora deste fato, entretanto, em nada diminuiu o entusiasmo reinante. Ao contrário, o que desejavam era demonstrar que desta vez não haveria derrota e que São Caetano conseguiria a tão almejada autonomia municipal.

ASSINATURAS -Durante dois meses, diariamente, especialmente aos sábados e domingos, dezenas e dezenas de abnegados percorriam as ruas dos bairros, batendo de porta em porta colhendo as assinaturas necessárias, cujas firmas precisavam ser reconhe-

tão prefeito Antônio Flaquer. O que se pretendia com isso era ter pessoas que pudessem intermediar um entendimento com o chefe do Executivo de Santo André para um encaminhamento mais tranqüilo do movimento autonomista dentro da maior cordialidade. Nesta altura dos acontecimentos ficou patente que essa pretensão não teria sucesso. Várias pessoas, inclusive o presidente e o primeiro vice-presidente pediram demissão da Sociedade.

BATALHA - Estava deflagrado oficialmente o Movimento Autonomista com a certeza de que a batalha seria violenta. Prosseguiram as reuniões dos sancaetanenses progra-

mando trabalhos, fazendo visitas e inúmeras atividades intensas que se prolongaram por meses e meses. Com certeza, foi o acontecimento mais bonito e emocionante que os sancaetanenses jamais viveram. Todos unidos em torno de um único ideal sem se atemorizarem com inúmeras ameaças vindas da Prefeitura de Santo André. Era São Caetano inteiro pensando exclusivamente em sua cidade. Na emancipação político-administrativa.

Não se conheceu procedimento individualista, nunca aflorou vedetismo ou egoísmo por parte de alguém. Nem mesmo nomes se sobressaíam, pois, cada grupo tinha uma tarefa a

cidas por tabelião para instruir a representação que seria entregue até 30 de abril de 1948 na Assembléia Legislativa de São Paulo.

Era, na realidade, uma corrida contra o tempo. Foi um trabalho hercúleo. Todos cômicos da imensa responsabilidade da tarefa, empenharam-se com denôdo, sempre unidos e coesos tendo em vista unicamente os altos interesses de um subdistrito abandonado. E o trabalho gratuito era transformado numa verdadeira lição de civismo, muito difícil de se ver nos dias de hoje.

A representação devidamente instruída e com 5.197 assinaturas, superior ao exigido que era de 10% dos habitantes da cidade na época, foi entregue à Comissão de Divisão Administrativa e Judiciária da Câmara Estadual para, em seguida, ser encaminhada ao Plenário.

Entre a entrega do importante do-

cumento assinado pelos 5.197 sancaetanenses e a aprovação pela Assembléia Legislativa, criando o município, havia ainda muito a fazer e os líderes autonomistas prosseguiram em intensa atividade.

DESMENTIDO - Em 15 de abril de 1948 a SASC enviou ofício ao Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) desmentindo que o movimento era comunista. Na época o Partido Comunista estava legalmente impedido de existir e esse fato era prejudicial ao trabalho que estava sendo desenvolvido. Realizamos visitas ao Governador do Estado, Adhemar de Barros e a diversas outras autoridades pedindo apoio à causa.

Na Câmara dos Deputados Estaduais foi desenvolvido um forte trabalho de convencimento entre os seus membros. Constantemente, líderes autonomistas eram vistos no Palácio 9 de Julho conversando com

os legisladores daquela Casa para convencê-los a votarem pela criação do município de São Caetano.

Ao mesmo tempo, os vereadores da cidade, eleitos para a Câmara de Santo André, travavam batalhas homéricas no plenário. Grandes manifestações em favor do movimento autonomistas foram feitas pelos vereadores João Dal'Mas, Anacleto Campanella, Lauro Garcia e Arlindo Marchetti. Eles enfrentavam a fúria dos adeptos do Prefeito Antônio Flaquer. Todos esses embates tinham amplo destaque no *Jornal de São Caetano*.

Em 2 de setembro de 1948 a Comissão de Estatística votou o parecer favorável do deputado Décio Queiroz Telles. Resultado: cinco votos a favor e um contra. Em 16 desse mesmo mês o nosso jornal publicou: *Haverá plebiscito em São Caetano*. Essa decisão foi motivo de grandes fes-

Acervo: Fundação Pró-



Reunião em que foram qualificados todos os eleitores autonomistas. Fumando charuto, Fernando Piva



Motoristas do ponto de táxi da avenida Conde Francisco Matarazzo, onde hoje é o Terminal Rodoviário. Em primeiro plano, de terno preto, Lúcio A. Domingues, em 1940

tividades com comícios em vários locais e, especialmente, no salão superlotado do São Caetano Esporte Clube, localizado na rua Perrela.

PLEBISCITO - Em sessão plenária a Assembléia Legislativa, no dia 14 de setembro de 1948, foi aprovado por 40 votos favoráveis e 10 contra, a realização do plebiscito municipal. Os deputados que votaram contra, Porfírio da Paz, Conceição Santamaria, Nelson Fernandes e outros, eram todos do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), ligado ao Prefeito Antônio Flaquer. Esse mesmo partido lançaria os candidatos a prefeito e vereador pela chamada Chapa Preta.

O plebiscito foi realizado em 24 de outubro de 1948, portanto, há 50 anos. Os 8.463 votos da chapa branca, pró-autonomia, determinaram a criação do Município de São Caetano do Sul. 1.029 votos da chapa preta foram contrários, 28 em branco e 30 anulados. Votaram 9.550 pessoas. Depois deste episódio marcante, comemorado festivamente pelos sancaetanenses, algumas datas devem ser lembradas e repetidas. São elas:

17 de novembro de 1948 - Após

reunião da Sociedade Amigos de São Caetano, com a presença dos líderes autonomistas, o engenheiro Angelo Raphael Pellegrino recebe, em sua residência, uma comissão que o convida para ser candidato a prefeito de São Caetano do Sul.

24 de dezembro de 1948 - Promulgada pelo Governador do Estado, Adhemar de Barros, a Lei nº 223 que criou o Município de São Caetano do Sul.

1 de janeiro de 1948 - Instalado o Município de São Caetano do Sul na agência do subdistrito da Prefeitura, à rua Pará com rua Rio Grande do Sul. Carlos Pezzolo representou a municipalidade andreense e discursou no ato. Falaram ainda o professor José Bonifácio Fernandes e o deputado Gabriel Migliori.

29 de janeiro de 1949 - Comício popular lança o candidato autonomista Angelo Raphael Pellegrino apoiado pela Coligação de oito partidos, PSP, UDN, PTN, PSD, POT, PR, PRP e PDC.

13 de março de 1949 - O candidato da autonomia Angelo Raphael Pellegrino é eleito primeiro Prefeito

Municipal de São Caetano do Sul com 4.094 votos. O candidato da chapa preta que concorria pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) conseguindo 1.017 votos.

3 de abril de 1949 - Tomam posse as 15 horas no sobrado da rua João Pessoa, nº 120, após desfile e Missa solene, o primeiro Prefeito Municipal de São Caetano do Sul, Angelo Raphael Pellegrino e os 21 vereadores eleitos.

Afinal, após muita luta, estava realizado o sonho acalentado desde 1928 e revivido 20 anos depois. Foi uma grande e inesquecível batalha repleta de lances corajosos, violentos, heróicos e emocionantes que deu uma demonstração de quanto pode realizar um povo determinado e bem intencionado. A essência do Movimento Autonomista foi a soma do desejo dos munícipes de dirigir a Cidade que tanto amavam.

Transcorridos 50 anos ficou plenamente demonstrado que aquela centena de pessoas determinadas e decididas a qualquer sacrifício estavam certas no seu intento. Em bronze, imitando páginas de livros, lá estão, na praça Cardeal Arcoverde, os nomes dos líderes autonomistas, homenageados pelo que realizaram há meio século. Ao comemormos este cinquentenário, os 22 líderes autonomistas continuam vivos para reviver e aplaudir a história que viveram de forma magistral.

São Caetano do Sul é hoje um município modelo para o Brasil e outros países, citado, inclusive, por órgãos internacionais como a Unicef. É realmente motivo de muito orgulho para todos nós.

(*)Mário Porfírio Rodrigues, administrador, jornalista e líder autonomista

Rememorando um passado...tão presente, e cheio de passagens marcantes

Jayme da Costa PATRÃO(*)

Fracassar é doloroso; pior porém é nunca haver tentado triunfar. (Anônimo)

Foram tantas, diversas e trabalhossas as etapas percorridas pelos idealistas sancaetanenses que, com garra e pertinácia, perseguiram com determinação a tão desejada autonomia político-administrativa para São Caetano. Assim, a sua libertação tornou-se uma questão de honra. Com o *Jornal de São Caetano*, fundado em julho de 1946 pelos jovens Mário Porfirio Rodrigues, Walter Thomé, Mário e Ítalo Dal'Mas, e Luiz Rodrigues Neves foi alçada a bandeira do grande movimento emancipador.

Em fins de outubro de 1948 - há precisamente 50 anos - através de prévio plebiscito, resultou de maneira positiva e consagradora, o total desligamento político do distrito de São Caetano do município de Santo André. A vontade coletiva do sofrido povo da antiga fazenda de São Caetano prevaleceu depois de muita luta.

Com o corte visceral do cordão umbilical que mantinha os passos da população tolhidos e manietados ao poder discricionário de certos *coronéis* e seus apaniguados parceiros políticos, o povo do já emancipado Município respirou aliviado e delirou de alegria por constatar que, doravante São Caetano iria ter justiça e liberdade para caminhar com suas próprias pernas.

A emancipação de São Caetano não só trouxe o tão almejado progresso como também o respeito mútuo devido aos outros municípios vizinhos que atualmente compõem as sete cidades do Grande ABC.

1925 - Retrocedendo ao primeiro quartel do século vamos encontrar um grupo coeso de homens do mais alto nível formado por profissionais liberais, industriais, comerciantes vários e alguns visionários interessados em fazer algo útil em torno da cultura do abandonado distrito de São Caetano, obviamente, de maneira discreta, fazer política partidária. Assim, surgiu o Centro Cívico. Seus fundadores eram liderados pelo engenheiro Armando de Arruda Pereira. Participavam: dr. Constantino de M. Baptista, Accacio Novaes, Silvério Perrella, Antônio Dall'Antonia, Antônio Barile, Coronel Bonifácio de Carvalho, David Cucato, David Monteiro Gomes, Matheus Constantino, José Giardullo, José Paolone e Ettore Lantieri, - que se bandeou pouco tempo depois.

O livro do escritor-memorialista Ademir Médice; *Migração e Urbanização*. - *A presença de São Caetano na região do ABC* (pag. 36), fornece um fato curioso, comunicando oficialmente pelo sub-delegado de polícia do distrito de São Caetano, Accacio Novaes, ao delegado-titular de São Bernardo, cuja sede ficava na rua Xavier de Toledo, no centro de Santo André, que São Caetano precisava aumentar seu destacamento policial. Para uma população calculada em seis mil habitantes existiam apenas dois praças. Em novembro de 1925, Accacio Novaes, sub-delegado de polícia, utilizava papel timbrado do Centro Cívico de São Caetano para informar oficialmente ao seu superior sobre os trabalhos da sua pasta. O Centro Cívico estava aceito e ganhava prestígio!

Entretanto, essa inofensiva entidade logo seria vista pelos políticos

adversários como um órgão sedicioso e subversivo. Evidentemente houve desmentidos formais; mas na verdade o Centro Cívico de São Caetano crescia e se agigantaria demais e, realmente tinha tudo a ver com a fundação em 30 de maio de 1928 do partido Municipal de São Caetano, cujo porta-voz básico seria o *São Caetano Jornal*, fundado nesse mesmo ano sob a responsabilidade do jornalista Raimundo Cyriaco de Carvalho.

O *São Caetano Jornal* desde o seu primeiro número editado integrou-se perfeitamente aos ideais separatistas, - ao contrário de outros jornais e periódicos da época - fazendo jus ao dito popular de que o poder do dinheiro venal sempre esteve à serviço dos poderosos.

PARTIDO MUNICIPAL - Em abril de 1928, efetuou-se na residência da família José Mariano Garcia Junior, o Juca, à rua Perrella. Nesse ato foi eleito um diretório com os seguintes nomes: engenheiro Armando de Arruda Pereira, José Mariano Garcia Júnior, Pedro Alterfelder C. Silva, coronel Bonifácio P. de Carvalho, Antônio Flaquer,(1), David M. Monteiro Gomes, Matheus Constantino, Serviliano Silva, João Bisquolo, além de Viriato Martins, Gentil Figueiredo, Jorge Favorino, Américo Paine, Arquimedes Rocha, José Costa e João Relá.(2)

Diversos jornais de prestígio da Capital elogiaram, com matérias simpáticas à formação do Partido Municipal. Assim, São Caetano já tinha o seu partido político!

O jornal *Folha do Povo* via com certa boa vontade, e discreta simpatia, a fundação do partido e chegou até, em umas poucas linhas, a elogiar o

evento. No entanto, surpreendeu a opinião pública, quando o jornal, de maneira acintosa divulga um edital da prefeitura do coronel Saladino Cardoso Franco, pondo a *Folha* a descoberto e sua vocação política de bajulação.

Em 27 de abril de 1928, o jornal destacava: *Ribeirão Pires pode ser município, porém São Caetano há de ficar preso à política de Santo André!* Dizia o órgão da prefeitura.

Era pensamento do diretório político de São Bernardo dividir este município, oportunamente em três municípios e elevar o de Santo André a cabeça da comarca. Seriam criados mais os seguintes municípios: o de Santo André que se formaria com os atuais distritos de Santo André, São Caetano e o de Ribeirão Pires que se incorporaria aos distritos de Ribeirão Pires e Paranapiacaba.

Assim, a cidade de Santo André seria elevada à condição da comarca da qual fariam parte os municípios de São Bernardo do Campo, Santo André e Ribeirão Pires. Nesse sentido já estão bem encaminhados os trabalhos estatísticos.(3)

Dessa maneira, São Caetano ficava irremediavelmente alijado das pretensões de tornar-se município.

Enquanto São Bernardo articulava uma política para anular as emergentes idéias do separatismo de São Caetano, o *São Caetano Jornal* publicava com regularidade e denodo, pensamentos autonomistas e esclarecimentos cívicos ao povo de São Caetano.

■ *O único ponto de vista de São Caetano é sua independência. Porque sem liberdade jamais haverá progresso.*

■ *Não podemos ser contra São Caetano; porque só na criação do município é que está sua única e verdadeira salvação.*

■ *A sua manifestação máxima está no exercício livre e sacrossanto do voto.*

■ *Nada de queixas, nada de lamenta-*

ções. A união faz a força e é pela força eleitoral e cívica que o povo de São Caetano poderá vencer.

■ *Tire hoje mesmo o seu título de eleitor!*

■ *Já convidou o seu amigo para ser eleitor, entrando assim para o rol dos homens de verdadeira consciência cívica?*

■ *Aqui em São Caetano houve como em toda parte onde impera a civilização e reina a regeneração de costumes políticos, divergências partidárias mas, para a criação do município, único meio de tornar São Caetano uma cidade digna dos recursos que possui é tornar-se livre e forte.*

■ *Cooperar na política partidária e um dos maiores deveres do cidadão livre.*

■ *Amar o torrão nosso não é somente respeitá-lo. É engrandecê-lo com o exercício do voto consciente...*

COMBATITIVIDADE - Era uma constante do *São Caetano Jornal* aferroar os déspotas e inimigos do pobre distrito de São Caetano e sua liberdade. O trabalho de Cyríaco de Carvalho, entre uma matéria contundente, antes ou depois de um editorial, divulgação de uma chamada ou algum pensamento positivo, sempre era em favor da sonhada autonomia político-administrativa de São Caetano. Isto em 1928.

Em fins deste mesmo ano, os deputados estaduais simpáticos à política de libertação do distrito de São Caetano, Antônio Ezequiel Feliciano da Silva, Luiz Barbosa da Gama Cerqueira e Zoroastro Gouveia apresentaram ao Legislativo do Estado de São Paulo o seguinte projeto de lei:

Artigo 1º - Fica criado o Município de São Caetano, com sede no atual Distrito de Paz do mesmo nome da Comarca da Capital de São Paulo;

Artigo 2º - As divisas são as mesmas do atual Distrito da Paz;

Artigo 3º - Revogam-se as disposições em contrário.

Todo esse heróico esforço aplicado

ao movimento emancipador de 1928 foi em vão. - Fracassou melancolicamente! A tão desejada autonomia para São Caetano não vingou; - como diria um certo político da nossa República: "*Forças ocultas impediram!*"

O projeto de lei não passou pela tramitação política e o sonho do Partido Municipal de São Caetano esvaizou-se e morreu em fins de 1928.

Dos movimentos de emancipação dos anos 1928 e 1948 ficaram registrados de maneira indelével na história política de São Caetano o comportamento heróico de dois modestos jornais de publicações semanais: o *São Caetano Jornal*, que em novembro de 1929, com a sua última edição encerrava tristemente suas atividades, deixando um precioso legado de idealismo e edificante exemplo para o futuro jornalístico cidadão.

O *Jornal de São Caetano* de Mário Porfirio Rodrigues na primeira edição circulando em 28 de Julho de 1946 iniciou as atividades em grandes campanhas destacando-se a Sociedade Beneficente Hospitalar São Caetano e a vitoriosa Autonomia Político-Administrativa de Outubro de 1948 para a cidade de São Caetano.

Em dezembro de 1955, o *Jornal de São Caetano* de tantas glórias conquistadas passaria tristemente para outras mãos, outras direções, ficando tão somente arraigado no coração sulsancaetanense a lembrança da revolução emancipadora de 1948 que neste memorável fim de século comemora condignamente seu Jubileu de Ouro.

Notas:-

(1) Antonio Flaquer em 1948 seria o prefeito de Santo André, contrário à emancipação de São Caetano

(2) São Caetano Jornal

(3) São Caetano Jornal

(*) Jayme da Costa Patrão, Membro do Gipem e do Conselho Diretor da Fundação Pró-Memória

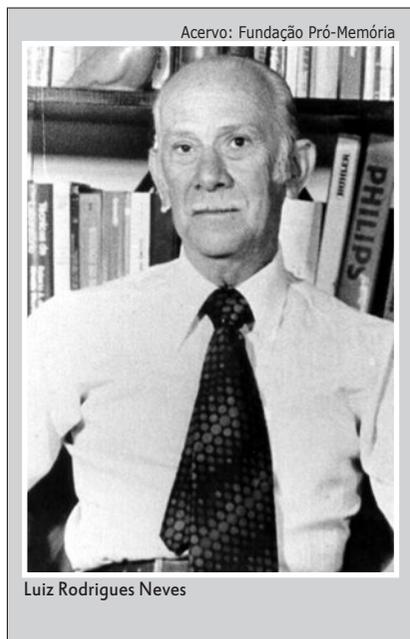
Fundador do Jornal de São Caetano foi destaque no movimento emancipacionista

Luiz Rodrigues Neves nasceu em Espírito Santo do Pinhal, em 11 de novembro de 1919. Mudou-se para São Caetano em 1935 e começou a trabalhar na fábrica Rayon Matarazzo, onde ficou por 27 anos. Hoje, Neves é diretor-superintendente da Chocolates Pan, onde está há mais de 30 anos.

Fundador do *Jornal de São Caetano* e também do Hospital São Caetano, Neves é hoje o único pai do movimento autonomista que pode contar algumas passagens importantes da campanha. Walter Thomé e Mário Rodrigues que, juntamente com Neves, deram início à campanha autonomista, faleceram pouco tempo depois de São Caetano tornar-se autônoma.

Em termos de atividade política, Luiz Rodrigues Neves foi vereador nas três primeiras legislaturas. A pedido de Antônio da Cunha Bueno que, segundo Neves, foi um grande personagem da autonomia, formou o PSD (Partido Social-Democrata) em São Caetano e foi eleito vereador como o segundo mais votado, logo atrás de Oswaldo Samuel Massei.

Como jornalistas ativos, Neves e os outros dois líderes autonomistas, perceberam as falhas do poder público na época e, sentindo o sofrimento dos moradores do subdistrito de Santo André com a total falta de infra-estrutura, resolveram reativar o movimento abortado em 1928. Sob o ponto de vista jornalístico, Neves faz algumas observações: *“Hoje, o que falta nos jornais locais é exatamente isso o que fizemos: ver as deficiências,*



ver as falhas, e fazer campanha para corrigi-las”.

Esses e outros assuntos são abordados por Luiz Rodrigues Neves a seguir, nos trechos da entrevista a *Raízes*, em seu escritório, na Chocolates Pan.

“Vim para São Caetano em 1935; tinha 16 anos. Fiquei três meses procurando emprego e consegui um lugar na fábrica Rayon Matarazzo (Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo). Entrei como contínuo, passei para escrivão e depois constitui e dirigi o escritório de fabricação, que congregava todo o esquema de matéria-prima e produção da fábrica. Acabei ficando com o segundo cargo mais alto da empresa, o de diretor-administrativo, e saí da Matarazzo em 1963, com 28 anos de serviço.

Naquela época, eu era presi-

dente da Câmara de São Caetano, e a matéria-prima mais importante para o Matarazzo era água. A Prefeitura fez um convênio com a empresa, no qual se comprometia a dar todo o excesso de água da cidade à Matarazzo. A empresa fez, com seus próprios recursos, uma tubulação de 18 polegadas ligando o seu sistema de água ao da Prefeitura.

À medida em que a cidade crescia, a quantidade de água para a empresa ia diminuindo, já que a população tinha prioridade. Chegou a um ponto em que a Prefeitura não tinha mais água em excesso; portanto, só esporadicamente fornecia água ao Matarazzo. O conde Francisco Matarazzo II, que não conhecia a cidade, começou a achar que o prefeito Anacleto Campanella não gostava de mim, e mandou que eu escolhesse qualquer uma das indústrias em São Bernardo, Belenzinho, ou na Água Branca, para atuar na mesma função. Recusei-me, e pedi demissão, depois de 27 anos de serviço. Fiquei três meses parado e surgiu uma vaga de diretor-comercial na Chocolates Pan, onde estou há mais de 30 anos, e há oito anos como diretor-superintendente”. Trechos da entrevista:

JORNAL – “Mário Rodrigues, Walter Thomé e eu tivemos a idéia de formar um jornal para tentar alguma coisa em favor de São Caetano. Foi quando fundamos o *Jornal de São Caetano*. Era muito difícil, não tínhamos dinheiro, e o jornal era impresso, com muita dificuldade, pelo senhor João Cam-

panhari, que tinha uma tipografia. Para pagar, as dificuldades eram ainda muito maiores. Para que o jornal conseguisse atingir a população, precisávamos de alguma bandeira, e a primeira que levantamos foi a fundação do Hospital São Caetano. Através de campanha popular, ajuda do povo, principalmente, e da indústria, fizemos o primeiro bloco do hospital, que hoje é, sem dúvida, o hospital mais importante da região. Mas precisávamos de uma outra campanha; foi então que pensamos em fazer um movimento autonomista, embora em 1928 tivesse havido um outro movimento, abortado pela desapropriação do povo de São Caetano. Achávamos que a campanha poderia dar credibilidade ao jornal; por isso, engajamos pela autonomia".

"Para que a campanha autonomista se tornasse possível, era preciso que uma pessoa jurídica assumisse o movimento. Foi então que fundamos a Sociedade Amigos de São Caetano, que, àquela altura, já congregava os autonomistas mais entusiasmados. Através do jornal, foram conclamadas as pessoas, e tivemos a eleição para presidente da SASC, que foi realizada no São Caetano Esporte Clube. Foi eleito o dr. José Luiz Flaquer Neto, sobrinho do prefeito de Santo André, Antônio Flaquer. Depois vimos que havíamos cometido um erro, mas que não dava para voltar atrás. Depois de fundada a Sociedade Amigos de São Caetano, procuramos juristas que nos orientassem para sabermos como deveríamos proceder para dar andamento à campanha autonomista. A partir daí foram constituídas algumas comissões. Havia uma que tratava de angariar assinaturas. Precisávamos obter a

assinatura de 10% da população, no mínimo, e reconhecer firma no cartório (...) Foram formadas turmas para colher as assinaturas. Homens, mulheres, brasileiros e estrangeiros, podiam participar, desde que preenchessem os requisitos exigidos pela Lei Orgânica dos Municípios. As turmas eram divididas, algumas saíam durante o dia e outras, à noite. Essas assinaturas teriam de ser reconhecidas em cartório, cujo proprietário era Antônio Fláquer, prefeito de Santo André. Nós os procuramos, de maneira pacífica, e eles se recusaram a nos prestar o serviço. Foi então que alguns rotarianos de São Caetano nos apresentaram a João Evangelista de Paiva Azevedo, dono de um dos cartórios de Santo André. Ele não só se prontificou a fazer gratuitamente o reconhecimento das firmas, como colocou dois funcionários à nossa disposição, para nos atender depois das 19h00. Duas vezes por semana, eu e mais duas pessoas, no mínimo, íamos até Santo André reconhecer firma nas assinaturas que haviam sido colhidas até aquele instante. Esse procedimento repetia-se por diversas vezes e conseguimos, com isso, preencher uma das exigências mais difíceis e mais importantes que a lei exigia. Uma outra coisa muito importante a fazer seria comprovar a renda. O município precisava ter uma arrecadação mínima, só que Santo André se recusava sistematicamente a dar essa informação. Fui pessoalmente procurar Clodomiro Gusmão Rocco, que tomava conta de uma subagência da Prefeitura, localizada à rua Perrela. Falei com ele sobre o assunto, expus o risco que ele corria de ser transferido, demitido ou suspenso, e, ainda assim, ele me fez alguns documentos

de arrecadação. Fui logo à rua Santa Catarina falar com um fotógrafo, Jacinto Rodrigues, e ele conseguiu cópias de todos aqueles documentos, que foram engrossando o processo. Já tínhamos população, renda, assinaturas. Faltava alguém que pudesse esboçar um requerimento embasado em forma jurídica. Procuramos o professor José Ataliba Nogueira que nos atendeu e, gratuitamente, deu forma legal à nossa representação. Encaminhamos a representação à Comissão de Estatística da Assembléia Legislativa de São Paulo, presidida pelo deputado Cunha Bueno. Antônio Silvio da Cunha Bueno foi, sem dúvida nenhuma, a mola-propulsora do movimento autonomista. A partir daí, conseguimos aproximar-nos do deputado Décio da Silva Perez e do capitão Porfírio da Paz, também deputado. Em resumo, na Comissão de Estatística tínhamos contra o movimento somente a deputada Conceição Santa Maria, do PTB. Nos dias de reunião, a gente dirigia sempre uma comissão de quatro a cinco pessoas; íamos à Assembléia Legislativa para ver se entrava em pauta o nosso pedido. Finalmente, numa noite, infelizmente só tínhamos ido o Celso Marchezan (dono do Banco São Caetano) e eu, foi colocada em discussão a nossa representação. O Cunha Bueno, que era voto certo nosso, não precisou votar, porque não houve empate. Tivemos dois votos a favor e depois um voto muito bonito do capitão Porfírio da Paz, que deu o sim recitando o verso *Todos cantam sua terra, também vou cantar a minha, nas dêbeis cordas da lira, hei de fazê-la rainha*, emocionando a todos. Já estava quase evidente que o processo seria aprovado. O passo

seguinte seria o encaminhamento da representação para a Assembléia Legislativa do Estado. Aproximamo-nos de vários elementos políticos que trabalhavam na Assembléia, dentre eles, Gabriel Migliori e Ulisses Guimarães. Não demorou muito tempo e os vereadores de São Caetano, mas que, na verdade, pertenciam à Câmara de Santo André, como João Dal'Mas, Lauro Garcia, Antonio Dardis Neto e Anacleto Campanella, renunciaram aos mandatos e incorporaram-se ao movimento autonomista. Isso ajudou-nos muito e foi uma alavanca muito boa para o jornal, pois permitiu que veiculássemos a notícia, dando credibilidade ao movimento, já que os vereadores renunciaram a troco de nada, somente com interesse político futuro em São Caetano. Aprovado o processo na Assembléia Legislativa (com uma vantagem quase esmagadora), passamos por uma outra fase muito difícil. A partir do momento em que o governador Adhemar de Barros promulgou a lei que tornou São Caetano autônoma, passou-se a pensar na política interna do Município. Precisávamos de um candidato a prefeito, e um nome de comum acordo era o de Ângelo Raphael Pellegrino, uma pessoa muito boa, respeitada, e que gostava muito de São Caetano. Pellegrino exigiu a condição de ser candidato único, e nós já sabíamos que ele o seria, pois nenhum autonomista iria se opor à candidatura dele. Os *chapas-pretas* optaram por José Luiz Fláquer Neto. Foi realizada o plebiscito, e vencemos com uma diferença muito grande. Depois de promulgada a lei, o deputado Cunha Bueno telefonou-me e disse para eu escolher, em 30 minutos, se queríamos ser São

Caetano do Sul ou São Caetano Paulista, porque em Pernambuco já havia um município chamado São Caetano. Fiz uma consulta rápida com uns 10 líderes autonomistas, e optamos por São Caetano do Sul. (...) O que facilitou a autonomia foi, em primeiro lugar, a compreensão do povo. Em segundo, a necessidade absoluta de infra-estrutura. Não tínhamos água, esgoto, escola, nem telefone. Tudo que é necessário para o bem-estar da população, faltava em São Caetano, e foi muito fácil transmitir isso às pessoas. Tanto que a votação do plebiscito concretizou aquilo que o jornal acreditava. Foi uma pena que, depois de o movimento ser concretizado, a Sociedade Amigos de São Caetano tenha sido desfeita. Se existisse até hoje, poderia ser um órgão colaborador dos poderes públicos, poderia ajudar como os clubes de serviço. O Lions e o Rotary ajudam até hoje e ajudaram bastante na autonomia, foram peças importantes no movimento".

CÂMARA – "A eleição da primeira Câmara foi pacífica. Pellegrino elegeu-se com muita facilidade e escolheu seus auxiliares de maneira razoavelmente inteligente, embora tivesse algumas falhas. Não concordamos, por exemplo, com o diretor administrativo que ele havia escolhido. A própria Câmara fez campanha para substituir esse diretor, que não era de São Caetano, por um sancaetanense(...) A primeira Câmara Municipal foi constituída por pessoas de meia-idade; talvez eu fosse um dos mais jovens. Todos eram moradores de São Caetano, o que era uma vantagem, pois conheciam quase todos os problemas, sabiam que as prioridades eram basicamente água, esgoto e escola. Foi a me-

lhor Câmara, sem dúvida nenhuma. Eu participei das três primeiras legislaturas e posso dizer que a primeira foi a melhor, a segunda foi boa e a terceira, regular. Depois eu não acompanhei, mas achei que piorou. Essa Câmara atual, no meu entender, é melhor que as últimas. (...) O prefeito Pellegrino, todo mês de julho, viajava para visitar a família no Nordeste e o presidente da Câmara assumia a Prefeitura, durante um mês. Assim foi com Accácio Novaes, Concetto Constantino, e eu também fui prefeito por um mês. Isso era uma coisa boa, porque contava ponto politicamente, embora eu nunca tivesse outros interesses políticos. Tanto que fui um bom vereador na primeira legislatura, fui um bom vereador na segunda e, na terceira, omiti-me. Acho que o nível da Câmara caiu muito na terceira legislatura e eu nunca mais desejei coisa alguma *com a política*".

"Terminado o movimento autonomista, o deputado Cunha Bueno telefonou-me, num sábado, dizendo para eu não sair no domingo, porque ele viria à minha casa. No dia seguinte, ele me disse: *Neves, eu dei a minha ajuda na campanha autonomista, e agora eu quero a sua recíproca. Aqui em São Caetano não existe o PSD e eu quero que você forme o partido*. Embora eu relutasse, porque não tinha tempo e não tinha queda para a política, acabei formando o PSD e fui eleito vereador em segundo lugar, com 165 votos. Em primeiro ficou Oswaldo Samuel Massei, com 177 votos. Mas eu não gostei da filosofia do PSD, e, nas outras duas legislaturas, acabei sendo vereador pela UDN".

"Felizmente, o movimento autonomista teve a participação de pessoas que foram importantíssi-

mas para o seu sucesso. Além de Walter Thomé, Mário Rodrigues e Luís Rodrigues Neves, destacam-se as pessoas da família Dal'Mas, Lorenzini, Perrela, Barili. Bento Velanis Regis também foi uma pessoa extraordinária. Não gosto muito de citar nomes, porque se corre o risco de esquecer, o que dá a impressão de estar omitindo alguém. (...) Pouquíssimas pessoas tinham carro em São Caetano. O Giácomo João Lorenzini, que também era acionista do Banco São Caetano, e um dos mais legítimos líderes autonomistas, colocou um carro à nossa disposição 24 horas por dia, durante todo o movimento autonomista".

"Após o término do movimento autonomista, foi constituída uma comissão de alto nível, que publicou aditais nos jornais locais para estudar quem foram os verdadeiros autonomistas. Essa comissão era constituída por pessoas respeitáveis, sérias e equilibradas, porque depois de o movimento ser vitorioso, todos diziam-se autonomistas. Procuramos, através do bom censo, do equilíbrio e da justiça, perpetuar no bronze o nome dos que tivessem sido realmente autonomistas. Posso dizer que aquela placa que existe no largo da Matriz, no Bairro Fundação, tem 99,99% de acerto. Não acredito que tenha passado em branco uma pessoa sequer. Em todo caso, deixemos esse 0,01% em razão da falibilidade humana, pois ela foi feita com absoluto critério. Mesmo no caso de pessoas que nos escreveram e protestaram, nós discutimos e respondemos as cartas, explicando por que uns e outros não foram considerados autonomistas. Houve uma pessoa que trabalhou para a chapa preta, foi contra nós, era compadre do

prefeito de Santo André, e depois procurou-me para queixar-se de que não havia sido incluído na lista dos autonomistas".

"O Município hoje possui fatos historicamente marcantes, como a votação da Comissão de Estatística, a aprovação da Assembléia Legislativa, a promulgação da lei pelo governador Adhemar de Barros, a instalação da primeira Câmara, a posse do primeiro prefeito. (...) São Caetano não vai ter a oportunidade de assistir de novo a um movimento cívico de tamanha envergadura, de tamanha empolgação, como foi o movimento autonomista(...). Foi uma das páginas mais brilhantes da história do Município, superada apenas pelo capítulo da fundação de São Caetano, que eu coloco em primeiro lugar. (...) Todos esses fatos foram importantes para que ela se tornasse a cidade que é hoje, uma cidade praticamente sem problemas".(...) Embora eu faça restrição a algumas das Câmaras Municipais eleitas na cidade, ao longo dos anos, e faço restrições sérias, creio que a atual melhorou em relação à anterior. Tivemos algumas Câmaras que deixaram muito a desejar. Tirando esse aspecto, nenhuma restrição. Os prefeitos foram muito bons, tivemos alguns prefeitos ótimos, como Campanella, Massei, Braido, e prefeitos bons. Ruins, no meu entendimento, não tivemos nenhum, embora eu preferisse que sempre fosse gente de São Caetano, ou radicada no Município".

CHAPA-PRETA – "Os não-autonomistas de Santo André acusaram os líderes de São Caetano de comunistas. Fomos chamados, na época, ao DOPS (Departamento de Ordem Política e Social). O delegado Ribeiro de Andrade atendeu-

nos gentilmente, fez uma série de perguntas, deu risada e encerrou o depoimento, porque não havia nenhum comunista. Foi um pretexto de Santo André para tentar desativar o movimento". (...) Embora muitas pessoas se dissessem autonomistas, na verdade eram pessoas muito ligadas ao prefeito Antônio Fláquer, que era um chapapreta. (...) Tivemos algumas pessoas que, na última hora, deixaram de ser autonomistas (por razões que até não sabemos) e ofereceram solidariedade ao prefeito de Santo André. (...) Achávamos que a campanha pudesse dar credibilidade ao jornal; por isso nos engajamos pela autonomia. O que facilitou a autonomia foi, em primeiro lugar, a compreensão do povo e, em segundo lugar, a necessidade absoluta de infra-estrutura, o que foi muito fácil transmitir às pessoas. A primeira Câmara era constituída por pessoas de meia-idade, todos moradores de São Caetano, o que era uma vantagem, pois conheciam quase todos os problemas. Foi a melhor Câmara, sem dúvida nenhuma".

"É uma pena que a Sociedade Amigos de São Caetano tenha sido desfeita. Se existisse até hoje, poderia ser um órgão colaborador dos poderes públicos, assim como o Lions e o Rotary".

"Embora muitas pessoas se dissessem autonomistas, na verdade eram muito ligadas ao prefeito Antônio Fláquer, que era um chapapreta".

"O que falta nos jornais locais é exatamente isso que nós fizemos, ver as deficiências, ver as falhas do poder público e fazer campanha ao abordar os poucos problemas de São Caetano".

(Publicado originalmente em Raízes 13, pp. 43-45)



Lauro Garcia, nasceu em São Caetano. Administrador, empresário, ex-vereador, ex-vice-prefeito em dois mandatos(1957 a 1965)

Ex-vereador relembra acontecimentos vividos na Câmara de Santo André

Lauro Garcia nasceu em São Caetano do Sul no dia 17 de novembro de 1916, e é filho de José Mariano Garcia Jr. e Angelina Tomazella Garcia. Em 1951, formou-se pela Faculdade Moura Lacerda, localizada em Ribeirão Preto, após ter cursado Economia. Segundo Garcia, ele foi um dos primeiros filhos de São Caetano a diplomar-se nessa área.

Administrador e empresário, em 1944 fundou as Indústrias Reunidas de São Caetano Ltda. Passados 32 anos, em 1976, assumiu a direção da Empresa Grande Brasil. Posteriormente, organizou, implantou e dirigiu a Associação Comercial e Industrial de São Caetano do Sul (Aciscs); Sociedade Amigos de São Caetano do Sul; Diretório do Partido Republicano (PR); Clube de Aerodelatismo de São Caetano do Sul; Creche Nossa Senhora da Glória; Sociedade Beneficente e Hospitalar São Caetano; e São Caetano Esporte Clube. Também atuou como diretor do Departamento de Esportes e Bem Estar Social de São Caetano e conselheiro do Banco Interamericano S/A. Como político

elegeu-se vereador à Câmara Municipal de Santo André para a gestão 1948/1952. No ano de sua eleição já estava envolvido com a emancipação de São Caetano do Sul, transformando-se em pouco tempo devido à sua atuação, em líder autonomista. Durante os mandatos de 1957 a 1961 e de 1961 a 1965 foi vice-prefeito de São Caetano, exercendo o interinamente a Prefeitura de 8 de janeiro a 7 de fevereiro de 1958, e também de 30 de novembro a 20 de dezembro de 1959. Trechos do depoimento:

"Hoje sou aposentado... Aposentei-me como político e como industrial (...) Naquela ocasião, não havia tanta facilidade como há hoje, em questões financeiras, principalmente porque comecei tudo sozinho. Por volta de 1949, 1950, tinha um escritório de despachante aqui em São Caetano. Fui um dos primeiros filhos da cidade a se habilitar no curso superior de Economia e Finanças. Primeiro me formei como contador, depois, perito contador, tudo por São Paulo, na Escola de Comércio 30 de Outubro, que depois passou a ser

faculdade. Entrei na faculdade de Ciências Econômicas. O primeiro e segundo ano fiz no Liceu Coração de Jesus, em São Paulo; depois não pude continuar por causa da política, porque faltava muito às aulas. Fui terminar o curso na faculdade de Ribeirão Preto..."

"A minha política não é de São Caetano, é de Santo André, pois na ocasião fui um dos elementos que teve de mudar para Santo André. João Dal'Mas, Anacleto Campanella e Antonio Dardis Neto e eu éramos vereadores por São Caetano na Câmara... foi necessário um mandado de segurança (...) Após a emancipação de São Caetano, eu e João Dal'Mas ficamos na Câmara de Santo André até o término do mandato, a pedido do doutor Ângelo Raphael Pellegrino. Do grupo formado de quatro vereadores, formado por nós, dois se retiraram, porque a autonomia foi feita justamente no segundo ano da Câmara de Santo André. Na ocasião, o doutor Pellegrino disse para eu e João Dal'Mas ficarmos lá, porque iria precisar de nós para defendê-lo em tudo

que precisasse para São Caetano. (...) Tivemos de comprar casa lá, e quando venceu o mandado de segurança, foi uma briga para entrarmos na Câmara. Não nos deixaram entrar, precisou vir a polícia de São Paulo para nos garantir a entrada.

POLÍCIA – "Eu tenho uma documentação, inclusive saiu publicado nos jornais de São Paulo, sobre quando nós entramos na Câmara de Santo André. Foi feita uma coligação PSP-PTB, eu pertencia ao Partido Republicano, mas como o partido não tinha diretório em São Caetano, nós concordamos com essas duas legendas. Depois de eleitos, nós fizemos uma declaração na Câmara sobre o nosso desligamento desses dois partidos, pois éramos do Partido Republicano, o mesmo de 150 anos atrás, que depois, com a queda de Getúlio deixou de existir".

"Lembro-me que, na primeira reunião da Câmara de Santo André, no dia que fomos lá para tomar posse, a polícia compareceu também (o DOPS de São Paulo), e só entravam vereadores que já vinham com diploma na mão. Aqueles vereadores comunistas que foram eleitos estavam presentes, pintaram o sete, entregaram todo mundo e a polícia acabou esvaziando o recinto. Eu também fui colocado pra fora e depois não pude nem retornar à Câmara, porque a polícia tomou conta e não deixou entrar mais ninguém. Eu nem tomei posse no primeiro dia (...) Os comunistas de São Caetano eram todos meus amigos, eu conhecia todos, como também conhecia parte de Santo André (...) Como a entrada estava impedida, não deixaram-me entrar. Tive que tomar posse na segunda sessão, e isso foi uma coisa que também marcou-me muito. Eu pensava: "Será que também vou perder o mandato como comunista? Não é possível, porque eu não sou comunista". E não houve problema nenhum.

"A luta política dentro da Câmara de Santo André foi algo muito marcante. Fui eleito vereador por São Caetano e reeleito por Santo André, porque também tive votos lá. Éramos 21 vereadores e só quatro eram a favor de São Caetano se emancipar. Os outros 17 eram contra. Sofríamos com a malhação violenta daquela turma, porque ninguém queria saber da autonomia de São Caetano. Haviam vereadores de Santo André que iam a São Paulo fazer declarações contra os autonomistas. Mas eu entrei de peito aberto, e disse: "Sou autonomista. Sou vereador de Santo André, mas sou autonomista". Se fui eleito para defender o povo, tanto faz ser de São Caetano, Santo André ou de Mauá. Estou defendendo os interesses do povo, e foi o que fiz. Agora, é uma questão de opinião, se o povo de São Caetano quer a autonomia, vamos ajudá-lo, dentro dos preceitos da lei. Quando eles viram que nós havíamos formado a Sociedade Amigos de São Caetano e estávamos levando o movimento adiante, ficaram com raiva da gente. Isso porque estávamos fazendo o diabo lá na Câmara de Santo André. Foi aquela luta, até que um dia eles cismaram de nos desbancar por um voto de desagravo, de pesar pela emancipação de São Caetano, sendo aprovado esse voto. Fui eu quem subiu na tribuna de Santo André e respondeu ao voto de pesar. No dia seguinte aqui em São Caetano até saiu publicado no jornal, por todos os apoios que recebi".

"Santo André aprovou um requerimento contra a autonomia, para que a Assembléia Legislativa de São Paulo não aprovasse o plebiscito. . Na época, nós, os quatro vereadores, assinamos um requerimento, de última hora, contra aquele aprovado pela Câmara de Santo André. Assinamos o manifesto, apresentamos ao presidente da Câmara e depois nos reti-

ramos, pois éramos voto vencido. Eles venceram por maioria absoluta. Esse foi um dos momentos mais perigosos que nós tivemos lá dentro, foi um dia em que houve muita confusão, até a polícia estava lá pra garantir a ordem. Depois foi revelado que os quatro autonomistas que aguentaram calados fomos nós, porque depois apareceu muita gente querendo ser autonomista. Na Câmara de Santo André salvamos os quatro, mas depois fomos cassados". Um outro fato muito marcante foi a nossa volta à Câmara, depois de vencido em São Paulo o recurso do mandato de segurança, mas eu não tenho nenhum documento. Uma coisa muito importante foi o nosso retomo, com o povo de São Caetano acompanhando o desenrolar da nossa volta. A Câmara ficava superlotada, em certas ocasiões até o DOPS era usado para manter a ordem lá, porque havia início de confronto entre São Caetano e Santo André (...) Existia uma luta muito grande, não se falava em outra coisa a não ser autonomia, chapa-branca, chapa-preta. Se atender um e não atender outro era um comentário danado, porque era tudo em cima da hora. E o povo de São Caetano tomou partido".

"O Município de São Caetano foi criado pelo não-esforço de Santo André, junto com o povo (...) A primeira Câmara de São Caetano não tinha nenhuma espécie de ação política, porque ela funcionava pela união de todos os partidos. Não havia desunião, todo mundo trabalhava de comum acordo, com os partidos atuando harmonicamente em benefício de São Caetano que não tinha nada, porque Santo André nos deixou a zero".

"O movimento autonomista teve uma centena de nomes ilustres que ajudaram na campanha, tudo em tomo da Sociedade Amigos de São Caetano. Foram justificados por volta de 117

nomes, pessoas que trabalharam na campanha. Até foi feita uma relação desses nomes na Câmara Municipal de São Caetano".

POLÍTICA – "Depois da primeira Câmara de São Caetano, começou a política dos antigos de Santo André, como a família Fláquer e família Cardoso Franco. Havia aquela política pró e contra, eram dois partidos: o republicano e o democrata. Foi aí que voltou aquela política regional de Santo André, a política Fláquer",

"O primeiro movimento que intuiu São Caetano para sua emancipação aconteceu em 1928. Isso é bom esclarecer porque a maioria do povo não sabe, e os políticos de hoje, muito menos. Eu tenho um livro-caixa do Partido Independente Municipal, que prova esse acontecimento. Nessa época, eu tinha 12 anos, e a política era feita na minha casa. Meu pai, José Mariano da Cunha Júnior, era um chefe político junto à colônia italiana de São Caetano. Mas a aprovação da Assembléia em abrir um plebiscito não aconteceu, porque São Caetano não tinha condições, faltava área territorial e também o comércio não era desenvolvido. Em 1942, depois da queda de Getúlio, foi beneficiada a criação dos novos municípios, e em 1948 houve novamente o movimento autonomista. Eu votei pelo povo de São Caetano, fazíamos reuniões sucessivas e qualquer assunto do jornal de São Caetano, que ficou nas mãos de amigos nossos, era de apoio à autonomia. Como eu era presidente do São Caetano Esporte Clube, organizei para realizarmos lá a primeira reunião para tratar da autonomia. Dali pra frente foi crescendo novamente a campanha autonomista. Santo André, na verdade, não fazia nada para São Caetano, só queriam nosso dinheiro. Agora, verdade seja dita, eles estavam com a faca e o queijo na mão e faziam o que bem queriam, afinal não tinha

gente o suficiente para chegar lá e discutir o assunto. A partir desse movimento de 28, que tinha gente boa, gente de expressão, tivemos força para dar continuidade com a certeza de que iríamos conseguir. Em 1948 houve mais facilidade, São Caetano se desenvolveu, criou seu índice de indústria, e a população cresceu bastante, tudo estava mais fácil. Os elementos de São Caetano se reuniam em vários locais, até que foi fundada a Sociedade Amigos de São Caetano. A partir daí, a Sociedade ficou incumbida de providenciar toda a documentação para que fosse feito o plebiscito".

"Com o passar do tempo muitos amigos aqui em São Caetano, inclusive meu círculo de amizade cresceu bastante, e politicamente me sentia duplamente agradecido, porque o povo deu valor ao que tinha feito. Tanto é que depois de vencidos os quatro anos na Câmara de Santo André, candidatei-me a vice-prefeito em São Caetano, sendo eleito e reeleito, no mandato de Anacleto Campanella e Oswaldo Massei (...) O Massei, eu não me lembro bem, mas ele ganhou com uma margem de mil e quinhentos a dois mil votos de diferença sobre o outro candidato. Eu sozinho tive oito mil votos, porque a votação para vice-prefeito era independente.

Aqueles dois mil votos, que praticamente eu dei pra ele, ajudou-o a ganhar a eleição para prefeito. Tudo isso a gente veio a saber depois, porque era uma coisa recente, uma vez que diziam que estava ajudando o Massei. No entanto, quem deu a vitória ao Massei fui eu, já que naquela ocasião não podia ser candidato a prefeito, pois estava com a minha fábrica".

"O Antônio Fláquer era da família que representava a chapa-preta, mas em 1928 ele era autonomista. Esse é um caso singular. Por que se tomou

chapa-preta se em 28 era líder autonomista e contribuiu para as despesas desse movimento? Em 1948, pelo cargo que ele ocupava como prefeito de Santo André, como autonomista de 28 e como dono do cartório de São Caetano, ele ficou numa situação delicada. Muita gente não sabe disso, e os que sabiam, já morreram".

"A minha família, eu não sei porque cargas d'água, achou que os italianos foram os fundadores de São Caetano (...) A minha mãe é filha de italianos, mas o meu pai é brasileiro puro. Quando os italianos vieram para São Caetano, em 1877 (eu tenho a história toda documentada), meu pai e minha avó já moravam em São Caetano, já tinham sua fazenda. Em 1872 já moravam aqui a minha família, famílias de escravos e também outras pessoas, tem até um livro do José Ângelo Gaiarsa de Santo André, que diz o nome dessas famílias. Inclusive o jornal *Diário do Grande ABC*, em uma ocasião me pediu emprestado uns documentos que eu tinha sobre a minha família, e fizeram urna matéria (...) Ainda outro dia encontrei uma publicação do *Diário* sobre a minha família, relatando de como a minha avó vendeu a propriedade dela. Um historiador, chamado Souza Batista, conseguiu descobrir para mim, em São Paulo, que ela vendeu uma parte de sua propriedade para um banco, e esse banco depois vendeu para a estrada de ferro. A outra parte ela negociou com uma família antiga de São Paulo, que agora eu não me lembro o nome. As terras da minha avó eram muito maiores que tudo o que os italianos tinham".

"Quanto ao caso Massei, o fato deles terem se tomado chapa-preta foi uma coisa que marcou o povo. Nem o próprio prefeito, Antônio Fláquer, que era dono do cartório de São Caetano, ficou tão visado como a família Massei. E olha que eles

são pessoas ótimas, eu conheci todos eles (...) Fui muito amigo do Francisco Massei, inclusive meu pai era compadre dele, eles eram amigos desde quando ele veio da Itália. Agora, o problema da chapa-preta foi um erro dos autonomistas não procurá-lo, um erro inclusive meu, porque era amigo da família dele, e

com o movimento, eu também esqueci de procurá-lo. Eu não sabia que, em 1928, ele pertencia às campanhas que meu pai havia empreendido, a gente não lembra de todo mundo. Depois de passada a autonomia, passada aquela época de luta, nós continuamos sendo bons antigos, e então ele me disse: "Lau-

ro, eu fiquei chapa-preta não porque fosse um chapa-preta, mas porque o Antônio Fláquer era meu amigo. Ele me procurou em primeiro lugar e eu dei a palavra que ajudaria, depois não poderia voltar atrás".

(Publicado anteriormente em Raízes 14, pp. 33-36)

Documento

Cópia do discurso pronunciado na Municipal de Santo André, em 17 de outubro de 1948, pelo então vereador Lauro Garcia que veio a contribuir decisivamente para autonomia de São Caetano do Sul.

*Senhor Presidente
Nobres vereadores*

Não era minha intenção ocupar hoje esta tribuna, mas compelido e alertado por uma estranha coincidência, às vezes ironias do destino, faço-o e sinto-me com coragem e satisfação que, em meu íntimo de sancaetanense, vejo que é inulduível tomar forma contrária a um fato que já se considerou vontade popular; a verdadeira vontade da maioria, e da qual, prazerosamente tomo o meu lugar e com satisfação dou meu amplo e decidido apoio.

Eleito pelo povo de São Caetano para aqui nesta Câmara representá-lo e, na suposição de que algo poderia fazer em seu benefício. Creio que neste curto espaço de tempo em que tenho desempenhado meu cargo, penso ter cumprido apenas uma pequena parcela do muito que resta fazer não somente para o subdistrito de São Caetano como para demais subdistritos do Município.

Falar sobre as precárias condições em que se encontra São Caetano seria por demais neste momento. Por esta razão é que desejava falar em outra ocasião mais oportuna, sobre a sua real situação, com as sólidas bases que possuo, com argumentos irrefutáveis sobre suas prementes necessidades e da sua elevada contribuição para o erário municipal e de insignificante soma que para São Caetano dispensam, além de outras coisas que fariam testemunhar o quanto é abandonado pelos poderes competentes este subdistrito que é o braço direito de Santo André.

Não quero todas as glórias para São Caetano. Todos os demais distritos tem suas lamúrias para apresentar, mas nenhum como este que nesta Casa de Leis, hora represento.

Como não ignoram, duas vezes já se manifestaram desta mesma tribuna contrária ao movimento autonomista que neste momento se processa em São Caetano.

De início, quero esclarecer que ele não visa sobremaneira atingir ou dificultar o trabalho de bem governar o Município de Santo André, o atual Prefeito Flaquer, muito embora seja dito de passagem conseguiu em São Caetano uma expressiva votação para, agora, vê-lo na investidura em que se encontra.

Sabemos perfeitamente que o Senhor Prefeito Municipal tudo fará para que possa governar a contento de todos os municípios.

Sabemos perfeitamente, que dispensará toda a sua atenção para São Caetano, pois há 30 anos ele convive diretamente com seu povo, conhecendo desta forma as suas verdadeiras necessidades. De minha parte devo esclarecer que S. Excia. está bem intencionada em bem administrar o Município. Porém, quero esclarecer que o povo de São Caetano não quer perder esta oportunidade. Esta sublime oportunidade que as leis vigentes lhe facultam.

Não será por causa de termos um verdadeiro amigo à testa de municipalidade que devemos privar da liberdade que se proceda reviver e reabilitar o movimento autonomista há 20 anos passados já tentado e vitorioso, mas que devido em parte à falta de extensão territorial que as leis em vigor exigiam, lhes proibiram este direito.

Meus nobres colegas. O que me traz à esta tribuna é a coincidência de duas ilustres publicações que bem revelam o espírito antagonico sobre uma mesma finalidade.

Refiro-me ao discurso nesta Câmara pelo Vereador Syr Martins, e publicado no O Município de sábado passado. Propôs "um voto de pesar pelo movimento em prol da autonomia de São Caetano".

Interpretando o que nos diz o dicionário: pesar, vem a ser causar mágoas, desgostos, causar arrependimento, remorso, compadecer-se, afligir-se, sentimento, tristeza, etc. e se outras coisas não cito é porque não encontro no vocabulário a razão de ser e, assim sendo, voto de pesar, na sua extensão significa: profundo sentimento por infausto acontecimento.

Segundo me parece a causa em legítimo não nasceu morta para merecer votos de pesar Pergunto: não estamos aqui pela vontade expressa do povo? Não estamos aqui para defender os seus direitos e com ele os do Município? Não estamos aqui para defender a sua soberana vontade? Portanto senhores, porque devemos incriminar a vontade do povo de São Caetano ou de quem quer que seja? Será porque o Município de Santo André, mais uma vez terá de ser desmembrado. E, sua pujança econômica diminuída e ainda, sua grandeza territorial mutilada e despojada de sua glória de ser grande?

Não senhores. Devemos reconhecer que São Caetano tem capacidade social, econômica e política para tratar de sua emancipação. Além de tudo, devo levar ao conhecimento desta Câmara que São Caetano também já foi mutilado em sua extensão territorial, sofrendo desta forma um grande desfalque em suas rendas. Nesta terra tudo quanto queremos é com os nossos próprios elementos e recursos. Que então nos deem aquilo que é apenas nosso. Nada mais que isso. Agora, tirar-nos, como se nos tira, o direito de que nos pertence, isso não. Assim é demais!

São tantos, tão poderosas e tão convincentes as razões que justificam e amparam nossa causa que é impossível pensar de outra forma.

São Caetano é um filho que atingiu a maioria e como tal que viver:

Tive a oportunidade de ler no O Estado de São Paulo de domingo passado e trago até esta tribuna um trecho do jornal que muito bem enquadra os sentimentos do povo de São Caetano e que alguns não lhe querem contribuir. - "Os filhos crescem e crescem mesmo. Muitas vezes mais depressa do que se espera e do que muitos pais (sobretudo mãães) desejariam. Mas, que se há de fazer? É uma fatalidade biológica. O que é preciso é adaptar a nossa visão, corrigindo-a, de modo a ver eles crescerem para evitar surpresas. É curioso como nos recusamos a perceber e reconhecer os defeitos e falhas de visão de espírito. Fisicamente, logo que experimentamos maior dificuldade em ler, notamos pouca nitidez nas imagens do cinema, confundimos as cores ou não conseguimos distinguir de longe o número do ônibus que se aproxima, apressamo-nos a correr a um oftalmologista e pegamos um par de óculos sobre o nariz. Mas não queremos nos lembrar de que há também miopias e presbitismos, anastigmatismos e daltonismos, ambiópias e nictalopias mentais e sentimentais. E quando o reconhecemos, não admitimos a hipótese de que talvez nós mesmos sofremos, neste ou naquele terreno, em relação à determinados fatos ou noções, de qualquer um daqueles defeitos ou imperfeições. Afinal, parece que é mesmo da natureza humana. Já as Escrituras se referem ao sujeito que vê o argueiro no olho do vizinho mas não se lembra da trave que lhe tapa o seu próprio. O que é mesmo que a sabedoria popular ensina, quando diz que macaco nunca olha para o que lhe pende atrás. É por que muita gente não vê os filhos crescerem. Mas crescem".

Por estas razões que um subdistrito com quase quarenta e cinco mil habitantes, com perto de seis mil prédios, com uma renda municipal aproximada em oito milhões de cruzeiros, com uma Coletoria Federal que arrecada anualmente quarenta milhões de cruzeiros elementos estes que 80% dos Municípios do Estado de São Paulo, não contam, dificilmente se submeterá à tutela de outro.

Já em 1929, durante o movimento autonomista daquela época, ficaram gravadas na memória de muitos caetanenses o que o Mundo Brasileiro publicou. "Os direitos de São Caetano não serão, certo, esquecidos pelo mais alto magistrado do Estado. Serão respeitados porque, em vida própria, com largas possibilidades, muito poderá fazer para o engrandecimento de São Paulo.

São Caetano cuja política honesta é uma lição, um exemplo, há de ser vitorioso no seu desejo. Desmembrado pelo aplauso de seu povo, será mais uma força a garantir a preponderância econômica desta unidade Federativa."

Eu como filho de São Caetano tenho absoluta certeza que o bom senso prevalecerá e São Caetano será livre e poderoso.

E o que eu tinha a dizer, Senhor presidente.

Jordano Vincenzi revela diversas histórias sobre a mobilização

Participante ativo do movimento que, em 1948, resultou na emancipação político-administrativa de São Caetano do Sul, Jordano Vincenzi, 77 anos, conta fatos interessantes sobre o período que marcou a História da cidade: as dificuldades enfrentadas, a luta contra os opositores e a política de boa-vizinhança usada pelo primeiro prefeito, Ângelo Raphael Pellegrino, que conseguiu o apoio daqueles que eram contrários à emancipação e acabar com o clima de desavenças.

Próximo ao dia do plebiscito, narra Vincenzi, que seria decisivo para transformar São Caetano do Sul em Município, o clima reinante na cidade era tenso: os defensores da autonomia sequer caminhavam sobre a mesma calçada utilizada pelos adversários da emancipação. "As pessoas não se misturavam... Era um ambiente hostil, gerado pela falta de educação e cultura". Quando o Município foi instalado, a nova Prefeitura não dispunha sequer de um balde ou uma vassoura. A primeira cobrança oficial foi escrita em papel de embrulho, explica Jordano Vincenzi, porque não havia infra-estrutura alguma. De outro lado, ele lembra que em 1920, São Caetano não dispunha nem mesmo de escolas: "Havia falta de gente, falta de estrutura, falta de escolas. Então, uma pessoa que tivesse um pouco mais de instrução, levava uma vantagem muito grande".

Jordano Pedro Segundo Vincenzi nasceu em Itú, no ano de 1917. Filho de imigrantes italianos, radicados em São Caetano desde 1920, Jordano cursou o pré-primário na Escola Mista Ítalo-Brasileira, instalada nos salões da



Sociedade Beneficente Príncipe de Napoli. Estudou no Grupo Escolar Senador Flaquer e, depois, na Escola de Comércio 30 de Outubro. Na política, Jordano Vincenzi atuou como presidente do Diretório Municipal da União Democrática Nacional (UDN) e foi fundador da Sociedade Amigos de São Caetano. Depois de ter sido membro e tesoureiro da Coligação Autonomista do Município, em 1949, foi eleito vereador para a primeira Câmara Municipal, sendo o quarto candidato mais votado.

Quanto à autonomia, Jordano a vê como parte da vida das pessoas: "A autonomia, como uma das coisas normais da vida, tanto da vida de uma família quanto da vida de um país. "Aos 19 anos de idade, ele próprio decidiu conquistar sua autonomia econômica e, aos 20, já atuava na direção de um estabelecimento comercial da família. Foi através da profissão de comerciante que, em 1947, Jordano Vincenzi entrou para a vida

política do Município em favor da campanha autonomista. A seguir, os principais trechos da entrevista de Jordano Vincenzi.

ENTUSIASMO – "A autonomia, como uma das coisas normais da vida. Tanto da vida de uma família quanto da vida de um país (...) Eu, com 19 anos de idade, saí do emprego, nas Casas Carioca, e disse : não vou ser mais empregado. Então a partir daí, procurei a minha independência. Assim como eu procurei a minha independência , normal que qualquer cidade procure também obter a sua autonomia, desde que tenha condições para assumir essa responsabilidade (...) A luta pela autonomia de São Caetano foi uma das coisas mais lindas que eu pude presenciar, porque o entusiasmo geral do povo era uma coisa extraordinária (...) Meu pai assinava o jornal *O Estado de São Paulo* - havia também os pequenos jornais da região - e eu lia a respeito da campanha autonomista que houve em 1928, a primeira tentativa para a autonomia, cujo líder era Armando de Arruda Pereira. Era engenheiro e diretor da Cerâmica São Caetano".

"Em 1935, dei meu primeiro voto ao Armando de Arruda Pereira para vereador de São Caetano à Câmara de São Bernardo, já que São Caetano pertencia a São Bernardo (...) Naquele tempo, o Partido que liderava era o PIM (Partido Independente Municipal), já com um nome forte. Houve a eleição, os liderados por Armando Arruda Pereira conseguiram seis cadeiras numa Câmara de 13 vereadores (...) Do lado de Santo André, liderados por Felício Laurito, fizeram sete vereadores. Como a eleição para prefeito era indireta, Armando de Ar-

ruda Pereira candidatou-se, contando com seus votos e talvez com mais alguns. Felício Laurito teve sete votos. Então, deixou de ser vereador para ser prefeito e um substituto no lugar dele, o suplente. Armando continuou com a luta pela autonomia (...) Quando chegamos por volta de 1947, começou a luta novamente junto com os deputados para conseguir apoio. Com a bancada, ficávamos noites seguidas atrás de um e de outro (...) após um certo tempo esquecíamos da família, porque ficávamos presos àquela idéia de querer tentar e conseguir alguma coisa (...) tínhamos que nos manifestar e procurar essa ou aquela pessoa, o que era um trabalho muito grande (...) E há um personagem que nos levou a um trabalho maior, e até dobrado: Antonio Flaquer, que assumiu a Prefeitura de Santo André naquele período, com a cassação do mandato de Armando Mazzo. Mazzo tinha sido eleito prefeito, mas foi cassado, pois era tido como comunista. Quando houve a nossa eleição, o Mazzo apresentou como candidatos à Câmara de São Caetano os nomes de Antonio Moreno Rodrigues, José Holanda e Mário Rades. Este último foi obrigado a abandonar o cargo. O próprio partido fez com que ele renunciasse e colocasse outro nome no lugar, o suplente. O partido entendia que ele não estava preparado para assumir o cargo e Mário Rades foi induzido a fazer uso da palavra no dia posse da primeira Câmara Municipal. Mas ele deveria rememorar os fatos da autonomia, a importância da primeira Câmara de São Caetano, a emancipação e tal, e ele foi falar sobre política. Mas eu fiquei sabendo que ele foi obrigado pelo partido a fazer aquilo e depois o próprio partido pediu que ele renunciasse, dizendo que ele não era compatível com os ideais da sigla. Pegaram-no de cristão..."

"E Antônio Fláquer, embora tenha sido líder autonomista em São Caetano,

deixou de sê-lo, porque foi prefeito de Santo André(...) Ele queria que a gente esquecesse o papel dos autonomistas. Ele tinha sido autonomista em 1928... (...) Aí começaram as perseguições, as ofensas, papeletes que soltavam ofendendo um, ofendendo outro, criticando este ou aquele. (...) Nesse movimento autonomista, tínhamos necessidade de (além de levar as assinaturas do abaixo-assinado) ter firma reconhecida. Acontece que tínhamos de fazer uma campanha, lançar algum folheto, ou alguma despesa extra. Criamos uma campanha com doações que o povo fazia em prol da campanha autonomista".

CORRER – "Eu era comerciante na época (havia instalado um comércio próprio em 7 de agosto de 1941); a campanha (pela autonomia) começou em 1947, e o sr. Antônio Flaquer mandou-me uma carta, convocando-me como comerciante para uma discussão, e alertando sobre o movimento pela autonomia. E eu compareci. Um amigo do meu pai foi alertado: disseram-lhe que eu não deveria ir àquela reunião, porque era muito falante (...) Houve a convocação, e comparecemos à reunião. Eu tinha conversado, dias antes, com vereadores de São Caetano à Câmara de Santo André (Lauro Garcia, Anacleto Campanella e João Dal'Mas) e havia lido a plataforma de administração do sr. Antônio Flaquer para o Município de Santo André, inclusive para o distrito de São Caetano. Foi aberta a reunião e o prefeito de Santo André, Antonio Flaquer, começou a explicar que ele tinha uma oportunidade de dar um caminho diferente para São Caetano, dar uma ajuda maior, e que, de certo modo, deveríamos refletir melhor, porque iríamos ter muita dor de cabeça, muitos problemas... (...) E talvez poderia até haver a recusa do governo do Estado em aprovar o desmembramento, embora o Município fosse favorável.

Eu não me contive, e procurei fazer um laço, uma jogada. Dirigi-me ao sr. Antônio Flaquer, dizendo: senhor prefeito: li nos jornais semanários o seu plano em relação ao ABC e notei as ruas que o senhor está pretendendo calçar. O que o senhor está pretendendo fazer para São Caetano? Ele disse: Que bom que o senhor leu! O senhor, então, sabe que temos um plano. Eu disse: Só que tem uma coisa: o senhor não acha que é muito pouco para São Caetano aquilo que o senhor está oferecendo? Ele ficou alvoroçado e quis expulsar a mim e ao Campanella (ele era vereador em Santo André), porque não era comerciante. Depois de uma discussão, o senhor Antônio Flaquer pôs o Campanella a correr. O Campanella disse: Eu tenho condições de correr, porque sou moço. Agora o senhor, eu não sei, não... Encerraram a reunião naquele instante. Eu fui o primeiro a pedir a palavra e dizer ao prefeito municipal que não pretendia magoá-lo, nem ofendê-lo. Unicamente, queria defender o interesse de São Caetano, porque ele havia mandado publicar um projeto, um plano de trabalho, que não representava nada para São Caetano. Aí o alvoroço foi maior... Logo depois, encerramos a reunião. Fiquei surpreso quando descii as escadas e fui apanhado e carregado pelos outros, dada a astúcia de ter me dirigido ao prefeito, sem ofendê-lo. Eles queriam enganar-nos, oferecendo pouco em troca de nosso trabalho (...) Qual era o interesse deles para não permitir a autonomia?

"As famílias se dividiram. Quando foi se aproximando do dia do plebiscito, as pessoas favoráveis e contrárias à emancipação dividiram-se, não se misturavam, nem passavam na mesma calçada. Por exemplo, numa calçada circulavam os autonomistas. Os que circulavam do outro lado da calçada, onde havia o Cine Max, eram os contrários à autonomia. Naquela época,

era assim. No bar freqüentado pelos autonomistas, os contra não entravam. Era um ambiente um pouco hostil, gerado pela falta de educação, de cultura. Não havia rádio ou televisão que instrísse o povo, para conscientizar que a política, uma coisa diferente da vida particular. Na campanha eleitoral, havia gente que imaginava as coisas mais estúpidas para magoar o lado contrário das eleições; havia boatos ridículos, alguns até mesmo para ofender a moral do outro (...) O voto era representado pelas cédulas do sim e do não. As pessoas recebiam as cédulas em suas casas e, no dia da votação, colocavam uma das duas cédulas num envelope".

"Nós defendíamos o espírito de autonomia, difundíamos até um ponto bem maduro, mas respeitávamos o adversário, respeitávamos como pessoa. Com o passar do tempo, eles mesmos, os da chapa preta, foram até esquecendo esse termo, chapa preta. Foram sendo admitidos, até por um direito que eles tinham; tinham o direito de ser contra, desde que defendessem o interesse de São Caetano. E assim passaram a apoiar os nossos trabalhos".

"Houve um manifesto do dentista José Homem de Bitencourt, presidente da Sociedade Amigos de São Caetano. Ele foi um grande batalhador em favor da autonomia, mas, por não ter sido indicado candidato a prefeito, passou para o lado da chapa-preta. Fez um manifesto, com firma reconhecida pelo cartório do Antônio Flaquer..."

CÉDULAS – "Por exemplo, quando fui eleito vereador, era eu quem distribuía as minhas cédulas. Fiquei surpreso com meu pai, que montou uma banquinha, ajudou-me, porque eu não podia trabalhar muito em meu próprio favor. Eu era o tesoureiro da coligação autonomista para eleger o doutor Pellegrino. Logo, então eu não tinha tempo para mim. Mas o doutor Pellegrino insistiu: Jordano, tenho poucas pessoas

para me auxiliar no meu trabalho. Daqueles que se candidataram são poucos os que têm a possibilidade de eleger-se. você é de luta, e nós queremos que você se candidate (...) No princípio, fiquei meio ofendido, e disse: Doutor Pellegrino, responda-me com franqueza: o meu serviço aqui como tesoureiro está correto ou tem algum problema e por isso o senhor quer me tirar daqui? Então, ele respondeu: Não quero tirar você daqui; quero que você continue aqui. Mas quero que você me diga que sim, que você aceita (...) Fui eleito em quarto lugar, cinco votos atrás do diretor do *Jornal de São Caetano*, que fazia campanha pela autonomia".

"Nos anos 50, já éramos cidade autônoma. A primeira Câmara tomou posse em 3 de abril de 1949 e o mandato durou até 1953. Após a instalação do Município, o Armando de Arruda Pereira procurou o Pellegrino e o senhor Paiva, que era do cartório de Santo André, e disse ao doutor Pellegrino que precisávamos fundar um Rotary Clube em São Caetano. Então, o Pellegrino fez uma seleção de pessoas, uniu uma boa elite e, inclusive, convidou os adversários políticos para tomar parte também do clube. Tomei parte como primeiro-tesoureiro. E o doutor Pellegrino indicou para a primeira presidência José Antônio Flaquer, seu adversário político. Nós o aceitamos, mas houve uma reação das pessoas mais intolerantes, não compreendendo o fato".

HISTÓRIAS – "Apresentei a lei da bolsa de estudos em julho de 1949. Essa lei existe desde aquele tempo (...) isso já é o indício de transformação da cidade. Eu fazia parte da comissão de sindicância, mas a lei de bolsa de estudos foi progredindo a cada gestão até transformar-se no que é hoje".

"Naquele tempo, havia os inspetores de quarteirão. Como não havia recursos para manter a Polícia, algu-

mas pessoas eram indicadas para serem inspetores de quarteirão. Para eles, era uma glória esse cargo, apesar de não receber um tostão. Quando eles percebiam um inimigo, denunciavam e mandavam prender".

"Havia uma história engraçada de um deputado, cujo pai era italiano, e ele dizia: Se eu soubesse que meu filho seria deputado, bem que eu mandava ele para a escola!"

"São Caetano progrediu bastante mesmo foi depois da construção do viaduto, que foi inaugurado em 1953, já na gestão de Anacleto Campanella (...). "Há fatos curiosos. Quando o Município foi instalado, recebemos dois caminhões novos para pagar. Mas não havia uma vassoura, um balde, nenhum papel para escrever. A primeira cobrança de uma feira, realizada após a instalação do Município, foi feita num pedaço de papel em branco, um papel de embrulho de um armazém, porque não havia nada. O que era para pagar, eles (a Prefeitura de Santo André) deixaram. O Município ficou a zero. Nem cadeira para sentar tinha (...). Houve também outro fato curioso: um vereador, contrário à autonomia, começou a acusar a Prefeitura pelas enchentes do rio Tamandateí. Dizia que a Prefeitura não cuidava e não zelava pela cidade. Eu fiquei nervoso e disse: infelizmente o ar poderia ganhar muito mais, se você ficasse calado. Em todo caso, vou dar uma explicação: isto é resquício do que ganhávamos da Prefeitura de Santo André. Esse problema não é de hoje, já vem há muito tempo, é isso que os senhores estão nos entregando. Os senhores se acham no direito de criticar o quê, se nós tomamos posse há pouco tempo? Depois eles viram que estavam perdendo tempo em querer fazer críticas ao novo prefeito, porque o doutor Pellegrino recebeu eles, nomeou alguns adversários, para um cargo de auxiliar. Essa era a políti-

ca que ele queria, a partir daí as idéias foram surgindo e o clima de desavença foi desaparecendo".

"Na primeira Câmara, como tudo era início, tudo estava por realizar. Um outro problema que nos deu muito trabalho foi a ameaça do corte de água. Não nos queriam fornecer água. Fui incumbido de procurar um técnico para que resolvesse o problema. Havia um homem que foi um dos primeiros sanitaristas do Brasil, fundador da Escola Mauá de Engenharia, um homem de uma cultura extraordinária. Ele disse: "Não vamos sangrar o abastecimento de São Paulo, porque todo o trabalho que se faz em engenharia tem uma porcentagem de erro de cálculo, o que é normal. O erro de cálculo para a água que vem do manancial chamado Rio Claro, que fica depois de Ribeirão Pires, não vai atingir os 5% do erro de cálculo".

"Sempre havia assuntos importantes para serem discutidos. Fazíamos de tudo para melhorar o Município, trabalhávamos arduamente. Às vezes, os opositores agiam para confundir as pessoas que estavam presentes, dizendo que não tinha valido a autonomia. Tudo porque eles perderam a eleição. O prefeito de Santo André tinha interesse nisso (...) Eles tinham esperanças de que se pudesse voltar atrás; criaram problemas dizendo que havia faltado a aprovação de fulano e sicrano para a autonomia. Os dois primeiros anos foram os que deram mais problemas(...) depois, nos outros anos, já houve cooperação".

SÉRIO – "O Ângelo Pellegrino era um homem astuto, muito sério, um bom conselheiro. Foi fundador da CTBC, do Hospital São Caetano; foi diretor da Cerâmica São Caetano. Ele era uma pessoa muito respeitada, criou um respeito em função da maneira como tratava as pessoas, sempre muito delicado com as pessoas; com qualquer criança ele con-

versava. A família dele era de Jaqueira, em Pernambuco, descendentes de italianos. Estudou na Suíça e formou-se engenheiro elétrico, eletricitista. Quando voltou para o Rio de Janeiro, Não tinha emprego para ele; Não existia essa função. Então foi ser desenhista em um departamento, acabou tornando-se amigo da família Simonsen e foi convidado para vir a São Caetano. Aqui, além do círculo de amizades que formou, ele comprou umas áreas, construiu umas casas semi-populares, eram melhores que as casas populares, e vendia à prestações. Então, criou uma forma extraordinária, porque havia algumas pessoas que Não conseguiam liquidar o final da conta, e ele perdoava a dívida. Ele tinha um coração assim. Por isso criou uma simpatia e o povo achava ele um ente querido da família. Quando se falava no nome dele era como se falar em um meio santo (...) Para ele, foi sofrida a primeira administração do Município. Ele tinha a mulher muito doente, que veio a falecer ainda no período de mandato do prefeito. Pellegrino foi tido como herói, devido aos problemas que enfrentou; eram problemas difíceis mesmo, e o que eu admirava, era o entusiasmo desse homem, a luta dele, que não era pequena. O que ele conseguiu fazer com os poucos recursos de que o Município dispunha, é coisa de um gigante. Sistema de água, só havia na parte em que existem as caixas d'água. Depois, precisava levar o emissário para o centro. Esgoto nem se fala... iluminação pública, escolas, também foi um problema muito sério, como o atendimento em geral. O Pellegrino era muito solicitado. Atendia de acordo com a possibilidade dele. E o povo compreendia. É como você pegar uma indústria que está para falir, e conseguir reerguê-la. Foi isso

que ele conseguiu. E com harmonia, sem brigas. O importante, que depois todos trabalharam, deram continuidade às obras e aos projetos..."

IMIGRANTES – "Sou filho de imigrantes. Meu pai veio para o Brasil em 1914, porque não tinha condições de viver na Itália, e foi para uma fazenda em Itu. Em 1920, viemos para São Caetano. Era uma época difícil; ele procurava emprego em diversos locais e não encontrava. Conseguiu um emprego na cidade de Milão, distante 80 quilômetros da região em que ele vivia. Então, mostrou um desejo de trabalhar, de lutar. Esse espírito de luta deve vir da família (...) na região a que meu pai se dirigiu, os proprietários de fazendas eram todos descendentes de italianos e tinham um hábito que praticamente corresponde a um espírito socialista. Eles davam uma tarefa para uma família e, além daquela tarefa, dispunham de um terreno para que aquela família plantasse o que quisesse. Bom, meu pai já veio da Itália com a profissão de pedreiro. Mas pedreiro na Itália, às vezes, põe um mestre de obras daqui no bolso, porque vinha com outra instrução. Em 1920, aqui havia uma falta de gente, de estrutura, falta de escolas. Então, uma pessoa que tivesse um pouco mais de instrução, levava uma vantagem muito grande. Meu pai foi trabalhar na Matarazzo e fez amizade com os chefes. Em 1924, ele já fazia obras por conta própria. Tinha espírito de autonomia e talvez esse fato tenha influenciado na minha formação (...) Tive, em São Caetano, a primeira fábrica de camisas do ABC. No ano de 58, quando assumi a presidência do Rotary, fui reconhecido pela minha atuação na presidência, e fui convidado para a presidência do Hospital São Caetano".

(Publicado originalmente em Raízes 12, pp. 10-17)

Olga Montanari: exemplo da atuação da mulher na vida pública de São Caetano

Paulo HERAS (*)

Menina, ainda, pés descalços, caminhava sobre os dutos aquecidos que conduziam o vapor de caldeiras para o funcionamento das máquinas, fazendo pequenos trabalhos na empresa. Filha de pais pobres e trabalhadores, que tiveram 10 filhos ao todo, cedo começou a trabalhar para ajudar no orçamento da família. Mas não lhe faltaram orientação e educação, só adquiridas dentro do convívio familiar. Foi assim também, assumindo responsabilidades cedo, que amadureceu precocemente e reforçou sua personalidade ativa e extrovertida, permitindo a busca de seus espaços como mulher e cidadã, disposta sempre a também lutar em defesa do interesse coletivo.

Nascida em São Paulo, no bairro da Lapa, em 12 de dezembro de 1920, Olga Montanari foi criada em Santo André. Filha de Adolfo Montanari e Dora Bruni Montanari. Logo cedo começou a trabalhar na empresa Conac (fabrica de condutores elétricos) que, em 1933, foi adquirida pela Pirelli, instalando-se em Capuava, Santo André. Trabalhou na mesma empresa até 1941. Graças a seu esforço, nessa época, já trabalhava no departamento pessoal da empresa e fazia o pagamento dos trabalhadores, através de envelopes. O reconhecimento pela sua perseverança e vontade de aprender partiu da própria empresa, quando um engenheiro financiou seus estudos na Escola Gardesani, onde aprendeu italiano, datilografia e taquigrafia. Até então, possuía apenas o curso primário.

Aos 20 anos de idade, Olga mu-



dou-se para São Caetano, depois de casar-se com Jayme Barbosa de Mello, em janeiro de 1941. Mora na cidade há 53 anos, aqui chegando quando São Caetano ainda era distrito de Santo André. É mãe de um filho, o advogado Ruy Barbosa de Mello, nascido em São Caetano, casado com Margarethe. O casal tem três filhas, Megli, Mirlaine e Mercia.

O casamento e a maternidade não a confinaram no lar; ao contrário, representaram responsabilidades a mais que soube administrar e contribuíram para ampliar seus horizontes. Após o casamento, formou-se professora. A habilitação para lecionar, ela obteve entre os anos de 1943 e 1944. Conforme recorda, Adhemar de Barros era, na época, o interventor no Estado de São Paulo. *Ele baixou um decreto e abriu inscrições para um curso intensivo. Submeti-me aos exames de seleção e obtive o documento que me habilitava a lecionar.*

A primeira escola em que a professora Olga Montanari Mello lecionou foi no Grupo Escolar Humberto de Campos, cujo prédio foi demolido há muito tempo. E assim iniciou promissora carreira no magistério, até se aposentar. *Posso dizer que lecionei em quase todas as escolas de São Caetano, muitas cujos prédios já não existem. E foi também graças aos meus alunos que me elegeram para o primeiro mandato de vereadora.*

Mesmo eleita, Olga Montanari não deixou de lecionar, assim como continuou ajudando seu marido na Droga Norma, de propriedade do casal. Conforme relembra, era indispensável exercer essas atividades e ressalta: *Naquela época os vereadores não recebiam salários, apesar de trabalharem e muito pela comunidade.*

O trabalho como dona-de-casa, mãe, e professora a colocou em contato direto com a difícil realidade do distrito de São Caetano, carente de série de serviços públicos, dentre outras dificuldades do dia-a-dia. O movimento pela emancipação de São Caetano, que ressurgiu no início de 1947, não poderia deixar de contar com a participação de Olga Montanari. Sua personalidade ativa a conduziu ao movimento. *Eu fazia visitas de casa em casa e explicava aos munícipes o que era emancipação e porque São Caetano precisava ser autônomo. Eu já era conhecida como professora e essas visitas me tornaram mais popular; como resultado do trabalho necessário para o crescimento de São Caetano.*

O movimento dos autonomistas foi vitorioso. O plebiscito realizado em 24 de outubro de 1948 confirmou a vontade da população: 8.463 pessoas

votaram a favor da autonomia, enquanto apenas 1.029 votaram contra (1).

Como consequência natural, a maioria dos participantes do movimento emancipacionista foi candidata às 21 vagas de vereador para a primeira legislatura. Olga Montanari - e não poderia ser diferente - estava entre os postulantes à Câmara Municipal.

Por questões de amizades e relacionamentos políticos, menos por afinidade ideológica, a professora Olga candidatou-se pela UDN - União Democrática Nacional, partido a que esteve filiada até o seu terceiro e último mandato.

Em 1949, a campanha eleitoral de Olga Montanari fundamentou-se em princípios e necessidades da população, que sempre defendeu, e ressaltou sua condição de mulher. Panfleto eleitoral distribuído naquela ocasião, denominava-se Manifesto à Mulher e ao povo de São Caetano do Sul. O texto impresso era o seguinte: *Por força da lei assiste à mulher o direito do exercício do voto, podendo influir na escolha dos candidatos aos cargos do governo. Esta força e este direito trazem no entretanto o dever de fazer representar o seu pensamento por um vereador do próprio sexo: por uma mulher. Somente uma mulher pode compreender o sofrimento de uma fila de carne, ou de um cartão de óleo. Não importa que essa representante da mulher de São Caetano do Sul, pertença a este ou àquele partido, o que importa é que seja capaz de defender com decisão e firmeza os interesses da parte mais sacrificada da população: a mulher de São Caetano do Sul.* Em seguida, Olga Montanari identifica-se como professora da Escola Paroquial de São Caetano e batalhadora pela autonomia da cidade, e relaciona as reivindicações que se propõe a encaminhar no Legislativo: equiparação da quota de óleo de São Caetano à da capital; passes escolares

com redução nos ônibus do município; grupos escolares nos bairros do município; pleitear o cumprimento da legislação trabalhista no que respeita ao funcionamento de creches nas indústrias; centro de puericultura; instalação de parques infantis e instalação de escolas profissionalizantes para ambos os sexos. No mesmo manifesto, Olga expressa seu apoio para a eleição de Angelo Raphael Pellegrino para prefeito.

A professora Olga conseguiu se eleger num apertado resultado com outro candidato da UDN, José Leone. *Na primeira contagem dos votos, nós empatávamos. Houve recontagem e novo empate recorda. Por lei, ele se elegia por ser o candidato mais velho. Então recontaram os votos brancos e nulos e eu ganhei, por apenas um voto de diferença.* O impasse avançou a madrugada mas sem exasperar qualquer dos dois candidatos. *Eu queria ser vereadora mas não estava obstinada e o Leone também não, tanto é que ele, dono de uma padaria na Rua Perrella, foi cuidar de fazer os pães e deixou para conhecer o resultado no dia seguinte.*

Os 21 vereadores foram empossados nos cargos, às 15 horas do dia 3 de abril de 1949, durante solenidade realizada na Câmara Municipal, instalada na rua João Pessoa, 120.

Todos os vereadores começaram a trabalhar movidos pelo mesmo entusiasmo com que trabalhamos pela autonomia de São Caetano do Sul, afirma, Trabalho e honestidade que pautaram o movimento autonomista perdurou na Câmara Municipal.

Primeira mulher a ser eleita à Câmara Municipal, primeira legislatura, única mulher entre os 20 homens eleitos, trabalhando num mundo dos homens que era (e ainda é, embora as mulheres tenham conseguido abrir espaços) o ambiente político, Olga Montanari assegura não ter sofrido discriminações. *Lembro-me que, na*

análise do orçamento (eu também integrava a Comissão Permanente), nós chegávamos a varar a madrugada. Mandávamos buscar café e pão com manteiga no bar da esquina, A preocupação de todos era com os trabalhos da Câmara por isso acredito que nunca houve sequer oportunidade para brincadeiras com segundas intenções. Guardo dessa época, apenas os momentos mais gratificantes. No Dia das Mães, por exemplo, era sempre eu que recebia as homenagens do Legislativo em nome das mães de São Caetano. Se por acaso havia algum grupinho contando uma piada, eles paravam com a minha presença ou eu me retirava para que os homens ficassem à vontade. Na verdade, sempre houve um clima de muito respeito e muita amizade, assegura Olga Montanari Mello.

INDÚSTRIA ADELINA – No final de seu primeiro mandato, a vereadora abraçou uma causa que trazia muita preocupação à população de São Caetano do Sul. Em maio de 1952, surgiu a ameaça de desemprego a cerca de 1.000 operários da Manufatura Brasileira de Louças S/A. que, posteriormente, ficou conhecida como Indústria Adelina.

Esse episódio é narrado pelo Jornal do Povo, edição do dia 16 de maio de 1952, em reportagem assinada por José Pereira Martins. *Segundo nos foi informado, o referido estabelecimento fabril (Manufatura Brasileira de Louças) pertenceu ao Comendador Manoel de Barros Loureiro, já falecido, e que há vários anos iniciara uma ação de desquite contra sua esposa, dona Adelina de Barros Loureiro. Na perspectiva da divisão dos bens da família e não sendo possível satisfazer a pretensão dos seus membros, na sua totalidade, caracterizou-se a discórdia, dividindo-se a família composta de sete membros, em duas fortes alas. De um lado, o comendador Manoel de Barros Loureiro e seus filhos, dona Ismênia de*

Barros Loureiro, dona Adelina de Barros Loureiro Filha, dona Ligia Loureiro Magalhães e Manoel de Barros Loureiro Filho. E do outro lado, a esposa do comendador, dona Adelina de Barros Loureiro, com seu filho Plínio de Barros Loureiro. Sendo cada vez maior a discórdia familiar, o comendador resolveu liquidar a firma Barros Loureiro & Filhos judicialmente. No impasse da consumação do ato judicial, resolve o comendador fundar uma nova firma que recebeu o nome de Manufatura Brasileira de Louças S/A. Na hedionda, monstruosa e desumana disputa de partilha da canastra de ouro, esqueceram-se os atores dessa diabólica comédia, que estava sendo ultrajado o direito do trabalhador, na sua estabilidade e em todos os pontos previstos pela legislação trabalhista. Não se conformaram, porém, os operários com a situação imposta, pois liquidava-se aparentemente uma firma, passando seus operários a pertencerem a uma outra nova firma, sem garantias da sua estabilidade, sendo que a maioria tinha mais de 10 anos de casa. Alertados, os operários constituíram seus advogados, fazendo prevalecer os seus direitos. Frustradas todas as tentativas de burla à consolidação do trabalho e ante enérgica ação dos procuradores dos operários, a firma sucessora de Manoel de Barros Loureiro & Filhos, então transformada na firma Manufatura Brasileira de Louças, capitulou e sem outra alternativa, assumiu por sucessão e nos termos da lei as responsabilidades e obrigações decorrentes do contrato de trabalho que os operários mantinham com Barros Loureiro & Filhos. Nesse sentido foi enviado ao sindicato da classe, um ofício com data de 30 de agosto de 1947, que esclarecia e chamava a si todas as responsabilidades do contrato que operários mantinham com a firma antecessora. A nova firma, isto é, Manu-

fatura Brasileira de Louças S/A, arrenda o prédio e tudo o mais, e passa a funcionar. Continuaram, os operários a trabalhar no mesmo prédio, nas mesmas seções, com os mesmos ordenados e com os direitos assegurados, porém para a nova firma. Continuou, entretanto, a contenda entre os herdeiros. Quando no seu ponto culminante, falece, inesperadamente, o comendador Loureiro, e como a ação de desquite não tinha chegado ao seu termo é declarada pela Justiça herdeira universal, sua cônjuge sobrevivente, dona Adelina de Barros Loureiro, passando esta a ser senhora absoluta de toda a situação.

Chamamos a atenção do leitor para o que foi exposto no início do nosso artigo. Dizíamos nós que os herdeiros tinham-se dividido em duas alas e que uma delas, a comandada pelo comendador, fazia o que queria, chegando mesmo a burlar a própria Justiça se bem que temporariamente, com golpes fraudulentos, como o da própria sucessão. Depois da morte do chefe, percebesse claramente a inversão do comando. Passando a dar as cartas a sua herdeira universal, a viúva. Entra em ação dona Adelina mãe, e insistindo com a Justiça, consegue provar que o contrato de arrendamento foi um contrato fraudulento. Consegue, portanto, a rescisão do contrato, sendo ordenado pela Justiça, a pedido dos interessados o fechamento do prédio e a paralisação do maquinário. Já em pleno poder da ação judicial previram os operários o quanto era grave sua situação, pois que aproveitando a Manufatura, um mandado de segurança, e concedido o mesmo pela Justiça, aproveitava a mesma para desviar grande quantidade da produção para os seus armazéns particulares. Foi procurada para orientá-los, a vereadora Olga Montanari Mello, que aceitou a difícil incumbência, passando, imediatamente, a entender-se

com o Sindicato da classe e procurando autorizações para o seu trabalho, junto às autoridades competentes. Entretanto, foi insistindo, com rara inteligência e felicidade, para que os operários permanecessem tolerantes e ordeiros, em face da situação. Nesse meio tempo, descoberto o desvio da produção, a Justiça suspendeu o mandato de segurança facultado à Manufatura, resultando daí o fechamento da fábrica, ocorrido no dia 3 de maio. Tudo parecia, no primeiro momento da ação drástica de Justiça, imperar uma desorientação no meio do operariado. Mais uma vez, o pulso firme da digna representante do povo na Câmara Municipal, se fez sentir, readquirindo os operários a confiança quase abalada com o fechamento da fábrica. Mas fomos informados que os trabalhadores marcharam unidos até o ganho de causa, tendo à frente a vereadora Olga.

A este artigo do jornal, Olga Montanari acrescenta detalhes importantes. Por exemplo, ao ser fechada, a fábrica além de suspender os pagamentos, reteve os documentos pessoais dos trabalhadores. Estes prejudicados, inclusive, no direito de procurar novo emprego: não possuíam a carteira profissional com a baixa do último trabalho.

A devolução dos documentos ocorreu em 30 de junho de 1952, quando o juiz Domingos Uchoa, da Junta de Conciliação e Julgamento de Santo André, determinou a entrega dos mesmos aos trabalhadores, que estavam em poder da fábrica.

Mas a ação dos trabalhadores continuou, persistente. Em junho, ainda, a vereadora Olga Montanari acompanhou comissão de operários até o Rio de Janeiro (na época Capital Federal), onde pretendia entrevistar-se com o presidente Getúlio Vargas e com Segadas Viana, ministro do Trabalho. Esta foi a primeira de uma série de viagens à Capital Federal.

Conforme recorda a ex-vereadora, a ida ao Rio foi meio complicada mas obteve sucesso, uma vez que foram recebidos pelo presidente, que cancelou alguns compromissos do dia para atendê-los. *Eu havia ganho as passagens para um grupo de oito operários. Só que na hora de viajar, não permitiam o ingresso dos operários no avião, pois estavam sem gravata. Mas de jeito nenhum eu iria perder aquela oportunidade, por causa de uma gravata. Voltei para São Caetano, bati na vizinhança, e consegui as oito gravatas, algumas até emboloradas, para que eles pudessem me acompanhar ao Rio de Janeiro. Nossa meta era conseguir a intervenção do presidente na causa trabalhista. Queria sensibilizar o Getúlio Vargas, pois afinal eram cerca de 1.500 famílias que dependiam do funcionamento da fábrica.*

A essa altura, sem receber qualquer ordenado ou indenizações, a situação dos trabalhadores tornava-se cada vez mais aflitiva. Também para minimizar esse problema, Olga Montanari e os trabalhadores não pouparam esforços. Foram realizadas quermesses, shows, bailes, dentre outros eventos, para levantar fundos que pudessem atender às famílias dos desempregados. Através da arrecadação de fundos, os filhos dos trabalhadores puderam também, receber presentes no Natal de 1951.

Todavia, o outro lado da causa trabalhista, a Fábrica Adelina não ficou inoperante ou, simplesmente, aguardando um julgamento da Justiça. Da tribuna da Câmara Municipal, em abril de 1954, Olga Montanari denunciava a tentativa de suborno que sofrera e que também juizes do Trabalho foram assediados com o mesmo interesse. Assim como ela, também a Justiça não cedeu às abordagens. *Graças a Deus, a Justiça do Brasil pode ser morosa, é verdade, mas não se vende, ainda é Justiça.* Nessa oportunidade, ela anunciou aos demais par-

lamentares, que o relatório do ministro Júlio Barata era totalmente favorável aos trabalhadores, ratificando o julgamento do Tribunal de São Paulo, e condenava o espólio de Barros Loureiro e Filhos ao pagamento dos direitos trabalhistas dos operários.

LUTAS – Os trabalhos apresentados pela ex-vereadora foram inúmeros. Como mulher sempre procurei dar ênfase à assistência social e como professora meus projetos estavam voltados para a Cultura, Educação e Saúde. Lutei muito para construção de escolas na cidade, inclusive do Ginásio Estadual. Além disso, ela conseguiu aprovações para a lei de bolsas de estudo, criação da guarda municipal e do Corpo de Bombeiros. Para a apresentação de seus projetos de lei e dos trabalhos apresentados nos Congressos de Municípios, Olga contava com apoio do seu partido. *Naquela época os partidos eram organizados, especialmente a UDN. Nós podíamos contar com projetos já redigidos e com o assessoramento de profissionais especializados. Então, o que apresentávamos na Câmara Municipal e nos congressos municipalistas tinha toda uma fundamentação.* Esse foi mais um dos fatores que fizeram com que ela permanecesse filiada ao partido. *A UDN era chamada de o partido dos cartolas e minhas ligações eram trabalhistas e que se tornaram mais profundas quando conheci o Getúlio Vargas, com que me simpatizei.* Olga Montanari foi eleita para o segundo mandato pela UDN e na terceira e última legislatura de que participou foi eleita pela coligação UDN/PTB.

Personalidade ativa, que preserva até hoje, Olga Montanari afirma com orgulho que foi a primeira mulher no ABC a possuir uma Carteira de Habilitação. *Fui sempre muito saliente e, naquela época, por volta de 1949, eu dirigia um carro da marca*

Chevrolet, caindo aos pedaços. Quando passava nas ruas o pessoal se espantava ao ver uma mulher dirigindo.

Ela conta outras passagens igualmente hilariantes. *Nós participávamos de um grupo cênico e em nossas apresentações alugávamos as roupas. Num ocasião, faltou a roupa de um personagem, que era o padre. Fui até o padre Ézio Gambini e pedi-lhe emprestado uma batina. Era a única que ele tinha, mas emprestou. Durante a apresentação a roupa ficou presa num prego e acabou rasgando. O espetáculo era para angariar fundos e parte deles tiveram que ir para uma batina nova. O diretor da peça era o conhecido José Costinha.*

Olga Montanari faz palestras em escolas e entidades do Município e da região. Dedicar-se também, como diretora do Departamento de Relações Públicas, à Instituição Assistencial Meimei (cuja tradução do chinês é meu amor), com sede em São Bernardo, e que atende cerca de 1.200 crianças.

Para Olga Montanari, tudo o que ela conseguiu realizar até hoje como mulher, como dona-de-casa, como parlamentar, etc., ela deve ao seu marido. *Ele é o grande herói da minha história, afirma. Ser mulher de político é enfrentar uma situação muito difícil. Agora, imagine ser marido de mulher que se dedica à política? Ele foi muito importante, como ainda o é, exercendo com muito amor o papel de meu colaborador e meu crítico, finaliza a ex-vereadora Olga Montanari Mello.*

NOTA:

(01) – RAÍZES nº 2 (dezembro de 1989), Prefeitura de São Caetano do Sul. (publicado originalmente em Raízes 11, pp. 11-15)

(*) Paulo Heras, já falecido, foi jornalista, tendo atuado na Assessoria de Comunicação Social

Depoimento de Carlos Paez esclarece vários fatos ocorridos há 50 anos

Sônia Maria Franco XAVIER(*)

O passado é importante na medida em que dele retiramos exemplos de vida e aprendemos a lutar e almejar um mundo melhor.

A história contada por quem a viveu traz impregnada o entusiasmo, o calor e muitos detalhes que não são registrados oficialmente. Servem, ainda, para mostrar a participação do povo e a sua força quando existe consciência do que se pretende, quando se tem um ideal.

Neste depoimento, gravado no Museu Histórico Municipal quando São Caetano completava 40 anos de autonomia, foi a forma que encontramos de comemorar este tão importante movimento.

A pessoa escolhida foi Carlos Paez, que viveu nesta cidade desde o ano de 1935 e participou ativamente do movimento autonomista.

Ele já não está mais entre nós. Faleceu em 27 de Janeiro de 1994. Deixou nesta gravação que registraremos aqui um pouco da história da cidade, contada numa visão de um homem decidido, firme, lutador e, ao mesmo tempo, um sonhador apaixonado pela cidade e pela causa que abraçou.

TRAJETÓRIA – Carlos Paez nasceu em 6 de novembro de 1916 em Villa Hayes, capital do Chaco, Paraguai.. Filho de Juan Celidonio Paez (paraguaio) e de Maria Francisca Paez.

O jovem paraguaio chegou ao Brasil em 27 de maio de 1927, indo residir em Campo Grande - Mato Grosso do Sul, cidade onde concluiu o curso primário e fez parte do curso secundário.

Em 1934, transferiu-se para São



Campanha odontológica em São Caetano do Sul, administração Hermógenes Walter Baido, ano de 1969. Vemos dr. Carlos Paez, quinto da direita para esquerda

Paulo indo estudar no Colégio Arquidiocesano. Em 1936, obteve o primeiro lugar, formando-se técnico em Fiação, na Escola de Fiação e Tecelagem de São Paulo.

Iniciou atividades profissionais na fábrica de fiação de lã do Moinho Santista, em São Paulo, e transferiu-se posteriormente como técnico para a Visco Seda, das Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo, onde permaneceu até 1940.

Nessa ocasião abandonou essa profissão para se dedicar ao estudo de odontologia. Formou-se cirurgião-dentista e passou a exercer esta profissão.

Casou-se com Odette Fraissat e tiveram uma filha: Maria Francisca Paez Junqueira.

Viveu mais de 50 anos nesta cidade onde se aposentou como dentista escolar. Viveu intensamente a cidade se envolvendo em campanhas filantrópicas, sociais, culturais e educativas.

Foi sócio fundador do Hospital

Beneficente São Caetano, do Lions Club Centro, do Ipê Clube, do Clube Comercial, do Clube de Xadrez, do São Caetano Esporte Clube e da Associação Cultural e Artística de São Caetano do Sul (Acasas).

O jogo de xadrez sempre foi sua paixão. Recebeu inúmeras medalhas, diplomas e lutou para a construção e manutenção do clube em nossa cidade.

Com tantas realizações, Carlos Paez foi homenageado pela Câmara Municipal, que lhe outorgou o título de *Cidadão Emérito do Município*.

DEPOIMENTO - Ele nos conta a história da autonomia: “*Sou Carlos Paez, paraguaio de nascimento, vim para São Caetano do Sul em 1935, na qualidade de técnico em fiação e tecelagem, contratado pelas Firms Matarazzo, a Visco seda. Trabalhei alguns anos, posteriormente, como cirurgião-dentista, por questões da própria vida que apresenta motivos para mudança de posição. Fiz o meu*

curso, tornei-me universitário e terminei os estudos para cirurgião-dentista. Hoje sou considerado o mais antigo cirurgião-dentista da cidade.

Para que eu fale do passado de nossa cidade, para nossos filhos e nossa gente, meu objetivo é que conheçam melhor o Movimento Autonomista de 1948.

A cidade não continha coisa alguma, era vazia de elementos, de urbanização. Vim do Mato Grosso do Sul, onde éramos 35.000 estudantes de cursos diversos e aqui quando cheguei nada tinha, nada havia. Tínhamos quatro grupos escolares: o Senador Fláquer, o D. Benedito Paula Souza, o Bartolomeu Bueno da Silva, e o Senador Roberto Simonsen, na Cerâmica. Esses eram os quatro grupos escolares do curso primário. Mais adiantado não tínhamos coisa alguma. Nossos filhos, enviávamos para São Paulo, e lá estudavam e voltavam com o último trem das 10h40, isto para poder fazer os cursos ginásiais.

A rua Goiás que ligava a cidade a Santo André, era estreita, com quatro metros de largura. A Praça

Cardeal Arco Verde, surgiu posteriormente, quando São Caetano já estava liberado de Santo André. Os jornais não existiam, somente aqueles que vinham de São Paulo.

Havia o Hospital Bartira, fundado praticamente por volta de 1940, pelo Dr. Souza Votto. Foi muito útil, muito interessante, e de grande valia para São Caetano do Sul. Ele ficava na rua Goiás, onde hoje está localizada a Praça Di Thiene.

ENTREVISTA - Para facilitar o levantamento de alguns fatos pertinentes ao Movimento Autonomista, Dr. Carlos Paez participou de uma entrevista com a diretora do Museu Histórico Municipal. Este encontro aconteceu no dia 20 de dezembro de 1990 na sede do Museu.

Raízes - Do movimento para fundação do hospital São Caetano, podemos fazer uma ligação com o Movimento Autonomista?

Dr. Carlos - Sem dúvida, porque quando foi feito o Movimento Autonomista, com o envolvimento das pessoas da cidade que se interessavam pelo progresso, surgiu também, na mesma noite o movimento para a

instalação do Hospital São Caetano. Eu tive, nessa oportunidade, a chance de poder acompanhar o meu sogro, José Fraissat, e quando chegou a lista para assinar o livro de ata, ele assinou mas eu me neguei a fazê-lo. Usava o sistema antigo: onde não era convidado, não comparecia. Como compareci com meu sogro neguei-me a assinar este documento. Mas sem sombra de dúvida a união das pessoas se fez para a autonomia e para a melhora das condições de vida na cidade. Assim, o hospital foi o primeiro resultado concreto da autonomia.

Havia o Cinema Central, aqui na rua Perrella, considerado *bonzinho*. Ele servia bem à população. Quanto às igrejas tínhamos o Padre Grigolli, muitos dizem Grigólli mas eu estive estudando e confirmo ainda hoje que é Padre Grigolli. Era um elemento muito trabalhador mas infelizmente tenho que dizer nos momentos que estive na igreja não fui muito feliz, já ele era um pouco áspero.

Raízes - Para falar sobre o movimento autonomista e para caracterizar bem os seus líderes, gostaríamos que o senhor, então, esclarecesse qual deveria ter sido o trabalho para que se classificasse um elemento como sendo um líder autonomista.

Dr. Carlos - O líder é sempre aquele elemento que trabalha pela grandeza de seus ideais, e para o benefício daqueles que virão no dia de amanhã. Assim naquela noite de 1946, em que foi formado também o Hospital São Caetano, nós tivemos o encontro de quase toda a sociedade de São Caetano, representada por seus elementos mais preciosos. E deste então tivemos a junção de vários elementos, várias pessoas. Posteriormente, tivemos outros elementos interessados em outras questões que também foram se infiltrando e criando seus grupos de trabalho. Na

Acervo: Maria Francisca Paez Junqueira



Dr. Carlos Paez e a esposa Odette Fraissat Paez. Década de 90

primeira noite, já no São Caetano Esporte Clube, houve a dissidência, dos elementos que iriam servir para trabalhar pela autonomia de São Caetano do Sul, os elementos que já estavam anexados pelo Prefeito Municipal de Santo André, Antônio Fláquer. O grupo se dividiu. O primeiro grupo praticamente ficou em primeira linha em número maior. Esses é que tinham posição de liderança total. Houve uma hostilidade automática daquele setor que iria perder uma quantidade de vantagens. O 2º sub-distrito de São Caetano, com todas suas finanças elevadas e aqui nós não tínhamos sequer um calçamento, uma guia, não tínhamos coisa alguma. A poeira tomava conta do município. Isso nos levou à luta, à qual nos dedicamos totalmente, de corpo e alma, criando o Movimento Autonomista.

Raízes - Entre esses líderes autonomistas, alguns foram prejudicados por participarem desse movimento. Seria possível destacar alguns nomes?

Dr. Carlos - Devo declarar inicialmente que o cirurgião-dentista, José Homem de Bittencourt, foi um elemento sacrificado apesar de ter sido um dos maiores, ou seja, o maior coordenador do movimento. Foi um grande senhor. Ele merece todo o nosso respeito, toda a nossa consideração. Posteriormente por questões políticas, ele foi afastado e faleceu em Santos, já desgostoso, aborrecido, porque a questão de idealismo traz estas questões na vida de qualquer homem. Ele faleceu desgostoso, quando não encontrou o bem-estar naquilo que ele programou para si e para os outros.

Raízes - José Homem de Bittencourt foi então um dos maiores líderes da autonomia, como o senhor colocou. Que fatores o levaram a se afastar desse movimento?



Dr. Carlos - Ele não se afastou do movimento, pois foi até o final. A autonomia chegou, e com ele o momento da decisão em que tivemos a felicidade de votar. Fomos insultados e perseguidos, por Antônio Fláquer, que era um feroz adversário. Ele não media conseqüências. Era um terrível homem, espírito mal, devo dizer apesar dele ter falecido. Devemos respeitar os homens falecidos, mas a verdade não se pode negar, porque ela existe. José Homem de Bittencourt afastou-se porque pretendia ocupar com um cargo importante na nova administração. Mas, ele foi colocado de lado. Aí ele foi para Santos. Não sei se teve razão, esse é um outro caso. O movimento foi realmente democrático, porque ganhamos a questão, tendo o respeito pelo interesse e valor público. Permitimos que o povo, em eleição livre, escolhesse os seus dirigentes e eles escolheram seus dirigentes e hoje aí está São Caetano, na forma que deveria ser. São Caetano é isso que está aí, com possibilidades enormes de produção.

Raízes - Como é que a cidade foi dividida para se fazer o trabalho de divulgação dos ideais autonomistas e quais foram esses líderes em cada setor.

Dr. Carlos - Eu não posso dizer sobre os outros setores. Somente posso dizer que a organização estabeleceu setores (Norte, Sul, Leste e Oeste) e determinadas pessoas para administrar e colher assinaturas. Tive a felicidade de ser escolhido para o setor do bairro da Fundação. Aqui tivemos elementos preciosos como colaboradores. Por exemplo, Benedito Moretti, italiano, bellissimo homem, idealismo excelente, um colosso, colosso. Outro foi Domingos Quaglia, elemento precioso, muito bom, muito bom mesmo. Olinto Quaglia, Professor Teófilo de Carvalho e também o meu amigo Américo Cavalin. Que colosso de homem! Era farmacêutico na avenida Conde Francisco Matarazzo. Trabalhamos muito, alcançando no total das 4.600 assinaturas, conseguimos 1.160. Essa foi a nossa contribuição para a época da apresentação desses documentos à Assembléia Legislativa do Estado.

Raízes - Sobre Valentim Inácio da Silva, o que o senhor poderia colocar?

Dr. Carlos - O que eu posso dizer sobre Valentim Inácio da Silva é que ele pretendia ser o Prefeito Municipal. Para tanto, ele visitou-me em meu consultório, na Conde Francisco Matarazzo e propôs que lhe entregasse as listas de 1.160 assinaturas. Como retribuição, ele iria me dar o presente de perpetuar a minha imagem em bronze, numa praça pública. Esse seria o prêmio. Minha resposta foi a seguinte: “*Vivi no Pantanal no meio dos índios; convivendo com elementos de toda espécie como ladrões, assassinos, bandidos, etc. Fui chefe deles, por contingência da vida, mas nunca havia visto, um ho-*



Convite de formatura de Carlos Paez



mem tão ordinário, tão safado, ao ponto de fazer estava tipo de proposta". Dei-lhe dois segundos apenas para desaparecer da minha frente, do contrário, iria jogá-lo do 2º andar. E foi assim que ele desapareceu para sempre. Nunca mais apareceu em São Caetano.

Raízes - Como o senhor coloca a posição dos autonomistas de São Caetano, que eram vereadores na prefeitura de Santo André. Poderia citar os seus nomes e qual a participação deles?

Dr. Carlos - Eu posso dizer que o 2º subdistrito de São Caetano, escolheu os seus vereadores e colocou-os em Santo André. Já naquela ocasião da autonomia eles estavam funcionando como vereadores por São Caetano do Sul. Esses elementos eram vereadores de Santo André, e não representantes aqui da cidade. Isso porque São Caetano não existia como município, então eram vereadores do 2º sub-distrito em Santo André. Eram remunerados pela Prefeitura de Santo André, e foram expulsos, em determinado momento, de lá. Eles entraram na Justiça e foram reintegrados. Tiveram a oportunidade, na ocasião, de abraçar a causa por um lado e entrar na Justiça. Mas não abriram mão. Eles trabalha-

ram como vereadores de Santo André e como líderes autonomistas. Os verdadeiros líderes fomos nós. Lutamos por nós mesmos e pelos nossos filhos e atingimos essa posição de colosso e com o respeito devido, às nossas custas, devido ao nosso desejo de bem-querer da nossa parte.

Raízes - Nesse aspecto político qual a atuação dos deputados na Câmara Federal?

Dr. Carlos - Tivemos elementos preciosos como Feliciano de Santos, Gabriel Migliori, belíssimo homem, que lutador, um colosso! Outro foi o general Porfírio da Paz, também, deputado estadual que muito nos ajudou. O deputado Cunha Bueno contribuiu de modo efetivo para o nosso movimento, bem como Adhemar de Barros, interventor de São Paulo, que foi totalmente simpático ao Movimento Autonomista de São Caetano do Sul.

Raízes - Dr. Carlos, o que a gente poderia saber neste movimento em relação às pessoas que foram injustiçadas neste processo? Sofreram consequências deste movimento?

Dr. Carlos - Quem sofreu as consequências desse movimento, posteriormente já à autonomia de São Caetano, logo de início, foi José Homem de Bittencourt, que pretendia

um posto avançado na nova administração. Ele foi castigado pela quinta coluna da época e não alcançou o seu desejo e acabou em Santos, onde faleceu. A outra pessoa que sofreu com uma posição injusta, foi dona Odete Fraissat Paez, minha esposa, que era professora do Grupo Escolar Rural Bartira, em Santo André. Foi proposto a ela a nomeação como inspetora do município de Santo André, se o esposo, que sou eu, desistisse da campanha autonomista. Ela me escolheu, e isso não poderia fazer, porque nós tratávamos, como casal, de assuntos religiosos e políticos, cada um teria sua parte política e sua parte religiosa. Isto foi estabelecido quando nos casamos. Esse foi o seu foi sacrifício, ficando sem o cargo. Posteriormente, quando o Angelo Raphael Pellegrino estava na prefeitura, fui lá e solicitei a reintegração de minha mulher. Ele colocou alguma dificuldade, porque a água de São Caetano era controlada por Santo André, por meio de uma torneira, que o prefeito municipal mandava fechar e nos sacrificava com a falta d'água. Pellegrino respondeu que estava um pouco difícil, etc. Então respondi a ele que esta nomeação que estava solicitando não era por uma questão pessoal, pois não estava

pedindo nada para minha esposa, mas sim para uma pessoa que estava sendo sacrificada pela campanha autonomista, da qual eu fazia parte. Dentro de uma hora ele me mandou a nomeação de minha esposa, pelo Sr. Roco. Ela não precisava do cargo. Conversamos por mais uma hora, e ao final apresentei ao Prefeito Angelo Raphael Pellegrino, a demissão do cargo que ele reconheceu como real, de valor íntegro.

Raízes - Temos aqui no Museu uma relação das pessoas que foram consideradas autonomistas pela cidade de São Caetano. O senhor questiona alguns nomes e a participação dessas pessoas no movimento. Quem teria sido os verdadeiros autonomistas de nossa cidade?

Dr. Carlos - Já contei que fui formado pela sociedade de São Caetano. A assinatura de todos os elementos que iriam compor o movimento. Esta lista, infelizmente, constante do livro de ata, simplesmente desapareceu! Posteriormente apareceu de uma forma duvidosa na Prefeitura de São Caetano do Sul. Este documento necessita ser encontrado com a maior urgência. Devo destacar dentre os elementos, que lutaram pela autonomia, José Homem de Bittencourt, coordenador, secretário da época. Professor José Bonifácio Fernandes, Accacio Novaes, vamos dizer também...

Raízes - Lauro Garcia !

Dr. Carlos - Não! Vamos dizer...

Raízes - Ficaria mais fácil a citação dos nomes para o senhor falar alguma coisa?

Dr. Carlos - Sim.

Raízes - Accacio Spachacqueria, teria sido colaborador?

Dr. Carlos - Não alcançaríamos, eu estou somente querendo explicar que os principais foram aquelas pessoas. E esses grupos depois foram distribuídos em determinados setores

que alcançaram o todo no final. Nós tivemos o meu setor, o setor do Constantino que era um elemento antigo da maçonaria, Júlio Marcuci, que muito trabalhou e muitos outros elementos. Fernando Piva também foi muito bom. Havia uma congregação enorme. A cidade era simpática, e nos recebia com um sorriso em todo a parte que aparecíamos. Nós viemos festejando desde o início. A divisão dá a impressão que a chapa preta veio posteriormente. Não, a chapa preta já estava dentro de casa. A chapa preta nasceu por imposição do prefeito Antônio Fláquer. Ele com aquelas pessoas, fizeram com que esta divisão fosse mais ou menos desagradável. Ele puxou esses elementos, certo de que esta campanha autonomista iria fracassar. No entanto, ela triunfou, prevalecendo o interesse público, o bem-estar, a liberdade de tudo. A liberdade sempre!

Raízes - O senhor abordou, no início de nossa conversa, o surgimento da idéia de criação de um jornal aqui na cidade. Como foi isso?

Dr. Carlos - A criação do jornal ocorreu por uma necessidade de se divulgar a autonomia. Surgiram então Luís Neves, o amigo Mário Porfírio e outras pessoas, que acharam que deveria ser criado o jornal. Assim surgiu o *Jornal de São Caetano*. Ele batalhou desde o primeiro número pelos problemas da cidade e fez campanha para separar São Caetano de Santo André.

Raízes - Como o senhor analisa o papel desse jornal no Movimento Autonomista?

Dr. Carlos - Analiso como precioso, muito...muito bom! Foi uma influência colossal. Isso porque difundiu todo o movimento com toda a segurança e justiça. Naturalmente as coisas mudaram, as dificuldades financeiras apareceram. Portanto, hoje não aparece tão bem como ontem.

Raízes - O movimento valeu a pena?

Dr. Carlos - Todo movimento que serve como exemplo para a juventude, para os pósteros, é sempre bem vindo, é sempre precioso. Nós morremos pelo nosso ideal. E deve-





Grupo de autonomistas em outubro de 1948. Da direita para a esquerda: 1- (?), 2- Olinto Quaglia, 3- Carlos Paez, 4- Angelo Raphael Pellegrino, 5- (?), 6- (?), 7- (?), 8- (?)

mos morrer, a nossa vida nada vale, a não ser a parte que damos aos outros. Nós devemos dar nossa vida sem nenhum preconceito, pelos nossos ideais pois ela nada vale, vale só a Deus.

Raízes - Dr. Carlos, a preocupação no Museu, é conhecer a História como ela realmente se passou, sem máscaras, sem privilegiar ninguém, para que essa História seja utilizada como exemplo, como educação para melhorar a nossa cidade, como um modelo de conduta para os jovens. O que poderia ser destacado para deixar na lembrança da população em relação a este movimento? Que valores poderiam ser legados?

Dr. Carlos - Toda intenção tem o seu troco, ou tem as suas características. Conseguimos um município excelente. Aí está São Caetano do Sul, vemos prédios altos, segurança, ruas já todas calçadas. Encontramos guias, encontramos, vamos dizer, esgotos já conduzidos, muito bem conduzidos, temos tudo. Enfim São Caetano é um gigante, uma beleza.

Cresceu muito. Mas tem um contrapeso as questões naturais. Nós homens, brigamos por estas posições, sem olhar os efeitos ou as consequências dos nossos atos e isto traz aborrecimentos. São Caetano tem toda a possibilidade de ser um exemplo maior, mas é necessário que os seus dirigentes, os elementos que lidam com a população e a própria localidade, sejam bem intencionados, tenham a sua religião, o desejo de bem servir a população, de servir o povo, as pessoas e dar sua parte para melhorar o mundo em que vivemos.

Raízes - Estamos gravando esse depoimento, mais de 40 anos depois da autonomia, com um objetivo principal que é a verdade. E nesse trabalho que o senhor começou dando o primeiro depoimento, esperamos contar então com outros elementos que sejam indicados, inclusive pelo senhor, como elementos que realmente trabalharam nesse movimento para que possamos então, no final desse trabalho, publicar alguma coisa que seja a ver-

dade, que seja o real do que se passou no ano de 1948. O senhor poderia indicar alguns nomes dessas pessoas que o Museu deveria procurar e se empenhar para que pudéssemos também gravar seus depoimentos?

Dr. Carlos - Isso é o justo, correto. O Museu deve ter como finalidade o conhecimento para o futuro. Devo dizer, dando um exemplo. Havia no deserto um cidadão muito velho, plantando.... Porque o senhor está plantando essa tamareira, se é sabido que ele somente dá frutos após 100 anos de existência? Aquele senhor idoso, levantou a cabeça, olhou e disse: Meu filho, não estou plantando a tamareira para eu colher os frutos. Eu estou plantando a tamareira para os pósteros, para aqueles que virão amanhã, para eles será a tamareira que plantei. E assim ocorreu com a autonomia de São Caetano. Ela foi plantada para o dia de amanhã, para os nossos filhos, netos, bisnetos que, hoje agradecem a nossa luta.

(*) Sônia Maria Franco Xavier, professora de Filosofia e História, dirige o Museu Histórico Municipal de São Caetano do Sul, integra o Grupo de Pesquisadores de Memória do ABC, é membro do Conselho Diretor da Fundação Pró-Memória

Pellegrino, de "forasteiro" a primeiro prefeito eleito do Município

Osmar Costa VALENTIM(*)

Quando vi a sala vazia, com apenas um banquinho, tendo um vaso com um buquê de flores, enviado pelos amigos, deu vontade de chorar... (Engenheiro Ângelo Raphael Pellegrino, 3 de abril de 1949, ao ser empossado como o primeiro prefeito de São Caetano do Sul).

Nascido na última década do século passado, 26 de julho de 1891, Ângelo Raphael Pellegrino, no distrito de Jaqueira, município de Maraial, interior do Estado de Pernambuco, descendente de italianos (Francesco Pellegrino e Dominga Anunziata Masulo Pellegrino), gozava de privilégios que outro jovem de sua época gostaria de possuir. Depois de suas primeiras letras na Escola Primária de sua cidade, estudou o curso secundário no Ginásio dos Padres Salesianos Sagrado Coração de Jesus, na cidade do Recife, capital do estado.

Em 1911, parte para a Europa, onde se matricula no Instituto Técnico de Caserta, localidade próxima a Nápoles, na Itália. Quatro anos depois, em 1915, ingressa na Universidade de Turim. Em seguida, transfere-se para a Universidade de Lausanne (Suíça), devido à entrada da Itália na Primeira Grande Guerra Mundial contra a Áustria. Concluindo o curso de Engenharia na Suíça, já no final da guerra, em 1918. Presenciou naquela época, pelos jornais, o terrível sofrimento do povo brasileiro assolado pela gripe denominada *febre espanhola*.

Terminado o curso superior retorna ao Brasil, indo para a casa dos



pais, em Pernambuco.

Embora o estado de Pernambuco fosse um território próspero na agricultura, o mesmo não acontecia em termos industriais. Assim, Ângelo Raphael vem para São Paulo em busca de emprego. Era um jovem engenheiro diplomado e no Sul as condições de trabalho seriam mais adequadas. Seu primeiro trabalho foi na Companhia Paulista de Juta. *Comecei a ganhar 400 mil Réis por mês. Era um bom salário para a época, dizia Pellegrino, ficando nesta firma por dois anos.*

Quem bebe da água de São Caetano, fica batizado... – declarava sempre o primeiro prefeito da cidade, quando aqui retornou em 1925. Quatro anos antes, começa a trabalhar na Cerâmica São Caetano, por um salário de um conto de Réis mensais. Por sua grande atuação e

inteligência foi escolhido para o cargo de gerente, disputando com mais onze candidatos. Permaneceu nesta empresa de 1921 a 1922. Lá conheceu o também, engenheiro Armando de Arruda Pereira, um dos líderes do fracassado movimento autonomista de 1928. Após a sua saída da Cerâmica São Caetano, muda-se em 1923 para Campos do Jordão (SP), iniciando-se no ramo de construtor, onde ficou durante dois anos construindo casas populares para operários, pois previa que a cidade iria crescer. Foi um dos fundadores da Companhia Telefônica da Borda do Campo (CTBC). Ficando como um dos seus diretores até o ano de 1972. Um total de 20 anos marcou a passagem de Pellegrino pela eficiente companhia telefônica, dentre outras similares.

Próximo dos seus 50 anos de idade, com muitos serviços prestados na condição de engenheiro e eletricitista, Ângelo Raphael Pellegrino foi intimado a entrar na carreira política, mas não se iludia com as ideologias e com os sofismas. Sua vida era sinônimo de trabalho e dedicação pessoal sem qualquer limite. Assim, resolveu participar ativamente da autonomia do novo município de São Caetano, antes liderado pelos antiautonomistas de Santo André. No dia 24 de outubro de 1948, era vencida mais uma batalha em sua missão de dirigir aquela população. E isto era contagiante demais para se negar a aceitar. Todos o queriam na campanha para ser o primeiro prefeito do recém-criado município. A autonomia já era realidade.



Acervo: Fundação do Pr - Memória

Primeiro corpo administrativo de São Caetano do Sul, da esq.p/dir.de pé: dr. José Salvatore Netto(diretor de obras), dr. Eneas Chiochetti(diretor de assuntos jurídicos), profº Benedito de Moura Branco(chefe de gabinete), dr. Calasans de Campos(diretor administrativo) e sr. Daniel Giardulo(diretor da fazenda). No centro, sentado dr. Angelo Raphael Pellegrino

Depois de aceitar o convite para disputar a chefia do Executivo, o candidato disse que se pautaria por três princípios: organizar a nova prefeitura, de maneira racional; harmonizar a vida política da cidade, conciliando adversários e adeptos da autonomia e realizar uma política de boa-vizinhança com as cidades limítrofes, principalmente com Santo André que não aceitava o desligamento do Distrito de São Caetano.

A primeira eleição municipal aconteceu em São Caetano no dia 13 de março de 1949. O engenheiro Ângelo Raphael Pellegrino, apoiado pelos partidos PR, PSP, UDN, PSD, PRP e PDC, obteve 4.094 votos. Seu adversário de campanha era o médico José Luiz Fláquer Neto, pela legenda do PTB, conseguiu 1.017 votos. O prefeito e os novos vereadores tomaram posse no dia 3 de abril de 1949, em solenidade realizada na Câmara Municipal.

Ao assumir a Chefia do Executivo pela primeira vez na história da cidade de São Caetano, o local da prefeitura ficava na rua Rio Grande

do Sul com a rua Pará, hoje estabelecimento de ambulatório do INPS. Ali organizou a nova prefeitura da região. Admitiu funcionários competentes e realizou até concurso público para se ter um número necessário que pudesse tocar à frente o trabalho de crescimento de nossa São Caetano autônoma.

Ângelo Raphael Pellegrino, como era respeitosamente conhecido, também foi um empresário bem-sucedido. Juntando-se a um grupo de companheiros fundou e dirigiu a Cerâmica Itabasil. Conquistou o mercado nacional e atendeu com bons resultados comerciais ao mercado exportador para diversos países, principalmente da Europa, onde havia deixado um valioso círculo de amizades na época de seus estudos superiores.

Foi membro fundador do Rotary Clube São Caetano do Sul-Centro e um dos mais atuantes incentivadores para a construção de um hospital em nossa municipalidade, quando observava o descaso do atendimento médico no município de Santo An-

dré, então sede municipal. Assim, a partir de 1946 começa a sua preocupação para se elevar a hoje consagrada Sociedade Beneficente Hospitalar São Caetano, rua Espírito Santo, e a fundação da Sociedade Amigos de São Caetano, para lutar pela autonomia do então segundo subdistrito. Todas as suas investidas empresariais e sociais obtiveram relevantes resultados positivos. O hospital foi erguido, a autonomia foi conquistada e suas empresas cresceram. Além de tudo, criou o Pronto Socorro Municipal, aparelhou a prefeitura de uma frota de veículos e máquinas, realizando uma administração firme e honesta, a ponto de até utilizar dinheiro de sua próprias posses.

Ângelo Raphael Pellegrino foi casado com Nelly Guilhermina Akesson Pellegrino, já falecida. O casal teve apenas um filho: Ivo Pellegrino, químico e advogado. Hoje, casado com Dalva Pellegrino, professora, e que deixou um neto de nome Rafael. Sua residência em São Caetano ficava na rua Espírito Santo com rua Monte Alegre. Sempre participou de todas as posses de seus sucessores na prefeitura. Na última, do prefeito Luiz Olinto Tortorello, em 1989, não compareceu. Já se encontrava muito doente, mas lúcido, numa casa de repouso de Cotia. Próximo dos seus 100 anos de vida, Ângelo Raphael Pellegrino recebeu a visita do prefeito Luiz Olinto Tortorello em sua residência naquela clínica. Descansou aquele que trabalhou pela emancipação de São Caetano e viverá em nossa lembrança aquele que batalhou pelo crescimento e prosperidade de nossa cidade. Faleceu em 1º de maio de 1990.

(*) Osmar Costa Valentim Ø jornalista e ator de teatro bissexto

História vivida há meio século

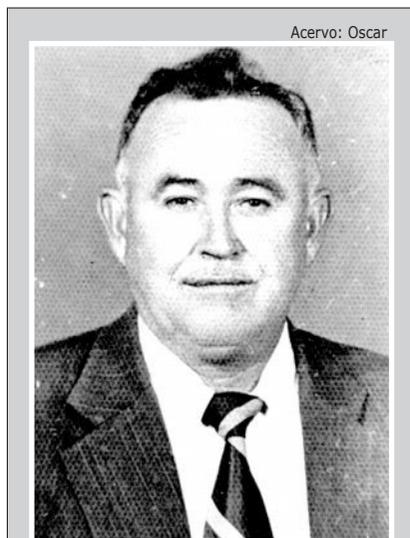
sob a visão juvenil de um sancaetanense

Oscar GARBELOTTO(*)

1947. São Caetano prosseguia seu caminho de cidade pacata, de muita movimentação industrial; rica e, ao mesmo tempo, pobre. Eu morava na rua 28 de Julho, 154 e 156, onde meus pais e tios mantinham um movimentado comércio: o Recreio do Momi. Era um dos pontos de reunião e encontro de São Caetano e, de modo muito particular, do pessoal da Barra Funda (hoje Bairro Fundação). Esta era a denominação do nosso bairro, o Bairro da Ponte. Ninguém explicava, realmente, o porquê daquela diferente denominação.

Na minha rua, tinha água e esgoto. Lembro-me da abertura das valas que a Prefeitura de Santo André mandou fazer para a colocação dos canos no início da década de 40; nós, bem garotos, nos divertíamos muito. De repente, nossa rua de terra foi invadida por homens com pás e picaretas e, diante de nossos olhos infantis, muito curiosos, começaram a cavar valas que foram ocupando um dos lados da rua. Ao final da tarde, terminando o serviço do dia, invadíamos as valas e as brincadeiras iam até o momento que nossos pais permitiam. Na época, mal compreendia o valor daquele benefício.

Os mais velhos diziam que aquilo era *esmola* de Santo André, já que poucas ruas de São Caetano estavam recebendo os melhoramentos. Algumas do nosso bairro e outras poucas depois das porteiras, diziam (era referência à hoje parte central). A reclamação mais comum



Arthur Garbelotto



Firmino Garbelotto

ouvida era sobre a boa arrecadação de impostos da cidade comparada à falta de melhoramentos. Eu conhecia, pelo menos de nome, as grandes indústrias locais: a Matarazzo, a Mecânica, a Louças Cláudia, a Louças Adelina, a Cerâmica São

Caetano, a Aliberti, a Colombina, a Chocolates Pan, a General Motors, a Scartozzoni (de meus tios-avós), a Metalúrgica Barille (de meu tio e padrinho Orlando), são nomes que me são próximos... Assim, sem ainda entender muito bem, concordava com os mais velhos sobre as reclamações contra Santo André.

Afinal, São Caetano, nem jardim possuía! Isso era de indignar qualquer garoto da minha idade. Não ter jardim na cidade era motivo de atraso, de vergonha até. Era um fato que eu escondia dos colegas de escola paulistanos.

Estava estudando em São Paulo, no Colégio Oswaldo Cruz, na rua Santa Izabel, perto do Largo do Arouche, após ter passado pelo Colégio Anglo-Latino. São Caetano na época, não tinha ginásio. A única escola de 2º grau era o Instituto de Ensino, então apenas com o curso de contabilidade. Deixei meus colegas de estudo primário, no Grupo Escolar Senador Flaquer - René Crepaldi, Pedro Thomé e Antonio Russo - que foram fazer o curso comercial e fui para o Ginásio na Capital, primeiro no Colégio Anglo-Latino, onde encontrei outros três moradores de São Caetano na mesma classe: Péricles Gastaldo, Durval Andreucci e Celso Castro.

Estudando pela manhã, saía bem cedo de casa viajando em trem e bonde, para entrar em aulas às 7h10. O transporte de ônibus para São Paulo era precário também. Ao retornar, mais ou menos às 14 horas, havia tempo para almoçar e ajudar meu pai, ora no Recreio do Momi, ora na distribuidora de bebi-



As comemorações da vitória autonomista defronte o Recreio do Momi, na Barra Funda (Bairro da Fundação)

das Antarctica.

A cidade de São Caetano para mim, era um pouco mais do que a Barra Funda; era o Cine Max e suas matinês; a casa bancária São Caetano onde eu depositava o movimento diário da distribuidora; a Estação, o Carioca, onde comprava material escolar; a carpintaria de meus tios avós Scartozzoni... Lugares mais distantes, como o Clube da G.M. e o Teuto, visitava com meu pai quando ia jogar botão. Vilas, quase desertas eu via nas entregas de bebidas, nos raros bares de Vila Barcelona, Vila Prosperidade e Cerâmica.

SOLIDARIEDADE – Até fins do ano de 1947, a palavra autonomia soava estranha aos meus ouvidos. Sabia e concordava no íntimo, com o sentimento dos mais velhos de que nossa cidade era humilhada pelos políticos de Santo André. No mais, nada ouvia e nada sabia sobre

eventual movimento autonomista. Era indiferente...

A minha ligação com a cidade, porém, era muito forte. Desde pequeno aprendi amar e respeitar o chão onde pisava. Era mesmo muito orgulho. Lia e relia o *Álbum de São Bernardo*, primeiro documento histórico que tive nas mãos. Editado em 1937, retratava a sociedade e descrevia fatos que me encantavam. Minha família, eu mesmo, estava em suas páginas. Sempre vibrei com o fato de que meus bisavós humildes colonos italianos estivessem entre os primeiros que aqui chegaram em 1877.

Participava intensamente das grandes festas de São Caetano que começavam no dia 28 de Julho. Assistia às missas no Largo da Matriz, aos desfiles, onde escolas e clubes desfilavam em homenagem à data de fundação da cidade. A Sociedade de Mútuo Socorro Prín-

cipe di Napoli organizava com especial carinho esta festividade, sempre terminando com discursos emotivos de entusiasmados oradores. Entre eles, João Dal'Mas, Mário Dal'Mas e Ítalo Dal'Mas, foram os que mais me impressionavam, pela nitidez das figuras históricas que traziam. Seguiam-se as quermesses e as festas religiosas sempre organizadas pelos padres e pela comunidade da Barra Funda. Tais festas eram o verdadeiro encontro de São Caetano. As ruas 28 de Julho (desde a rua Heloísa Pamplona) e a rua Mariano Pamplona, além do Largo da Matriz, totalmente iluminadas pelos arcos brancos fornecidos pela Antarctica, abrigavam milhares de pessoas. A apoteose eram os fogos de artifício dos Albanese, quase sempre organizados por meu pai.

Em 1948, já me encontrava no Setor São Sebastião da Congrega-

ção Mariana, convivendo com verdadeiros amigos, fiéis e interessados na nossa cidade, tanto quanto eu. Despontava no grupo a figura humana, marcante, de Manoel Claudio Novaes que, mais velho e já estudante de Direito, era nosso líder, nosso orientador. Quanto pudemos aprender com ele...

Enquanto Congregado Mariano, mais consegui estreitar meus laços com a cidade, trabalhando nas quermesses e participando ativamente nos momentos religiosos.

Ainda em 1948, ostentar a camisa branca e preta de São Caetano E. C. como jogador do primeiro juvenil de bola ao cesto da cidade, criado e orientado pelo campeão nacional José Crivelaro, e tendo como técnico Dércio da Silva, foi outro grande momento. Nas disputas, a grande motivação era representar São Caetano.

Assim, já naquela época, a cidade era para mim, o ponto central do meu orgulho. A família tinha tradição, um passado que alegrava meus sentimentos e fazia parte de contexto maior, historicamente importante que era São Caetano.

AUTONOMIA – O *Jornal de São Caetano*, lançado em 28 de Julho de 1946, chegava em nossa casa, semanalmente, com notícias que motivaram o ego caetanense. Já em seu primeiro número, ilustrava a primeira página com a significativa foto da velha matriz, mostrando a saída da procissão do padroeiro em 13 de Junho de 1908. É para mim, a mais importante foto dos primórdios de São Caetano. Seus entusiasmados artigos sempre destacavam a riqueza da cidade e o descaso das autoridades de Santo André.

O Movimento Autonomista iniciado pelo jornal para a construção de um hospital uniu a cidade. Bales, chás, churrascadas, quermesses

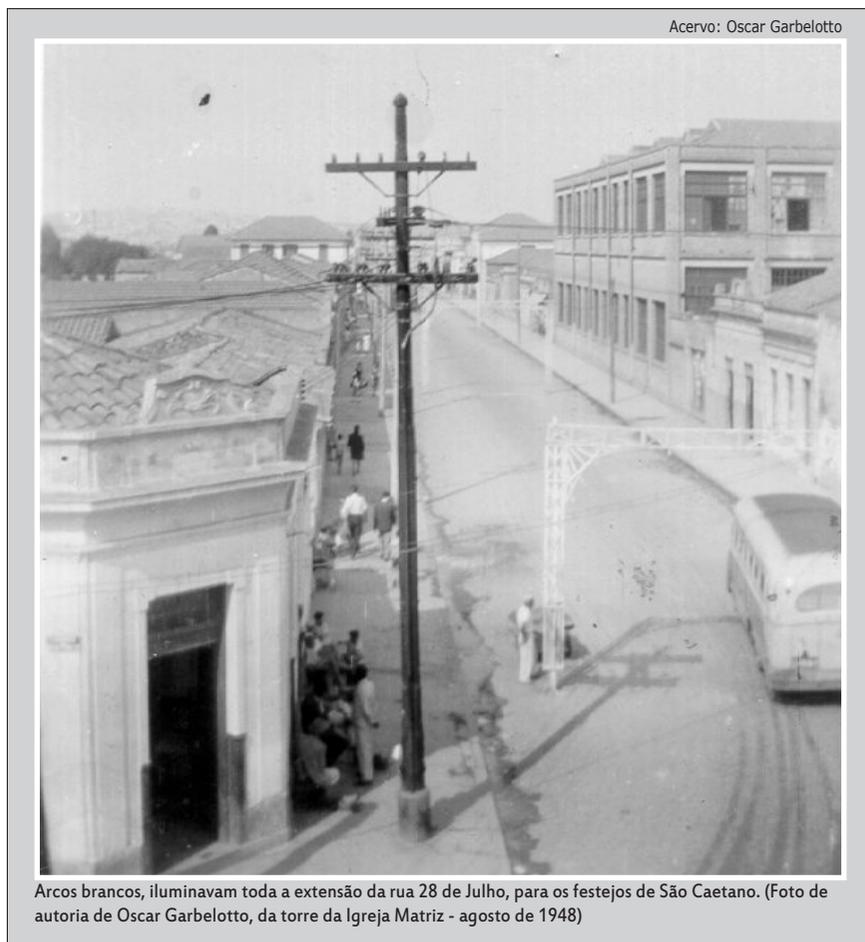
e até concertos sinfônicos para arrecadar fundos foram realizados. Os concertos tinham como palco o Cine Max, aos domingos às 10 horas. Lá ouvi a Sinfônica Estadual tendo à frente o lendário maestro Armando Belardi.

Ainda em 1947, o jornal noticiava a formação da Sociedade Amigos de São Caetano. Meu tio Firmino fazia parte desta sociedade e assim, outros nomes foram se tornando meus conhecidos: José Homem de Bittencourt, dr. Caldas, dr. Flaquer Netto, Luiz Neves, Mario Rodrigues, Tomé, e tantos outros...

A partir daquele momento, as conversas sobre autonomia ganharam força e atingiram toda a cidade no início de 1948. Não se falava em outra coisa.

Pelas conversas entre meu pai e tios, soube do nosso envolvimento no movimento, o que me deixava entusiasmado. Passei a seguir ansiosamente seus passos; ouvia suas conversas, partilhava de suas preocupações, de suas revoltas, de suas alegrias e certeza do sucesso.

Pela primeira vez, ouvia falar de deputados que estavam ajudando a autonomia: Cunha Bueno, Gabriel Migliori e Lincol Feliciano. Posteriormente, assisti a muitos atos públicos na sede do SEEC, à rua Perrella, onde os conheci pessoalmente e ouvi os discursos inflamados de Cunha Bueno, Gabriel Migliori e Porfírio da Paz. Este último invocando sempre Nossa Senhora Aparecida em seus pronunciamentos.



Por volta do mês de março de 1948, o movimento tomou outro vulto: vendia-se bônus para arrecadar recursos, folhetos de propaganda se espalhavam pela cidade e iniciava-se a coleta de assinaturas em documento que iria para a Assembléia Legislativa.

Havia também folhetos de oposição, geralmente ofensivos aos líderes do movimento. Lembro-me que, em uma tarde, meu pai, Arthur, chegou na empresa muito raivoso. O motivo: distribuíram na Barra Funda - o principal foco de autonomistas - folheto on-

de taxavam-no e a outras pessoas de São Caetano, como tubarões e comunistas. Tubarões era o termo usado para identificar o rico e explorador. Como meu pai não era nada disso, sua raiva foi justificada. O desespero da oposição comandada pelo prefeito Antonio Flaquer descambava para ofensivas pessoais e outras mentiras... Estávamos em plena fase da obtenção de assinaturas necessárias para instruir o pedido de plebiscito à Assembléia Legislativa.

Consciente da importância da campanha das assinaturas, já com meus 15 anos, integrei o rol daqueles que saíram às ruas, juntamente com Geremias Perrella, o *Gatão*, morador também na rua 28 de Julho, recebemos a incumbência de percorrer a rua Espírito Santo. Lá fomos de pastas à mão, de porta em porta. Eu tinha a certeza de que, pela alegria e adesão com que éramos recebidos, impossível o movimento fracassar.

Como sempre, a Cantina do Momi, o bar e restaurante de meu pai, na rua 28 de Julho, vivia intensamente autonomia e muitas reuniões importantes lá se realizavam, inclusive com jantares. É de se lembrar de um deles que causou grande animação: foi um jantar para receber o apoio de vários vereadores de São Paulo. Isso em junho ou julho de 1948.

Começou a fase de espera e expectativa. Notava-se no semblante dos mais velhos a preocupação com o resposta que dariam os deputados.

Finalmente, em meados de setembro, meu pai e meu tio Firmiño levaram-me à Assembléia Legislativa, no Palácio das Indústrias, no Parque D. Pedro II, onde situa-se, hoje, a Prefeitura de São Paulo. Ao subir a longa escadaria



Nessa barraca elevada, instalada no centro da Praça Ermelino Matarazzo, ficavam as bandas musicais que alegravam a festa de São Caetano. Da esq.p/dir., em cima, Raimundo Tonetto, Palmira Batistel e Manoel Claudio Novaes. Em baixo: Antonio Batistel, Oscar Garbelotto, Luiz Batistel e Aldo Piazentin. Agosto de 1948



O juvenil do São Caetano Esporte Clube, pode ser considerada a primeira iniciativa local de escolinha de esportes. Seu organizador o campeão brasileiro José Crivelaro é o primeiro da direita para esquerda, em pé

lateral do Palácio, fiquei emocionado. Entramos no plenário onde nos reunimos a um grande número de autonomistas. Era um corre-corre. Além da separação de madeira entre nós e o plenário, os deputados conversavam entre si, enquanto um ou outro discursava. E lá estava eu no centro da histórica decisão. Otimistas, os deputados Gabriel Migliori e Cunha Bueno conversavam com grupos de São Caetano. Havia grande expectativa. Logo após, o resultado: o plebiscito foi aprovado. São Caetano teria oportunidade de escolher seu caminho...

As comemorações começaram a própria Assembléia e continuaram em São Caetano.

Agora era preparar os eleitores para o plebiscito.

DECISÃO – 24 de outubro de 1948. O domingo amanheceu. O estabelecimento de meu pai - espécie de Centro Cívico - apresentava ati-

vidade incomum. Temia-se que as autoridades de Santo André preparassem algo para boicotar o andamento da votação.

Dentro deste quadro, eu e alguns amigos, também ainda não eleitores, fomos andar pela cidade, apreciar o movimento e entregar a propaganda SIM pelo caminho. Após algumas voltas, resolvemos parar no Grupo Escolar Senador Fláquer, em nosso bairro, onde votaríamos todos os conhecidos da Barra Funda.

Nas salas de aula estavam instaladas as seções de votação, quase todas sob as ordens de pessoas conhecidas. Muitos outros cidadãos, de terno e gravata, identificados por braçadeiras do Tribunal Eleitoral, percorriam compenetrados todos os locais de votação, na missão de fiscalizar os trabalhos. Havia também fiscais de ambos os lados: os autonomistas e os indicados pela Prefeitura de

Santo André.

Ao percorrermos o centro da cidade, particularmente a avenida Conde Francisco Matarazzo, o Grupo Escolar Senador Fláquer e o bar de meu pai, sentimos a vitória do SIM bem mais de perto. Havia a certeza e alegria nos eleitores pró-autonomia. Era a própria manifestação de algo há muito esperado; a explosão de um ideal reprimido e repentinamente ao alcance das nossas mãos. E em nossos olhos e mentes juvenis brotou um sentimento de ingênua alegria e de um imenso orgulho de pertencer - com raízes profundas - à cidade.

A participação de meu pai Arthur e meu tio Firmino, ativos membros do movimento, ao lado de conhecidos que aprendi a respeitar profundamente, tais como Mário Rodrigues, Thomé, os irmãos Dal'Mas, Luiz Neves e tantos outros, causava-me enorme satisfação. E naquele dia 24,

**MOSTRE, AMANHÃ, Á SEUS
DECENDENTES QUE VOCE
CONTRIBUIU PARA A LI-
BERDADE DE S. CAETANO**

A significativa mensagem no verso das contribuições para a campanha Autonomista coloca à mostra o espírito cívico do Movimento

aprendi a ser mais sancaetanense do que nunca.

Não me lembro de ter almoçado naquele dia. Ao que parece, ninguém se preocupou com isso e, ao fim da tarde, por volta das 17 horas fomos para a frente da sede do São Caetano Esporte Clube onde estava instalado o Cartório Eleitoral que faria a apuração dos votos. Lá chegariam todas as urnas. Havia muitas pessoas no local e a alegria era dominante, diante da certeza da nossa vitória. Eis que finalmente chegou a primeira urna nas mãos de Mário Bortoletto, nosso vizinho e assíduo jogador de bochas no Recreio do Momi e de Antônio Giovanni Franzin, companheiro da Congregação Mariana.

Aplausos do público. Pareciam verdadeiros heróis que chegavam. Muito alegres, traziam o triunfo no rosto. Lá ficamos algum tempo presenciando a chegada das urnas.

A noite terminou em clima de festa. O bar de meu pai recebeu toda a Barra Funda, descontraída, alegre; era marcante ver nas pessoas a plena consciência do dever cumprido. A autonomia, para nós,

já era um fato concreto. Foi gratificante presenciar aqueles homens, das velhas e tradicionais famílias locais, falarem dos fatos do dia. Para nós, os Garbelotto, os D'Agostini, os Botteon, os Fiorotti, os Martorelli, os Dal'Mas, os Braido, os Dalcin, os Moretti, os Thomé, os Di Nardi, os Bortoletto, os Lorenzini, os Cavassani, famílias que, entre outras mais, frequentavam o estabelecimento, parecia que São Caetano fora fundada pela segunda vez. Difícil, muito difícil, era expressar o sentimento daquele dia.

Quando, em 31 de outubro de 1948, o *Jornal de São Caetano* publicou os números finais do plebiscito, grandes comemorações e discursos ocorreram na cidade.

A cidade preparou-se para eleger, pela primeira vez, seu Prefeito. Em 3 de abril de 1949, à tarde, acompanhei meu pai e meu tio para presenciar o grande momento da posse de Angelo Raphael Pelegrino. Também Giacomo Garbelotto Netto, representando a família, lá estava como vereador eleito.

São Caetano, agora do Sul, começou sua trajetória com suas pró-

prias forças. Minha mente juvenil projetou uma pergunta: Como poderei colaborar com a minha querida cidade? Só o futuro responderia. Por ora, pensei; muitas coisas boas virão. Por certo, também, o esperado jardim...

(*) Oscar Garbelotto, 65, é advogado e professor-fundador do IMES, onde é, também, Coordenador Cultural. Ocupou na administração pública municipal, as funções de Diretor de Educação e Cultura, Diretor do IMES e Presidente da Fundação Pró-Memória. (Revisão e colaboração de Morisa Garbelotto Rodegher)

Eventos pós-autonomia reúnem acontecimentos que devem ser lembrados

Domingos Glenir SANTARNECCHI(*)

Diz o ditado que recordar é viver, assim aproveitamos a oportunidade da passagem do 50º aniversário da Emancipação Político-Administrativa de São Caetano para recordar alguns fatos ocorridos após a Autonomia, que com o passar do tempo é comum as pessoas já se esquecerem. Esses eventos são de extrema importância, pois graças a eles é que a Autonomia consolidou-se através da ação dos governantes que foram se sucedendo na administração do município, até tornar-se uma cidade considerada de Primeiro Mundo.

O dia 24 de outubro marca no calendário da cidade o maior acontecimento ocorrido nos seus 121 anos de existência, o movimento emancipacionista denominado Autonomia, que separou São Caetano de Santo André. A saga de um povo e a sua luta pelo autogestão contra aqueles que não acreditavam na capacidade do povo saocaetanense. Foi um evento ímpar na História que uniu toda a população em torno de um ideal.

A garra e a determinação dos Líderes Autonomistas, herdadas dos seus antepassados, imigrantes italianos que fundaram a cidade em 28 de julho de 1877, culminou com o vitorioso plebiscito de 24 de outubro de 1948.

CONSOLIDAÇÃO – Criado o Município de São Caetano, acrescido do apêndice do Sul, para diferenciá-lo do seu homônimo do Estado de Pernambuco, foi realizado o



Foto de 3 de abril de 1949. Durante a posse do prefeito Angelo Raphael Pellegrino, na Câmara Municipal. Da esquerda para direita, Juiz de Direito Plínio Gomes Barbosa, o prefeito Angelo Raphael Pellegrino, o presidente da Câmara Accacio Novaes, e os vereadores João Dal'Mas, Anacleto Campanella, Victorio Marcucci

pleito elegendo-se o primeiro Prefeito e a primeira Câmara de Vereadores.

Assim, a 3 de abril de 1949 era constituída a primeira administração, tendo à frente o Prefeito, Angelo Raphael Pellegrino, escolhido de comum acordo numa coligação de partidos - PSD, PR, PTN e PSP, que uniu todas as lideranças da cidade. Pellegrino foi empossado, às 15 horas, na Câmara Municipal, provisoriamente instalada na rua João Pessoa, nº 120, cujo primeiro Presidente foi Accacio Novaes.

A posse foi oficiada pelo juiz de Direito, Plínio Gomes Barbosa e se dava numa sessão solene histórica, em que assumiam os primeiros vereadores eleitos, ainda inseguros na árdua missão de mon-

tar um município que apenas engatinhava os primeiros passos. Foi nesse clima e ambiente que o Líder Autonomista, João Dal'Mas, proferiu um discurso vibrante e flamejante, injetando ânimo e coragem aos primeiros legisladores e ao Prefeito Pellegrino. Seu discurso foi memorável, e até hoje é lembrado pelos políticos da época.

É bom recordar algumas curiosidades. Por exemplo, o atual mandatário Luiz Olinto Tortorello, é o 12º prefeito eleito na história da cidade. Walter Braido, exerceu três mandatos, já Campanella e Massei, conseguiram dois mandatos. Somente um Vice-Prefeito foi eleito duas vezes: Lauro Garcia, e o único Vice-Prefeito que assumiu em definitivo a Prefeitura foi João

Dal'Mas, no período de 13 de maio a 31 de janeiro de 1983, completando o mandato.

Dada a mudança na legislação, dois prefeitos perderam tempo de seus mandatos: Oswaldo Massei, em seu segundo mandato, que deveria se encerrar em 2 de abril de 1973, encerrou-se em 31 de janeiro de 1973, perdendo assim 62 dias. O outro prefeito foi Walter Braido, em seu terceiro mandato, que deveria se encerrar em 31 de janeiro de 1989, encerrou-se em 31 de dezembro de 1988, perdendo

assim 30 dias.

Segundo a legislação, o mandato do prefeito era normalmente de quatro anos, mas em virtude de alterações, dois deles tiveram o mandato prorrogado para seis anos. Como exemplo, houve Raimundo da Cunha Leite, de 1977 a 1982 e Walter Braido, em seu terceiro mandato de 1983 a 1988.

Já o prefeito Luiz Olinto Tortorello, em seu primeiro mandato, foi o mandatário que mais ocupou sedes diferentes do Paço Municipal. Foram três: o da avenida

Goiás, 600, no Bairro Santo Antonio; o do Parque Botânico, na rua da Paz, 10, Bairro Mauá e em definitivo o do Palácio da Cerâmica Angelo Raphael Pellegrino, na rua Eduardo Prado, 201 no Bairro São José.

(*) Domingos Glenir Santarnecchi, é jornalista e pesquisador da memória da cidade. É apresentador do Programa ABC Brasil da TV São Caetano - Canal 45

GALERIA DOS PREFEITOS

Fundação da cidade: 28 de julho de 1877

Emancipação do Município: 24 de outubro de 1948

1. De 3 de abril de 1949 a 2 de abril de 1953 - Ângelo Raphael Pellegrino.

Vice-prefeito: Não havia.

O presidente da Câmara Municipal substituiu o prefeito em seus impedimentos.

2. De 3 de abril de 1953 a 2 de abril de 1957 - Anacleto Campanella

Vice-prefeito: Jacob João Lorenzini

3. De 3 de abril de 1957 a 2 de abril de 1961 - Oswaldo Samuel Massei

Vice-prefeito: Lauro Garcia

4. De 3 de abril de 1961 a 2 de abril de 1965 - Anacleto Campanella

Vice-prefeito: Lauro Garcia

5. De 3 de abril de 1965 a 2 de abril de 1969 - Hermógenes Walter Braido

Vice-prefeito: Odilon de Souza Mello

6. De 3 de abril de 1969 a 31 de janeiro de 1973 - Oswaldo Samuel Massei

Vice-prefeito: Antônio Russo

7. De 1º de janeiro de 1973 a 31 de janeiro de 1977 - Hermógenes Walter Braido

Vice-prefeito: Argemiro de Barros Araújo

8. De 1º de fevereiro de 1977 a 31 de janeiro de 1983 - Raimundo da Cunha Leite

Vice-prefeito: João Dal'Mas (assumiu a Prefeitura em definitivo de 13 de maio de 1982 a 31 de janeiro de 1983)

9. De 1º de fevereiro de 1983 a 31 de dezembro de 1988 - Hermógenes Walter Braido

Vice-prefeito: Lavinho de Carvalho

10. De 1º de janeiro de 1989 a 31 de dezembro de 1992 - Luiz Olinto Tortorello

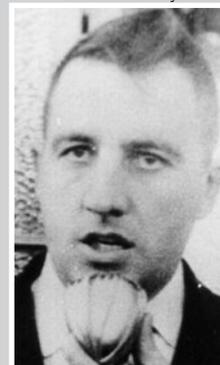
Vice-prefeito: João Tessarini

11. De 1º de janeiro de 1993 a 31 de dezembro de 1996 - Antonio José Dall'Anese

Vice-prefeito: Iliomar Darronqui

12. De 1º de janeiro de 1997 a 31 de dezembro de 2000 - Luiz Olinto Tortorello

Vice-prefeito: Silvio Torres



Líderes autonomistas que marcaram São Caetano. Da esquerda para a direita: José Mariano Garcia; 1920, Armando de Arruda Pereira, O coronel e farmacêutico Bonifácio Paulino de carvalho; anos 20, Matheus Constantino; anos 20, Walter Thomé, já falecido; 1946

O ideal emancipacionista cresceu e frutificou positivamente há 50 anos

Henry VERONESI (*)

A Constituição da República do Brasil, promulgada em 24 de fevereiro de 1891, já consagrava, em seu Artigo 68, a autonomia municipal, assegurando à menor célula política-administrativa do Estado a liberdade no gerenciamento de assuntos que lhe fossem particulares, estabelecendo: "Os Estados organizar-se-ão de forma que fique assegurada a autonomia dos municípios em tudo quanto respeite ao seu peculiar interesse."

O Estado de São Paulo, lastreado nesse princípio, isto é, no poder que lhe foi conferido pela Carta Magna, de organizar-se em pequenos territórios denominados municípios, promulgou a sua Constituição Estadual, estabelecendo: "... o território do Estado é dividido em Municípios, que constituem a base da organização estadual..."

Esse dispositivo constitucional estadual, devido ao problema criado a respeito da grande demanda

de reivindicações emancipacionistas, foi regulamentado por lei ordinária, denominada Lei Orgânica do Estado de São Paulo. A Lei nº 1.038, de 19 de dezembro de 1906, dispõe, entre outras coisas, sobre a organização municipal no Estado de São Paulo. Decretada pelo Congresso Legislativo [hoje Assembléia Legislativa], foi promulgada pelo então presidente do Estado de São Paulo [hoje governador do Estado], Jorge Tibiriçá. No Artigo 2º, estipulava que era competência exclusiva do Congresso Legislativo a criação e o desmembramento nos municípios, assim como as delimitações de suas áreas territoriais e fixação de suas sedes. Isso, porém, era relativa, pois dependia sempre de consulta expressa ao município interessado. O Artigo 3º fixava as condições mínimas que uma região teria de possuir para ser elevada à categoria de Município: determinava, já no *caput*, que só as regiões (territórios) com mais de 10.000 (dez mil) habitantes pod-

riam transformar-se em Municípios. Em seus itens e parágrafos seguintes, continuavam as demais condições. O território, para reivindicar separação do Município-sede, necessitava, também, possuir [em sua sede regional] pelo menos 100 prédios bons, somados a uma população mínima de 1.000 habitantes; ter prédios para duas escolas, uma para alunos do sexo masculino, e outra para alunas do sexo feminino e, mais prédio para Cadeia Pública; ter uma renda anual de impostos, comprovada, nunca inferior a 20 contos de réis e fácil saneamento.

A Lei Orgânica do Estado de São Paulo criava para os novos Municípios obrigações, como aquela expressa no parágrafo 4º, do Artigo 3º, que os responsabilizava por uma quota-parte das dívidas e obrigações contraídas pelo Município prejudicado.

No processo de emancipação [em que era necessário comprovar as condições impostas citadas acima] era preciso, também, ser jun-

tada uma representação dos habitantes da zona, solicitando a aprovação do novo Município, assim como o novo nome, uma vez que a competência para o julgamento da emancipação e a fixação do nome do novo Município era do Congresso Legislativo.

Com essa abertura legal, muitos vilarejos e distritos de Municípios paulistas iniciaram movimentos separatistas que, muitas vezes, se caracterizavam somente pelo interesse político da região. Na maioria das vezes, contudo, pela liberdade administrativa e autonomia municipal, direito delegado pela Constituição Nacional.

JORNAL – São Caetano somente iniciou em 1925 o seu movimento separatista, época em que pertencia territorialmente ao Município de São Bernardo. O movimento hibernou praticamente no intervalo entre os anos de 1925 a 1928. No início de 1928, começou a tomar corpo, fortalecendo-se com a criação e fundação do jornal *São Caetano Jornal* (não confundir com o *Jornal de São Caetano*, fundado muitos anos depois). O periódico - um semanário - desde o primeiro número [publicado num domingo, 15 de janeiro de 1928] empunhou a bandeira da emancipação do Município de São Caetano e, durante seus dois anos de existência, lutou, de maneira insistente, contra a política de São Bernardo [radicalmente contrário à perda do território de São Caetano, distrito que lhe dava boa receita anual aos cofres]. No editorial, denominado Saibam quanto..., trazia a público, quase em todas as publicações domingueiras, materiais alusivos à necessidade da separação pretendida, incitando a população a aceitar a idéia. Embora o jornal se autointitulasse como órgão apolítico,

suas tendências eram mais republicanas do que democráticas. Era de propriedade de R.C. Carvalho & Cia e mantinha a redação à rua Rio Grande do Sul, nº 7, em São Caetano. Seu diretor-responsável era Raimundo Cyriaco de Carvalho, advogado militante no Fórum da Capital.

Numa de suas primeiras publicações, em 29 de janeiro de 1928, assim se expressava a respeito da autonomia: "Seria insensatez conceber semelhante plano? Pois bem: é elle (sic) que se deseja aplicar(sic) a S. Caetano, embora enfeitado com roupas mais simples; a S. Caetano que tendo tudo quanto a Lei Orgânica do Estado exige para um distrito de paz pleitear sua autonomia municipal - rendas, escolas, população, edifícios, fácil saneamento - elementos esses superiores aos que possuem 90 por cento dos municípios do Estado, não precisa, não pôde(sic), não deve ter o direito de dirigir os seus destinos internos consagrados em lei, porque vae(sic) tendo tudo sem trabalho, commodamente(sic), apenas pagando alguns impostos."

Em outro editorial, em 12 de fevereiro de 1928, conclamava: "S. Caetano tem, de facto(sic), direito à sua autonomia municipal, porque a conquistou pelo trabalho honesto, pelo esforço exclusivo dos que aqui vivem e lutam(sic), sem favor, sem auxílio e sem tutor terceiros(sic)".

Os ataques contra o governo municipal do Coronel Saladino Cardoso Franco, prefeito municipal de São Bernardo do Campo, eram constantes, sobrando críticas ao jornal *Folha do Povo*, de São Bernardo, partidário da política da administração sambernardense. O movimento autonomista, embora tivesse o aval da maioria da popu-

lação de São Caetano, politicamente não encontrava eco. O reduto predominante da política da região concentrava-se em São Bernardo e uma separação territorial era coisa que menos interessava para os políticos do distrito da sede. A autonomia de São Caetano não interessava aos políticos e nem ao governo municipal, pois o desligamento do distrito traria grandes prejuízos [não só de ordem política, mas de ordem territorial e administrativa, pela perda de parte de sua área e pela perda de receita], com a diminuição da arrecadação de tributos.

PARTIDO – Com a finalidade de engrossar o movimento pela emancipação, cidadãos de São Caetano fundavam o Partido Municipal de São Caetano, em 29 de março de 1928, partido que se formava com o objetivo - único e político - de trabalhar para conseguir a autonomia do distrito.

A fundação do Partido Municipal de São Caetano ocorreu na residência de José Mariano Garcia Jr., tendo sido eleita - na mesma data - a primeira diretoria, assim composta: Presidente, Armando de Arruda Pereira; Vice-presidente, José Mariano Garcia Jr.; Primeiro-Secretário, Bonifácio Paulino de Carvalho; Segundo-Secretário, Antonio Flaquer; Tesoureiro, David Maria Monteiro Gomes; Membros, João Bisquolo, Serviliano Silva, Matheus Constantino.

A fundação do Partido Municipal de São Caetano veio abrir mais o leque de esperanças para a obtenção do objetivo, pois estava criada a força política de que o movimento tanto necessitava. O Partido Municipal era filiado ao Partido Republicano Paulista - PRP - cuja força política, no Estado e no País, era bastante considerável.

Em 1929, as forças autonomistas apresentaram ao Congresso Legislativo do Estado de São Paulo a reivindicação da Emancipação, tendo sido transformado em projeto de lei. Mas foi rejeitada pelo plenário do Congresso Legislativo. Embora tivesse apresentado todas as condições expressas na Constituição e, tendo tudo a seu favor para se tornar um Município independente, São Caetano não conseguiu, nessa tentativa, realizar o seu almejado sonho.

Em 18 de abril de 1935, foi esboçado um outro movimento: para anexar São Caetano ao Município de São Paulo, face à insatisfação popular contra São Bernardo. Não vingou, a exemplo da tentativa de Emancipação. Atribuiu-se a liderança desse movimento a Artêmio Lorenzini, comerciante muito influente da cidade que, em 1936, após o movimento, veio a eleger-se vereador por São Caetano, juntamente com outros dois sancaetenses [Armando de Arruda Pereira e Otávio Tegão], pois naquela data havia sido restabelecido o regime constitucional provisório.

Em 1938, quando Santo André, passou a ser a sede do Município, São Caetano tornou-se Segunda Zona, devido à sua importância na região. Em 1944, quando São Bernardo se separou de Santo André, São Caetano foi rebaixado de categoria, passando a ser subdistrito. Seu território ainda havia sido reduzido, para que fosse evitada nova tentativa de autonomia.

Frustrada a tentativa de emancipação de 1929, o ideal autonomista estagnou até 28 de julho de 1946, data de fundação do periódico *Jornal de São Caetano*. Seus fundadores [Luiz Rodrigues Neves, Mário Porfirio Rodrigues e

Walter Thomé, este já falecido], levantaram novamente a questão, com uma publicação feita no primeiro número do jornal e nas cinco edições seguintes.

Por determinado tempo, ficou pairando a dúvida da legitimidade de qualquer solicitação à Assembléia Legislativa, pelo fato de São Caetano ter sido, propositadamente, rebaixado a subdistrito de Santo André. Em setembro de 1947, porém, a Assembléia Legislativa de São Paulo decretava - e o governador Adhemar de Barros promulgava - a Lei Orgânica dos Municípios Paulistas - Lei nº 1, de 18 de setembro de 1947 que tornava indiscutível, ao subdistrito de São Caetano, almejar a sua autonomia municipal.

A Sociedade Amigos de São Caetano, que se encontrava em extinção, encampou o movimento que foi liderado pelo cirurgião-dentista de Santos, José Homem de Bitencourt, há muitos anos radicado na região, e que se tornaria presidente da entidade.

Realizado o plebiscito no dia 24 de outubro de 1948, prevaleceu a vontade majoritária do povo que optou pela emancipação, com a votação de 8.463 votos para a chapa sim contra 1.029 votos para a chapa não.

Ratificado o plebiscito pela Assembléia Legislativa, o governador do Estado de São Paulo, Adhemar de Barros, promulgou a lei de criação do Município - Lei Estadual nº 233, de 24 de dezembro de 1948. O recém-criado município passou a denominar-se São Caetano do Sul, tendo em vista que no Norte do país existe outra cidade denominada apenas São Caetano.

A vida, às vezes, no decorrer do tempo, prega-nos peças inimagináveis. Na primeira tentati-

va de emancipação do distrito de São Caetano, Antônio Flaquer, notário nesta cidade, era membro e ocupava o cargo de segundo-secretário do diretório do Partido Municipal de São Caetano, entidade política que foi formada especialmente para lutar pela emancipação de São Caetano, tendo contribuído muito para a causa, embora ela não tenha vingado.

Por ocasião do movimento autonomista de 1948, quis o destino que o prefeito municipal de Santo André fosse Antônio Flaquer [o mesmo que abraçou a causa emancipacionista de 1928-29] que, por dever de ofício, se posicionou contra o movimento da época.

(Publicado originalmente em Raízes 12, pp. 4-9)

(*)Henry Veronesi, advogado, administrador de empresas, ex-radialista, ex-diretor do Programa ABC em Marcha, ex-presidente da Ordem dos Advogados [Sub-seção São Caetano do Sul], ex-diretor da Administração da Caixa de Pensões dos Funcionários Públicos Municipais de Santo André, ex-presidente da Comissão de Licitação e de Reforma Administrativa da Prefeitura de Santo André, e

Hoje, cidade abriga gigantes da economia e lidera ranking

Aleksandar JOVANOVIC (*)

Meio século após a obtenção da autonomia política, São Caetano contabiliza números significativos sob quase todas as perspectivas: possui um invejável padrão de cem por cento de infraestrutura, abriga alguns dos gigantes da economia brasileira, dispõe de uma rede escolar ampla e eficiente e ostenta dados sócio-econômicos que a colocam no topo das cidades do País.

Para lembrar: a rede municipal de ensino atender a um público de mais de 17 mil alunos distribuídos em cursos de educação infantil, informática, artes visuais, dança, música, teatro, modalidades profissionalizantes, línguas estrangeiras, balé, educação para deficientes e Primeiro e Segundo Graus. Também dispõe de um instituto de ensino superior, municipal, com mais de 4.300 estudantes que freqüentam cursos de graduação e especialização. O atendimento na área da saúde está acima dos padrões médios brasileiros; o Município dispõe de um dos raros hospitais infantis nacionais. Tampouco a terceira idade deixou de ser contemplada nesse quadro: mais de 10 mil associados são atendidos em dois centros que oferecem lazer, atendimento médico-odontológico e jurídico.

Os critérios de avaliação podem ser diversificados, mas os resultados sempre apontam na mesma direção: significativa parcela das maiores e melhores empresas da vida econômica brasileira está

presente em São Caetano. Das 50 maiores corporações classificadas por vendas no País, em 1997, oito estão na cidade. Entre os maiores empregadores, dois gigantes da economia nacional têm a sua sede nacional em São Caetano: a General Motors e as Casas Bahia. Se se pensar no comércio varejista, os três primeiros do ranking de 1997 têm presença ativa no Município: o grupo Carrefour, primeiro colocado com US\$ 4,5 bilhões/ano; o grupo Pão de Açúcar, com US\$ 3,4 bilhões, e as Casas Bahia, com US\$ 2,6 bilhões. Estes dados figuram no conhecido índice Maiores e Melhores da Economia, da revista econômica *Exame*.

As atividades econômicas de São Caetano são bastante diversificadas, com a presença de empresas de porte internacional, como é o caso do Hipermercado Extra, da Adria/Quaker, BASF, do conglomerado atacadista Sam's Club, revendedoras de cinco diferentes montadoras de veículos do mundo (Chevrolet, Fiat, Volkswagen, Ford e Ásia Motors) e escritórios do Consórcio Nacional Honda. A relação prossegue com empresas do ramo petrolífero, tais como a Petrobrás e a Texaco, um shopping-center, uma das mais antigas fábricas de chocolates do País, uma dezena de empresas de alimentação *fast-food* e dezenas de empresas do ramo imobiliário.

Cidade cuja história está marcada, desde o começo do século, pela forte presença do setor industrial, São Caetano enfrenta hoje o desafio e a necessidade de redire-

cionar a ampliação de seu perfil econômico, garantir a expansão do mercado de trabalho e das atividades produtivas. Ao mesmo tempo, precisa preservar seu parque industrial diversificado e o elevado nível de vida conquistado por parcela expressiva de sua população. Por isso, existe hoje uma incisiva ação do Poder Público municipal no sentido de ampliar as perspectivas de desenvolvimento auto-sustentável. Isso inclui intervenções tanto para incentivar novos empreendimentos, quanto para assessorar a mão-de-obra residente em São Caetano.

Essa confluência entre presente e futuro ocorre sobre um território que contabiliza números invejáveis em termos de infraestrutura: 100% de iluminação pública, coleta de lixo domiciliar, industrial e hospitalar, pavimentação e saneamento básico, cifras-recorde no cenário brasileiro e comparáveis aos mais desenvolvidos pólos do mundo. Claro que outros números temperam esse panorama, sedimentando a verdadeira consolidação ocorrida em São Caetano a partir da emancipação político-administrativa. De um lado, 38.234 estudantes freqüentam cursos de 1º e 2º Graus. De outro, sobre um território de 15,2 quilômetros quadrados, circula uma frota de veículos cuja taxa é de um por grupo de dois habitantes; e existem 256 táxis na cidade. A densidade demográfica do Município é de 9.835 habitantes/km². Na década compreendida entre 1983/1993, o total de

consumidores de energia elétrica da cidade cresceu 30%, sem que nesse intervalo de tempo tivesse ocorrido aumento populacional na cidade. Logo, é plausível concluir que houve crescimento de atividade econômica e aumento no total de pessoas que tiveram melhor acesso ao mercado consumidor. Na mesma década, a rede hospitalar de São Caetano apresentou média de 4,25 leitos por grupo de mil habitantes, taxa superior aos indicadores de toda a região metropolitana de São Paulo.

Analisemos, ainda, o perfil econômico: do primeiro ao sexto maior grupo bancário do Brasil, todos têm agências em São Caetano, assim como pelo menos um terço dos 50 maiores bancos por ordem de patrimônio. E novos investidores estão se instalando nos últimos meses. A multiplicidade é grande e, assim, torna-se possível relacionar dezenas de indústrias metalúrgicas, empresas de leasing, informática, agências de viagem, agências de publicidade, gráficas, corretoras de seguros, indústrias de botões, transportadoras, fábricas de lustres, indústrias químicas e de cerâmica, e no setor de serviços, padarias, pizzarias e muitas centenas de pequenos empreendimentos.

Cabe notar, também, que as Casas Bahia, ostentam longa lista de títulos conquistados na liderança das 500 maiores e melhores empresas do cenário econômico brasileiro das últimas décadas. Trata-se, afinal, da terceira empresa em crescimento no País, em 1996; da nona, em capital de giro e décima-sexta, em número de empregados, no ano de 1997 e segunda em liderança do comércio varejista, detendo significativos 9,6% do mercado. Não é diferente com a

General Motors: é a décima maior empresa em crescimento, em 1996, com taxa de crescimento de 10,8% ao ano; segunda em receita operacional bruta; quinta em vendas por empregado e a segunda maior firma do País. A empresa de origem norte-americana foi consagrada como o sexto maior empregador brasileiro, em 1996 e 1997, consecutivamente.

Das 500 maiores empresas privadas que atuam no cenário econômico brasileiro, pelo menos 15 estão na cidade: General Motors, Casas Bahia, Villares, Alcoa, Antártica; Basf, Carrefour, Cooperhodia, CTBC, Drogaria São Paulo, Magnesita, Pão de Açúcar, Quaker, Texaco e Vega. Também das 50 maiores empresas estatais por vendas, quatro têm importante papel na vida do Município: a Petrobrás, que concentra em São Caetano um centro distribuidor fundamental para o abastecimento de centenas de cidades brasileiras; a Embratel, a Eletropaulo e a CTBC.

Estudos realizados nos últimos dois anos por diversos institutos de pesquisas sinalizam o fato de que a renda per capita média estimada para São Caetano ultrapassa 7.300 dólares, mais do que o dobro da média brasileira. Pesquisas mercadológicas levadas a cabo nesta década estimam que a cidade consome nada menos do que 0,5% da produção brasileira. A vitalidade econômica corresponde uma vitalidade social, mas, ainda assim, a sociedade precisa diagramar agora os rumos seguros para o milênio que se aproxima com mudanças tecnológicas bastante profundas. Indicadores econômicos apontam o fato de que o comércio vem contribuindo com média histórica de 14,9% das receitas

geradas em São Caetano; o setor de serviços com 11,6% e o industrial com 73,5%. Neste último segmento, as empresas de material de transporte vêm respondendo por 56% dos tributos recolhidos pelas indústrias.

Para entender os motivos concretos que permitiram o *boom* capaz de transformar São Caetano, segundo a Unesco, na cidade brasileira que melhor atendimento confere à sua infância, é preciso lembrar a convergência de fatores diversificados. De um lado, o investimento do Poder Público municipal no setor educacional tem girado em torno de 31,3% do total da receita arrecadada, mais de 20% acima do teto fixado pela Constituição. De outro, quase 50% dos domicílios particulares permanentes apresentam chefes de família com receita mensal entre 360 e 1.800 reais. Além disso, mais de quatro mil famílias do Município situam-se num patamar significativo de renda mensal entre 1.200 e 1.800 mensais. Já no começo da década, os indicadores econômicos apontavam o fato de que 25% dos domicílios particulares permanentes vinham mantendo rendimento mensal entre 600 e 1.200 reais. E uma fatia significativa de 10% da população tem curso superior completo.

A par dos aspectos econômico-financeiros, existem outros fatores responsáveis pelo desenho do perfil qualitativo do atendimento conferido a diversos setores da sociedade em São Caetano. Há mais de uma década, 58% das professoras da rede municipal de ensino são portadoras de diploma superior, inclusive nas classes em que o curso universitário não é quesito obrigatório. Na última década, a oferta de vagas apresentada pela

rede municipal de ensino avançou 12,5%, contra um recuo de 1,8% contabilizado pela rede particular. Pelo menos 30% dos estudantes de 2º Grau estão matriculados em cursos voltados ao setor terciário da economia, com liderança absoluta para o setor de Processamento de Dados.

A estrutura de empregos do ramo industrial de São Caetano apresenta número significativos. A indústria química representa apenas 0,4% dos estabelecimentos industriais do Município, mas responde por 1.222 empregos, ou seja, 1,9% do total da oferta do início da presente década. A indústria de material de transporte detém 0,9% dos estabelecimentos da

cidade, mas o setor oferece 15,6% dos empregos, ou seja, quase 10 mil postos de trabalho. Também o setor de alimentos apresenta estratificação semelhante: 24 estabelecimentos - ou seja, 0,8% do total - respondem por 2,9% dos postos de trabalho do ramo industrial. No comércio, 1.141 estabelecimentos respondiam por 12,6% das vagas, no começo da década, mas esse percentual vem crescendo do modo significativo com a crescente ampliação do setor na cidade. Mas as atividades voltadas para transportes e comunicação lideram, ainda, a listagem de ofertas de trabalho do comércio, com 14,2% do total de empregos.

Fontes: Centrais Elétricas de São Paulo (CESP); Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE); Instituto Municipal de Ensino Superior de São Caetano do Sul (IMES); Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul; Ministério do Trabalho (Relatório Anual de Informações Sociais); Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul; Revista Exame (Os Maiores e Melhores); Secretaria de Estado da Educação; Secretaria de Estado da Saúde; Senai (Serviço Nacional da Indústria); Unesco (United Nations Educational, Scientific, and Cultural Organization).

() Aleksandar Jovanovic, professor da Universidade de São Paulo e jornalista, é presidente da Fundação Pró-*

São Caetano do Sul

Estabelecimentos e empregos segundo os setores de atividade econômica

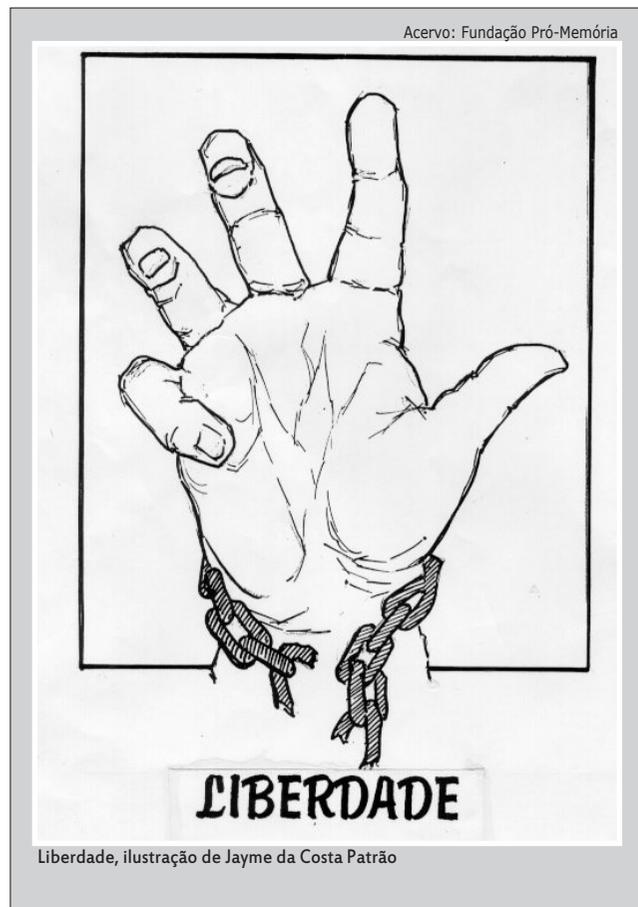
Estabelecimentos	%	% de empregos
Indústria	20,0%	38,1%
Indústria de transformação	17,3%	34,6%
Material de transporte	0,9%	15,6%
Indústria de construção	2,5%	3,4%
Metalurgia	3,0%	5,1%
Mecânica	2,0%	1,3%
Química	0,4%	1,9%
Alimentos	0,8%	2,9%
Minerais não-metálicos	0,5%	1,8%
Vestuário e calçados	2,9%	1,2%
Matérias plásticas	1,1%	1,1%
Serviços	31,5%	37,3%
Transporte e comunicação	2,1%	14,2%
Comerciais	6,6%	8,0%
Administração	0,4%	3,5%
Entidades financeiras	1,5%	2,7%
Entidades não-lucrativas	3,4%	3,6%
Administração pública	0,3%	4,0%
Comércio	36,3%	12,6%
Comércio varejista	32,8%	9,3%
Comércio atacadista	3,5%	3,2%
Outros	12,1%	11,9%

Lembrando a Autonomia

Mário DAL'MAS(*)

São Caetano enfermo.
Um distrito abandonado,
Desorganizado,
Subjugado agonizava.
Urgia livrá-lo dos grilhões de Santo André.
Um grito de liberdade espalhava-se pelo espaço,
Sem eco desvaneceu.
Frustou-se o primeiro movimento autonomista.
Bairro da Fundação,
Bairro de tradição
Bairro de *Le Scarpe Grosse*,
Origem da cidade,
Berço da Autonomia.
Margeando o brejel do Rio Tamanduatei,
Uma rua poeirenta,
A Rio Branco,
Uma residência.
Ai renasce a chama da juventude.
Nasce uma idéia,
Surge o *Jornal de São Caetano*,
Um ideal,
Uma força,
Uma energia,
É a esperança.
Desponta a liberdade,
É o porta-voz da emancipação político-administrativa,
É o incendiário dos espíritos do movimento épico.
Funda-se a *Sociedade Amigos de São Caetano*, empunhando

[a Bandeira Autonomista.
Reuniões se sucedem,
Organizam-se os líderes.
Inicia-se a campanha,
Embalados ao som da vitória,
Alegres determinados saem a campo.
É uma harmonia de trabalho
Com amor enfrenta a luta,
Perseguidos,
Agredidos,
Caluniados,
Não esmorecem.
Há uma meta,
Há uma decisão,
Ver São Caetano liberto.
Afastam o medo,
Expulsam a dúvida,
Com o poder da fé,
Confiantes na vitória,
A campanha se agiganta.
O povo é esclarecido.
Ressurge a consciência da tradição,
Aflora-se a altivez dos nossos antepassados, que ergueram a
[cidade.
Desperta-se o civismo.



Todos se voltam a nobre causa do homem do bem comum.
Forma-se uma consciência popular.
Agita-se a Bandeira Autonomista nos lares.
O entusiasmo domina a cidade.
O povo vibra.
Na Câmara de Santo André, o subdistrito abandonado se faz
[presente,
Briosos,
Valentes,
Destemidos,
Enfrentam as forças anti-autonomistas,
Ameaçados,
Não curvam a cabeça.
Lutam com galhardia.
Caçam-se mandatos.
Por direito são reintegrados,
Com dignidade renunciam.
Fortalecidos, não desistem de seu propósito,
Lutam denodadamente em prol da emancipação.
Em São Paulo, mais de cinco mil vozes sancaetanense,
[ressoam na Câmara dos Deputados.

É a representação comprovando ser emancipável:
Tem seu corpo material,
Possui uma personalidade histórica,
Tem seu potencial industrial.
O Legislativo ouve o clamor.
Reconhece a maioria.
Autoriza o plebiscito.
Brilha a primeira vitória,
Uma explosão de alegria envolve a população,
Fruto do trabalho de uma plêiade de autonomistas,
Atentos,
Firmes,
Vigiando e defendendo os reclamos do povo,
Escrevendo com seus feitos luminosas páginas da nossa história.
[da cidade.
É a marcha cívica.
É a chapa branca.
É a chapa preta.
A luta se desenha entre o sim e o não.
É o confronto dos contrários,
É a liberdade,
É a escravidão,
É o progresso,
É a regressão,
O povo diante do *sim* e do *não*,
Com fé e esperança aguardam o plebiscito.
24 de outubro de 1948.
Domingo.
Ao som de pássaros cantores, a cidade desperta.
Linda! Calorosa e alegre manhã.
Brilha o sol,
Radioso céu azul!
O povo com o coração transbordando de emoção,
Solta o grito,
O grito da salvação,
O sim da libertação.
A autonomia adquire corpo e vida.
É a tarde da vitória.
Crepúsculo,
A noite chega languidamente,
O céu suavemente cerra as pálpebras,
A luz prateada da Lua, emoldurada pelo véu das estrelas,
[abraça a cidade.
Sucedem-se os dias.
Ansiosamente o povo espera a homologação.
Véspera de natal.
A justiça e a paz se entrelaçam,
Da terra surge a verdade,
Do céu a justiça lança seu olhar, enviando o presente a [merecer.
Corações tocados, que alegria!
Abraços,
Euforia,
Que a notícia da assinatura vem trazer,
A confirmação.
Materializa-se o sonho.
É a criação do município,
Renasce novo São Caetano,
Resplandece São Caetano do Sul.
Ocupa seu trono.
Dirige seu próprio destino.
Comanda sua política.
Ordena a vida jurídica.
Estrutura sua administração.

É a festa do triunfo,
Canta o sino do campanário anunciando a vitória.
É a missa em ação de graça.
Clubes e grupos escolares desfilam garbosamente,
Rufam os tambores,
Gritam os clarins das fanfarras,
Gemem as sirenes,
Troam as baterias,
No curso o fon-fonar dos veículos.
Gente nas janelas acenando lenços.
A música,
O povo dança,
Empoando o ar.
É um furacão de contentamento,
Brilha a alegria nos olhares,
Todos se cumprimentam.
Palmas vivas ressoam pelo espaço.
Nos bares e clubes o brinde a cervejada.
A festa adentra pela madrugada,
No horizonte surge mansamente o astro-rei, colorindo as
[nuvens em tons róseos.
Os raios dourados acarinham os ramos das árvores, que
[bailam animados por suave brisa.
É a natureza esfuziante em festa, que jubilosa ao município [vem saudar.
Quietude.
Paz.
Hora da construção.
Vereadores ocupam as cadeiras da primeira Câmara.
Elege-se o primeiro prefeito,
Capaz,
Digno.
Qual a herança recebida?
Cofres vazios.
O gabinete
Uma sala alugada,
Uma mesa,
Uma cadeira,
Papel e caneta,
Tem uma grande estrutura, honradez e trabalho.
É São Caetano do Sul
Rompe-se com a inércia do subdistrito.
Com os tributos tudo começa a ser feito.
Desenvolve-se o potencial.
Sucedem-se os mandatários.
Rasgam-se ruas,
Instalam-se rede de água e esgoto,
Fazem-se galerias pluviais,
Asfaltam-se e arborizam-se,
Constroem-se escolas, hospitais e creches.
Praças e jardins adornam a cidade.
Há o florescimento cultural!
Surgem teatros e auditórios.
Valorizam-se as áreas!
A construção civil se desenvolve,
Os telhados vermelhos começam a desaparecer,
Prédios verticalizam a cidade.
As casas comerciais se modernizam.
O perfil da cidade se transforma.
É o povo construindo com amor, a grandeza de São Caetano [do Sul,
O príncipe dos novos municípios.

(*) Mário Dal'Mas, é engenheiro, formado pelo Mackenzie, empresário e diretor da Fábrica Dal'Mas S/A.



Memória Fotográfica

Um grupo de autonomistas foi em caravana agradecer ao Governador do Estado de São Paulo a aprovação da emancipação política de São Caetano do Sul, e ao mesmo tempo fazer a entrega de uma lembrança ao governador Adhemar de Barros



Fotos: Arquivo Fundação Pro-Memória



Da esquerda para a direita: 1-(?), 2-Walter Andrade, 3- Olga Montanari de Mello, 4-Daniel Giardullo, 5-Benedito de Moura Branco, 6-Ângelo Raphael Pellegrino, 7-Concetto Constantino, 8-José Bonifácio de Carvalho. A foto, de 7 de abril de 1950, mostra a solenidade de inauguração do Grupo Escolar Sílvio Romero, junto à entrada principal do prédio onde existia um Mapa do Brasil em alto relevo. Atualmente, funciona no local a Eepsg Sílvio Romero em novo prédio, construído na década de 80

Entrega de uma estatueta de bronze a Angelo Raphael Pellegrino, em 28 de março de 1953. Da esquerda para a direita: Bruno Bisquolo, Daniel Giardulo, José Salvatore Neto, Eneas Chiochetti, Benedito Moura Branco, Angelo Raphael Pellegrino, José Bonifácio de Carvalho, Irene Martins, Zélia Santana de Rezende, Antonio Russo



Grupo da Câmara Municipal em 1949



Fotos: Acervo Fundação Pró-Memória



Grupo da primeira Câmara Municipal de São Caetano do Sul



Vereadores da primeira legislatura de São Caetano do Sul



Primeiros vereadores de São Caetano do Sul

Município de São Caetano do Sul

PARA VEREADOR

P.
S.
P.
||
P.
R.



P.
S.
P.
||
P.
R.

GUARDA-LIVROS

NEYSE J. JODAR

Para Prefeito * Angelo Raphael Pellegrino
(Candidato da Coligação Autonomista)

Panfletos apresentava o candidato Neyse J. Jodar



Câmara Municipal em 1962



Acervo: Fundação Pró-Memória

Mário Porfírio
e Luiz
Rodrigues
Neves



24 de outubro de 1948 -
Avenida Conde Francisco
Matarazzo, após o resultado
do plebiscito de São
Caetano do Sul



Acervo: Fundação Pró-Memória

PARA VEREADOR

**P.
T.
N.**



**P.
T.
N.**

Acervo: Fundação Pró-Memória

BENTO VELLANNES REGIS

P. T. N. - P. R. P. - P. R. D.

Se fôr eleito, lutarei intransigentemente por
São Caetano, terra até hoje esquecida por todos.
Espero em Deus ter forças para lutar pela autono-
mia de São Caetano.

Para Prefeito: **NILTON SILVA**

Candidato do Partido Trabalhista Nacional, e Partido do **11667 BORGES!**

CÉDULAS: Rua Perrella, 322

Panfleto: Para Vereador Bento Vellannes Regis

Anos 50 - O prefeito Ângelo Raphael
Pellegrino; Daniel Giardullo, diretor da
Fazenda; de óculos escuros Geraldo
Benincasa



Acervo: Osvaldo Bisquolo



Impresso convocava população para contribuir na Campanha da Libertação Sancaetanense



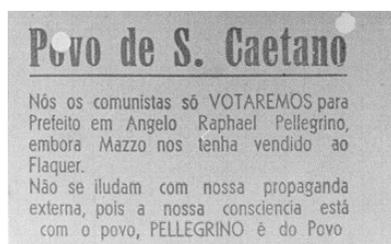
Fotos: Arquivo Fundação Pró-



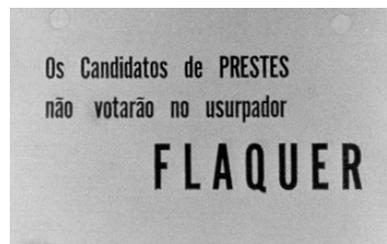
Panfleto contrário a emancipação. "Não contribua para degolar São Caetano, vote NÃO"



Propaganda política do candidato Concetto Constantino

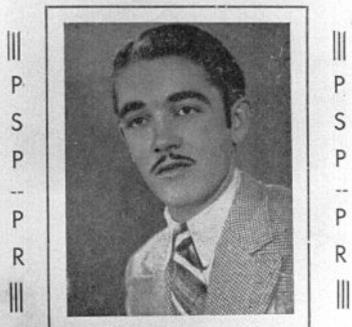


Propaganda dos candidatos de Prestes



Para consolidação da autonomia de São Caetano do Sul, votem num candidato jovem e progressista, e que sempre trabalhará pela nossa liberdade administrativa e econômica.

Fotos: Acervo Fundação Pró-



Genésio Carlos de Alvarenga

Candidato a Vereador

PARA PREFEITO

ANGELO RAPHAEL PELLEGRINO

(Candidato da coligação autonomista)

Panfleto do candidato Genésio Carlos de Alvarenga

CHAPA POPULAR

Trabalhadores do município de São Caetano do Sul
CONSULTEM SUA CONCIENCIA E VOTEM CONCIENTEMENTE
EM UM SEU LEAL REPRESENTANTE

PARA VEREADOR



JOSÉ PEREIRA MARTINS

Eleitor amigo, não dê o seu voto à qualquer um!
Você tem o sagrado dever para com um seu verdadeiro representante que conhece os seus problemas e sinta as suas necessidades e que está em contacto diario com você. VOTE EM

JOSÉ PEREIRA MARTINS

Contra o imposto sindical — Contra o salario de fome — Contra a carestia da vida

Para Prefeito : **Angelo Raphael Pellegrino**

COMPANHEIROS, procurem suas cédulas à Rua Taldanha da Gama, 180 - Bar Zepelin

Panfleto da época divulgava propostas do candidato a vereador José Pereira Martins



PARA VEREADOR



Coligação
Democrática
Autonomista

PSD
PRP
PDC
(Dissidência)

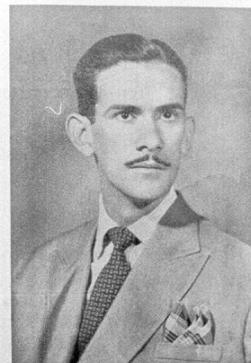
ARTHUR ZAGO

Não sou politico e da politica nada desejo. Tendo sido um fervoroso adepto da autonomia, fui convidado por alguns amigos para aceitar a minha candidatura, aos quais agradeço sinceramente, e aos amigos e conterraneos que me honrarem com seus votos, a minha eterna gratidão. Si por ventura eleito, nada prometo, mas tudo farei em prol deste novo e prospero município que com orgulho é este nosso gigantesco São Caetano do Sul

Para PREFEITO **Angelo Raphael Pellegrino**

Propaganda política do candidato Arthur Zago

Para Vereador



Coligação
Democrática
Autonomista

PSD
PRP
PDC
(Dissidência)

Luiz Rodrigues Neves

O povo de São Caetano do Sul tem uma dívida de gratidão com Luiz Rodrigues Neves. Pelo que já fez e pelo muito que vem fazendo por esta terra merece o nosso candidato o voto da população local. Na Camara Municipal de São Caetano do Sul, Luiz Rodrigues Neves prosseguirá a sua luta em defesa do povo desta terra.

Para PREFEITO **Angelo Raphael Pellegrino**

Comite pró candidatura **Luiz Rodrigues Neves**
Cedulas: - Rua Perrela, 380; Rua Rio Branco, 130; R. Amazonas, 285

Panfleto expunha as propostas do candidato a vereador Luiz Rodrigues Neves

ISBN - 85 - 86788 - 08 - 2

